

Marília Gabriella Borges Machado

Gramsci em movimento:
Política, trabalho e revolução (1917-1926)

Marília/SP

2025

Marília Gabriella Borges Machado

Gramsci em movimento:
Política, trabalho e revolução (1917-1926)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, como parte das exigências para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, (UNESP), campus de Marília.

Área de Concentração: Ciências Sociais
Linha de Pesquisa: Determinações do Mundo do Trabalho
Orientador: Prof. Dr. ° Marcos Del Roio

Marília/SP

2025

M149g Machado, Marília Gabriella Borges
Gramsci em movimento : Política, trabalho e revolução
(1917-1926) / Marília Gabriella Borges Machado. -- Marília, 2025
291 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Marcos Del Roio

1. Gramsci. 2. Antifascismo. 3. Fascismo. 4. Comunismo. 5. Itália.
I. Título.

Marília Gabriella Borges Machado

Gramsci em movimento:
Política, trabalho e revolução (1917-1926)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, como parte das exigências para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, (UNESP), campus de Marília.

Área de Concentração: Ciências Sociais

Linha de Pesquisa: Determinações do Mundo do Trabalho

Orientador: Prof. Dr.º Marcos Del Roio

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Del Roio
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília (UNESP/FFC)

Prof. Dr. Leandro de Oliveira Galastri
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília (UNESP/FFC)

Prof. Dr. Giovanni Semeraro
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Alvaro Bianchi
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Prof. Dr. Lincoln Secco
Universidade Estadual de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Ana Elizabeth Lole dos Santos
PUC-Rio

Prof. Dr. Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília (UNESP/FFC)

Prof. Dr. Rodrigo Lima Ribeiro Gomes
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Marília, 31 de março de 2025.

*Às mulheres combatentes, que resistiram e viveram o século XX.
Antifascismo sempre!*

AGRADECIMENTOS

“Povoada. Quem falou que eu ando só? Nessa terra, nesse chão de meu Deus, sou uma, mas não sou só. Tenho em mim mais de muitos. Sou uma, mas não sou só.”

A escrita desta Tese de Doutorado foi concomitante ao intenso e complexo período de transformações na minha vida. Várias mulheres dentro de mim existiram e resistiram: a pesquisadora e a professora, a mãe e a bailarina. Felizmente, pessoas incríveis cruzaram o meu caminho. Algumas foram embora, outras ficaram e muitas espero seguir compartilhando a vida. Deram-me força, enxugaram minhas lágrimas, empurraram-me, alegraram-me, abraçaram-me, disseram para eu parar, mudar de caminho, presentearam-me com livros, chocolates, músicas, mensagens, e-mails, risadas, conversas filosóficas e políticas, danças, acolhimentos... Pessoas que foram presentes e dançaram comigo partes essenciais desses quase cinco anos de vida...

Aos meus pais, Cristina e Oswaldo, com quem aprendi ser teimosa, feminista, briguenta, amorosa, delicada, amar à coletividade, os livros e os animais. Foram eles quem me empurraram para esse lugar, com cuidados, carinhos, músicas, bordados, broncas, incentivos, olhares, paciência e conversas.

Aos meus avós, vó Antônia e vô Zé, vô Arlindo e vó Cida (*in memoriam*), que me tornam menina, criança, especial, amada, mimada... Me ensinam a olhar o mundo com mais cor.

Meu filho Gabriel, que é minha luz e minha bússola. Agradeço a paciência e empatia pelos meus estudos... E por sair do vídeo game para buscar água, café e meus livros nas estantes!

Aos que são sempre presentes e preenchem cada parte minha em suas diferenças e trajetórias:

Paola, minha melhor amiga, que sempre me lembra que tenho lindas asas e que percorreu comigo todos esses anos, com broncas, verdades e afetos.

Vanusa, que se tornou minha irmã de Ciência Política, de figurinha, de reclamação, de realidade e de fantasia.

Nathiely, minha amiga que veio da dança para a vida, para a macumba... Somos Oxum e Iemanjá... E isso é lindo! Agradeço tanto! Agradeço tudo!

Cecílio, meu querido amigo, agradeço seu Axé, seus conselhos, sua amizade e suas orientações!

Rodrigo Morente de Andrade, por todo apoio, livros, amizade, abraços, chocolates, músicas, conversas duras e sinceras cheias de realidade. Agradeço por ser minha segurança.

Ana Laura Bonini, minha amiga de Doutorado, de dança, de bruxaria, de Axé. Todas essas nomenclaturas fortalecem nossa relação de troca.

Ao meu amigo de Cagliari e de Doutorado Fernando Galine, que partilhou das minhas conversas gramscianas, históricas, geológicas e geográficas durante meses de solidão em terras sardas e piemontesas.

Às mulheres da dança do ventre, da dança cigana e das escolas por onde trabalhei.

Aos alunos que me tiraram da zona de conforto e me forçaram a ser Cientista Social para fora das minhas caixinhas.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Del Roio, que durante doze anos orientou minha jornada gramsciana, me emprestou o referencial teórico, me acompanhou em bons cafés e boas conversas.

Aos professores da UNESP-FFC e funcionários que desde a graduação me auxiliaram no processo de me tornar Doutora.

Ao Prof. Dr. Gianni Fresu (*Università Degli Studi di Cagliari*), que me recebeu na figura de coorientador durante quatro meses em Cagliari para aprofundamento da minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. Guido Liguori, grande gramsciano, agradeço as conversas orientadoras em Roma e em Torino.

À Prof. Dra. Maria Luísa Righi, pela calorosa recepção, conversa, aprendizados e café na *Fondazione Gramsci*, em Roma.

Ao Prof. Dr. Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha que se tornou meu amigo há alguns anos e demonstra sempre respeito e carinho pela nossa amizade.

À amiga querida Prof. Dra. Ana Lole, que foi companhia, força e alegria em momentos complexos.

Aos professores membros da Banca do Exame Geral de Qualificação e da Banca de Defesa, os titulares e os suplentes. Professores Giovanni Semeraro, Leandro Galastri, Alvaro Bianchi, Lincoln Secco, Ana Lole, Rodrigo Lima e Paulo Cunha, vocês são referências teóricas desta pesquisa e desta cientista social. Agradeço as aulas, conferências assistidas, conversas e trocas de e-mail. Agradeço também as orientações para este trabalho.

Às professoras Dr.^a Anita Helena Schlesener e Dr.^a Michelle Fernandes Lima, que compartilharam comigo dois anos de Coordenação Nacional na IGS-Br e me ensinaram novos significados para Gramsci. Assim como um agradecimento especial ao Doutor Helton Messini da Costa que levou junto comigo a Coordenação de Comunicação Nacional da IGS-Br durante 2022 e 2024.

Uma tese não se escreve sozinha e, por isso, reflito, me emociono e agradeço.

Em cada linha destas páginas coexistem teorias, hipóteses, problematizações, conceitos, categorias e método. Muita pesquisa foi realizada para que eu escrevesse a minha. Infelizmente, muitos homens e mulheres foram assassinados pelo fascismo e o leitor provavelmente sentirá a minha subjetividade. Uma pesquisa sobre Gramsci, fascismo, mulheres e homens antifascistas não poderia ser diferente.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – em Programa de Doutorado Sanduíche na Itália”.

“Cântico Negro”

“Vem por aqui” - dizem-me alguns com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros de que seria bom que eu os ouvisse quando me dizem:

“vem por aqui”!

Eu olho-os com olhos lassos (há, nos meus olhos, ironias e cansaços) e cruzo os braços, e
nunca vou por ali...

A minha glória é esta: criar desumanidade! Não acompanhar ninguém.
Que eu vivo com o mesmo sem-vontade, com que rasguei o ventre da minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde, por que me repetis: “vem por
aqui”?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos, redemoinhar aos ventos como farrapos, arrastar
os pés sangrentos, a ir por aí...

Se vim ao mundo, foi só para desflorar florestas virgens, e desenhar meus próprios
pés na areia inexplorada!

O mais que faço não vale nada. Como, pois, sereis vós que me dareis impulsos,
ferramentas, e coragem para eu derrubar os meus obstáculos?...

Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós, e vós amais o que é fácil!

Eu amo o Longe e a Miragem,

Amo os abismos, as torrentes, os desertos... Ide! tendes estradas, tendes jardins, tendes
canteiros, tendes pátrias, tendes tetos,

E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios. Eu tenho a minha Loucura! Levanto-a,
como um facho, a arder na noite escura, e sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém. Todos tiveram pai, todos tiveram
mãe, mas eu, que nunca principio nem acabo, nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções! Ninguém me peça definições!

Ninguém me diga: “vem por aqui”! A minha vida é um vendaval que se soltou. É uma
onda que se levantou. É um átomo a mais que se animou... Não sei para onde vou,

Não sei para onde vou, só sei que não vou por aí!

(José Régio, 1926).

RESUMO

A qual consciência se chegou durante o processo de desenvolvimento da tradição do movimento operário em relação a um Partido político com determinada visão histórica e econômica? Esta é a questão que problematiza e norteia esta investigação científica. Enquanto resposta e tese, chegou-se à conclusão de que a maior densidade teórica de Gramsci está nas vivências pessoais e políticas durante os anos de 1917-1926, na práxis. É nesse período, em cartas, artigos e documentos, no movimento cotidiano e dialético de transformações nacionais, internacionais e individuais, que culminou na ditadura fascista, que foi forjado um intelectual orgânico das classes subalternas que compreendeu a fábrica como o *locus* mais importante de articulação política e cultural do movimento operário. Elemento essencial para analisar o antifascismo e a revolução socialista gramsciana é o de formação de uma nova hegemonia produzida a partir da fábrica, assim como o desenvolvimento da consciência crítica. Para tanto, Gramsci se torna objeto de investigação, aparato teórico e metodológico. O método de estudo desta pesquisa é o da filologia vivente, compreendido em sentido vivo e utilizado para analisar a história e a política enquanto processos em contínuas transformações no campo das relações de força e da disputa hegemônica. Enquanto exposição, utiliza-se o método diacrônico. A relevância deste trabalho é presente nos diversos âmbitos da vida social, assim como no preenchimento da lacuna teórica sobre o período de produção de Gramsci entre os anos de 1917-1926.

Palavras-Chave: Gramsci; Antifascismo; Fascismo; Comunismo; Itália.

ABSTRACT

What awareness was reached during the process of developing the tradition of the labor movement in relation to a political Party with a certain historical and economic vision? This is the question that problematizes and guides this scientific investigation. As a response and thesis, it was concluded that Gramsci's greatest theoretical density is in his personal and political experiences during the years 1917-1926, in praxis. It was during this period, in letters, articles and documents, in the daily and dialectical movement of national, international and individual transformations, which culminated in the fascist dictatorship, that an organic intellectual from the subaltern classes was forged who understood the factory as the most important locus of articulation political and cultural of the labor movement. An essential element for analyzing anti-fascism and the Gramscian socialist revolution is the formation of a new hegemony produced from the factory, as well as the development of critical consciousness. To this end, Gramsci becomes an object of investigation, a theoretical and methodological apparatus. The study method of this research is that of living philology, understood in a living sense and used to analyze history and politics as processes in continuous transformations in the field of power relations and hegemonic dispute. As an exposition, the diachronic method is used. The relevance of this work is present in the different areas of social life, as well as in filling the theoretical gap regarding the period of Gramsci's production between the years 1917-1926.

Keywords: Gramsci; Antifascism; Fascism; Comunism; Italy.

RIASSUNTO

Quale consapevolezza è stata raggiunta durante il processo di sviluppo della tradizione del movimento operaio in relazione ad un partito politico con una certa visione storica ed economica? Questa è la domanda che problematizza e guida questa indagine scientifica. Come risposta e come tesi si è concluso che la maggiore densità teorica di Gramsci è nelle sue esperienze personali e politiche degli anni 1917-1926, nella prassi. Fu durante questo periodo, in lettere, articoli e documenti, nel movimento quotidiano e dialettico delle trasformazioni nazionali, internazionali e individuali, culminato nella dittatura fascista, che si forgiò un intellettuale organico delle classi subalterne che intendeva la fabbrica come il più importante luogo di articolazione politico e culturale del movimento operaio. Un elemento essenziale per analizzare l'antifascismo e la rivoluzione socialista Gramsciana è la formazione di una nuova egemonia prodotta dalla fabbrica, così come lo sviluppo della coscienza critica. A tal fine Gramsci diventa oggetto di indagine, apparato teorico e metodologico. Il metodo di studio di questa ricerca è quello della filologia vivente, intesa in senso vivo e utilizzata per analizzare la storia e la politica come processi in continua trasformazione nell'ambito dei rapporti di potere e del conflitto egemonico. Come esposizione viene utilizzato il metodo diacronico. La rilevanza di quest'opera è presente nei diversi ambiti della vita sociale, nonché nel colmare la lacuna teorica riguardante il periodo della produzione di Gramsci compreso tra gli anni 1917-1926.

Parole Chiave: Gramsci. Antifascismo. Fascismo. Comunismo. Italia.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: I. Tesi sulla situazione internazionale	210
Tabela 2: II. Tesi per il lavoro nazionale e coloniale	213
Tabela 3: III. Tesi agrarie	213
Tabela 4: IV. Progetto di tesi politiche.....	216
Tabela 5: V. Progetto di tesi sindacali.....	223

LISTA DE NOMES

Afonso Leonetti (1895-1984) nasceu na região de Bari. Filho de uma família muito pobre, aos doze anos começou a trabalhar e utilizou o salário para fazer a matrícula no Liceu Carlo Troja. Em 1913 ingressou na Juventude Socialista de Andria e em 1914 foi eleito secretário da Juventude Socialista apulo-lucana. Com o passar dos anos, tornou-se colaborador de inúmeros jornais, escreveu artigos para *L'Ordine Nuovo*, *Puglia Rossa*, *Compagni*. Esteve presente na Fundação do PCI e foi o primeiro diretor do jornal *L'Unità*. No ano de 1926 foi severamente espancado por um esquadrão fascista e escapou do hospital em que esteve internado. Após 1926 colaborou com Camilla Ravera, Silone e Presso a darem vida e continuidade ao PCI.

Agostino Lanzillo (1886-1952) nascido em Reggio Calabria, se mudou para Roma com a finalidade de cursar Direito. Logo se envolveu com o movimento sindicalista e tornou-se um forte sorreliano do movimento sindical, editor da revista *Il Divenire Sociale*. A partir de 1910 se distanciou do sindicalismo revolucionário e passou a apoiar uma unidade entre sindicalismo e nacionalismo. Em 1914 esteve junto com os intervencionistas e se tornou um combatente dos *fasci di combattimento* de Milano. Em 1924 foi eleito deputado e se tornou parte da Comissão dos 15 e da espinha dorsal da ditadura fascista.

Alexandra Kolontai (1872-1952), revolucionária russa, é uma importante teórica sobre marxismo, revolução e a questão feminina. Kolontai teve um papel crucial no desenvolvimento do marxismo na Rússia e na organização do movimento revolucionário, levando à luta muitas mulheres operárias. Foi atuante na Revolução Russa de 1905 e assistiu o massacre contra a classe operária no Domingo Sangrento. Em abril de 1917 retornou à Rússia junto com Lenin, sendo eleita para o Comitê Executivo do Soviet de Petrogrado. Durante a transição socialista, liderou importantes políticas para a emancipação das mulheres.

Amadeo Bordiga (1889-1970) nasceu em Napoli e foi um dos mais importantes militantes comunistas da Itália. A aproximação de Bordiga com o socialismo ocorreu entre os anos de 1905 e 1907 devido à influência de um professor de filosofia que lhe sugeriu a leitura do *Manifesto Comunista* enquanto era estudante do Liceu Garibaldi. Sua militância política foi iniciada por volta de 1910, já filiado ao PSI, enquanto cursava engenharia na Universidade. Bordiga chamava atenção por seus discursos anticlericais e contra a maçonaria, ambos vistos como inimigos do socialismo. No ano de 1910, filiou-se à seção socialista de Portici, em Napoli, região de desenvolvimento das grandes áreas industriais.

Com o passar dos anos, Bordiga se tornou um quadro político importante nas fileiras do PSI, em clara oposição ao positivismo do Partido. Em 1921 foi o fundador do PCI e dirigiu o Partido até 1923. Nos anos seguintes, fez oposição a Gramsci e a linha da IC. Preso pelo fascismo em 1926, articulou junto com Gramsci cursos e escolas nas prisões de Mussolini.

Ambrogio Bolloni (1864-1950), nasceu em Alessandria, na região do Piemonte. Filiado ao PSI desde 1897, foi secretário da Liga Camponesa de Alessandria. Nas greves de 1917, advogou a favor dos presos políticos. Foi eleito pelo PCI nas eleições de 1921 e em 1924. No ano de 1926 foi preso e condenado a cinco anos de reclusão.

Amerigo Dùmini (1894-1967) liderou o grupo de sequestro e assassinato do deputado Matteotti. O assassino fascista protagonizou inúmeros atos de violência. No dia 02 de junho de 1921 esteve envolvido junto com Dino Castellani no assassinato de Renato Lazzeri e Giselda, sua mãe.

Angélica Balabanoff (1878-1965) nasceu em Chernigov, cidade pertencente ao Império Russo, na atual Ucrânia. A militante socialista cumpriu um papel de grande importância para o movimento operário internacional devido sua vivência em diversos países. Foi aluna de Antonio Labriola (1843-1904), militante do PSI, teve grande contato com Mussolini. Em 1917 PCUS e em 1919-1920 foi secretária da Terceira Internacional Comunista. Nos anos seguintes, teve conflitos internos com as lideranças do PCUS e se afastou gradativamente da Rússia, em 1921. Até 1965 morou em diversos países, retomou contato com Giacinto Menotti Serratti (1872-1926) e com o socialismo, publicando o *Avanti!* na Suíça.

Angelo Oliviero Olivetti (1874-1931), nasceu em Ravena, na Emilia Romagna. Na Universidade de Bologna, se filiou ao PSI e em 1898 conheceu Mussolini na Suíça. Em 1906 passou a escrever o *Pagine Libere*, jornal dedicado ao sindicalismo revolucionário. Em 05 de outubro de 1914 publicou o manifesto do *Fascio Rivoluzionario d'Azione Internazionalista*, o qual Mussolini assumiu a liderança pouco tempo depois. Se tornou um dos principais aliados de Mussolini e palestrante dos Congressos da Cultura Fascista. Em 1931 se tornou professor de Ciência Política em Perugia.

Angelo Tasca (1892-1960), grande amigo de Gramsci durante a juventude em Torino, fundador do *L'Ordine Nuovo*, esteve junto na fundação do PCI. Nos anos de 1921 e 1923 se envolveu em inúmeras polêmicas e conflitos com o novo grupo dirigente do Partido, pois lutava por formalizar a linha de direita no PCI e pela fusão com os socialistas. Foi

perseguido pelo fascismo e se refugiou na França, escreveu o importante livro *Nascita e avvento del fascismo* (nascimento e advento do fascismo).

Anna Kuliscioff (1857-1925) foi uma feminista russa que cresceu na Suíça e foi forçada a se mudar para a Itália com a finalidade de evitar a prisão. Foi uma das primeiras mulheres a se formar em Medicina na Itália. Lutou pelos direitos das mulheres pobres e operárias: o sufrágio, licença maternidade, melhores salários e salários para o trabalho doméstico. No começo do século XX, Kuliscioff auxiliou a formular as primeiras leis italianas que protegiam as mulheres operárias. Em 1912 fundou o *La Difesa della Lavoratrice* e durante anos lutou para que o PSI levasse à frente a luta pelo sufrágio universal. Esposa de Filippo Turati, foram várias as correspondências em que falavam sobre o fascismo. Faleceu em 1925 e sua morte provocou um respeito silêncio entre a multidão que se reunia embaixo da janela da casa que residia na *Piazza del Duomo*. O cortejo fúnebre foi interrompido pelos fascistas, assim como as coroas de flores.

Anselmo Marabini (1865-1948) foi um dos fundadores do PSI e um dos militantes mais importantes do Partido. Em 1921, auxiliou na fundação do PCI. Foi reeleito em 1921. Em 02 de junho de 1922 os fascistas tentaram assassiná-lo em Ímola, sem sucesso, mas devido às ameaças recorrentes, exilou-se em Trieste em 1923 e apenas retornou a Itália em 1945. Durante o exílio, viveu na União Soviética e foi membro do Comitê Executivo da *Red Rescue International*.

Antonio Gramsci (1891-1937) nasceu na Sardenha e migrou para Torino em 1911, com a finalidade de cursar a Universidade. O contato com o socialismo passou e com o movimento operário fizeram parte da formação teórico-política do jovem, assim como o movimento camponês. Neste trabalho o autor tem sua teoria política analisada, assim como vida, método e práxis.

Armando Casalini (1883-1924), nasceu em Roma em uma família pobre. Mecânico, com ideias republicanas, se tornou Secretario do Partido Republicano Italiano (1916-1920). Em 1910 se tornou amigo próximo de Pietro Nenni. Em 1922 fundou com a *Unione Mazziniana Nazionale*. Se tornou conselheiro do Sindicato Nacional das Cooperativas e no pacto entre industrialistas e fascistas, foi nomeado secretário-geral adjunto das corporações sindicais. Em 1924 foi eleito deputado graças a lista fascista. Mas, logo em 12 de setembro foi assassinado em um trem em Roma, na frente de sua filha, pelo carpinteiro Giovanni Corvi.

Arturo Rocco (1876-1942), nasceu em Napoli e atuou durante toda sua vida na área jurídica, como juiz e como professor.

Asclépias Gandolfo (1864-1925), general do Exército Italiano, foi membro do Grande Conselho Fascista.

Bruno Buozzi (1881-1944) socialista e sindicalista muito importante na história do movimento operário Italiano, Buozzi foi um dos quadros políticos mais importantes do PSI. Entre 1908 e 1925 foi secretário geral da FIOM (*Federazione Impiegati Operai Metallurgici* - *Federação dos operários metalúrgicos*). Em 1924 foi eleito nas eleições de abril pelo *Partito Unitario Italiano* (PSU). Durante o Aventino se colocou abertamente contrário ao governo, foi inúmeras vezes espancado e jurado de morte pelos fascistas, o que de fato ocorreu no ano de 1944, no massacre de La Storta, quando foi assassinado junto com outros presos políticos pelo oficial da SS Hans Kahrau.

Bruno Fortichiari (1882-1981), socialista próximo de Bordiga desde 1910, responsável pela seção milanesa do PSI, foi o autor da ordem que expulsou Mussolini do Partido. Esteve presente na fundação do PCI e se elegeu deputado nas eleições de 1924.

Camilla Ravera (1889-1988) nasceu em Acqui Terme, região do Piemonte. Militante do PSI, em 1918 foi enviada à Torino e conheceu o movimento operário da cidade. Iniciou seu contato com os jovens de *L'Ordine Nuovo* e contribuiu para o jornal, inclusive nos anos em que Gramsci esteve na Rússia. Ravera esteve presente na fundação do PCI, atuou ativamente nas fábricas e na reorganização do Partido em 1923. Após a prisão de Gramsci, em novembro de 1926, Ravera se tornou a primeira mulher a conduzir um partido político na Itália e o manteve vivo durante os primeiros anos difíceis da ditadura fascista. A comunista foi condenada a 15 anos de prisão e cumpriu cinco. Foi deputada durante os dois primeiros mandatos republicanos e em 1982 teve o cargo de Senadora Vitalícia.

Carlo Venegoni (1902-1983) é conhecido como um dos principais militantes antifascistas de Milano e da Lombardia. Operário desde os 12 anos de idade, logo se filiou ao PSI e em 1921 ingressou no PCI.

Cesare Maria De Vecchi (1884-1959) auxiliou Mussolini a arquitetar a Marcha Sobre Roma, além de ter sido um dos líderes mais importantes das esquadras do Piemonte que inspirou as esquadras no Massacre de Torino (1922).

Cesare Rossi (1887-1967) foi sindicalista e militante do PSI até 1907. Em 1919 se organizou nos *Fasci di combattimento* e se tornou muito próximo de Mussolini. Em 1924 foi acusado pelo assassinato do deputado socialista Matteotti.

Clara Zetkin (1857-1933) nasceu em 1857 na Alemanha. Durante a faculdade de Direito começou a ter contato com o movimento operário e iniciou sua militância em partidos políticos. Zetkin foi de grande importância para a luta das mulheres e para formação e desenvolvimento de revistas, jornais e organizações políticas. No Partido Social-Democrata Alemão (SPD) atuou como líder das 10 mil mulheres filiadas em 1907, assim como na criação da Internacional Socialista das Mulheres (1907), na fundação do Partido Social-Democrata Independente Alemão (USPD) e no Partido Comunista da Alemanha (KPD). Morreu em 1933 durante o exílio na União Soviética.

Corrado Graziadei (1893-1960) desde a juventude foi um importante militante socialista e sindicalista, muito interessado na luta agrária. Em Livorno, ao lado de Bordiga, participou da fundação do PCI. Durante a revolta camponesa em Teano, em 1924, apoiou o campesinato pobre e resistiu aos fascistas que violentavam a população.

Costantino Lazzari (1857-1927), um dos fundadores do PSI, foi uma liderança de grande importância no Partido e no movimento operário.

Dino Grandi (1895-1988) foi membro do alto escalão fascista e responsável por diversos massacres no campo. Em 1921 disputou a liderança dos fascistas, mas perdeu para Mussolini. Na ditadura fascista se tornou Ministro da Justiça. Anos mais tarde, foi de grande importância para a queda do seu líder.

Dino Perrone Compagni (1879-1950) foi muito importante durante os primeiros anos do fascismo. Durante a Marcha Sobre Roma, comandou os esquadrões da Toscana.

Dom Minzoni (Giovanni Minzoni) (1885-1923), nasceu em Ravena, na Emilia Romagna. Em 1916 foi convocado pelo Exército e solicitou servir como capelão militar. Após a Primeira Guerra, retornou a Itália e se filiou ao *Partito Popolare Italiano*. Se tornou próximo e amigo de líderes sindicais e de operários que foram assassinados pelos fascistas. Expostamente contrário ao fascismo, se opôs ao movimento juvenil fascista, pois acreditava que os jovens deveriam ser educados pelo catolicismo. No dia 23 de agosto de 1923, os fascistas Giorgio Molinari e Vittore Casoni (absolvidos em 1925), seguindo ordens de Italo Balbo, esmagaram a cabeça do padre com pauladas.

Edmondo Rossoni (1884-1965), nascido em uma pequena província na região de Ferrara, iniciou a militância no sindicalismo revolucionário. Por volta de 1909 emigrou para o Brasil após um chamado de Alceste de Ambris, em que suas concepções sindicalistas foram reforçadas. Após a mudança para os Estados Unidos, a virada para o nacionalismo se tornou fato em sua vida, assim como o envolvimento com as milícias fascistas de Mussolini,

em 1921, na Itália. Desenvolveu junto com Alfredo Rocco e Giuseppe Botai o programa corporativista do fascismo italiano. Em 1922 se tornou Secretário-Geral da Confederação dos Sindicatos Nacionais que ganhou o nome de *Confederazione Generale delle Corporazioni Sindacali Fasciste*.

Egidio Gennari (1876-1942) foi um importante quadro político da linha *massimalista* do PSI. Na fundação do PCI, foi um dos socialistas a se juntar a cisão. Diversas vezes foi ameaçado e atacado pelos fascistas, em 1922 foi esfaqueado por um esquadrão em Trieste. Gennari se tornou apoiador de Gramsci durante 1923 e essencial para a formação do novo grupo dirigente do Partido. Durante seu exílio, visitou a América Latina com o codinome Maggi.

Emanuele Greppi (1853-1931), foi um historiador, filiado ao Partido Liberal Italiano, foi eleito prefeito de Milano (1912-1913) e Senador do Reino da Itália (1913).

Enrico Corradini (1865-1931) nasceu em Samminiato e se tornou jornalista tendo sido redator de *Germinal*, *Il Marzocco*, *Gazzetta di Venezia* e *Il Regno*. Muito influenciado por Georges Sorel, Gabrielle Danunzio e pelo nacionalismo, fundou em 1910 a ANI. Em 1º de março de 1923 foi nomeado Senador pelo Rei Vittorio Emanuele III. Entre 1925 e 1929 foi membro do Grande Conselho Fascista.

Fabrizio Maffi (1868-1955) – codinome Barbi (após o Congresso de Lyon) foi médico, viveu a revolução na Rússia. Durante sua vida na Itália, dedicou-se a saúde, ao combate a tuberculose e assistência aos desfavorecidos. Filiado ao PSI, se envolveu nos debates contrários aos *massimalistas* e se aliou a tese da IC favorável a expulsão dos reformistas do PSI e fusão com o PCI. Em 20 de abril de 1921 foi gravemente espancado pelos fascistas, em Pavia. Maffi chegou a fazer parte do Comitê Central e foi chamado para integrar com Gramsci, Togliatti, Scoccimarro e Mersù, o Comitê Executivo. Junto com Gramsci, em 1924, articulou a ideia de Antiparlamento. Em 06 de março e 19 de novembro, sofreu mais dois espancamentos pelos fascistas enquanto se preparava para documentar as responsabilidades de Mussolini no crime Matteotti. Em 1926 foi preso e condenado a cinco anos de reclusão, mas passou a sua vida de prisão em prisão. Quando solto, em 1930, ficou proibido de exercer a profissão, em reclusão domiciliar e ficou em vigilância até a Segunda Guerra. Em 1943, com setenta e cinco anos, foi para a Suíça e passou a militar nos grupos antifascistas. Em 1945 foi membro do Conselho Nacional e deputado na Assembleia Constituinte.

Fausto Gullo (1887-1974) desde a juventude foi filiado ao PSI e tornou-se muito próximo de Bordiga. Em 1924 foi eleito deputado pelo PCI, mas não assumiu, pois houve uma recontagem de votos.

Filippo Turati (1857-1932) foi um socialista muito envolvido na Fundação do PSI, em 1892, junto com sua companheira Anna Kuliscioff (1857-1925). Ambos tiveram papel crucial para a organização do Partido Socialista Italiano no movimento operário. Desde o advento do fascismo Turatti e Anna Kuliscioff trocaram importante correspondência sobre o fascismo e os acontecimentos no país. Em 1922, na segunda cisão do PSI, Turati fundou o Partido Socialista Unitário (PSU). Opositor ao fascismo e ao comunismo, se exilou na França a partir de 1926.

Francesco Ercole (1884-1945) foi professor em Urbino, em Sassari, em Cagliari, Palermo e Roma. Em 1925 assinou o *Manifesto dos intelectuais fascistas* e teve importante participação na história do fascismo.

Francesco Saverio Nitti (1868-1953) foi Primeiro-Ministro da Itália entre 23 de junho de 1919 até 15 de junho de 1920.

Fulvio Suvich (1887-1980) nasceu em Trieste, se formou em Direito e se ofereceu como voluntário para a Primeira Guerra Mundial. Maçom, foi eleito deputado em 1921 pelas fileiras nacionalistas. Em 1926 se tornou subsecretário das Finanças, nomeado por Mussolini.

Gabriele D'Annunzio (1863-1938), poeta e dramaturgo, foi considerado herói de guerra pelos conservadores e reacionários. Se aventurou em Fiume (1919-1920) com cerca de mil apoiadores, apoiou Mussolini durante a construção e desenvolvimento do fascismo.

Giacinto Menotti Serrati (1872-1926) foi um dos mais importantes socialistas da Itália, citado inúmeras vezes em textos do Lenin e em artigos do Gramsci. A partir de 1917 liderou o PSI na adesão ao Comintern. Em 1924 foi a liderança mais importante da linha de esquerda do PSI na fusão com o PCI. Em 1926 morreu a caminho de uma reunião clandestina do PCI.

Giacomo Matteotti (1885-1924), um dos socialistas mais conhecidos na Itália do século XX, nasceu na região do Veneto e se formou em Direito na Universidade de Bolonha. Na juventude se filiou ao PSI e foi deputado eleito nas eleições de 1919, 1921 e em 1924. Foi grande opositor do fascismo e em 1924 foi sequestrado e assassinado por um grupo de milicianos fascistas.

Gioacchino Volpe (1876-1971) nasceu em Paganica e se formou na *Università di Pisa*. Professor em Milano e nacionalista, apoiou o fascismo e em 1924 foi eleito deputado pela lista fascista.

Giovanni Boero (1878-1958), militante socialista intransigente, filiado ao PSI. Durante o Congresso de Bolonha (1919) apoiou as teses de Bordiga. Nas ocupações em 1920, apoiou o movimento conselhistas e escreveu diversos artigos para o *L'Ordine Nuovo*.

Giovanni Gentile (1875-1944) é um dos principais expoentes do neoidealismo italiano, se tornou uma figura essencial do fascismo. Foi Ministro da Educação durante a Ditadura Fascista e organizou inúmeras reformas educacionais.

Giovanni Corvi (1898-1944) é um dos nomes que ficaram esquecidos pela história italiana. O jovem, aos 26, assassinou o deputado fascista Armando Casalini. Segundo depoimentos, no momento dos tiros, o carpinteiro gritou *Vendetta per Matteotti!*

Giovanni Giolitti (1842-1928) foi um dos quadros políticos mais importantes da história Italiana. Presidente do Conselho de Ministros em cinco diferentes mandatos.

Giovanni Marinelli (1879-1944) foi uma liderança fascista importante que detinha grande poder econômico. Foi um dos organizadores da Ceka, polícia fascista, um dos financiadores da Marcha Sobre Roma e do assassinato de Matteotti.

Giovanni Papini (1881-1956) nasceu em Firenze. Professor e escritor, se converteu ao catolicismo e aderiu ao fascismo.

Giovanni Parodi (1889-1962) nasceu em *Acqui Terme*, mesma cidade de Camilla Ravera. Desde 1905 passou a residir em Torino e logo ingressou no PSI e na FIOM. Participou das ocupações da FIAT, em 1920. Na fundação do PCI, esteve ao lado de Bordiga e integrou o Comitê Central do Partido.

Giulia Schucht (1896-1980) foi uma musicista russa. Esposa de Gramsci, tiveram dois filhos.

Giuseppe Berti (1901-1979) se aproximou de Bordiga e da Federal Juvenil Socialista em 1918, foi colaborar do jornal *Il Soviete* e do jornal *L'Avanguardia*. Em 1919 criou a *Clarté: rivista mensile degli studenti comunisti*. Na fundação do PCI, tornou-se o primeiro secretário nacional da Federação Juvenil e membro do Comitê Central do Partido. Sob o pseudônimo de Erik, em 1921 organizou conflitos armados contra os fascistas. Desde o IV Congresso da IC, assumiu posição ao lado de Angelo Tasca.

Giuseppe Garibaldi (1807-1882), famoso general Italiano, atuou na América do Sul e na Europa. Se tornou uma das figuras mais importantes do *Risorgimento*. O *Museo*

nazionale del Risorgimento italiano, em Torino, dedica grande parte do acervo para contar a história política e pessoal de Garibaldi – mencionando apenas suas filhas, mas sem mencionar a esposa, Ana Maria de Jesus Ribeiro, conhecida como Anita Garibaldi, que atuou na Farroupilha e também no *Risorgimento*.

Giuseppe Mazzini (1805-1872), político importante no período do *Risorgimento*.

Grigory Zinoviev (1883-1935), importante liderança política na Revolução Russa. Entre 1919 e 1926 foi presidente da Internacional Comunista.

Inessa Armand (1874-1920), revolucionária, atuou no Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), escreveu para o jornal *Rabotnitsa* (Mulheres Operárias), atuou no Partido Comunista Russo e travou importantes lutas no movimento operário e no interior do Partido, principalmente como diretora do *Zhenotdel*, Departamento das Mulheres do Comitê Central do Partido Bolchevique. No ano de 1920 criou a Primeira Conferência Internacional das Mulheres Comunistas. Ler: Schlesener, A. H., & Masson, G (2020). Política e educação: observações acerca de Inessa Armand - feminista, revolucionária e educadora. *Germinal: Marxismo e educação em debate*, 12(1), 88–98. <https://doi.org/10.9771/gmed.v12i1.36883>

Ítalo Balbo (1896-1940), aviador Italiano que cumpriu papel decisivo para o desenvolvimento do fascismo e na Marcha Sobre Roma, em 1922. Em 1929 se tornou Ministro da Aviação na ditadura fascista e em 1934 tomou posse do cargo de Governador-Geral da Líbia.

Ludovico Tarsia (1876-1970), muito próximo de Bordiga desde a juventude, seguiu a linha abstencionista do PSI. Presente na Fundação do PCI, foi eleito membro do Comitê Central.

Luigi Repossi (1882-1957) quando filiado ao PSI, auxiliou Bordiga na fundação da Fração Comunista. Esteve presente em Livorno e em 1924 foi eleito deputado pelo PCI.

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (1907-1954), é popularmente conhecida como Frida Kahlo e muitas vezes minimizada à figura de amante de Leon Trotsky (1879-1940), nasceu no México em 1907, mas em sua biografia afirma ter nascido em 1910, ano da Revolução Mexicana. Aos treze anos de idade ingressou na Juventude Comunista; em 1922 se tornou membro do coletivo socialista Los Cachuchas e, em 1928, recuperada do acidente que comprometeu sua saúde pelo restante da vida, filiou-se ao Partido Comunista Mexicano (PCM). Frida Kahlo, pintora revolucionária e feminista, fez grande contribuição

para a arte e até os dias atuais influencia mulheres em todo o mundo. O quadro “O marxismo dará saúde aos doentes” é uma das obras de arte da autora.

Maria Giudice (1880-1953) foi professora, jornalista, sindicalista e militante do PSI. Dirigiu a Câmara do Trabalho de Voghera e a Câmara do Trabalho de Borgo San Donnino, na Emílio Romagna. Foi aprisionada inúmeras vezes por participação em greves, protestos e motins.

Mauro Scoccimarro (1895-1972) foi um dos fundadores do PCI. No período de formação do novo grupo dirigente, trocou muitas correspondências com Gramsci.

Nadejda Krupskaja (1869-1939), militante comunista e feminista foi uma das mais importantes teóricas da educação revolucionária russa. Desde muito jovem escreveu em jornais, em 1899 criou o panfleto *The Woman Work* (A mulher operária), ministrou aulas noturnas nas fábricas e impulsionou a organização das mulheres na revolução. Ficou conhecida como “estrela vermelha” por ter sua própria autonomia e brilho, mesmo sendo companheira de Lenin. Ver: Lodi-Corrêa, S (2019). Nadezhda Krupskaja: por uma Educação Revolucionária. *Geminal: Marxismo e educação em debate*, 10(3), 236–244. <https://doi.org/10.9771/gmed.v10i3.27387>

Onorato Damen (1893-1979) foi filiado ao PSI durante a juventude. Durante o *Biennio Rosso* trabalhou no Comitê Local de Bologna. Na cisão, apoiou Bordiga e aderiu ao PCI. Se tornou um dos principais alvos dos fascistas e em 10 de maio de 1921 foi espancado, obrigado a renunciar as ideias bolcheviques e preso pelos fascistas. Não o fez. Após a participação em uma greve geral, no retorno pela estrada encontrou um esquadrão fascista e o confronto resultou na morte de um fascista e outros dois feridos. Damen foi condenado a 3 anos de prisão. A direção do PCI decidiu enviá-lo para a França, mas em 1924 retornou clandestinamente a Itália e foi eleito para o Conselho Municipal de Firenze. O militante não aderiu a nova direção do PCI e seguiu em apoio ao camarada Bordiga, atuando também no Comitê de Entente. Em novembro de 1926 foi preso em Ustica e condenado a 12 anos.

Palmiro Togliatti (1893-1964), nasceu em Genova e se mudou para Torino para cursar a Universidade. Foi membro fundador do *L'Ordine Nuovo* junto com Gramsci, Terracini e Angelo Tasca. Passou grande parte de sua vida na Rússia e desde 1927 se tornou dirigente do PCI.

Pietro Tresso (1893-1943) foi um importante militante do PCI. Em 1923 assumiu a direção regional de Milano.

Rita Montagnana (1895-1979) nasceu em Torino e foi importante militante da juventude socialista, filiada também ao PSI. Esteve presente em greves e manifestações de 1917, assim como foi muito atuante durante o *Biennio Rosso* e na militância no PCI, desde sua fundação. Em 1922 fundou o jornal *La Compagna*. Em seu retorno à Itália, em 1944, praticamente vinte anos após seu exílio com o companheiro Palmiro Togliatti, tornou-se diretora da seção feminina do PCI. Entre 1946 e 1953 atuou na vida política nacional do país, como membro eleita da Assembleia Constituinte e do Senado.

Rosa Luxemburg (1871-1919), uma das revolucionárias mais conhecidas, nasceu na Polônia. Mulher forte, passou grande parte de sua vida aprisionada. Mulher comunista, amante, polonesa, judia, com uma deficiência na perna, aprisionada inúmeras vezes, e que nunca deixou de ser apaixonada pela vida e sonhar com a revolução. Luxemburg travou importantes e necessários debates no movimento operário e no SPD, além de ter realizado importante discurso na fundação do KPD. Uma das principais teóricas do socialismo, escreveu importantes livros, cartas, textos e discursos. Sua obra abrange a temática da economia, da greve de massas, da Revolução Russa, a questão do Partido, o Sindicato e os *Soviets*. Foi sequestrada no dia 15 de janeiro de 1919, em Berlim, junto com Karl Liebknecht e Wilhelm Pieck, pelos *Freikorps*, forças paramilitares da extrema-direita. Seu corpo foi encontrado no dia 31 de maio, jogado no canal Landwehr. A pesquisadora Isabel Maria Frederico Rodrigues Loureiro possui importantes estudos sobre Rosa Luxemburg.

Ruggero Grieco (1893-1955) nasceu na Foggia, na Apúlia. Desde 1912 se filiou ao PSI e se mudou para Portici para estudar agronomia. Próximo de Amadeo Bordiga, participou da fundação do Círculo Carlo Marx. Em 1921 esteve ao lado de Bordiga para fundar o PCI. No cárcere, em 1923, trocou cartas com Gramsci e com os outros membros do novo grupo dirigente do Partido. O tema sobre o campo e a questão meridional foi presente na vida e militância de Grieco. Em 1924 conduziu a Associação para a Defesa dos Camponeses Pobres, fundada pelos comunistas. Com o pseudônimo de Garlandi, entre 1926 e 1944 ficou exilado na Suíça. Ao retornar à Itália assumiu importantes frentes do PCI e se tornou editor da revista A reforma agrária (*La Riforma Agraria*).

Santi Romano (1875-1947) foi um jurista italiano que somente se filiou ao PNF em 1928, quando foi nomeado por Mussolini ao Conselho de Estado.

Silvio Longhi (1896-1937) atuou na área do direito, amigo próximo de Alfredo Rocco, auxiliou na criação do conhecido *Código Rocco*.

Teresa Recchia (1899-1935), nasceu em Torino e desde muito nova se tornou operária da FIAT. Foi membro do PCI e tornou-se essencial para sua continuidade a partir de 1926, quando foi a única mulher operária eleita para a direção do Partido no Congresso de Lyon.

Tito Zaniboni (1883-1960), membro de PSI e maçom, veterano da Primeira Guerra Mundial, teve condecorações durante a Primeira Guerra, mas ficou mais conhecido pela tentativa de assassinato de Mussolini, em 4 de novembro de 1925.

Umberto Terracini (1895-1983) nasceu em Genova, mudou-se para Torino para cursar a Faculdade de Direito. Em 1913 filiou-se ao PSI. Foi membro fundador do semanário *L'Ordine Nuovo* (1919). Na fundação do PCI esteve ao lado de Amadeo Bordiga e discursou sobre a necessidade de criação de um novo partido da classe operária. No ano de 1926 foi preso pela ditadura fascista e condenado a 22 anos de prisão. Em 1943 foi libertado pela resistência e em 1946 se tornou deputado eleito pela Assembleia Constituinte.

Venogoni Carlo (1902-1983) nasceu em Legnano, região de Milano. Aos doze anos de idade se tornou operário em uma das maiores empresas de algodão da Itália, *Cantoni Cotonificio*. Aos quinze começou a trabalhar na metalúrgica *Franco Tosi* e foi demitido em 1920 por ter participado da ocupação das fábricas. Desde a adolescência foi filiado ao PSI e em 1921 participou da fundação do PCI. Ao lado de Bordiga, vai para Moscou em 1924 e se posiciona favoravelmente aos discursos de Trotsky. Em 1926 foi eleito para o Comitê Central e ficou responsável pela questão sindical. Atuou na clandestinidade até 1927, quando foi preso e condenado a 10 anos de prisão. Após a soltura, retornou as atividades clandestinas e novamente foi preso e enviado para o campo de concentração fascista em Colfiorito. Novamente solto, em 1943, retornou às atividades da resistência e em agosto de 1944 novamente foi preso e enviado para um campo de concentração em Milano, enquanto aguardava transferência para Alemanha. Na viagem de ônibus de Milano para Bolzano, conheceu sua esposa, a antifascista Ada Buffolini – também deportada -. Carlo consegue escapar novamente e em 25 de abril de 1945 coordenou uma ação em Genova.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1. INTRODUÇÃO.....	16
1.1 “De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas necessidades!”	16
1.2 Retorno à fábrica... ..	17
1.3 Gramsci para a vida, companhia de vida.....	18
2. GUERRA DE MOVIMENTO E HORIZONTE VERMELHO	24
2.1 Guerra Imperialista e Revolução Bolchevique.....	24
2.2 Fábrica: vanguarda espiritual e material da classe operária	35
2.3 Fascismo: contorno da crise orgânica e restauração burguesa	46
2.4 <i>Biennio Rosso</i> : a Petrogrado italiana	55
3. A REVOLUÇÃO FRACASSADA E A REVOLUÇÃO PASSIVA	68
3.1 Revolução em permanência e cisão do movimento operário	68
3.2 <i>Biennio nero</i> : a ofensiva reacionária	81
3.3 O partido de Mussolini e a fábrica.....	93
3.4 Crise e luta no movimento operário	104
4. A FÁBRICA E O ANTIFASCISMO REVOLUCIONÁRIO EM GRAMSCI	118
4.1 O <i>biennio nero</i> inacabado e o problema da fusão	118
4.2 A batalha em duas frentes: rumo à <i>L'Unità</i>	130
4.3 A formação do novo grupo dirigente do PCI	141
4.4 O dirigente comunista.....	152
5. ESTRATÉGIAS E TÁTICAS REVOLUCIONÁRIAS	164
5.1 Entre o Sul e os sabonetes de Marsiglia: a organização do PCI.....	164
5.2 A bolchevização do PCI e as fábricas	176
5.3 O fracionismo contra tudo e todos e as preparações para Lyon	190
6. ENTRE PROJETOS E O MUNDO GRANDE E TERRÍVEL	208
6.1 O Congresso de Lyon: as teses I, II e III do grupo dirigente.....	208
6.2 Congresso de Lyon: as teses IV e V	216
6.3 A esquerda: a intervenção e as teses de Bordiga	227
6.4 A consolidação da ditadura fascista e a prisão de Gramsci	235
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	246
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	255
OUTRAS FONTES	273

APRESENTAÇÃO

Essa calma que inventei, bem sei... Custou as contas que contei... Eu tenho mais de vinte anos e eu quero as cores e os colírios, meus delírios... Estou ligada num futuro blue.

(Cantada por Elis Regina, 1972).

Foi em uma noite de dezembro de 2012, aos dezessete anos, enquanto estudava Matemática para o vestibular da UNESP/FFC e amamentava meu filho de nove meses, que um pensamento maluco me ocorreu: “quero estudar História por toda a minha vida!”. Não imaginava a materialidade que isso teria, quem dirá as dificuldades e o quão profunda são as histórias que compõem a vida humana, seja de um país, de uma pessoa, de uma coletividade, de um Partido, de uma rua, de uma música.

Logo tive a boa notícia que fui aprovada no vestibular e me parecia que cursar Ciências Sociais me livraria de Matemática por um bom tempo. Já no primeiro ano do curso, tive aula de Introdução à Economia Política com o querido professor José Marangoni. Deslumbrada por tudo, li todos os textos do primeiro ano. Mas, me apaixonei por Ciência Política e Maquiavel, autor que havia lido aos doze anos, quando meu pai me presenteou com o complicado *O Príncipe*.

A Antropologia foi um deslumbre. O mundo parecia fazer sentido de verdade e tudo era desconstruído de formas radicais, mas doloridas. Fato é que o mundo não seria o mesmo... Muito menos eu...

Com os dias, os textos, as aulas, os debates, as perguntas para os professores e professoras, os documentários e as músicas, formava-se a Cientista Social ao mesmo passo que uma mulher mãe solo lutava para se reafirmar entre colegas e departamentos.

Logo no final de 2013 descobri meu objeto de estudos: **Gramsci e a teoria política (1911-1921)**. Dez anos que não se estuda em cinco anos. Mas, na minha persistência e nas inúmeras reuniões com meu orientador, Marcos Del Roio, estudei. Muito ficou para trás, mas o essencial havia sido plantado: Gramsci é movimento e movimento é algo sublime, é dialética.

Veio uma reprova no Mestrado ao mesmo tempo em que a vida me cobrava colocar em prática as Ciências Sociais. Não em um Instituto de Pesquisa com bom salário, mas nas escolas públicas do Estado de São Paulo. Foram 14 escolas e a Fundação Casa no período de sete anos de docência. De novo Marx, de novo Gramsci: a educação do educador. Com

certeza aprendi mais com meus alunos do que eles comigo. Ensinei História, Geografia, Filosofia, Projeto de Vida, Sociologia, mas aprendi vida.

E vida é cotidiano, é diálogo, é problema, é superação, é amor, é afeto, é carinho, é solidão, é solitude, é música, é cor, é sabor, é cheiro, é movimento.

Gramsci fazia sentido de uma forma diferente, mas ainda impossível de explicar...

Aprovada no Mestrado em 2018, os Conselhos de Fábrica e a Democracia Operária se tornaram minha nova paixão. Ainda não sei responder se de fato os operários organizados possuíam a capacidade para fazer uma revolução socialista na Itália. Até porque a Itália é a Itália: o país da contradição e da Igreja Católica. Mas, lá no Mestrado eu me envolvi tanto com o objeto de estudos que quis acreditar que a revolução aconteceria. No Brasil, em pleno 2018-2019, parecia que o mundo estava prestes a acabar. A vitória eleitoral de Jair Bolsonaro e da extrema-direita, do irracionalismo, do terraplanismo e de inúmeras teorias da conspiração, somado à pandemia da Covid-19 que tirava vidas inocentes, de alunos, de amigos e de milhares de pessoas em todo o mundo, fez com que eu me encantasse com a Itália do século XX.

Com alguma brevidade, de um ano, fui qualificada e indicada para o Doutorado-Direto por uma banca de peso, como se diz no mundo acadêmico. Estavam ali presencialmente meu orientador, Prof. Gianni Fresu (Unica), Prof. Leandro Galastri (UNESP-FFC) e o Prof. Giuseppe Cospito (Università di Pavia). Mas, as mulheres possuem um padrão de não se acharem boas o suficiente. Não é autoestima. É estrutural, é patriarcal. Não aceitei o convite para o Doutorado-Direto e segui no Mestrado. Tive um ano inteiro para estudar o Brasil, o olavismo, Hitler, Mussolini, o torturador Ustra, os discursos de Bolsonaro e tudo que é de repulsivo da nossa sociedade.

Voltei ao Gramsci. Queria estudar a revolução porque ali via alguma esperança. Repetia para mim mesma: “no mundo grande e terrível, mas com o otimismo da vontade”. Filha de militante, meu forte nunca foi atuar em Partido político. Militante de menos, teórica demais, um tanto intransigente e contra tantas hierarquias, meu lugar realmente era nos livros.

Em 2020, aprovada em primeiro lugar no Doutorado em Ciências Sociais da UNESP/FFC, teria muitos anos para desenvolver uma pesquisa sobre antifascismo. Mas, não me ocorreu o óbvio: para estudar o antifascismo, precisa ser estudado o fascismo. E, fui ler Mussolini e os fascistas. Chorei ao ler sobre os espancamentos, os assassinatos, as pauladas, os incêndios. O Durkheim e a neutralidade axiológica não encontraram lugar. Apenas a frase

da Professora Célia Tolentino, em 2012, “o materialismo histórico-dialético é como um lamaçal. Para estudar e entender, você precisa estar dentro da lama, se sujar da lama; ver o positivo dentro do negativo e o negativo dentro do positivo”.

A frase somente fez sentido agora, no exato momento em que escrevo estas linhas nada apropriadas para uma Tese de Doutorado. Mas, é isso porque esta Tese de Doutorado foi isto: um aprofundamento teórico nas entranhas do fascismo italiano entre 1919-1926, no cotidiano da vida de Gramsci, na luta das mulheres e homens, e no assassinato de muito deles.

Precisei dançar, morar na Itália, conhecer a Sardenha, percorrer algumas cidades italianas, utilizar da observação participante em uma manifestação fascista em Cagliari, passar dias em um país na África, falar mal de Portugal em Lisboa e Porto, e voltar ao Brasil bem brasileira – como diz Chico Buarque -, para entender que este trabalho precisaria ser encerrado com cinco capítulos – oito sessões, ainda que tudo não parecesse fazer mais sentido.

Num misto de cientista, bailaria, professora e mãe, entendi que a fundamentalidade e a densidade teórica de Gramsci está em cada texto, artigo, documento e carta que ele escreveu. Não apenas no período que esta pesquisa aborda diacronicamente (1917-1926), mas desde o primeiro texto *Oprimidos e Opressores*. Gramsci é movimento e teoria, é trabalho, cultura, política. É revolução. Não é a *Questão Meridional* ou os *Cadernos do Cárcere*, é todo o processo histórico, o emaranhado profundo de vivências políticas e solitárias, batalhas de ideias, saudades da esposa, da mãe, da irmã, dos irmãos, do filho, da Itália, que esse pequeno-grande homem viveu.

Assim formou-se Gramsci: no movimento da vida nacional, internacional e da sua própria vida.

E, para tanto, esta tese de doutorado não tem a pretensão de transformar o mundo e nem mesmo de transformar as concepções e leituras gramscianas – ainda que não concorde com todas e não exponha livro a livro, artigo a artigo que foi lido, foi fichado e foi mentalmente criticado ou elogiado -. Mas, como todo trabalho acadêmico-científico brasileiro, escrito por uma mulher, ele surge de um lugar, se perde nas encruzilhadas teóricas e migra para outro lugar: os olhos do leitor.

Sem buscar um convencimento e sem mesmo trazer toda a originalidade que possuem os escritos de Antonio Gramsci, o maior dirigente teórico e metodológico deste trabalho, a pretensão é simples: demonstrar que o processo revolucionário, em sua essência

e movimento antifascista e anticapitalista, é realizado por pessoas. Pessoas essas que são complexas em suas histórias, pessoalidades, vida e luta. Pois viver é lutar. Os nomes que aparecem neste trabalho, e aqueles que não estão nessas páginas, são homenageados. Muitos trabalhos ao longo do século XX fizeram isso: trataram de homenagear combatentes revolucionários, torturados, aprisionados e assassinados por governos de direita.

Este trabalho, que é um estudo filológico, com exposição diacrônica dos escritos gramscianos, recorda os textos de Gramsci em movimentos diários, cotidianos, de luta contra o fascismo e de pretensão de construção de novas relações sociais. Ao mesmo tempo que se luta contra o fascismo, se constrói novas relações sociais, novas formas de vida, novos modos de pensar a vida individual e coletiva.

Gramsci é revolução, é movimento.

1. INTRODUÇÃO

Son la mondina, son la sfruttata. Son la proletaria che giammai tremò. Mi hanno uccisa e incatenata, carcere e violenza nulla mi fermò. Coi nostri corpi sulle rotaie, noi abbiám fermato il nostro sfruttator. C'è tanto fango nelle risaie, ma non porta macchia il simbol del lavor.

(Letra do militante do PCI, Pietro Besate, lançada em 1950).

1.1 “De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas necessidades!”

Moscou, 08 de março de 1917. Mais de cem mil mulheres, mães, operárias, tias, avós, filhas, de todas as ideologias e religiões, revoltaram-se contra a miséria, a carestia, a guerra, as condições precárias de trabalho e o czarismo. Munidas de paus, pedras e bolas de neve organizaram-se espontaneamente e foram às fábricas em busca do apoio dos operários. O braço armado do Estado apoiou a classe operária e a revolução socialista teve seu início. O velho morreu e o novo pôde nascer. Com esperanças, as classes subalternas se organizaram e criaram seus próprios organismos revolucionários e autônomos. Assim como na Comuna de Paris, o poder da subjetividade e da organização proletária demonstrou que um novo mundo seria possível.

Em Torino estava Nino, um jovem da Sardenha deficiente, socialista e pobre que se encantou com as notícias da revolução: “o fenômeno mais grandioso jamais produzido pela atividade humana”. O mundo grande e terrível seria destruído, a miséria e a fome acabariam, assim como as guerras e a exploração do trabalho humano: “a liberdade dos espíritos, a instauração de uma nova consciência moral que estas pequenas notícias nos revelam”. A luz do Oriente sobre o velho mundo ocidental trouxe a possibilidade de uma nova civilização “que coincide com tudo o que os nossos mestres nos tinham ensinado (Gramsci, 2004, pp.100-104)¹.

A Revolução socialista, no entanto, foi derrotada e a classe operária encara tempos difíceis. As contradições oriundas da exploração de classe estão cada vez mais acirradas e o proletariado tem uma nova formatação. A esperança de uma transformação radical da sociedade e de elaboração de uma nova hegemonia parece cada vez mais distante, à medida que necessária, no mundo grande e terrível que vivemos. Milhões de vida são ceifadas pelo capitalismo: as guerras e as matanças contra os povos nativos do Brasil, contra o povo palestino, a onda reacionária semelhante ao fascismo que o mundo presencia, a destruição

¹O artigo *Notas sobre a Revolução Russa* foi publicado no jornal *Il Grido del Popolo*, em 29 de abril de 1917.

da natureza e da vida humana, assim como o sucateamento da saúde, da educação e da ciência.

A lógica destrutiva do capital atualiza ainda mais a clareza revolucionária de Rosa Luxemburg: o socialismo é uma necessidade que vai além do proletariado viver nas condições materiais que são oferecidas pelo capitalismo, mas “também porque estamos todos ameaçados de desaparecer se o proletariado não cumprir seu dever de classe, realizando o socialismo (*Calorosa aprovação*) (Luxemburg, 1991, p.23) ².

1.2 Retorno à fábrica...

O caminho entre socialismo ou barbárie é de grande atualidade no complexo período de crise orgânica que novamente a humanidade atravessa. Não é possível mencionar os milhões de revolucionários e revolucionárias, das cidades e dos campos, do Oriente e do Ocidente, que batalharam por uma nova civilização. Esta pesquisa resgata com brevidade a militância de homens e mulheres que ousaram lutar, assim como observa a reflexão teórica de importantes sujeitos revolucionários, aspecto crucial para os tempos de decadência ideológica e reacionarismo que vivemos.

Antonio Gramsci, intelectual orgânico das classes subalternas, é o prisma teórico, categorial e metodológico desta análise. Vivenciou problemas históricos do capitalismo sem ser aprisionado pelos esquemas pré-concebidos do socialismo reformista ou do sectarismo. Ao se defrontar com adversários e camaradas políticos, entrou em contato com as massas em suas lutas diárias, tornou-se parte do cotidiano do campesinato e da classe operária e desvendou o que poucos conseguiram: “de um lado, o proletariado no sentido estrito, isto é, os operários da indústria e da agricultura industrializada; de outro, os camponeses pobres – eis as duas alas do exército revolucionário (Gramsci, 1954, pp.61-67) ³.

A fábrica capitalista é a maior célula de exploração do trabalho humano que se apropria de homens e mulheres, jovens e adolescentes, independentemente da religião, cor ou etnia. “Ela confisca todo o tempo de vida do operário mediante ampliação desmedida da jornada de trabalho” e explora “a força de trabalho de modo cada vez mais intenso (Marx, 1985, pp.46-47). A luta entre o trabalhador e o capitalista é iniciada pela própria relação com o capital. Durante séculos a humanidade vivenciou revoltas dos trabalhadores com greves e

²Intervenções de Rosa Luxemburg no Congresso de fundação do Partido Comunista Alemão (30 de dezembro de 1918 a 1º de janeiro de 1919, Berlim.

³*Gli avvenimenti del 2-3 dicembre* foi publicado em *L'Ordine Nuovo*, ano I, n. 29, 6-13 de dezembro de 1919, p.227.

destruição de máquinas. No entanto, quando organismos como sindicatos e partidos reformistas se apropriaram das lutas por melhores salários, não lutaram, em grande medida, contra a existência do capitalismo.

O *Soviet* surge como uma alternativa revolucionária de organização do trabalho e do trabalhador. Embrião de um Estado operário, o proletariado urbano se organiza, se auto educa e se autogoverna do Conselho, além de autogerir a produção de modo consciente e necessário. Ou seja, existe uma relação dialética na fábrica e no trabalho, em que a célula de exploração do trabalho, torna-se um “lugar onde a libertação deve começar, no centro de irradiação do movimento de rebeldia: portanto seu movimento é são, é forte e será vitorioso (Gramsci, 1954, pp.61-67).

É responsabilidade de uma revolução socialista transformar todas as estruturas sociais hegemônicas do capitalismo, inclusive as relações na vida privada, no que diz respeito ao comportamento, sexualidade, amor. O novo tipo humano precisa estar organicamente ligado com as transformações psicológicas basilares do novo mundo e “a classe operária necessita, para a realização de sua missão social, de mulheres que não sejam escravas (...) que rompem com os dogmas que as escravizaram (Kolontai, 2011, pp.21-22).

Para tanto, a organização revolucionária e antifascista deve ser oriunda da fábrica. No conjunto da vida social e da coletividade, para Gramsci, brotarão os melhores e mais perfeitos homens e mulheres que se elevam para além de uma categoria ou classe social. O Conselho e a atuação do Partido nas células, desenvolve o *locus* do trabalho como lugar primário de construção de luta e de democracia operária que desenvolve o espírito de cisão e constrói coletivamente uma sociedade de produtores. O nexos cultura-política-trabalho é o que fará sentido para uma nova vida, nova sociedade, com novo consenso, nova ética e nova moral.

1.3 Gramsci para a vida, companhia de vida

Ser dirigente político e teórico que lutou contra o reformismo socialista e o sectarismo, é o que diferencia Gramsci de tantos intérpretes e militantes do século XX. Em Gramsci não há espaço para autoritarismos e ausência de democracia operária. A transformação ético-moral da sociedade implica justamente que uma nova sociabilidade seja produzida por quem está às margens. A subjetividade antagônica e a vontade coletiva ganham fôlego e organização independentemente das mazelas e misérias do capitalismo quando as massas entendem a necessidade do espírito de cisão e de uma nova civilização. O

otimismo da vontade ultrapassa o pessimismo da razão. Portanto, desdobra-se nesta pesquisa a própria luta de Gramsci e suas indagações sobre o fracasso da revolução socialista e a vitória sangrenta e violenta da revolução passiva, ao modo de fascismo.

Na segunda seção, *Guerra de movimento e horizonte vermelho*, o contexto de guerra e revolução é essencial para compreender os desdobramentos na organização do proletariado na fábrica. A Guerra Imperialista, uma guerra de rapina, originou uma crise orgânica e uma crise da hegemonia liberal que assolou a Europa. A Itália foi atingida pela crise, também moral e de civilização. O proletariado e o campesinato russo foram capazes de se unirem para a derrubada do czarismo. Gramsci viveu e buscou traduzir para Torino, a “Petrogrado italiana” a experiência revolucionária. No entanto, o Partido Socialista Italiano (PSI) e o Sindicato não apoiaram o movimento dos Conselhos de Fábrica e nem as ocupações dos camponeses sem-terra que ocorria no Sul do país. O PSI perdeu a chance de dirigir o proletariado em 1915, em 1917 e durante 1919-1920.

Na terceira seção, *A revolução fracassada e a revolução passiva*, a cisão do movimento operário e a fundação do Partido Comunista d'Itália marca o início da luta antifascista. O Partido revolucionário das massas Italianas surge em complexo período social, em meio à violência fascista e aos debates internos do PSI e da Internacional Comunista. O objetivo foi formar um Partido que dirigisse a revolução e as massas proletárias. No entanto, Amadeo Bordiga, fundador e dirigente do PCI durante seus primeiros três anos, não foi capaz de completar a complexa tarefa. A revolução tornou-se cada vez mais distante e a derrota do movimento operário internacional estava conformada.

O mundo acompanhou os ataques violentos do capital. O fascismo tornava-se exemplo prático e ideológico para a Europa. A revolução passiva, revolução-restauração, iniciava sua segunda etapa em março de 1921 e abria espaço para rearticular o bloco histórico burguês com a Igreja, os pequeno-burgueses, latifundiários e as forças sociais mais reacionárias da Itália. Benito Mussolini organizava ex-combatentes, jovens iludidos com a guerra, ex-socialistas e ex-anarquistas. O interesse do *Duce*? Servir a si próprio e ter o poder do Estado. As milícias, por outro lado, lutavam contra o socialismo e o que sobrou da classe operária organizada. Mussolini apenas dirigiu a balbúrdia, a violência e o sangue de quais operários seria derramado.

A ofensiva reacionária do capital encontrou estadia na Itália. Incêndios em jornais, sedes de partidos e sindicatos, assassinatos e espancamentos públicos, ocupações nas cidades e táticas repulsivas, como incendiar os campos, as cidades, atacar com bombas feiras livres,

assassinar padres a pauladas, dar laxante aos operários e aos líderes políticos, excretar necessidades humanas nas ruas, tornou-se o cotidiano do *biennio nero* que pareceu nunca terminar. A criação do Partido Nacional Fascista apenas legalizou a violência das esquadras fascistas e legitimou o poder da velha sociedade Italiana.

Por mais que o PCI tenha organizado guardas revolucionárias para combater os ataques fascistas, a resistência do movimento operário foi insuficiente. Por outro lado, quando a Internacional Comunista colocou a questão da fusão com o PSI, o grupo de Bordiga foi contrário e os problemas com a IC tornaram-se frequentes, desintegrando também o núcleo do PCI. O Partido lutava em diversas frentes: contra as decisões da IC, nas ruas contra os fascistas, em Congressos e Convenções clandestinas. Os anos iniciais da vida do partido não foram fáceis. A militância ou era espancada, assassinada, fugia da polícia ou das milícias ou era aprisionada. Abriu-se espaço para mulheres revolucionárias atuarem no Partido e nos órgãos jornalistas. Gramsci, por sua vez, cumpriu importante papel na Rússia e, a partir de 04 de dezembro de 1923, em Viena. O período de bolchevismo de Gramsci e de contato com o movimento operário e a experiência socialista real. Encantou-se com a fábrica, as escolas e os círculos culturais. Questões como poder operário, organização e poder operário se tornam centrais, tanto no caso da URSS, da Itália e da transformação do Estado liberal italiano em ditadura fascista.

A quarta seção, *A Fábrica e o antifascismo revolucionário em Gramsci*, indica caminhos importantes para compreender a formação do novo grupo dirigente do PCI e as complexas tarefas que Gramsci, deputado comunista, precisaria estar à frente. O objetivo de formar *L'Unità* e de publicar *L'Ordine Nuovo* diariamente, “o programa específico da revista, segundo penso, deveria ainda ser a fábrica e a organização da fábrica” (Gramsci, 1992, p.296-297), estava organicamente relacionado em não afastar Angelo Tasca e Bordiga do Partido. Foi preciso uma intensa e complexa batalha por meio de cartas e publicações diárias para que as massas pudessem compreender o fascismo e a necessidade de resistir ao movimento reacionário que se apossara do Estado.

A saída somente poderia ser revolucionária. Para Gramsci, não faltou clareza da solução, mas compreendia ser necessário um longo processo de formação e organização possibilitado pela fábrica e pelos organismos autônomos do proletariado. Os anos que se seguiram, 1925 e 1926, possibilitaram a Gramsci atuar enquanto dirigente político do PCI, assim como desenvolver sua teoria de Partido e revolução. Decerto que sua obra seguiu uma linha de continuidade histórica e compreendê-lo em sua vida teórico-prática requereu um

olhar voltado para a construção de uma nova concepção de mundo e de um projeto ético-político que inaugura uma nova sociabilidade.

A quinta seção, *Estratégias e táticas revolucionárias*, foi escrita na Itália, em grande medida em terras sardas, com documentos e livros encontrados no país de Gramsci. Com um tom mais encantado, mas sem perder a cientificidade, esta seção aborda *Entre o Sul e os sabonetes de Marsiglia: a organização do PCI, A bolchevização do PCI e as fábricas e O fracionismo contra tudo e todos e as preparações para Lyon*. A preocupação com uma tese, original e fundamenta teoricamente, se tornou manifesta e a questão problematizadora da pesquisa se tornou mais clara, principalmente em relação a importância dos acontecimentos internacionais e nacionais que afetaram a vida de Gramsci não apenas na atuação teórico-política, mas pessoal, em seus relacionamentos com amigos e família.

A virada de 1924 e o decorrer de 1925, analisada nesta seção, tem como objetivo principal demonstrar as articulações, conflitos e superações políticas desse período. A maneira que Gramsci se torna dirigente do PCI e sua atuação em questões pontuais internacionais que atingem diretamente a organização do Partido e, consequentemente, a disputa e a correlação de forças. A figura de Amadeo Bordiga é trazida para o debate não apenas como antagonico de Gramsci, mas a partir do olhar científico, de análise e compreensão dos equívocos do fundador do Partido e de posicionamentos teórico-políticos.

No movimento internacional, a questão da bolchevização e da aliança operário-camponesa, palavras de ordem do Congresso da Internacional de 1924 e do V Plenum, de 1925, encontrou resistências no grupo de Bordiga, além das dificuldades de consolidação nas fábricas já tomadas pelos sindicatos fascistas. Para a Itália, 1925 foi um ano muito difícil. Os ataques fascistas não diminuíram e a violência seguiu cotidianamente, assim como a expansão do fascismo para outros países, os acordos de Mussolini com industriais e a promulgação de leis que emaranhavam cada vez mais os fascistas no Estado.

A sexta seção, *Entre projetos e o mundo grande e terrível*, trata-se de uma análise documental sobre as Teses do III Congresso do PCI, realizado em Lyon, em janeiro de 1926. O Congresso, realizado na clandestinidade, marcou o encerramento da disputa entre o grupo de Gramsci e Bordiga, mas, principalmente encerrou uma fase no Partido e abriu para outro ciclo. No Brasil, em grande medida se conhece e se estuda mais a *Tese IV* do Congresso de Lyon, mas para responder à questão problematizadora e norteadora deste texto, foi realizada uma análise aprofundada das cinco teses do III Congresso, com espaço para análise da intervenção e das teses do grupo à esquerda, de Amadeo Bordiga.

Para Mussolini, 1926 seria o Ano Napoleônico do Fascismo. No entanto, não foi bem assim... Começou com dois projetos em disputa para o PCI, entre o grupo de Gramsci e Bordiga; com atentados fracassados contra Mussolini e com o falecimento do grande Piero Gobetti em 15 de fevereiro. Em meio ao caos da vida nacional, os problemas internacionais transformavam o Partido Comunista Russo e a União Soviética enquanto o mundo assistiu a Itália se transformar em ditadura.

Antes de ser aprisionado pelo fascismo, Gramsci escreveu *Alguns temas da Questão Meridional*, compreendido, em grande medida, como um dos textos de encerramento da juventude do sardo, de maior densidade teórica e passagem para temáticas que serão trabalhadas nos *Cadernos do Cárcere*. Mas, como demonstrado durante esta investigação científica, fundamentada em textos anteriores ao cárcere, a produção teórica de Gramsci é feita por artigos, cartas para irmã, para a mãe, para Giulia e amigos do Partido e da Internacional, textos publicados na imprensa nacional e internacional e documentos/relatórios, são essenciais para uma análise da conjuntura em que o autor/ator esteve inserido demonstrando, inclusive, como se apropriou da teoria e da práxis.

Gramsci sempre esteve em processo de pleno movimento entre diferentes cidades da Itália, na Rússia e na Áustria, assim como em diferentes correntes teóricas neoidealistas, de tradição soreliana e marxista. Mas, o cotidiano e a atuação política do comunista sardo, o discurso ao Parlamento praticamente silenciados pelos fascistas, as participações ativas em Conferências do PCI, o dia a dia com operários e camponeses, as diversas e variadas fugas das perseguições fascistas, as cartas para Giulia, repletas de sinceridades, de medos, angústias, saudades e pessoalidades, traz à tona um Gramsci teórico-político-dirigente-amante organicamente ligado a política-trabalho-cultura que o tornam, portanto, não apenas um revolucionário antifascista e anticapitalista, mas um ser humano integral.

Com a finalidade de trazer o universo teórico-político de Gramsci e de sujeitos importantes na luta pelo socialismo, esta investigação científica teve como proposta realizar um “trabalho minucioso e conduzido com o máximo de escrúpulo de exatidão e honestidade científica” (Gramsci, Q. 4, §1, 1977, p.419). Os estudos procederam segundo sugestão metodológica do próprio Gramsci, a filologia vivente: o conhecimento do fascismo ocorre na medida em que se luta contra o fascismo. O emaranhado de acontecimentos e documentos que envolveram o processo de desenvolvimento da consciência dos membros do PCI, das massas italianas, do campesinato e do próprio Gramsci, somente foi possível de ser exposto com o método diacrônico na medida em que se demonstrou como a apropriação da realidade

ocorre na medida em que nela se interfere e o fascismo, como qualquer outro objeto de análise nas ciências históricas e políticas, encontrou-se sempre em movimento durante esta análise.

Foram investigados artigos, documentos, relatórios e cartas publicados entre 1917-1926⁴ para afirmar que a fábrica é tema central na obra de Gramsci, pois é o espaço em que operários organizam a luta antifascista e produzem uma nova hegemonia. A consciência que se chegou durante o processo de desenvolvimento da tradição do movimento operário encontra sua morada e resposta nas teses integrais do III Congresso do PCI, tanto da minoria, liderada por Bordiga, quanto da maioria de Gramsci. Ambas as teses são espelhos distintos das determinadas visões históricas, políticas e econômicas do mundo internacional, da Itália, da aliança operário-camponesa, do fascismo e do antifascismo.

O fato de Gramsci não ter escrito sozinho as Teses da maioria do III Congresso, mas com auxílio de camaradas do Partido, Ruggero Grieco e Palmiro Togliatti, não torna esse material menos importante sobre as concepções do dirigente do PCI, até mesmo porque trata-se de um documento oriundo da análise do movimento espontâneo e concreto da realidade histórica, política, cultural e econômica da Itália, construído em coletividade. Conclui-se que Gramsci se forjou como intelectual orgânico das classes subalternas, em meio as classes subalternas, com olhar para elas – e não sobre elas -. Sem distanciamento, compreendeu a fábrica, antes e para além da bolchevização, como o *locus* mais importante de articulação política e cultural do movimento operário, com olhar voltado para a aliança operário-camponesa.

⁴No projeto de Doutorado, para acompanhar o desenvolvimento do projeto antifascista e revolucionário de Gramsci foram previamente selecionados 277 textos do autor (artigos nos periódicos socialistas e documentos do Partido) com a utilização do termo “fascismo”, além de 21 notas presentes nos Cadernos do Cárcere, bem como a leitura das cartas (no período entre 1908-1926). No entanto, durante a pesquisa, iniciada em março de 2020, outros artigos, correspondências e livros tornaram-se essenciais. A bibliografia indicada ao longo do texto e nas referências auxiliou a aprofundar historicamente no período histórico, bem como foi essencial para compreender que se trata de uma pesquisa fundamentada na teoria-política do próprio Antonio Gramsci. Toda responsabilidade desta pesquisa deve ser atribuída somente a autora.

2. GUERRA DE MOVIMENTO E HORIZONTE VERMELHO

Avanti popolo, bandiera rossa. Alla riscossa, trionferà. Bandiera rossa la trionferà, evviva il comunismo e la libertà. Vogliamo fabbriche, vogliamo terra, ma senza guerra, ma senza guerra (Letra de Carlo Tuzzi, 1908).

2.1 Guerra Imperialista e Revolução Bolchevique

A Guerra Imperialista (1914-1918) transformou radicalmente as relações de força da Europa e o desenvolvimento capitalista dos países envolvidos, centrais e periféricos. Com o desdobramento da crise dos Bálcãs (1908) para as guerras balcânicas - devido à complexidade da situação do Oriente europeu e dos interesses da Alemanha, da Áustria-Hungria, Rússia, Inglaterra e Turquia -, além da afirmação das diversas nacionalidades que buscavam se definir, tornou-se possível o cenário futuro do atentado de Sarajevo (1914) que demarcou o início da Primeira Guerra Mundial⁵ e da crise orgânica iminente que atingiu a Europa nos anos seguintes. No cenário internacional, as alianças entre países imperialistas eram pragmáticas com foco no estabelecimento da construção de Impérios e da consolidação de democracias liberais conforme desenvolvia o capitalismo monopolista.

A guerra, ação violenta que submete o outro, é continuação política e consequência última por meios que envolvem diplomacias, deliberações, alianças, propagandas e a moralidade da população. No entanto, não se pode perder de vista o nexos entre guerra, comércio e política, que durante a Primeira Guerra foram essenciais para a divisão internacional do trabalho, a ponto de a Europa desenvolver direção e dominação em todo o mundo⁶. O capital financeiro, fase econômica anterior à Primeira Guerra, foi capaz de conquistar uma grande quantidade de territórios para que não ficasse para trás na conquista daqueles que ainda não estavam divididos. A consequência e a natureza do imperialismo é a

⁵O livro de SECCO, L. **As guerras mundiais**. Marília: Lutas Anticapital, 2020 é uma importante síntese e contribuição das guerras do século XX.

⁶ Gianni Fresu (2017) possui importante trabalho sobre o fascismo. Em seu livro **Nas trincheiras do ocidente: lições sobre Fascismo e Antifascismo**, dedica uma parte específica de suas reflexões a respeito da Primeira Guerra Mundial. Compreende que no período “a Europa dava ares de um estado de potência sem limites, com possibilidade de ulterior desenvolvimento econômico e domínio mundial”. No momento que a Europa buscava consolidar sua hegemonia ao redor do mundo, bem como a expansão das instituições liberais, “a competição imperialista sempre mais violenta entre as potências ocidentais, particularmente entre a Alemanha e a Inglaterra, criou, entre 1905 e 1913, um estado permanente de tensão sempre próximo a transformar-se em conflito aberto e direto”. A guerra gerada em 1914 foi exatamente o processo máximo, a consequência última da tensão anteriormente desenvolvida. O resultado foi uma guerra de massa que determinou “o declínio das potências europeias, esmagadas pelas dívidas por causa da passagem do primado econômico mundial aos Estados Unidos” (Fresu, 2017, p.42).

guerra, pois “com a conclusão da divisão do planeta, uma nova divisão do mesmo é o único modo para sair da estagnação e da crise econômica” (Fresu, 2019, p.43).

A Guerra Imperialista, oriunda da fase monopolista do capitalismo, foi uma guerra de rapina, de pilhagem, de conquista do mundo, de divisão das colônias e das esferas do capital financeiro. A ação militar foi direcionada enquanto precipitação e expressão do conflito armado entre as classes dirigentes, para a conquista de território e de subordinação do outro conforme determina uma cultura, política e economia, durante o maior acentuamento da crise social. Trata-se, portanto, de hegemonia e relação de força para a consolidação e equilíbrio de determinada ordem social a ser imposta, momento no qual a “classe dominante tentará manter o melhor equilíbrio para a sua permanência” nas “condições de prosperidade e, de fato, para aumentar essas condições (Gramsci, Q.9, §70, 2014, p.1.141).

A crise italiana⁷, anterior aos anos de 1914-1918, surgiu das tentativas de ampliação do Estado liberal com as políticas para a classe operária encabeçadas por Giovanni Giolitti, desde 1901. O projeto político-econômico não foi suficiente para resistir a crise entre 1907-1908, momento de acirramento das tensões sociais, de greves e rebeliões, bem como de expansão do Partido Socialista Italiano⁸ (PSI) e de fundação da Associação Nacionalista Italiana⁹ (1910), influenciada por Enrico Corradini e Giovanni Papini, organização que se fundiu com o Partido Nacional Fascista¹⁰(PNF) em 1923.

Sem promover uma democratização completa, o projeto político da burguesia abriu espaço mínimo para a classe operária italiana e não permitiu que o poder operário, recém organizado no PSI e nos sindicatos, ocupasse o Estado liberal na construção das políticas nacionais. Manteve as massas excluídas da política e utilizou do transformismo e da pequena política para esvaziar o Parlamento. O problema não resultou em nenhuma mudança significativa: o bloco histórico burguês continuou intacto. As políticas de Giovanni Giolitti frearam o avanço e uma virada reacionária do governo, mas não garantiu a entrada dos estratos populares no Estado (Gramsci, Q.19, 2014).

⁷⁷Este texto não possui o objetivo de aprofundar as questões anteriores ao ano de 1919, mas compreende a necessidade e a importância de inserir a gênese e o advento do fascismo a partir da crise orgânica causada pela Primeira Guerra Mundial. Para tanto, indica trabalhos contemporâneos com análises gramscianas sobre o acontecimento, bem como a respeito da Itália antes do fascismo. O livro MUSSI, Daniela. **Socialismo e Liberalismo antes do Fascismo** (2021) é uma ótima análise do cenário da crise que abalou a Itália após a Guerra Imperialista.

⁸O Partido Socialista Italiano (PSI) foi fundado por Filippo Turati no ano de 1892, em Gênova.

⁹Associação Nacionalista Italiana (ANI), fundada no ano de 1910 por Enrico Corradini.

¹⁰O Partido Nacional Fascista (PNF) foi fundado em Roma no ano de 1921 por Benito Mussolini.

De certa forma, o Primeiro-Ministro governava para os conservadores, reacionários e para a pequena burguesia por meio de alianças sociais, sem observar a possibilidade de as contradições determinadas por suas políticas explodirem em algum momento. No campo socialista, os reformistas se alinhavam ao governo em apoio a algumas políticas. O objetivo de Giolitti era o de criar no Norte um bloco urbano de industriais e operários como forma de reforço para o protecionismo e para a hegemonia setentrional. Por meio da tática do transformismo parlamentar fundamentava sua ação política e reprimia os camponeses enquanto a pequena burguesia proprietária de terras fazia parte do Estado (Gramsci, Q.19, 2014).

No ano de 1911-1914¹¹ Giolitti retornava ao poder como Primeiro-Ministro, mas a hegemonia liberal na Itália já dava ares de declínio e, em 1913, com o sufrágio universal, o Partido Socialista já se tornava um partido de massas. O período, de ascensão dos movimentos sociais, também do sindicalismo revolucionário, acirrou as lutas de classes e os interesses da burguesia de se manter hegemônica e completar o ciclo de unificação com o resgate de territórios de língua italiana que ocupados pela Áustria - um dos elementos que definem a entrada da Itália na guerra em 1915 -. O Pacto Gentiloni¹², em 1913, ocorreu durante a luta pelo sufrágio universal e atraiu a classe operária para o bloco industrial burguês em detrimento do Sul, de forma que contrapôs as massas católicas aos socialistas e criou um bloco entre industriais e forças do campo (Gramsci, Q.19, 2014).

Ainda que o PSI e a *Confederazione Generale del Lavoro*¹³ (CGL) estivessem altamente burocratizados, greves e rebeliões tornavam-se vitoriosas na medida em que o proletariado desenvolvia a consciência sindical corporativa, com elementos da consciência revolucionária, se sindicalizava e se inscrevia no Partido. As políticas propagandistas da Primeira Guerra fizeram com que grupos dos países envolvidos na catástrofe se dividissem favoráveis ou contrários a carnificina humana que ocorria. O contexto internacional envolveu inúmeras ações contra o militarismo. Um dos expoentes da linha antimilitarista foi o jovem militante Amadeo Bordiga (1889-1970), oriundo de Napoli, assim como Antonio

¹¹O ano de 1911 marcou dois episódios importantes: em setembro, a Itália foi à guerra contra o Império Otomano, pela conquista da Líbia; mesmo ano em que Mussolini foi preso por atividades contra a guerra. No ano seguinte, como um dos líderes do PSI, foi nomeado diretor do *Avanti!* e continuou até sua expulsão do Partido, em 1914.

¹²O Pacto Gentiloni foi um acordo no ano de 1913 entre o Primeiro-Ministro Giovanni Giolitti e o conde Ottorino Gentiloni, então Presidente da União Eleitoral Católica, para uma coalizão católica durante as eleições de 1913.

¹³A *Confederação Generale del Lavoro* - Confederação Geral do Trabalho (CGL) foi fundada em Milão, no ano de 1906, por iniciativa de militantes socialistas.

Gramsci (1891-1937)¹⁴, sardo, que residia em Torino desde 1911. Em Ancona (1914), a repressão policial deixou muitos mortos devido aos protestos que se transformavam em greve geral e demonstravam que o PSI não estava preparado para dirigir um processo revolucionário, o que não faria também no ano de 1915¹⁵, momento em que a Itália adentrava na guerra ao deixar a política da neutralidade.

A ausência de uma análise política real e de aproveitamento do contexto revolucionário causado pelas rebeliões, greves, saques e protestos que alavancavam a possibilidade de transformação da situação para uma guerra civil revolucionária, colocaram em foco as contradições internas do PSI e da CGL - que não direcionavam as classes subalternas para uma revolução.

A guerra nacional e imperialista causou o declínio das potências europeias e a profunda crise orgânica tornou-se inevitável. A Itália, em meio ao cenário de transformação do capitalismo para o imperialismo, foi um dos países periféricos da Europa que encarou a crise orgânica determinada pela guerra. A burguesia e o Estado, frágeis e com projetos políticos nacionais limitados, sofreram as consequências com a origem de uma crise da hegemonia liberal que ocasionou intensa crise de direção política nos organismos contratualistas do proletariado: os partidos e os sindicatos.

O ano de 1917, marcado por mais uma mudança no cenário internacional, abalou novamente as estruturas da Europa. A luta de classes na Itália, em campo aberto, mostrava claros sinais de ser o segundo momento de fazer a revolução - ainda que o PSI tivesse perdido a chance em 1915 -. A estratégia revolucionária de Lenin para os partidos social-democratas era clara: transformar a Guerra Imperialista em guerra civil, bem como foi possível de ser

¹⁴ O debate sobre a guerra foi muito acirrado entre os socialistas. Foram vários os artigos publicados no jornal *Avanti!* e no *Il grido del popolo*. Angelo Tasca, futuro fundador do *Semanário L'Ordine Nuovo* e amigo de Gramsci, foi um dos militantes do PSI que foi contra as posições de apoio à guerra de Benito Mussolini. Na ocasião, Gramsci escreveu o famoso artigo *Neutralidade ativa e operante*, o qual teve interpretação distorcida pela linha mais sectária do Partido, de forma que o acusaram de intervencionista. Após a publicação, o jovem jornalista se isolou politicamente e passou a dedicar-se apenas aos estudos universitários, afastando-se também de sua família, como é possível observar em suas cartas do período. O importante livro de FIORI, G. *A vida de Antonio Gramsci* (1974) contém um levantamento e análise sobre esse período.

¹⁵ No dia 26 de abril de 1915, o Primeiro-Ministro Antonio Salandra assinou um tratado secreto com a Inglaterra e a França para entrar na guerra contra a Alemanha e a Áustria-Hungria, estabelecendo o fim da política de neutralidade de Giovanni Giolitti. A grande vantagem prometida foi a de conquista de territórios. Mussolini, intervencionista, fundou o jornal *Il popolo d'Italia* e passou a ser grande propagandista do massacre a nível internacional, assim como Gabriele D'Annunzio que defendia a ocupação de terras povoadas por italianos, mas com soberania austro-húngara. Contudo, a maioria do Parlamento (principalmente católicos e socialistas), se posicionava contra a guerra. No entanto, o Rei Vítor Emanuel III apoiou organizações nacionalistas e intervencionistas contra a frente de neutralidade, de forma que o apoio à guerra pelo Parlamento foi justificado pela intervenção do rei (Fresu, 2017).

realizado na Revolução Russa de fevereiro-março¹⁶ de 1917. O segundo passo seria o da “passagem do poder de Estado para o proletariado” com a finalidade de romper com os interesses do capital para o proletariado “libertar a humanidade dos horrores da guerra, dar-lhes os benefícios de uma paz duradoura” (Lenin, 1976, p.290). A estratégia de Lenin teve o objetivo de transformar a Guerra Imperialista em várias guerras civis nacionais para suscitar confrontos armados. Para essa tarefa seria necessário que o proletariado desenvolvesse consciência de classe e que a revolução e o socialismo se tornassem internacionalistas, de forma que quebrar com as frentes nacionalistas se mostrava fundamental para a destruição do imperialismo. A estratégia leniniana propunha o aproveitamento da situação do armamento do proletariado e do campesinato que estavam no *front* para a transformação da guerra imperialista em guerra revolucionária.

A revolução socialista, em pleno desenvolvimento na Rússia, começou a se espalhar para todo o globo. Com certas particularidades, é possível afirmar que os *Soviets* se expandiram e passaram a inaugurar em diversas fábricas uma nova forma de poder e controle operário, disputando terreno com os partidos e os sindicatos. Em *As tarefas do proletariado na nossa revolução: projeto de plataforma do Partido proletário*, Lenin (1976) afirma que a construção do poder soviético deve confluir na criação de um Estado como a Comuna de Paris, formada por *Soviets* de operários, soldados e camponeses: Os *Soviets* reproduzem o tipo de Estado que estava formando a Comuna de Paris e que Marx¹⁷ qualificou como a “forma política finalmente descoberta para levar à cabo dentro dela a emancipação econômica do trabalho (Lenin, 1976, p.09)”.

Com o desenrolar da revolução na Rússia, da consolidação do poder e do controle operário por meio dos *Soviets*, uma fase de transição socialista foi iniciada. Os operários de todo o mundo absorviam a destruição completa da velha sociedade russa e a construção de

¹⁶Quando eclodiu a revolução em fevereiro-março, Lenin estava exilado na Suíça, junto com outros importantes líderes bolcheviques, mencheviques e anarquistas. As ruas de Petrogrado conheceram a espontaneidade revolucionária de mais de 100 mil mulheres que iniciaram greves e foram às fábricas, com paus, bolas de neve e pedras, chamado o proletariado às ruas. Uma ótima leitura sobre o tema é o livro organizado por URSO, Graziela Schneider. **A revolução das mulheres, emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017.

¹⁷Nas palavras de Marx, “Eis o seu verdadeiro segredo: a Comuna era, essencialmente, um governo da classe operária, fruto da luta da classe produtora contra a classe apropriadora, a forma política afinal descoberta para levar a cabo a emancipação econômica do trabalho. Sem essa última condição, o regime comunal teria sido uma impossibilidade e uma impostura. A dominação política dos produtores é incompatível com a perpetuação de sua escravidão social. A Comuna devia servir de alavanca para extirpar os fundamentos econômicos sobre os quais se apoia a existência das classes e, por conseguinte, a dominação de classe. Uma vez emancipado o trabalho, todo homem se converte em trabalhador, e o trabalho produtivo deixa de ser um atributo de classe” (Marx, 1979, pp.83-84).

um novo modo de vida. Em meio ao caos gerado pela guerra, o socialismo não apenas era a esperança, mas um futuro concreto para a classe operária e para o campesinato. O clima revolucionário espalhou-se pelo mundo inteiro. A reação da burguesia não falhou e acertou com duros golpes as classes subalternas. A ofensiva das burguesias nacionais e a reorganização do Estado liberal veio à tona da pior forma possível: os fascismos mascarados de nacionalismos.

Países como a Alemanha, a Hungria e a Itália¹⁸, tiveram importantes períodos revolucionários com a forma de Conselhos e, anos mais tarde, foram palco do refluxo da revolução e da forte ofensiva burguesa. A revolução internacionalista espalhava notícias, em meio a Guerra Imperialista, por todo o mundo. Na Itália, as notícias chegavam com atraso e distorcidas. A burguesia Italiana claramente se preocupou com o poder operário russo e passou a repreender agressivamente o proletariado e o campesinato, que saíam às ruas nos protestos e rebeliões.

Torino, a Petrogrado Italiana, representava o grande polo industrial e automobilístico da Itália, concentrando cerca de 50 mil operários no setor siderúrgico e 10 mil técnicos. Provavelmente a revolução eclodiria a partir da capital industrial que concentrava a vanguarda operária do país. Gramsci foi um entusiasta da revolução e o ano de 1917 teve importância crucial em sua vida pessoal e política, além de agir como importante instrumento reflexivo e de início da superação do neoidealismo, de aproximação com Rosa Luxemburg, George Sorel, e da prática socialista.¹⁹

No que confere a revolução, Gramsci define pela primeira vez, em 1919, que se trata de um processo de desenvolvimento dialético, no artigo *Lo sviluppo della rivoluzione* (1919)¹¹. Mas, nas publicações de 1917 é possível verificar um processo reflexivo e analítico

¹⁸A revolução em forma organizativa de Conselhos se espalhou por toda a Europa, mas os três países acima citados representaram grandes marcos da revolução para além da Rússia. Para maior aprofundamento da temática, importante ver as reflexões dos principais apoiadores, os intelectuais orgânicos, Rosa Luxemburg, Gyorg Lukács e Antonio Gramsci, respectivamente. Ver também o trabalho de MACHADO, Marília Gabriella. **Conselhos de Fábrica e Democracia Operária em Gramsci (1919-1921)** (2020). Na ocasião, defendi em minha dissertação de mestrado a tese de que os Conselhos de Fábrica, na Itália, desenvolveram um americanismo e fordismo reverso. Para tal desafio, a análise é gramsciana e segue também as reflexões dos operários que escreviam no *L'Ordine Nuovo*. A abordagem absorve principalmente as condições italianas, mas aprofunda a relação de Gramsci com Rosa Luxemburg e, no terceiro capítulo, Lukács. Na bibliografia é possível encontrar uma gama de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema.

¹⁹Os artigos de Gramsci sobre a Revolução Russa e a Revolução Bolchevique são muitos. Como o objetivo é acompanhar de sobrevoos as reflexões de Gramsci, com intento de demonstrar o cenário internacional e a influência na Itália, no PSI e na construção dos Conselhos de Fábrica, poucos artigos são analisados. Para maior aprofundamento sobre o tema é possível encontrar, no Brasil, a tradução e organização feita por Carlos Nelson Coutinho (2001), *Escritos Políticos*, vol. 01. Recentemente, Daniela Mussi e Álvaro Bianchi (2020) selecionaram, organizaram e traduziram alguns textos de Gramsci, **Odeio os indiferentes: escritos de 1917**.

sobre os acontecimentos russos a nível nacional e internacional, já iniciado com a publicação de *La rivoluzione contra il Capitale*, de 1917 (La Porta, 2017, p.697). Passa a desenvolver as noções de revolução de forma a relacionar a objetividade da análise concreta e as subjetividades da classe operária e do campesinato a fim de compreender que a revolução - um processo -- ocorre por meio da consciência e da organização do proletariado e do campesinato, de forma que a hegemonia nascente da fábrica possa ser construída por meio da centralidade do trabalho e do processo transformador do simples operário em operário qualificado.

No ano de 1917 Gramsci escreveu muitos artigos sobre a revolução e se debruçou em torno da organização socialista. Os debates internos do PSI não eram sua prioridade, por mais que travasse inúmeras batalhas contra o economicismo e reformismo incrustado no organismo socialista. O Partido possuía duas linhas principais, os *massimalistas*, que defendiam o programa máximo, a revolução; e os *minimalistas*, com a defesa do programa mínimo, a ala reformista. Na vida prática e cotidiana, o PSI²⁰ seguia a ala reformista, assim como a CGL, mas, nas ruas, o proletariado se entusiasmava com a revolução e exigia o direcionamento do partido da classe operária. O PSI, no entanto, demonstrava novamente uma crise de direção e a incapacidade de compreensão do cenário de guerra e revolução.

Ao passo que desenvolvia a noção de revolução e refletia sobre o socialismo, a influência do antijacobinismo de Sorel – superada no cárcere -, esteve presente na análise de Gramsci: “a Revolução Russa ignorou o jacobinismo. Ela foi capaz de abater a autocracia, mas não conquistou a maioria com a violência”. Para Gramsci, o jacobinismo é “um fenômeno puramente burguês”, pois destrói a velha ordem impondo uma nova. A Revolução Russa, no entanto, “destruiu o autoritarismo e em seu lugar instituiu o sufrágio universal, estendeu também às mulheres. Substituiu o autoritarismo pela liberdade, a constituição pela voz livre da consciência universal” (Gramsci, 2020, pp.54-55).

A importância de Lenin como líder da revolução encontra-se no escrito *Os massimalistas russos*, em julho de 1917. No texto observa-se a importância e a fundamentalidade do desenvolvimento da consciência e, portanto, o papel de Lenin no processo de ativar e conquistar as consciências enquanto a “a revolução prossegue até sua

²⁰A juventude socialista, muito forte no PSI, estava para lançar o jornal *La città futura*, quando Gramsci publica em *Il grido del popolo* o artigo *La città futura* em que analisa a importância da juventude frente aos acontecimentos de guerra e revolução. Para Gramsci, a ordem do dia, em fevereiro de 1917, era a de renovação interna do proletariado e os jovens socialistas, da Federação Juvenil do Piemonte, exerceriam importante papel na tarefa, pois “os jovens são como a infantaria ligeira do exército proletário, que assalta a velha cidade trêmula para fazer surgir de sua ruína a própria cidade” (Gramsci, 2020, p.20).

realização completa. Estamos longe ainda do tempo no qual será possível um descanso relativo. E a vida é sempre revolução” (Gramsci, 2020, p.62).

Com o desdobramento da revolução, já em novembro de 1917, analisa com as notícias disponíveis que a “revolução continua e continuará” (Gramsci, 2020, p.86), mesmo com a organização e ofensiva das forças reacionárias. Será em *La rivoluzione contra il Capitale*, de dezembro, que a importância do marxismo, fundamentalmente do *Capital*, aparece para Gramsci como uma teoria vivificadora a ponto de os bolcheviques absorverem e desenvolverem “uma vontade social, coletiva” e popular criada pelos anos de guerra (Gramsci, 2020, p.88).

Com a revolução internacional, a fase da guerra de movimento, de revolução em permanência, estabelecia a necessidade de transformação da Guerra Imperialista em guerra revolucionária. A Guerra já havia modificado a forma da luta de classes, o trabalho nas fábricas e as formas organizativas do sindicato. A Revolução Bolchevique iniciaria um processo global de revolução socialista de modo que o movimento operário fosse retirado, por meio do desenvolvimento da consciência, das influências nacionalistas e liberais. Na Itália, para que isso ocorresse, o PSI deveria seguir a estratégia de Lenin de transformação da guerra para construir uma nova hegemonia por meio da aliança operária e camponesa.

Mas, mesmo com o grande impacto político e psicológico da Revolução de Outubro e, por mais que as notícias revolucionárias tenham sido bem recebidas pelo PSI e pela CGL, novamente, a revolução não foi feita e a crise de direção foi escancarada. No ano de 1918, próximo ao final da guerra e já passado meses após a derrota de Caporetto²¹, revoluções proletárias eclodiram em toda a Europa: Finlândia, Bulgária, Alemanha, Áustria-Hungria, e, tardiamente, na Itália.

Com o fim da guerra, em 1918, a crise orgânica europeia sinalizava um forte acirramento. A crise da hegemonia liberal atingiu com força o Estado burguês italiano e a população, atingida pela fome, miséria, baixos salários e desemprego, se rebelava e se organizava espontaneamente. O cenário internacional mostrava que a paz imperialista viria com o alto preço da crise econômica, problemas sociais e políticos, além da defesa da

²¹A Batalha de Caporetto ocorreu entre os dias 24 de outubro e 09 de novembro de 1917, na atual Eslovênia. A frente contra o Reino da Itália foi composta pela Alemanha e pela Áustria-Hungria. Conhecida como a Derrota de Caporetto, foram mais de 11 mil italianos mortos, 20 mil feridos e 275 mil prisioneiros. O artigo *Caporetto e Vittorio Veneto*, publicado no *L'Ordine Nuovo* em 28 de janeiro de 1921, é uma análise de grande importância sobre a organização do Partido Comunista e sobre como o período da cisão pode ser definido como a Caporetto do *massimalismo* italiano. Meses mais tarde, em artigo escrito em 22 de setembro de 1921, Gramsci, em crítica ao PSI, relembra que o Partido deveria ter agido após o desastre de Caporetto, no entanto, falhou com seu dever revolucionário.

revolução por parte de operários e camponeses que insurgiam contra o Estado e suas instituições. Com o desenvolvimento da Revolução Bolchevique mostrava-se possível uma reorganização do aparelho produtivo e a necessidade de ser iniciado um processo de conscientização da classe operária.

É fato que ocorreu esse processo de maturação da classe operária italiana, principalmente na cidade de Torino, de modo que irrompia na vida política e social uma forma mais avançada do proletariado e de sua forma de produzir. Por outro lado, os partidos e sindicatos encaravam o profundo problema de direcionar a classe operária para a revolução socialista, sendo incapazes também de formar consenso. O problema era a crise e a forma que os partidos, sindicatos e o Estado liberal Italiano buscavam uma saída.

Os problemas da guerra não seriam resolvidos com o fim das hostilidades (1918), nem mesmo com a assinatura do Tratado de Versalhes²² (1919), pois a crise orgânica assolava a Europa e definia o contexto de “máxima concentração da atividade econômica nas mãos de poucos (os dirigentes do Estado)”. No entanto, as condições de disciplina militar, de caos e crise política, desenvolveram na Rússia as condições e consequências de “uma até então desconhecida solidariedade humana”, pois grande foi “a revelação da força coletiva existente, tanto mais intenso e tenaz foi o desejo de conservá-la e de construir com base nela uma nova sociedade (Gramsci, 2004, p.205)²³. Para Gramsci, na Itália não poderia ser diferente.

Em 1918, Gramsci compreendeu as questões que envolviam o Estado burguês italiano: a predominância da agricultura patriarcal, o artesanato e as pequenas fábricas, bem como o processo de revolução passiva – ainda não com essa categoria - durante o *Risorgimento* e apontou para uma análise de expectativa em torno da ação política do PSI e sua atuação revolucionária. Seria esse o momento de reconhecer o antagonismo de classe e não entrar na luta pela concorrência do Estado, “nem direta nem indiretamente, sem se suicidar, sem se desnaturar, sem se tornar um puro segmento político, alienado da atividade histórica do proletariado [...]” (Gramsci, 2004, p.168)²⁴.

O cenário de paz e de leis estabelecidas pelo Estado fez com que a luta de classes ocorresse em condições de liberdade democrática burguesa. O dever do PSI e da CGL

²²O Tratado de Versalhes, conhecido por ser o primeiro tratado de paz após a Primeira Guerra Mundial, foi assinado no dia 28 de junho de 1919.

²³*Utopia* foi um artigo de Gramsci publicado no dia 25 de julho de 1918, no jornal *Avanti!*

²⁴A intransigência de classe e a história italiana, foi publicado em *Il grido del popolo*, no dia 18 de maio de 1918.

deveria ser o de se tornarem potências máximas para alcançar a classe operária e sair dos 30 mil filiados. A máxima urgência era a

de sermos fortes, de agruparmos em torno dos números existentes de organização política e econômica todos os cidadãos que estão conosco, que aceitam nosso programa, que votem em nossos candidatos nas eleições, que vão às ruas defender nossas palavras de ordem (Gramsci, 2004, pp.213-214)²⁵.

Os socialistas deveriam aproveitar as condições subjetivas causadas pela guerra e disputar a luta de classes com o objetivo máximo de construir um novo Estado. “O movimento proletário deve absorver esta massa; deve discipliná-la, ajudá-la a se tornar consciente de seus próprios carecimentos materiais e espirituais” (Gramsci, 2004, p.215).

Em Marx e em Gramsci, o modo de produzir é tema central para o desenvolvimento da crítica à economia capitalista e a base fundamental para a construção de uma nova civilidade e sociabilidade. No período em que Gramsci viveu, a resposta para as questões sobre a produtividade, o industrialismo e as relações sociais estavam no fordismo e na cultura do americanismo. Dessa forma, o americanismo passou a ser compreendido de forma mais ampla e não apenas enquanto junção do fordismo e do taylorismo, ou como técnica de trabalho.

A relação proposta por Gramsci, e vivenciada pelos operários qualificados organizados nos Conselhos de Fábrica em Torino, era de encontrar o verso e o reverso do americanismo e do fordismo introduzidos nas fábricas como saída da crise orgânica. Desvendar e dirigir o nexos entre cultura, política e trabalho promoveria uma nova sociabilidade e civilidade forjadas na fábrica, na lógica da produção com desenvolvimento e objetivo socialista, de moral, cultura, política e economia para a construção do Estado operário e desenvolvimento da democracia operária a partir da nova hegemonia nascente da fábrica.

Na análise de Gramsci, trata-se da técnica de trabalho coletivo dos operários e a atuação nos organismos organizacionais forjados na fábrica que se expandem para o campo e para os diversos âmbitos da vida social. O americanismo representava um lugar avançado para o desenvolvimento econômico e social. Em seu verso e reverso, quando controlados pela classe operária, a autodisciplina e a vivência na fábrica auxiliaram na construção de um projeto coletivo revolucionário que resolveria os problemas do país.

²⁵O *dever de sermos fortes*, publicado em 25 de novembro de 1918 no jornal *Avanti!*.

Dessa forma, para Gramsci,

Não é dos grupos sociais 'condenados' pela nova ordem que se pode esperar a reconstrução, mas daqueles que estão criando, por imposição e com o próprio sofrimento, os fundamentos materiais desta nova ordem; eles “devem” encontrar o modo de vida “original” e não americano, a fim de fazer “liberdade” o que é “necessidade” hoje (Gramsci, Q.22 §15 p.2179, 2014).

Resolver a relação Norte-Sul, religião e a influência católica na educação e organização das massas, assim como o imperialismo e a relação da Itália com outros países, eram algumas das tarefas essenciais para a revolução Italiana. A origem é a fábrica e o desenvolvimento é o processo dialético promovido pela organização operária e camponesa nos organismos transformados do proletariado. Mesmo com as terríveis condições determinadas pelo fordismo ou pelo corporativismo fascista, o ponto de chegada é a hegemonia proletária.

Na teoria gramsciana é possível verificar esses elementos em conexão, que já foram muito bem descritos por Baratta (1989, p.39):

Paixão e razão, natureza e história, povo e cultura, senso comum e ciência, indivíduo e coletividade: da síntese dos diversos saberes, nasceria para Gramsci um novo homem “não de marca americana”, um homem multidimensional (Baratta, 1989, p.39).

O projeto político revolucionário de Gramsci tem como força motriz “lançar as bases do processo revolucionário na intimidade da vida produtiva” (Gramsci, 1954, p.207)²⁶, pois compreende a revolução e o desenvolvimento da consciência crítica como processo dialético interrelacionado com a transformação do modo de vida, de forma direcionada para determinado fim, por meio da autodisciplina, da autoeducação, da autogestão e do autogoverno da classe operária.

Tudo isso é muito relevante no plano da biografia humana como no plano da formação intelectual de Gramsci. De fato, sua produção não é um plano linear, pronto e acabado de um intelectual brilhante; é um trabalho que nasce no campo de batalha, no meio de lutas sociais, a partir da experiência direta de uma condição de miséria e marginalização social. Como já se disse inúmeras vezes, entre Gramsci e o grupo subalterno se desenvolveu uma relação orgânica de afinidade, não uma mera relação de representação intelectual, e isso em grande parte se deveu ao pano de fundo social e cultural, ao conhecimento pessoal das injustiças a que eram condenadas as massas de sem-vozes de sua terra (Fresu, 2020, p.23).

²⁶A *Rússia e o mundo*, publicado por Gramsci no jornal *Avanti!*, no número 27 da edição do Piemonte, no dia 27 de janeiro de 1919.

Para tanto, os operários qualificados, comunistas e produtores, são entendidos por Gramsci como a vanguarda da nova cultura e da nova sociabilidade que podem, inclusive - nos anos seguintes -, se unir para fazer frente e derrotar o fascismo, mesmo nas difíceis condições criadas pelo reacionarismo e pelo corporativismo.

2.2 Fábrica: vanguarda espiritual e material da classe operária

A fábrica exerce papel capital na teoria gramsciana, assim como em sua vida política e pessoal. Torino foi o polo industrial que concentrou a vanguarda espiritual e material da classe operária Italiana. Durante 1919 e 1920 representou a possibilidade real de ser o centro da revolução socialista na Itália, atraindo também o interesse dos fascistas²⁷. Gramsci aportou na cidade em 1911 para cursar a Universidade e iniciou um contato cotidiano com os operários e com as fábricas. Sua vivência foi crucial para captar o nexos entre a espontaneidade das massas, a política, a cultura e a economia: os pilares da vida social construídos a partir do processo produtivo.

No decorrer dos primeiros vinte anos do século vinte, as mudanças no mundo do trabalho na sociedade italiana foram muitas. Ultrapassaram a organização da produção e atingiram as questões sociais e culturais na vida dos italianos, de forma tal que as dimensões entre política, cultura, trabalho, economia, espontaneidade e direção se mostraram próximas do cotidiano da classe operária e do campesinato. A Era Giolittiana aprimorou o desenvolvimento industrial e promoveu uma “ética produtivista, para obter consensos afirmando sua contribuição para o progresso econômico-social”, reconhecendo, “dentro de certos limites, que o conflito de interesses é inerente à sociedade industrial” (Musso, 2002, p. 39). No entanto, a estrutura tradicional italiana afetou as relações de trabalho em suas estruturas aristocráticas e tradicionais, na concepção paternalista e patriarcal.

Conforme a mudança no mundo trabalho ocorreu, os capitalistas colocaram-se à frente da política italiana por meio de associações sindicais e econômicas, resultando em

²⁷Em diversos artigos jornalísticos de Benito Mussolini, durante 1920 e 1921, é possível ver o interesse recorrente na cidade de Torino, assim como *L'Ordine Nuovo*, nos conflitos internos do PSI e do PCI. A Petrogrado italiana foi uma das últimas cidades ocupadas pelos fascistas devido à força e resistência dos comunistas, socialistas, anarquistas e operários. No entanto, os confrontos sangrentos foram vários. Em seus artigos, Mussolini mostra-se orgulhoso quando as forças fascistas derrotaram as greves e as organizações operárias, assumindo que não seria possível haver paz, pois o fascismo teria “um dever preciso: não desmobilizar enquanto houver perigo ou ameaça” (Mussolini, 1955, p.42). Ver: MUSSOLINI, B. **Opera omnia di Benito Mussolini XVII: dal primi discorso alla camera alla conferenza di Cannes** (22 giugno 1921-13 gennaio 1922). a cura di Edoardo e Duilio Susmel. Firenze: La Fenice, 1955.

1910 na fundação da *Confederazione Generale dell'Industria Italiana*²⁸. A questão educacional²⁹ também demonstrava ser ponto de interesse da classe dominante da Itália, pois indicava

o canal de acesso às profissões liberais e ao emprego para as camadas da pequena burguesia agrícola e urbana, para a ascensão social dos filhos, ou mais simplesmente, para a preservação de uma posição em ocupações não manuais (Musso, 2002, p. 39).

A formação desigual do Estado nacional italiano fez com que após 1911 o Norte italiano atingisse um desenvolvimento econômico muito significativo, dando origem ao que ficou definido como a segunda fase da industrialização do país, das cidades Italianas e dos Vales Alpinos. Formava-se no triângulo industrial, Milano, Genova e Torino, um numeroso proletariado fabril, classe que seria decisiva e disputada nos anos seguintes para compor o movimento comunista e o movimento fascista. Segundo Musso, “a formação de grandes estratos do proletariado fabril alimentou a fronteira industrial que foi transposta para os campos social e político”, de forma que “surgiram duas novas entidades nas grandes cidades industriais que já dominavam o cenário social e político: os empresários e os operários fabris” (Musso, 2002, p. 38).

Com o surgimento do proletariado moderno no triângulo industrial, a sociedade italiana viu emergir novas transformações no âmbito da vida social. Os grupos capitalistas assumiram o peso do desenvolvimento político, cultural e organizacional do proletariado conforme introduziram nas fábricas as inovações científicas e tecnológicas da Primeira e da Segunda Revolução Industrial. Os novos grupos capitalistas, no entanto, divergiram sobre os projetos econômicos e tecnológicos das classes dominantes que eram tradicionalmente vinculadas à terra (Musso, 2002, p. 38).

Até mesmo o período de industrialização italiana mostrava-se complexo e distinto devido às regiões desiguais do país. No processo do *Risorgimento* (1848-1861), muitos elementos essenciais como a questão meridional, o problema dos intelectuais tradicionais, a Igreja Católica e a educação não foram resolvidos por se tratar de uma revolução passiva -

²⁸A Confederação Geral da Indústria Italiana (Confindustria), atuante até a atualidade, é uma federação de pequenas, médias e grandes empresas. Fundada em 1910, teve como presidente em 1919 Giovanni Battista Pirelli; em 1920 e 1921, o fascista e amigo de Hitler e Mussolini, Ettore Conti.

²⁹Ver o importante debate no texto *Homens ou máquinas?*, de Antonio Gramsci. No Brasil, Gramsci foi muito estudado no campo educacional. Há importantes trabalhos sobre a temática desenvolvidos por Giovanni Semeraro, Deise Rosália Silva, Dermerval Saviani, Anita Helena Schlesener, Marcos Francisco Martins, Paolo Nosella, Edmundo Fernandes Dias, Michelle Fernandes Lima.

revolução restauração - que não transformou radicalmente as estruturas sociais italianas³⁰. Um dos aspectos principais do *Risorgimento* foi “a ausência da massa popular” (Gramsci, Q.8 §36 2014, p.962), além da fórmula política do transformismo molecular de personalidades políticas incorporadas na classe política dominante que “tornara estrutural o atraso econômico e social meridional, aumentando desmesuradamente a exploração e a drenagem de enormes parcelas de sua poupança, reinvestidas no Norte do país” (Fresu, 2020, p.19). Com o passar dos anos, o capitalismo italiano subjugou o campo às cidades industriais e subjugou o centro e o sul da Itália ao norte. Essa questão está relacionada com a territorialidade nacional do país: com duas partes divididas e completamente diversas, o capitalismo passou a exercer sua força, “domínio e exploração” na fábrica e no campo (Gramsci, 1974, p.39)³¹.

O PSI e a CGL deveriam se colocar como líderes da classe operária na organização e luta pela emancipação do trabalho, principalmente quando a entrada da Itália na guerra acelerou o desenvolvimento industrial e tecnológico do país, aumentando e diversificando o proletariado, assim como a criação rápida de muitas empresas. As cidades esforçaram-se para o abastecimento das tropas com munições, armas, uniformes e alimentos, tendo como resultado “um forte impulso para o desenvolvimento dos equipamentos de produção, especialmente para os setores básicos, as indústrias mecânica e química e a produção de eletricidade” (Musso, 2002, p. 40).

Durante a guerra as indústrias italianas passaram por um intenso processo de reestruturação e de reorganização produtiva, que teve consequências também na forma organizativa dos operários e das operárias, com significativo aumento da força de trabalho feminina. De acordo com Dubla (1986, pp.42-43), houve um crescimento da indústria de bens de consumo, da produção para os meios de produção, da indústria siderúrgica, de hidrelétricas, indústrias químicas e expansão mecânica. O desenvolvimento técnico e tecnológico industrial italiano foi possível devido a transição para a fase monopolista de tentativa imperialista.

A guerra promoveu grandes transformações na indústria italiana, assim como aumentou de forma acelerada a composição da classe operária, introduzindo uma massa cada vez mais jovem e feminina.

De acordo com Musto,

³⁰ Para melhor aprofundamento sobre o *Risorgimento* ver: Vincenzo Cuoco; Antonio Gramsci, Q.19.

³¹ *Il Congresso di Livorno*, publicado em *L'Ordine Nuovo*, em 13 de janeiro de 1921, número 03.

A guerra agiu como parteira da grande empresa na Itália. Em 1918, no auge do emprego para a produção bélica, o grupo Fiat atingiu 40.000 trabalhadores; o grupo Ansaldo ultrapassou 100.000, enquanto atingiu dimensões aproximadamente do dobro da Fiat. As fábricas mobilizaram novas camadas de mão de obra. Os movimentos migratórios em direção às cidades foram intensificados, determinando o recrescimento da população urbana e das camadas proletárias dentro dela. O emprego de jovens aumentou, e muitos setores que antes não utilizavam mão de obra feminina abriram as portas para as mulheres (Musso, 2002, p. 40).

As mulheres³² passaram a ser protagonistas do mundo do trabalho, das greves e agitações devido ao agravamento da exploração do trabalho e endurecimento das condições nas fábricas. Muitas questões não foram resolvidas após a guerra e, durante a crise orgânica vivenciada no país, a luta de classes ficou mais acirrada com a influência bolchevique por toda a Europa. As promessas feitas durante a guerra não foram cumpridas, as condições de trabalho continuavam desumanas. No campo, não ocorreu reforma agrária e nem distribuição de terras. Houve um crescimento da pequena propriedade, mas que não atingia os camponeses pobres.

Reempregar os veteranos de guerra também se tornou um problema a ser resolvido. Os diferentes grupos sociais buscavam soluções: fazer com que a mulher retornasse ao lar para as atividades domésticas, para que os ex - combatentes pudessem ocupar seus postos de trabalho se tornou uma opção viável para os capitalistas. No âmbito da direita italiana,

os pedidos nesse sentido eram tão insistentes quanto espúrios: representava apenas uma das armas polêmicas contra a ameaça representada por um mundo operário em movimento (Musso, 2002, p. 41).

No espectro da esquerda, a política internacional contava com grandes lideranças femininas na luta pelo socialismo e pela emancipação do trabalho: Clara Zetkin, Alexandra Kolontai, Inessa Armand, Nadejda Krupskaja, Rosa Luxemburg, Rita Montagnana, Maria Giudice, Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderon Rivera, Angelica Balabanoff e Camilla Ravera são apenas alguns dos nomes de importantes mulheres ligadas aos ideais de emancipação humana. Dessa maneira, a mulher operária e camponesa também se tornou alvo

³²Claramente o objetivo deste trabalho não é desenvolver uma análise sobre o movimento feminista italiano e as questões particulares que envolvem a mulher operária e camponesa. Compreende-se a necessidade de investigação científica sobre tais questões de forma teórica e política. Para tanto, ao ser mencionada classe operária ou operário, operário qualificado, entende-se que se trata de operários e operárias e que a mulher é essencial e necessária para a revolução socialista e resistência ao fascismo.

de disputa nacional e internacional: fosse para incorporação no capitalismo e na fábrica, retorno ao lar e atividades domésticas, ou parte essencial do processo revolucionário socialista, a mulher passou a ser mais uma das forças sociais necessárias de direção política na esfera da produção, da organização do trabalho e da revolução. Certamente que o PSI e a CGL, assim como o PCI em sua fundação e seus Congressos, deveriam olhar para tal questão – o que não foi realmente feito.

Para tanto, a Primeira Guerra Mundial nada mais foi do que uma guerra das grandes nações capitalistas com indústrias avançadas que realizou modificações significativas na organização do trabalho. Com a introdução “de novos sistemas de processamento”, houve as “dificuldades objetivas devido à versatilidade das máquinas utilizadas que alteram as características do profissionalismo dos operários”, pois conduziu à “especialização e setorização”, mas também à resistência dos trabalhadores, às greves e às convulsões sociais (Dubla, 1986, p.44).

A crise orgânica e a crise da hegemonia liberal abriram espaço para diversas organizações e manifestações populares. Nesse ínterim, Gramsci refletiu sobre o desenvolvimento da consciência: socialismo, produção, política, fábrica e cultura. Cultura é “organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: e é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico”. Sendo assim, é necessário que as ações do próprio eu interior estejam conectadas com as ações coletivas que são capazes de desenvolver uma nova sociabilidade humana forjada na própria criação histórica e subjetividade (Gramsci, 2002, p.58)³³.

O desenvolvimento da consciência do operário, da organização da produção e da direção política, assim como a relação entre socialismo e cultura, está organicamente ligado. Para Gramsci, “é através da crítica à civilização capitalista que se forma ou se está formando a consciência unitária do proletariado: e crítica quer dizer cultura, e não evolução espontânea e natural” (Gramsci, 2002, p.60). Em 1916, a Itália observou o rápido desenvolvimento técnico e tecnológico da produção, o que garantiu os insumos e mercadorias necessários para manter os soldados na guerra e, conseqüentemente, acelerou a indústria e as formas de produzir. O operário da fábrica surgia como o novo sujeito político capaz de desenvolver consciência social e política para subverter a ordem e a civilização capitalista.

³³*Socialismo e cultura* (2002, p.56-61), publicado em *Il grido del popolo*, em 29 de janeiro de 1916.

Teoricamente e politicamente, Gramsci notou essa questão, fundamento essencial para seu projeto de resistência ao fascismo e de revolução socialista: a fábrica ser o espaço em que se desenvolve a produção e a consciência política.

É certo que eles não se preocupam com a “humanidade”, com a “espiritualidade” do trabalhador, que, no nível imediato, são esmagadas. Esta “humanidade e espiritualidade” só pode se realizar no mundo da produção e do trabalho, na “criação” produtiva; ela era máxima no artesão, no “demiurgo”, quando a personalidade do trabalhador se refletia inteiramente no objeto criado, quando era ainda muito forte a ligação entre arte e trabalho (Gramsci, Q.22 §11 2014, p.2165).

É possível o surgimento de várias formas de resistência durante esse processo: o autocontrole da produção e a autogestão da fábrica, bem como a autoeducação e a autodisciplina dos operários que podem transformar as relações de trabalho existentes. Nesse sentido, a questão essencial da hegemonia está na produção, assim como o desenvolvimento da consciência para construção de uma nova hegemonia. O fator essencial para essa transformação está na necessidade do equilíbrio psicofísico que

só pode ser puramente externo e mecânico, mas poderá se tornar interno se for proposto pelo próprio trabalhador e não imposto de fora, por uma nova forma de sociedade, com meios apropriados e originais (Gramsci, Q.22 §11 2014, p.2166).

A atividade intelectual criadora é forjada nesse processo de produção e autoeducação das massas com os meios e técnicas utilizados pelo capitalismo, mas com controle operário, pois são os homens que produzem as coisas. Esse processo, do americanismo e fordismo reverso – contraditório -, tem como pressuposto o desenvolvimento do operário para sua mais completa liberdade³⁴ e não a mumificação e a alienação durante o processo de trabalho. Para Gramsci, seria possível, portanto, a organização nos mais diversos organismos de cultura e política das fábricas, dos bairros, dos campos, das escolas.

É certo que a sociedade italiana se modificou em meio à crise orgânica que a guerra causou. Os operários e operárias que não estavam no *front* viveram a reorganização da produção e do trabalho para o aumento da produtividade, das horas de trabalho e das formas

³⁴“Mecanizou-se completamente apenas o gesto físico; a memória do ofício, reduzido a gestos simples repetidos com ritmos intensos, “aninhou-se” nos feixes musculares e nervosos e deixou o cérebro livre e desimpedido para outras ocupações. Do mesmo modo como caminhamos sem necessidade de refletir sobre todos os movimentos necessários para mover sincronizadamente todas as partes do corpo, de acordo com aquele determinado modo que é necessário para caminhar, assim também ocorreu e continuará a ocorrer na indústria com relação aos gestos fundamentais do ofício; caminhamos automaticamente e, ao mesmo tempo, podemos pensar em tudo o que quisermos” (Gramsci, Q.22 §12 2014, pp.2170-2171).

de exploração do trabalho. Economicamente, os bancos continuaram a exercer importante papel para a estrutura italiana e as relações entre bancos e indústrias ficaram mais fortificadas, sendo que a composição da classe também se modificou.

O hiato entre Norte e Sul aumentou ainda mais com o avanço tecnológico da indústria italiana e com o financiamento dos bancos, assim como pela industrialização forçada e encabeçada pelo Estado, além de demonstrar que o quadro social italiano não era homogêneo. A separação entre a cidade e campo, problema histórico da questão agrária na Itália³⁵ e de países do ponto de vista capitalista atrasados (Rússia, França, Espanha), não resolveu as “formas econômicas nitidamente feudais, bem como a mentalidade que lhes corresponde”. Para Gramsci, a mentalidade do camponês Italiano “continuou a ser a do servo da gleba, que se revolta violentamente contra os “senhores” em determinadas ocasiões, mas é incapaz de conceber a si mesmo como membro de uma coletividade” e de desenvolver “uma ação sistemática e permanente no sentido de modificar as relações econômicas e políticas da convivência social” (Gramsci, 1954, p.23)³⁶.

Segundo Gramsci, compreender o período de 1914-1918 está relacionado com o entendimento dos fenômenos sociais e políticos produzidos pela Guerra, assim como as consequências psicológicas. Antes, o campesinato “possuía uma psicologia que escapava de qualquer controle”, em que “os sentimentos reais permaneciam ocultos, envolvidos e confundidos num sistema de defesa contra as explorações” (Gramsci, 1954, p.23). No campo,

a luta de classes se confundia com o banditismo, com a vingança, com o incêndio dos bosques, com o morticínio do gado, com o rapto de mulheres e crianças, com o assalto à prefeitura: era uma forma de terrorismo elemental, sem consequências estáveis e eficazes. Objetivamente, portanto, a psicologia do camponês se reduzia a uma pequeníssima soma de sentimentos primitivos dependentes das condições sociais criadas pelo Estado democrático-parlamentar (...) (Gramsci, 1954, p.23)

³⁵A questão agrária é um problema de grande importância nas reflexões de Gramsci. O meridionalista foi parte de inúmeras batalhas de ideais sobre a temática, além de importante disputa teórica com Amadeo Bordiga e com o PSI sobre a questão. Para Gramsci, “a instauração da ditadura industrial-agrária coloca em termos reais o problema da revolução, determinando seus fatores históricos. Surge no Norte um proletariado industrial e agrícola, enquanto no Sul a população agrícola, submetida a um sistema de exploração “colonial”, mantém: e sujeita a uma opressão política cada vez mais forte. Os termos da “questão meridional” aparecem de maneira clara nesse período. E, espontaneamente, sem a intervenção de um fator consciente, e sem que o Partido Socialista deduza deste fato uma indicação para sua estratégia de partido da classe operária, verifica-se no período, pela primeira vez, a coincidência das tentativas insurrecionais do proletariado setentrional, com a revolta de camponeses meridionais (fascios sicilianos)” (Gramsci, 1971, pp.493-494). Para aprofundar sobre a questão: FRESU, Gianni. **Antonio Gramsci, o homem filósofo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

³⁶*Operai e contadini* (1954, p.22-31), publicado em 13 de setembro de 1919, número 18.

Sem nenhuma ação eficaz contra o latifundiário e o Estado, o camponês se defendia “corporalmente dos perigos da natureza elementar, dos abusos e da barbárie cruel dos proprietários e dos funcionários públicos”. Sem compreender o Estado, a organização e a disciplina, segundo Gramsci, eram incapazes de propor um “objetivo geral de ação e de persegui-lo com perseverança e luta sistemática”. Conforme o Estado assumiu as “tarefas de regulamentação da produção e da distribuição dos bens materiais”, os meios de produção ficaram mais concentrados e houve “um nivelamento das condições de exploração das massas proletárias e semiproletárias, que tiveram efeitos revolucionários” (Gramsci, 1954, p.21).

Na Rússia, a guerra produziu o que o industrialismo não foi capaz de fazer: “os quatro anos de trincheira e de exploração sangrenta mudaram radicalmente a psicologia dos camponeses” (Gramsci, 1954, p.24), uma das condições essenciais para a revolução, que também seria possível em países atrasados do ponto de vista capitalista, como a Itália e a Alemanha. De acordo com Gramsci,

Para a Rússia, a guerra significou a entrada em contato de indivíduos antes dispersos ao longo de um vastíssimo território, significou uma concentração humana que durou ininterruptamente anos e anos de sofrimento, com o perigo sempre imediato da morte, sob uma disciplina igual para todos e igualmente feroz: os efeitos psicológicos dessa permanência de condições similares de vida coletiva por tanto tempo foram imensos e geraram muitas consequências imprevistas. Os instintos individuais egoístas se atenuaram, modelou-se um espírito unitário, os sentimentos se identificaram, formou-se um hábito de disciplina social: os camponeses conceberam o Estado em sua complexa grandiosidade (...) Estabeleceram-se vínculos de solidariedade que, de outro modo, somente teriam sido suscitados por dezenas e dezenas de anos de experiência histórica e de lutas intermitentes. Em quatro anos, na lama e no sangue das trincheiras, surgiu um mundo espiritual ávido por se afirmar em formas e instituições sociais permanentes e dinâmicas (Gramsci, 1954, p.24).

A semelhança das condições históricas da Itália com a Rússia, auxiliaram Gramsci na tradutibilidade da situação russa para a Itália, de forma que o fez compreender a importância e necessidade da aliança operário-camponesa: “ela ocorrerá na prática do Estado socialista e se fundará na nova psicologia criada pela vida comum nas trincheiras” (Gramsci, 1954, p.25). Para isso, era necessário um processo de industrialização no campo, além de uma transformação da agricultura italiana para saída da crise e desenvolvimento da revolução socialista³⁷.

³⁷A relação entre Sul e Norte não foi resolvida no pós-guerra e esteve presente nas mais diversas formas de cultura e programas políticos do século XX. A temática cidade-campo colocada também pelo fascismo teve

Gramsci enxergava o camponês como a espinha dorsal da revolução e, junto com a classe operária, formaria “as duas energias da revolução proletária”. A concepção teórica gramsciana é de necessidade do comunismo para o camponês enquanto liberdade máxima, sistema em que se pode “adquirir uma personalidade, uma dignidade, uma cultura, por meio do qual se tornarão espírito criador de progresso e de beleza” (Gramsci, 1954, p.25). É necessário observar que as condições da economia capitalista e da organização da produção e do operário foram modificadas durante e após a guerra e Gramsci consegue captar essas modificações e inseri-las em seu projeto revolucionário.

Para o sardo,

A revolução comunista é, essencialmente, um problema de organização e de disciplina. Dadas as condições reais objetivas da sociedade italiana, serão protagonistas da revolução as cidades industriais, com suas massas compactas e homogêneas de operários fabris. [...] Contudo, somente com as forças dos operários fabris a revolução não poderá se afirmar de modo estável e generalizado: é preciso articular a cidade com o campo, criar no campo instituições de camponeses pobres sobre as quais o Estado socialista possa se fundar e se desenvolver, através das quais o Estado socialista possa promover a introdução das máquinas e determinar o grandioso processo de transformação da economia agrária (Gramsci, 1954, p.26).

Em 1917, um dos anos mais importantes da história da humanidade, a Itália foi palco de inúmeras manifestações e greves. O movimento sindical passou por uma crescente, assim como o PSI. Em 1914, o Partido contava com 58.000 filiados e em 1920 o número subiu para 216.000. A CGL contava com 600.000 adeptos em maio de 1919 e esse número subiu para 2.150.000, no ano de 1920 (Musso, 2002, p.140).

As formas históricas de organização do proletariado italiano eram compostas pela CGL e pelo Partido Socialista Italiano:

- Organizações do movimento dos operários industriais e dos operários agrícolas, ambos concentrados na CGL;
- O movimento dos trabalhadores industrialmente atrasados que, segundo Gramsci, eram indisciplinados e se concentravam no campo da fraseologia revolucionária, sem ação concreta eficaz (Gramsci, 2022, pp.118-119);

como objetivo criar no Norte um bloco urbano que fosse a base da indústria setentrional, além de repressão aos movimentos de massa e o aumento de empregos públicos. Nos *Cadernos* continuou presente a concepção de 1919, de necessidade de aliança operário-camponesa, para frear o desenvolvimento do fascismo e para construção da revolução socialista (Gramsci, 2014, Q.01 §43 2014, p.35).

- O Sindicato dos Ferroviários que compunham a “massa amorfa de operários industriais de vanguarda, de empregados pequeno-burgueses”, de técnicos de diversas áreas, além de operários assalariados e do pequeno camponês (Gramsci, 2022, pp.118-119);
- Os sindicatos católicos dos camponeses possuíam trabalhadores da terra que incluíam nos sindicatos questões religiosas (Gramsci, 2022, pp.118-119);
- As ligas de camponeses e as Câmaras de Trabalho se espalhavam por toda a Itália, principalmente na Itália Meridional e nas ilhas, sem direção concreta (Gramsci, 2022, pp.118-119);
- As ligas proletárias dos mutilados e dos veteranos de guerras, que eram associações livres de veteranos e de ex-combatentes. De acordo com Gramsci, esses representavam “a primeira tentativa grandiosa de organizar as massas camponesas” (Gramsci, 2022, pp.118-119).

O caos social gerou uma rápida mudança no ambiente “econômico e espiritual” com o crescimento industrial, a vida disciplinada nas fábricas e nas trincheiras. Mas, o avanço da mão-de-obra e a violência nas relações entre burguesia e proletariado “revelou-se de modo não menos espetacular” no Estado burguês e em seus aparelhos de hegemonia. Conforme o socialismo revolucionário se desenvolvia, a violação das liberdades ocorria por meio dos diversos apêndices do Estado: as delegacias, os carabineiros, carcereiros, o ordenamento jurídico e o “Parlamento eletivo que, com sua imensa covardia, permite que sejam violadas as liberdades mais elementares” (Gramsci, 2004, p.215)³⁸.

A crise orgânica europeia no pós-guerra particularizou o estilhaçamento do aparelho hegemônico de forma que “o exercício da hegemonia” se tornou “permanentemente difícil e aleatório”, o que gerou uma crise da hegemonia liberal na Itália (Gramsci, Q.01 §48 2014, p.58). A complexidade da crise da hegemonia, em constante relação com a “crise de comando e de direção na qual o consenso espontâneo sofre uma crise” (Gramsci, Q.4 §48 2014, p.476), focalizou os partidos e os representantes políticos, pois concomitantemente ocorreu uma crise de direção intrinsecamente ligada com a representatividade e com a forma organizativa das classes. O cenário foi marcado pelo declínio de Giolitti, do partido liberal e pela ascensão do PSI.

³⁸O *dever de sermos fortes* (2004, pp.211-216), publicado em *Il grido del popolo*, 31 de agosto de 1918.

No entanto, a crise da hegemonia demonstrou a incapacidade de os partidos tradicionais liberais, e mesmo o PSI, representar as massas. Para Gramsci, “a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político para o qual pediu ou impôs pela força o consenso das grandes massas (como a guerra)”. A participação de intelectuais e de camponeses, que “passaram da passividade política para certa atividade”, incrustou no país as condições da crise de hegemonia liberal (Gramsci, Q. 13 §23 2014, p.1.603). O cenário de crise orgânica colocou os grupos políticos (principalmente comunistas e fascistas) na esfera da guerra de movimento, a qual tratou de conquistar posições que não eram decisivas para a hegemonia, mas importantes para a organização e criação de consenso das massas (Ciccarelli, 2017, p.358).

Em consequência, a burguesia procurou outras soluções no quadro parlamentar e tentou montar coalizões, mas todas as tentativas fracassaram. A crise da hegemonia liberal se mostrava como “a crise mais delicada e perigosa, porque abre espaço aos homens providenciais ou carismáticos” (Gramsci, Q.4 §69 2014, p.513) ao mesmo tempo em que o movimento operário se fortalecia e disputava o poder e o controle do Estado.

Mas, nessa consequência lógica teorizada por Gramsci, o espaço aberto para homens providenciais ou carismáticos assinalava Mussolini como um possível condutor da revolução passiva que reconstruiria o bloco histórico burguês Italiano. Em 1919 havia se tornado um propagandista da disciplina da guerra com discurso voltado ao heroísmo dos jovens combatentes. Organizava-se em torno de pequenos burgueses e jovens revoltados, primeiramente no ambiente industrial e posteriormente com os filhos dos pequenos proprietários de terras. Seu caráter demagógico e ressentido alcançaria resultado com a fundação dos *Fasci di combattimento*, em 23 março de 1919.

Sendo assim, a crise orgânica na Itália determinava duas possíveis soluções: a revolução socialista jacobina ou uma revolução passiva, liderada pelos fascistas, com o objetivo de reestruturação do bloco histórico burguês, mesmo que o discurso fosse o de um novo Estado. O projeto de reestruturar a hegemonia burguesa e construir uma sociedade organizada, independentemente se fosse por meio de uma ditadura do capital internacional ludibriada pelo discurso nacionalista, fez com que personalidades demagógicas e carismáticas chefiassem dois dos processos de revoluções passivas na Europa. Na Alemanha com a figura de Adolf Hitler (1889-1945) e na Itália com o ressentido Benito Mussolini (1883-1945).

2.3 Fascismo: contorno da crise orgânica e restauração burguesa

O advento do fascismo está intimamente ligado à Guerra Imperialista e as consequências da crise orgânica e da crise da hegemonia liberal, não apenas devido ao caráter e linguagem militar, mas enquanto origem. A crise da hegemonia liberal ocorreu na Itália durante o processo revolucionário internacional e criou possíveis caminhos de solução: o fascismo e a revolução socialista. No entanto, o movimento fascista foi, em suma, compreendido como ofensiva burguesa devido à sua origem durante a crise europeia, desde seu início até 1923, com análises diferentes por parte dos importantes quadros políticos do PSI e do PCI. O fascismo percorreu a trajetória de movimento (1919), partido (1921), governo (1922) e ditadura (1926). Durante o percurso modificou as pautas e as formas de ação política. Conforme o movimento se desenvolvia, muitos militantes e teóricos, com análises e fundamentações ideológicas distintas, se debruçaram sobre esse fenômeno que serviu de exemplo e influência para outros países.

A data histórica de fundação do movimento é o dia 23 de março do ano 1919, o qual não seria considerado um marco de retrocesso, de início da violência, de incêndios em sedes de jornais, sindicatos, bibliotecas e partidos, de assassinatos, espancamentos e dos futuros anos sombrios que assolaram a Itália, se a pequena burguesia e a burguesia não notassem o fascismo como aliado potencial no massacre contra o movimento operário e na reestruturação da hegemonia burguesa. A coalizão da burguesia com o fascismo foi possível apenas após 1921, quando Mussolini fundou o *Partito Nazionale Fascista* (PNF) e os ataques à classe operária e ao campesinato foram travados nas casamatas do Estado burguês, na guerra de posição. No entanto, durante o *biennio nero*, a pequena burguesia, base social do fascismo, e o Estado italiano permitiram que o movimento reacionário tomasse as ruas violentamente, sendo parte politicamente da guerra de movimento.

É dessa maneira que o dia 23 de março foi o marco da ofensiva burguesa como saída da crise orgânica e da crise da hegemonia liberal que assolou a Itália. A classe dominante encontrou no fascismo uma forma de articulação violenta de milícias para auxiliar no processo de combate às forças sociais (progressivas) que se organizavam com finalidade revolucionária. Na praça San Sepolcro, em Milano, com pouco menos de duzentos jovens e sobreviventes da guerra, glorificados e financiados pela pequena burguesia, Mussolini fundou seu movimento anticlerical, antiplutocrático e antimonárquico.

Dei o nome de Fasci Italiani di combattimento à organização. Esse duro nome metálico traduziu todo o programa do fascismo conforme o sonhei. Companheiros, este ainda é o nosso programa: luta (Mussolini, 2019, p.43).

As palavras de Mussolini, já na consolidada ditadura fascista, trazem o âmago do fascismo: luta e ação, dois elementos essenciais e apreendidos durante a guerra que serviram de base para o interesse da pequena burguesia e da burguesia Italiana, tanto na destruição do movimento operário, quanto na reestruturação do bloco histórico burguês e da hegemonia burguesa. Afinal, o fascismo tornou-se a revolução passiva a partir de 1921 que conduziu o Estado italiano ao avanço do capitalismo na fase imperialista.

Aos olhos do PSI, possivelmente pelo fracasso numérico de fundação dos *fasci*, o movimento não passaria de palavras soltas de mais uma fase da ofensiva burguesa e não indicava a possibilidade de uma ditadura. O caminho utilizado pela ala reformista do partido, e pelo jornal *Avanti!*, era o da fraseologia socialista e da propaganda da revolução, mas não o direcionamento da classe operária. Os militantes da fração comunista do PSI enxergavam a incapacidade de ação revolucionária do partido, suas limitações no direcionamento e na formação de consenso. Por outro lado, a crise demonstrava a fragilidade do Estado burguês e do Parlamento. A capacidade de reestruturação da classe dominante encontrava solução no trajeto à extrema direita, com o movimento de Benito Mussolini, apoiado e financiado pelo capital externo e pelos mais diversos estratos sociais do país. A revolução passiva colocou a Itália em uma possível guinada para a ditadura, o que ocorreu em 1926³⁹.

No ano de 1919, a organização dos *Fasci di combattimento* e o surgimento dos Conselhos de Fábrica foram as primeiras respostas à crise que se amplificou durante a guerra de movimento. O PSI já havia decidido pela adesão à Internacional Comunista, mas a cisão se mostrava como o melhor caminho de ruptura com os reformistas para a realização da revolução, pois a fração *massimalista* aderiu ao programa máximo apenas na fraseologia e não na tática política, a qual continuou alinhada ao reformismo. A disputa por hegemonia e consenso tomou conta do cenário italiano e o semanário *L'Ordine Nuovo*⁴⁰, porta voz da

³⁹Não há nenhum objetivo neste trabalho em realizar uma análise historiográfica sobre o fascismo ou de suas lideranças políticas, pois o prisma analítico e metodológico é realizado a partir da ótica de Gramsci em diálogo com alguns de seus interlocutores principais. Dessa forma, a figura de Mussolini e seus textos são mencionados lateralmente com o intuito de avançar no debate teórico sobre o fascismo como revolução passiva - solução encontrada pela burguesia e pequena burguesia para reestruturar o bloco histórico burguês e o Estado, bem como avançar para o imperialismo -.

⁴⁰Na bibliografia há indicações precisas para aprofundamento sobre o fascismo, Benito Mussolini e as outras lideranças. Além dos fundadores, a revista contava com apoio de estudantes, pesquisadores, professores e operários. Destaco a importante passagem de Paolo Spriano: “Basta mencionar, para o grupo intelectual que mais assiduamente participa da vida da revista, Attilio Carena, Pietro Borghi, Andrea Viglono, Felice Plato,

cultura socialista e dos Conselhos de Fábrica, fundado em 1º de maio de 1919 por Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti, Umberto Terracini e Angelo Tasca se colocou na conjuntura nacional como uma vertente da cisão.

No segundo número de *L'Ordine Nuovo*, em 15 de maio de 1919, a coluna *Vita Politica Internazionale* publica com a assinatura de A.G. o texto *La controrivoluzione* em que compreende os acontecimentos do ano – possivelmente a fundação dos *Fasci* e a violência nas ruas - como reflexo de uma coalização contra as revoluções, algo próprio da reação capitalista (A.G., 1919, p.13)⁴¹. Claramente o objetivo das classes sociais era o de uma saída da crise e, de alguns socialistas, a revolução. Como a conjuntura revolucionária demonstrava a possibilidade do socialismo, não foi circunstancial que a pequena burguesia e a burguesia acabassem se tornando a base social do fascismo, pois o movimento, mesmo confuso em sua fundação, trazia consigo a violência das milícias, elemento essencial para o desmantelamento da classe operária e dos partidos ligados à democracia burguesa. A pequena burguesia, conforme se utilizou da ação violenta dos *Fasci* se mostrou “definitivamente sua verdadeira natureza de serva do capitalismo e da propriedade da terra e de agente da contrarrevolução” (Gramsci, 1974, p.12)⁴².

Quando no já distante mês de março de 1919, por meio do Il Popolo d'Italia, convoquei a Milano os intervencionistas sobreviventes que me haviam seguido desde a fundação dos Fasci de ação revolucionária em janeiro de 1915, eu não tinha em mente um programa doutrinário específico. [...] Minha doutrina ao longo daquele período havia sido a doutrina da ação (Mussolini, 2019, p.22)⁴³.

O discurso da violência fascista teve como resultado o caos sangrento instaurado na vida social italiana. A pequena burguesia, sem ideologia e sem projeto político próprio, se

Mario Stragiotti, Piero Sraffa, Arturo Iacchia, e, para os operários militantes, Antonio Oberti, Paolo Robotti, Vincenzo Branco, Giovanni Casale, Teresa Noce, Rita Montagnana, Battista Santhià, Leopoldo Cavallo, Enea Matta, Giuseppe Pianezza, Umberto Massola, Arturo Bendini, Mario Bavassano, Giorgio Carretto, Carlo Chiappo, Luigi Grassi e os muito jovens Luigi Capriolo e Celeste Negarville. Entre as mulheres que se tornarão militantes comunistas, além daqueles já mencionadas, devemos lembrar Teresa Recchia, Rina Piccolato, Felicita Ferrero; e Camilla Ravera, uma jovem, vem se destacando desde então, professora nativa de Acqui, que se tornará a imagem feminina mais preparada e mais capaz que o Partido Comunista terá” (Spriano, 1967, p.59).

⁴¹Publicado em *L'Ordine Nuovo: rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.02, 15 de maggio, 1919*.

⁴²*Il popolo delle scimmie* (Gramsci, 1974, pp.09-12), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 02 de janeiro de 1921, n.2.

⁴³Em 23 de março de 1932, em comemoração ao aniversário dos *fasci di combattimento*, Mussolini publica o artigo *Per il XIII Anniversario dei fasci no Foglio d'Ordini*. O artigo, em tom de discurso, descreve a data de fundação dos camisas negras como uma ação gloriosa em um momento em que o país passava por situações difíceis. Os camisas negras, segundo Mussolini (1934, p.37), juraram e escolheram a palavra combate como lema e insígnia.

agarrou ao movimento liderado por Mussolini e não mediu ataques para desmobilizar as forças sociais progressivas do país. O fascismo se formava por alguns dos combatentes de guerra, trabalhadores precários das cidades que chegavam do campo e pela pequena burguesia: “eram majoritariamente jovens fascinados pelo mito dos *Arditi*⁴⁴ de guerra, do irracionalismo filosófico e do nacionalismo interventista” (Fresu, 2017, p.47).

Surgia, portanto, como “a última representação oferecida pela pequena burguesia urbana no teatro da vida política nacional”. Para Gramsci, o processo de ruína da pequena burguesia italiana teve ‘início no último decênio do século passado’ e se “especializou no *cretinismo parlamentar*”, perdendo sua importância no campo da produção devido ao desenvolvimento da grande indústria e do capital financeiro, mesmo que ao lado de Giolitti ou do reformismo socialista (Gramsci, 1974, p.09).

Em 1919, as narrativas do movimento de Benito Mussolini não estavam tão claras, mas se proliferavam em toda a Itália. O movimento se colocava como antipartidário e possuía como bandeira um tipo de recusa da velha ordem, sem linha teórica definida, pois, segundo Mussolini, “o fascismo não era sustentado pela necessidade de uma doutrina desenvolvida anteriormente”. Ao colocar-se “contra todas as utopias e as inovações jacobinas” (Mussolini, 1934, pp.70-75), o movimento dos *fasci* servia ao interesse das classes que o sustentava e “talvez não seja sem sentido que nos primeiros anos de seu desenvolvimento, o fascismo reivindicou reestabelecer a tradição da velha direita histórica” (Gramsci, Q. 10, §09, p.1.228, 2014).

Para muitos dos combatentes antifascistas do PSI, o movimento de Mussolini se colocava como reação da burguesia contra a revolução proletária no interior do movimento turinense e a luta deveria ocorrer contra a burguesia. O quadro político do Partido Socialista contava com Gramsci, Turati, Buozzi, Terracini, Tasca, Togliatti, Amadeo Bordiga, Serrati, entre outros militantes ativos e importantes. Contudo, a análise da realidade concreta, do surgimento de um movimento da pequena burguesia liderado por um ex socialista expulso do Partido, que usava da violência para incorporar consenso nas massas e dismantlar o movimento operário, não teve a devida atenção - fato que prejudicou a luta antifascista em seu primeiro ano e nos seguintes.

⁴⁴Sobre os *Arditi* e *Arditi del Popolo* ver GALASTRI, L. Materialismo histórico, Gramsci e violência política. In: **Leituras gramscianas: história, política e classes sociais**. Marília: Lutas Anticapital, 2022. Em Gramsci, A. **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974. há artigos jornalísticos sobre a temática.

A revolução socialista⁴⁵ já havia chegado na Hungria e na Alemanha, demonstrando a força da Internacional Comunista, o novo partido da revolução internacionalista. É claro que a importância da revolução fez com que os fascistas e as forças restauradoras da ordem burguesa passassem a se organizar com a finalidade de frear o proletariado e o campesinato. O movimento de Mussolini, cada vez mais popular e diverso em sua composição, agia como braço armado do Estado e deslanchou quando encontrou o proletariado derrotado após o fracasso dos Conselhos de Fábrica.

O movimento fascista conseguiu articular a ação violenta e o começo da coalização de um bloco de poder orgânico que se tornaria, em 1926, a reestruturação do bloco histórico de poder burguês, além da aglomeração da milícia fascista, braço armado e paramilitar do Estado que combatia as ações das massas. Tanto urbana, quanto industrial, a vida social italiana estava em conflito e a crise econômica no país se mostrou gravíssima. A disputa na guerra de movimento abriu espaço para a violência das esquadras de Mussolini contra as ações e os lugares de luta do movimento operário. Decerto que a violência teve momentos de contenção quando o fascismo já se encontrava entrincheirado no Parlamento e no Estado burguês, mas devido a capacidade de articulação e liderança de Mussolini.

As relações de força no país tendiam para as duas principais vertentes e chamava atenção, ainda não claramente, para as soluções: a revolução passiva, revolução-restauração, ou a revolução socialista. No entanto, nem mesmo o Partido Socialista Italiano, seus militantes e importantes quadros políticos, ou a CGL, percebiam o perigo iminente do fascismo, movimento que ainda se colocava como a recusa da ordem política liberal e parlamentar (mesmo disputando as eleições de novembro de 1919), mas também contra a esquerda socialista.

As greves de junho e julho de 1919, em solidariedade a Rússia e a Hungria soviética, instauraram o caos político na Itália e a crise política se agravou. A solução do PSI e da CGL era a realização de acordos com o patronato para regularizar melhores condições trabalhistas e salariais. As greves, sem o direcionamento necessário dos organismos do movimento

⁴⁵A Revolução de Outubro de 1917 foi o acontecimento mais importante da história da humanidade, pois demonstrou a capacidade de destruição do velho e a construção de uma nova sociedade. O proletariado internacional e o campesinato passaram a se organizar e a ter esperança de que sua vontade coletiva organizada fosse capaz de elaborar uma nova civilização. A Alemanha (1918-1919) e a Hungria (1919) são dois dos países em que as forças revolucionárias atuaram organizadamente para criação de uma nova hegemonia. No entanto, também é importante lembrar que em setembro de 1919 Gabriele D'Annunzio tomou Fiume. No mesmo ano, Adolf Hitler se filiou ao Partido Alemão dos Trabalhadores (*Deutsche Arbeiterpartei*), um partido antissemita, anticomunista e anticapitalista que foi precursor do Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*).

operário, demonstravam que parte da classe operária italiana não mais se reconhecia no PSI e na CGL. O movimento dos Conselhos de Fábrica apareceria, portanto, como uma expressão da classe operária mais organizada e consciente: uma derrota para as bases do movimento sindical e do PSI. A solução comunista se mostrava mais evidente: a revolução socialista partiria do Norte industrial e tomaria todo o País por meio da expansão dos Conselhos e da aliança operário-camponesa.

As publicações do *L'Ordine Nuovo* durante o ano de 1919 apontavam justamente para os acontecimentos a nível nacional e internacional de uma revolução em curso. Mas, não voltava atenção necessária para o movimento fascista, pois, segundo a análise dos *Ordinovistas*, a revolução estava na ordem do dia. Os jovens fundadores do semanário não estavam completamente equivocados. As experiências das greves e das tentativas revolucionárias que seguiam o exemplo russo mostravam a possibilidade de uma nova sociedade, por mais que as forças opostas tentassem, pela violência política e acordos com o PSI e a CGL, barrar a classe operária e promover a rearticulação do Estado e do poder burguês.

O XVI Congresso Nacional do Partido Socialista Italiano estava marcado para ocorrer entre os dias 06 e 10 de outubro de 1919, em Bolonha. *L'Ordine Nuovo* passou a noticiar os acontecimentos nacionais e as concepções a serem disputadas durante o encontro. O movimento operário e suas lideranças, membros do PSI, da CGL e dos Conselhos de Fábrica, passaram a contribuir ativamente na revista: “contribuições doutrinárias, propostas práticas e, traduzidos da imprensa operária russa, francesa, inglesa, documentos e testemunhos sobre a vida de fábrica e dos conselhos operários”, assim como “textos de Arthur Ransome, Bukharin, Bela Kun, Jules Humbert-Droz” (Fiori, 1979, pp.154-155).

Entre as publicações e debates pré-congressuais, ocorreu a publicação do texto *Il programma della frazione comunista*. O artigo é precisamente fundamentado no Manifesto Comunista e traz como fator principal a guerra como a crise definitiva da burguesia, a qual abriu espaço para a luta aberta, para a “derrubada violenta do domínio da burguesia e a organização do proletariado em classe dominante”. A visão de Partido exposta no documento concebe a importância de estabelecer relações de ordenamento e coordenação em relação ao sindicato e a luta política, assim como a necessidade de construção de um Estado de Conselhos e de armamento do proletariado. O programa da Fração Comunista propunha que os Conselhos de Fábrica estivessem relacionados com a forma de produção durante a transição. Uma mudança na forma privada para a forma comunista de se produzir estava

além da esfera da fábrica e necessária para a socialização do capital financeiro entre os operários e a eliminação da dívida do Estado italiano, assim como a socialização das casas, transportes, grandes propriedades agrícolas e industriais para atingir a finalidade de desaparecimento da exploração (Não assinado, 1919, p.80⁴⁶).

Na publicação de 30 de agosto, *Il Programma massimalista*⁴⁷, os *Ordinovistas* se posicionaram como aderentes do programa da Fração *Massimalista* conforme a formulação feita por Serrati e Gennari. No artigo analisam que a situação na Itália “é profundamente revolucionária, na medida em que o equilíbrio da burguesia se esforça por preservar no quadro de suas próprias instituições”, por mais que estas já estivessem comprometidas com a crise da hegemonia. Ao entenderem que “só pode resultar em uma mudança de regime”, compreendem a necessidade de empreender um caráter comunista na organização da vida nacional. Nesse sentido, a propaganda e a educação comunista nas massas seriam formas de “iluminar as consciências” para que durante o “caos inevitável da crise de transição do regime” pudesse “determinar as aspirações, o descontentamento, a vontade” para a “reconstrução comunista” (Não assinado, 1919, p.119).

Em 04 de outubro de 1919, Angelo Tasca publicou *I problemi della ricostruzione*. O artigo aborda a importância dos jovens, o Parlamento e o *Soviet*, bem como a organização do trabalho. No que diz respeito aos jovens, observa como todas as forças sociais italianas invocam a juventude para um despertar de forças após “milhões terem sido sacrificados na guerra”. A obrigação dos socialistas, segundo o autor, seria a de unir a juventude para combater o capitalismo e formar um novo modo de produção (Tasca, 1919, p.153⁴⁸).

Sobre a conjuntura, Tasca compreendia que “antes da guerra, a política tinha apenas relações vagas com a inteligência, que se restabeleceu”. No entanto, houve “uma espécie de misticismo cego e confuso, dominado por crenças que se conectavam ou colidiam em rancores, ambições”, fato que promoveu uma combinação para a “ascensão e queda de governos”. Para Tasca, “a intriga prevaleceu e se instalou de maneira que nossa vida pública foi perturbada em todas as suas formas e sem trégua por uma espécie de delírio”, além de

⁴⁶Il *programma della frazione comunista* foi publicado, não assinado, em *L'Ordine Nuovo: rassegna settimanale di cultura socialista*. Anno 01, N.11, 26 luglio del 1919. No período, os militantes do PSI estavam se preparando para o XVI Congresso Nacional do Partido Socialista Italiano, a ser realizado em Bolonha, entre os dias 06 a 10 de outubro de 1919.

⁴⁷Publicado no *L'Ordine Nuovo: rassegna settimanale di cultura socialista*. Anno 01, N.16, 30 agosto del 1919.

⁴⁸Publicado no *L'Ordine Nuovo: rassegna settimanale di cultura socialista*. Anno 01, N.20, 04 ottobre del 1919.

“um fanatismo vulgar, mais que audacioso astuto, que manteve o país em uma espécie de guerra civil permanente” (Tasca, 1919, p.153).

Tasca não estava errado ao esboçar o contexto da Itália. As condições para o desenvolvimento do fascismo estavam colocadas. Se o movimento possuiu sua origem nas consequências da crise orgânica e da crise da hegemonia liberal causadas pela guerra, o discurso de ação e violência⁴⁹ encontrou lugar nas lutas de classes e na mutilação do movimento operário nos anos do *Biennio Rosso*. Com o decorrer dos anos, o fascismo formou um bloco orgânico com os mais diversos interessados no antissocialismo para atingir o movimento operário. Conforme o fazia se estabelecia cada vez mais, com violência e brutalização, no terreno da guerra de movimento.

Entre os dias 06 e 10 de outubro de 1919 ocorreu em Bolonha o XVI Congresso Nacional do Partido Socialista Italiano, que votou pela filiação à IC. Na ocasião, a fração *massimalista* ganhou a disputa com os reformistas. Amadeo Bordiga surgiu como um jovem alinhado à fração abstencionista que entendia a necessidade de se abster das eleições nacionais, bem como propôs a mudança de nome do Partido para Partido Comunista d'Itália e uma revisão do programa de 1892. O discurso pela fração abstencionista abrangeu os pontos que o jovem engenheiro já desenvolvia desde a formação do *Circolo Carlo Marx* (abril de 1912) e que aprofundou na prática durante a breve direção no PCI (1921-1923).

Em seu discurso, alguns pontos são essenciais:

- A crítica à democracia burguesa ausente de uma leitura da realidade concreta e da situação do país (Bordiga, 1919⁵⁰);
- Uma concepção intransigente e doutrinária de socialismo – mesmo quando o fascismo já realizava coalizões com diversos estratos sociais e servia de braço armado do Estado contra o proletariado (Bordiga, 1919);
- O método de insurreição e ditadura do proletariado. Ou seja, tomar o poder do Estado, como fizeram os russos – mas, Bordiga parece não compreender as particularidades da Revolução Russa desde 1905 até 1917 e a derrota da revolução internacional (Bordiga, 1919).

⁴⁹No artigo *Il biennio nero* Fascismo, antifascismo e violência política, Galastrì (2019) realiza excelente análise sobre a violência do fascismo e suas coalizões para formação de um bloco orgânico. Segundo Galastrì (2019, p.130), os registros, possivelmente limitados, contam com 35 mulheres assassinadas pelas esquadras fascistas entre 1919-1922.

⁵⁰ *Discorso di Bordiga per la frazione astensionista, XVI Congresso del PSI, seduta del 5 ottobre 1919*. Disponível em <<https://www.quinterni.org/archivio/1911_1920/discorso_bordiga.htm>>. Acesso em 29 de novembro de 2021.

Bordiga discursou sobre o fascismo e os conflitos com o governo Nitti. Na sua concepção, uma ditadura burguesa já estava em curso e ocorreria apenas uma troca de ministérios, pois os partidos burgueses no poder já realizavam a tarefa contrarrevolucionária e antiproletária. Compreendia que o fascismo não conseguiria disputar as eleições de novembro por não possuir um partido e que realizava apenas manobras políticas para influenciar e determinar as eleições (Bordiga, 1919).

No mesmo Congresso, as posições de Serrati e dos *massimalistas* tendiam para a defesa da violência contra a ofensiva burguesa como um caminho para a conquista revolucionária. Na visão dos *massimalistas*, diferente dos abstencionistas, o Parlamento era um meio útil para a propaganda comunista, tese também defendida nos artigos publicados no *L'Ordine Nuovo*⁵¹. A divisão entre esquerda e direita do Partido ficou muito nítida:

à direita, contestava-se o critério da abstenção eleitoral, que na opinião de Lazzari, longe de diminuir a instituição parlamentar, acabaria reduzindo a dificuldade de dirigi-la para a burguesia. Além disso, contestava-se também o princípio da violência como única via para a conquista do poder. Em Torino, no debate que aconteceu ao Congresso, o grupo de *L'Ordine Nuovo* alinhou-se com Serrati, que era o dominante; o secretário da seção, Giovanni Boero, e Giovanni Parodi apoiaram a moção “abstencionista”, a favor de quem Boero interveio no congresso de Bolonha. A votação congressual deu a maioria aos “eleicionistas” de Serrati (48.411 votos); a moção “maximalista unitária” de Lazzari totalizou 14.880, cabendo à moção “abstencionista” apenas 3.417 votos (Fiori, 1979, p.155).

Na disputa por maior participação nas eleições de 16 de novembro, o PSI saiu vitorioso. Para conter o possível avanço do Partido, o Papa Bento XV apoiou a fundação do Partido Popular Italiano (1919) pelo Padre Luigi Sturzo, o qual se tornou o segundo maior partido político da Itália. Mas, em número de cadeiras no Parlamento conquistou pouco mais de 25%, cerca de 100 cadeiras para deputados, ficando atrás apenas do PSI, o grande representante das massas, com 158 deputados eleitos.

O resultado do processo eleitoral demonstrava o fim da hegemonia liberal no Parlamento italiano. A composição, de grande relevância, do PSI e do Partido Popular mudaram a configuração parlamentar e a forma de identificação e representatividade das classes sociais, assim como as estratégias e táticas no campo político da guerra de movimento. No campo das lutas de classes vários movimentos se colocavam: o arditismo, os sindicalistas, o futurismo, os adeptos da tomada de Fiume, os fascistas, os comunistas

⁵¹Gramsci não escreveu nenhuma carta entre novembro de 1918 e fevereiro de 1920. Ver: GRAMSCI, A. **Lettere (1908-1926)**. A cura di Santuci. Torino: Einaud, 1992. Entende-se que o ano de 1919 foi muito importante para a formação política, teórica e cultural do autor, período em que se manteve debruçado nas experiências dos Conselhos de Fábrica (Lajolo, 1980).

intransigentes, os socialistas em suas distintas vertentes políticas e os adeptos dos Conselhos de Fábrica. No entanto, o fascismo encontrava definitivamente o caminho da ação violenta de suas milícias no campo e nas cidades.

2.4 *Biennio Rosso*: a Petrogrado italiana

Os desdobramentos da crise de hegemonia e da crise orgânica instaurada na Itália direcionaram a saída para a organização operário-camponesa e para a revolução no mundo do trabalho que guiava uma nova forma de civilidade e sociabilidade: o socialismo. O norte industrial, particularmente Torino, foi a última praia da revolução socialista internacional e viveu dois anos de uma revolução que, em 1920, fracassou.

Historicamente a cidade já contava com indústrias e fábricas altamente desenvolvidas e, dessa maneira, com movimento operário fortemente organizado em instituições de trabalho coletivos e contratualistas. O proletariado turinense “se tornou o dirigente espiritual das massas operárias italianas, que estão ligadas a essa cidade por múltiplos vínculos: parentesco, tradição, história e laços espirituais (...)”. Com a revolução na Rússia, a classe operária expressou sua subjetividade nas greves e nas rebeliões sociais: na luta por pão, melhores salários e condições dignas de trabalho. As notícias da revolução chegaram com “indescritível alegria (...) os operários choraram de alegria e emoção quando souberam que o poder do tsar fora derrubado pelos trabalhadores de Petrogrado” (Não assinado, 1954, p.179⁵²).

O ano de 1917 foi marcado por greves, barricadas e uma grande insurreição armada. No pós-guerra, especificamente no *Biennio Rosso* (1919-1920), Torino se tornou a cidade vermelha. O proletariado organizado compreendeu a função e a necessidade da Terceira Internacional e a importância de direcionar a luta para uma guerra civil nacional, para a guerra revolucionária. Economicamente, Torino era a cidade mais desenvolvida tecnologicamente no setor automobilístico, pois

era a ponta mais avançada da expansão industrial Italiana e vivia de maneira traumática o aumento exponencial da população operária. Era a primeira cidade da Itália a experimentar o processo produtivo taylorista, com tudo o que isso implicava no plano da organização do trabalho, do ritmo produtivo, das próprias relações sociais (Fresu, 2020, p.63).

⁵²Possivelmente escrito por Gramsci, mas não assinado, o documento *Il movimento torinese dei consigli di fabbrica (rapporto inviato nel luglio 1920 al Comitato esecutivo dell'Internazionale comunista)*, foi publicado pela primeira vez em russo, em alemão e em francês no jornal *Internacional Comunista*, 1920, n.14. Foi republicado em *L'Ordine Nuovo* em 14 de março de 1921, I, n.73 (Não assinado, 1954, pp.176-186).

Nesse ínterim, a organização em *Soviet*⁵³ tornou-se uma saída quando os organismos contratuálistas, a CGL e o PSI, não lutavam por uma nova hegemonia e permaneciam na consciência econômico-corporativa. O PSI e a CGL eram atuantes e lideravam o movimento operário. No entanto, devido às divergências nas correntes teóricas e políticas dentro do Partido e a linhagem reformista e contratuálista dos sindicatos, as Comissões Internas (CI) se mostravam como o embrião da democracia operária. Representavam o campo de poder operário debaixo do sindicato e com essência altamente revolucionária e democrática.

A comissão interna era eleita pelos trabalhadores organizados no sindicato; os Conselhos de Fábrica, ao contrário, deviam ser eleitos por todos os trabalhadores, incluindo os anárquicos e até mesmo os católicos. [...] O Conselhos de Fábrica, formado por comissários eleitos em cada seção, não devia tratar com o capitalista, mas simplesmente substituí-lo para regular de cima a baixo a vida da fábrica (Fiori, 1979, p.150).

Os Conselhos de Fábrica se tornaram o desenvolvimento consciente das CI que atuavam enquanto uma organização de cultura, política e economia. O Conselhos de Fábrica se mostrava o único organismo capaz de expressar a subjetividade revolucionária do operário que se qualificava conforme desenvolvia a autogestão, a autodisciplina, a auto-organização, a autoeducação e o autogoverno. Portanto, o embrião do Estado operário e a primeira realização prática da democracia operária dentro das fábricas.

A organização nas fábricas foi modificada após a publicação do artigo *Democrazia Operaia*, em junho de 1919. *L'Ordine Nuovo* ganhava uma nova roupagem e contava com “as melhores forças da vanguarda operária” que “se reuniram para difundir um semanário de orientação comunista” (Não assinado, 1954, p.182). Os Conselhos de Fábrica estavam na pauta e na ordem do dia e o planejamento de formação dos Conselhos de Fábrica se expandiu⁵⁴ por Torino, com o objetivo de formação de conselhos de bairro, de fazenda, locais, camponeses e de cultura para organizar as classes subalternas. No artigo ficou claro

⁵³O *Soviet* é um organismo proletário e revolucionário oriundo da Revolução Russa, de 1905. Sugiro a leitura da minha dissertação de mestrado em que investiguei e analisei detalhadamente o *Biennio Rosso*. Ver também a bibliografia indicada na dissertação sobre o assunto. Disponível em: << <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193615>>>.

⁵⁴“Eu, Togliatti e Terracini - conta Gramsci - fomos convidados a empreender conversações nos círculos educativos, nas assembleias de fábricas, fomos convidados pelas comissões internas a discutir em reuniões restritas de fiduciários e arrecadadores. Continuamos. O problema do desenvolvimento da comissão interna tornou-se problema central, tornou-se ideia do *Ordine Nuovo*: este problema era colocado como fundamental à revolução operária, era o problema da “liberdade” proletária. *Ordine Nuovo* tornou-se para nós, e para todos aqueles que nos seguiam, o “jornal dos Conselhos de Fábrica” (Gramsci *apud* Fiori, 1979, p.151).

o grande desafio: dirigir e direcionar toda a força social e espiritual, assim como a subjetividade revolucionária da classe operária para a construção de uma nova civilidade e sociabilidade (Gramsci, 1954, pp.10-13⁵⁵).

Na teoria política gramsciana, o Estado operário não é algo improvisado e não é fruto da fraseologia revolucionária. O processo de transformação deve ser realizado na base produtiva, com as organizações operárias, a partir da aliança operário-camponesa e junto com o Partido e com o Sindicato para transformá-los em órgãos de poder e controle operário. Em setembro, quando o movimento operário de Torino “concretizava aquilo que, no projeto dos promotores, devia ser o início do movimento revolucionário” (Fiori, 1979, p.153), com a eleição de comissários de seção da Fiat-Centro, surgia o primeiro Conselhos de Fábrica que representava 10 mil operários.

A organização dos Conselhos de Fábrica baseia-se nos seguintes princípios: em cada fábrica, em cada oficina, é constituído um organismo, baseado na representação (e não no antigo sistema burocrático), que põe em prática a força do proletariado, a luta contra a ordem capitalista e exerce o controle da produção, educando toda a massa operária para a luta revolucionária e a criação do Estado operário. O Conselhos de Fábrica deve ser formado segundo o princípio da organização por indústria; deve representar, para a classe operária, o modelo da sociedade comunista, à qual se chegará por intermédio da ditadura do proletariado (...) (Não assinado, 1954, p.183).

Os Conselhos de Fábrica rapidamente se expandiram para outras fábricas e abriu caminho para o avanço da organização na cidade e concretizou as questões levantadas por *L'Ordine Nuovo* durante os meses que se passaram. O semanário de cultura socialista levantou a questão do poder operário como fórmula de estratégia política para a expansão do movimento: “os órgãos centrais que surgirão para cada grupo de fábricas, para cada cidade, para cada região, até chegar a um supremo Conselho Operário Nacional” que “prosseguirão, ampliarão e intensificarão a obra de controle de preparação e de organização de toda a classe, com objetivos de conquista e de governo (*L'ordine Nuovo*, 1954, pp.33-34⁵⁶).

Enquanto o grupo de *L'Ordine Nuovo* publicava semanalmente inúmeros artigos e documentos que tratavam da revolução socialista internacional, a Itália tentava se recuperar da crise orgânica instaurada no pós-guerra e da crise da hegemonia liberal. Em outubro de

⁵⁵*Democrazia Operaia* (1954, pp.10-13), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 21 giugno 1919, I, n.7.

⁵⁶*Al commissari di reparto delle officine FIAT centro e Brevetti* (*L'ordine Nuovo*, 1954, pp.31-34), assinado como *L'Ordine Nuovo* e publicado no jornal em questão, 13 de setembro de 1919, I, n.18.

1919 Gramsci ainda enxergava o PSI e a CGL com esperança de transformação e de renovação, por mais que compreendesse as contradições e problemáticas que deveriam ser enfrentadas para isso. Compreendia a crise que o sindicato atravessava, mas chamava atenção para o debate sobre o Estado burguês, pois teorizava a saída por meio dos Conselhos de Fábrica e da revolução socialista.

Gramsci, editor chefe do *Avanti!* do Piemonte e do *L'Ordine Nuovo*, aprofunda sua teoria marxista a partir do método da revolução em permanência, do internacionalismo e, principalmente da aliança operária e camponesa para a concretização da revolução. Devido à expansão dos Conselhos de Fábrica, o jornalista tornou-se um dos principais protagonistas e promotores das reuniões e debates em fábricas. No entanto, o PSI e a CGL não apoiavam diretamente a organização de Torino, o que impediu sua expansão para outras cidades e assinalou o isolamento e o fracasso do movimento conselhista.

L'Ordine Nuovo e Gramsci entendiam que o sindicato estava em crise de soberania e “não se dão conta dessa crise profunda e generalizada” O sindicato se mostrava como o tipo de organização operária definida e determinada pelo período histórico e formação social capitalista, de forma que “é parte integrante da sociedade capitalista e tem uma função que é inerente ao regime de propriedade privada”. O sindicato exercia a função de “um tipo de organização não apenas essencialmente diverso do Soviete, mas também, e de modo notável, do sindicato que sempre vem se desenvolvendo mais na República comunista russa (*L'ordine Nuovo*, 1954, p.36).

Na teoria gramsciana, o Conselhos de Fábrica é um organismo operário indispensável para o desenvolvimento da consciência operária, pois é o único organismo em que seria possível o operário ser responsável pela produção direta e desenvolver “disciplina consciente e voluntária”, pois desenvolve “a mentalidade de produtor, do criador da história”. Dessa forma, seria possível que os operários, de forma coletiva, transportassem

essa nova consciência para o sindicato, que, além da simples atividade da luta de classes, passa a se dedicar ao fundamental trabalho de imprimir uma nova configuração à vida econômica e à técnica de trabalho (...) (Gramsci, 1954, p.38⁵⁷).

O grupo de *L'Ordine Nuovo* refletia sobre as questões nacionais e direcionava a estratégia política visualizando o cenário internacional. Segundo D'Orsi (2018, p.63), a

⁵⁷*Sindacati e Consigli* (Gramsci, 1954, pp.34-39), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 11 ottobre 1919, I, n.21.

antinomia vivida pelos dirigentes do semanário ocorria de maneira singular, pois os militantes vislumbravam o horizonte vermelho russo, mas não se envolviam diretamente nas decisões políticas de dentro do PSI, sendo uma das causas de isolamento e fracasso do movimento conselhistas.

A partir da investigação sistemática das publicações de *L'Ordine Nuovo* é possível verificar a preocupação e análise sobre os assuntos e acontecimentos centrais que ocorriam no país, mas de forma secundária. Isso ocorria porque a concepção era de direcionamento das forças subjetivas para realização da revolução a nível nacional. No entanto, o PSI e a CGL não representavam mais o proletariado de Torino e não agiam como o partido revolucionário que se esperava. A ausência de apoio do PSI e da CGL ao movimento dos Conselhos de Fábrica foi um dos fatores decisivos para o ostracismo do movimento e para o fracasso após as ocupações de 1920. Gramsci, opositor ferrenho do reformismo, do sectarismo e do positivismo, enxergou todas essas contradições do PSI.

Nas eleições de outubro, o PSI conquistou 1.840.593 votos e 156 cadeiras no Parlamento, de um total de 508. A análise de Gramsci era de que o PSI foi escolhido pela classe operária como representante político e econômico. Todavia,

O problema concreto imediato do Partido Socialista é, portanto, o problema do poder, é o problema dos modos e das formas pelas quais é possível organizar toda a massa de trabalhadores italianos em uma hierarquia que organicamente culmine no partido, é o problema da construção de um aparelho de Estado que, em seu âmbito interno, funcione democraticamente, ou seja, garanta a todas as tendências anticapitalistas a liberdade e a possibilidade de se tornarem partidos de governo proletário, e que externamente seja como uma máquina implacável que esmague os organismos do poder industrial e político do capitalismo (Gramsci, 1954, pp.59-60⁵⁸).

A classe operária na Itália era cerca de 25 milhões de pessoas, divididas principalmente em socialistas marxistas, socialistas católicos, anarco sindicalistas, ex-combatentes ligados ao PSI e outros de tendências revolucionárias. O proletariado se organizava e lutava por uma revolução, assim como os camponeses se revoltaram e mostraram seu potencial revolucionário. Para Gramsci, um Conselho Camponês também se tornava indispensável para concretizar uma aliança operário-camponesa.

De um lado, o proletariado no sentido estrito, isto é, os operários da indústria e da agricultura industrializada; de outro, os camponeses pobres – eis as duas alas do

⁵⁸*Il problema del potere* (1954, pp.56-60) foi publicado em *L'Ordine Nuovo*, 29 novembre 1919, I, n.28.

exército revolucionário. Os operários urbanos são revolucionários pela educação, tornaram-nos assim o desenvolvimento da consciência e a formação da pessoa na fábrica, célula de exploração do trabalho; os operários da cidade olham hoje para a fábrica como lugar onde a libertação deve começar, no centro de irradiação do movimento de rebeldia: portanto seu movimento é sã, é forte e será vitorioso (...) No campo, devemos contar, sobretudo, com a ação e o apoio dos camponeses pobres, dos “sem-terra”. Serão empurrados pela necessidade de resolver o problema da vida, como ontem os camponeses de Andria, não só pela necessidade de lutar pelo pão, mas pela mesma necessidade contínua, pelo perigo sempre iminente de morte por fome ou por chumbo; serão forçados a exercer pressão sobre as outras partes da população agrícola para constrangê-las a criar um órgão de controle coletivo da produção também no campo. Esse órgão de controle, o Conselho Camponês, ao mesmo tempo que permite a existência de formas intermediárias de apropriação privada da terra (pequena propriedade), trabalhará pela coesão e pela transformação psicológica e técnica, será a base da vida comum no campo, o centro a partir do qual os elementos revolucionários poderão afirmar sua vontade de forma contínua e concreta (Gramsci, 1954, pp.65-66⁵⁹).

O ano de 1919 foi finalizado com muitas greves e protestos espontâneos realizados por camponeses pobres, entre os dias 1º e 03 de dezembro, na região de Andria, e que subiram até o Norte do país. A questão do poder se colocava como ordem do dia e para além dos organismos sindicais. A solução estaria dentro do PSI, na “tendência comunista revolucionária, que representa a fase de maturidade da consciência histórica atual da massa proletária (Gramsci, 1954, p.60).

Com um partido revolucionário, a questão do poder operário estaria na ordem do dia, assim como a aliança operário-camponesa em que seria possível conceber uma nova configuração social capaz de unir o processo de produção agrícola do campo, com a constituição de conselhos e os conselhos nas fábricas. A democracia operária, fundamental para Gramsci, seria possível pois nos conselhos a maioria seria

representada por companheiros do partido, das organizações operárias e dos companheiros simpatizantes, mas sem excluir que transitoriamente, nos primeiros momentos de incerteza e falta de maturidade, ela possa cair nas mãos dos populares, de sindicalistas anarquistas, de reformistas, uma vez que são trabalhadores assalariados e eleitos em seu local de trabalho e uma vez que aderem ao Estado operário (Gramsci, 1954, p.60).

Para Gramsci, esses seriam dois elementos essenciais para a autorrenovação do PSI. O objetivo era que o Partido fosse capaz de realizar a função histórica de representante e dirigente da classe operária. No entanto, a análise da situação Italiana mostrava que o Partido se encontrava em uma crise de letargia, que a cisão estava próxima, e, mesmo com as

⁵⁹*Gli avvenimenti del 2-3 dicembre [1919]* (GRAMSCI, 1954, pp.61-67), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 6-3 dicembre 1919, I, n.29.

condições objetivas e subjetivas da revolução, não conseguia ser o instrumento máximo da revolução. O PSI e a CGL se mostravam incapazes de realizar a revolução e as alas reformistas passaram a sabotar o movimento dos conselhos.

A posição de Amadeo Bordiga era a de que a luta dos Conselhos de Fábrica e dos jovens *Ordinovistas* estava equivocada. Criticava os Conselhos de Fábrica por entender que estavam definidos “pelo erro de que o proletariado pode se emancipar ganhando espaço nas relações econômicas, enquanto o capitalismo ainda detém, com o Estado, o poder político” Bordiga era favorável à construção de um partido de vanguarda que guiasse o proletariado à revolução e compreendia que o “poder político e a destruição do Estado burguês são anteriores ao processo de transformação econômica”, definindo os Conselhos como organismos oriundos e parte do capitalismo (Bordiga, 2020, p.91).

Entre 1919 e 1920, Bordiga publicou 33 artigos sobre os Conselhos de Fábrica e a revolução na Itália, sua compreensão e análise dos *Soviets*, a atuação dos sindicatos e do PSI e a necessidade de formação de um Partido Comunista. Muitos dos artigos, publicados no *Il Soviet*, acusavam os Conselhos de Fábrica e os quatro jovens do *L'Ordine Nuovo* de anarco sindicalismo. Em suma, Bordiga compreendia os Conselhos como

um sistema de representação claramente distinto em duas redes: econômica e política. Para as funções econômicas, cada fábrica terá seu próprio conselho de trabalhadores eleito pelos trabalhadores, o que interferirá na socialização e posterior gestão da fábrica de acordo com critérios adequados. Para a função política, isto é, para a formação dos órgãos locais e centrais do poder, as eleições dos conselhos proletários serão feitas com listas nas quais - estritamente excluídos os burgueses, isto é, aqueles que de alguma forma vivem do trabalho dos outros - estão incluídos todos os proletários do mesmo título, qualquer que seja a profissão e mesmo que esteja desempregado ou não possa trabalhar por bons motivos (Bordiga, 1919)⁶⁰.

Para Bordiga, o partido de classe comunista deveria ser o “verdadeiro instrumento da luta de libertação do proletariado e, sobretudo, da conquista do poder político” Dessa maneira, os Conselhos de Fábrica não representavam o poder político por estarem sob controle do sistema capitalista. A mudança de cenário somente poderia acontecer “em um estágio muito avançado da revolução comunista”, quando todas as produções fossem

⁶⁰Artigo *Formiamo i “Soviet”?* publicado no jornal *Il Soviet* no dia 21 de setembro de 1919.

Disponível em: << https://www.quinteria.org/archivio/1911_1920/formiamo_Soviet.htm>>. Acesso em 26 de novembro de 2020.

socializadas e todas as atividades da vida social fossem subordinadas ao interesse coletivo, sendo o partido de vanguarda da classe o grande representante (Bordiga, 1920)⁶¹.

No entanto, para Gramsci, os Conselhos de Fábrica deveriam transformar o Partido e todos os organismos de luta do proletariado e do campesinato por meio da autoeducação. O proletariado revolucionário formava os Conselhos de Fábrica e não deveria ser identificado com as instituições do Estado burguês. O PSI e a CGL eram institutos do Estado burguês e da liberdade político-econômica. A necessidade seria a de ruptura radical com a cultura, a economia e a política burguesa. Os Conselhos significavam a possibilidade de aglutinar, educar e disciplinar as forças sociais revolucionárias e direcioná-las, com o auxílio do PSI (renovado) para a revolução. Para tanto, seria fundamental ir às consciências no campo da produção capitalista para desenvolver o poder e o controle operário. O proletariado revolucionário conselhistas representava uma oposição ao campo da democracia burguesa que se iniciou na fábrica, conforme estabelecia uma

ação que deve necessariamente desembocar na fundação de um Estado operário, que deve necessariamente conduzir a configuração da sociedade humana em uma forma que é absolutamente original” com o objetivo de abranger “toda a humanidade (Gramsci, 1954, p.125⁶²).

Gramsci acreditava na possibilidade de renovação do PSI e da CGL. Entendia ser possível transformar o sindicato em uma escola do trabalho e o Partido, junto aos Conselhos de Fábrica, se transformaria em um organismo de autoeducação. Em março de 1920, *L'Ordine Nuovo* alcançava mais de 5 mil exemplares vendidos, com um aumento exponencial no número de assinantes: de 400 para 1.100. Gramsci não demonstrava dúvidas sobre a organização nos Conselhos de Fábrica e o potencial revolucionário que o organismo operário possuía. Ainda no mês de março, a greve dos metalúrgicos eclodiu e a expansão para o restante da Itália parecia inevitável.

Foi introduzida em toda a Itália a hora legal. Os comissários das seções das indústrias mecânicas, uma dependência da Fiat, pediram que o horário de trabalho continuasse a correr de acordo com a hora solar, e insistiram para que os ponteiros do grande relógio da fábrica assinalassem a hora antiga. Em resposta, a comissão

⁶¹Artigo *Per la costituzione dei Consigli Operai in Italia*, publicado em fevereiro de 1920 no jornal *Il Soviet*. Disponível em: << https://www.quinterna.org/archivio/1911_1920/consigli_operai.htm>>. Acesso em 27 de novembro de 2020.

⁶²*Il Consiglio di Fabbrica* (Gramsci, 1954, pp.123-127), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 5 de junho de 1920, II, n.04.

interna foi despedida em bloco. Seguiu-se uma greve de protesto à qual, por solidariedade, logo todos os metalúrgicos de Torino se associaram, ocupando as fábricas. A reação dos industriais não se fez esperar. Decidida a portas fechadas a 29 de março, as tropas entraram nas fábricas. E foi exatamente no decorrer das negociações para a resolução desta questão que os industriais colocaram o problema dos Conselhos de Fábrica. Não os reconheciam; teriam cedido em pontos marginais para que o movimento dos Conselhos acabasse. O conflito se agravou. Mas a direção do PSI e da Confederação Geral do Trabalho não deram à luta, agora que ela nascia da reivindicação do direito a manter viva as instituições novas do poder proletário, o apoio decidido que os “turinenses” esperavam. O PSI era um partido em crise, desvitalizado, ao invés de fortalecido, pelo seu recente crescimento, demasiadamente brusco: 300 mil inscritos contra os 50 mil do período anterior à guerra; dois milhões de filiados à Confederação Geral do Trabalho contra o meio milhão de 1914; e até mesmo o grupo parlamentar que havia triplicado o seu número, passando de 50 a 15- deputados (Fiori, 1979, p.157).

No entanto, o Partido permanecia na letargia, atribuía cargos a militantes despreparados, e os grandes quadros políticos se encontravam isolados pelo país, nos pequenos grupos de esquerda e de centro. Sem direcionar a classe operária à revolução e à destruição do Estado, a decisão foi de fechamento das fábricas para que as funções dos Conselhos de Fábrica fossem freadas e limitadas. A reação dos operários foi a de greve geral para todas as categorias, a partir do dia 18 de abril de 1920. A greve foi o marco de um grande evento na história do movimento operário italiano em que o proletariado foi à luta pelo controle da produção, “mobilizando cerca de meio milhão de operários industriais e agrícolas e envolvendo cerca de 4 milhões de pessoas” (Gramsci, 1954, p.177). Mesmo com esse cenário, o PSI seguiu com as preparações para o Congresso - que ocorreria em Torino, mas foi transferido para Milano -, e não apoiou a greve que durou cerca de dez dias, tendo envolvido meio milhão de operários e camponeses (Gramsci, 1954, p.108⁶³).

As rupturas no Estado burguês foram fatais e o proletariado italiano demonstrou sua força de organização, “sem nenhuma ajuda da direção do Partido Socialista nem da Confederação Geral Trabalho”. O fracasso do movimento operário foi marcante e violento, além de que

os dirigentes do partido e da confederação ridicularizaram os trabalhadores turinenses e fizeram o possível para impedir os trabalhadores e camponeses Italianos de qualquer ação revolucionária, com a qual deveriam manifestar sua solidariedade com seus irmãos turinenses e levar alguma ajuda eficaz (Gramsci, 1954, p.177).

⁶³*Superstizione e realtà* (Gramsci, 1954, pp.108-114), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 08 de maio de 1920, II, n.I.

O fracasso da revolução ocorreu devido à “falta de coesão revolucionária do conjunto do proletariado italiano, que não consegue constituir a partir de si mesmo, organicamente e disciplinadamente, uma direção sindical que seja um reflexo de seus interesses” (Gramsci, 1954, pp.108-109), mas também das forças sociais revolucionárias que precisavam ser dirigidas. Decerto que o problema não esteve no desenvolvimento da consciência do proletariado, mas na ação condutora das lideranças dos organismos do proletariado.

Os industriais e o Estado burguês agiram na ofensiva para barrar o movimento conselhistas pela via da violência. Os jornais mostravam que policiais chegavam diariamente em Torino, as forças militares acampavam nos vilarejos próximos à cidade, “no telhado de tais prédios foram colocadas metralhadoras; foram permitidos depósitos de armas a associações subsidiadas pelos industriais” O movimento ofensivo contra a classe operária turinesa, no entanto, “nem sequer foi percebido pelos líderes responsáveis da classe operária italiana organizada” e, para Gramsci, isso significou sua derrota (Gramsci, 1954, p.110).

Gramsci analisou a derrota das greves, mas também observou a forma de resistência e de articulação do movimento operário, assim como a necessidade de aglutinação e direcionamento das forças sociais. Os Conselhos de Fábrica continuaram sendo vistos por Gramsci como o embrião do Estado Operário mesmo no cárcere e o Partido e os sindicatos deveriam trabalhar em conjunto com os Conselhos para a revolução. Dessa maneira, na teoria gramsciana a revolução é um processo em curso que

se realiza no terreno da produção, na fábrica, onde as relações são de opressor para oprimido, de explorador para explorado, onde não existe liberdade para o operário, onde não existe democracia; o processo revolucionário se realiza onde o operário não é nada e quer se tornar tudo, onde o poder do proprietário é ilimitado, é poder de vida e de morte sobre o operário, sobre a mulher do operário, sobre os filhos do operário (Gramsci, 1954, p.124⁶⁴).

Internacionalmente, o exército vermelho derrotou os exércitos da contrarrevolução. Desde 19 de julho até 07 de agosto de 1920, ocorreu o II Congresso da IC, com discussões necessárias para fazer frente à social-democracia e construir a revolução internacional. Um dos pareceres do Comitê Executivo da IC apoiava os agitadores de Torino em um momento próximo do que seria o último momento revolucionário na Itália: a ocupação das fábricas. A existência e a eficácia dos Conselhos assustavam os capitalistas Italianos, pois mostrava a possibilidade de concretizar a revolução no país. Em 20 de agosto de 1920, a ocupação das

⁶⁴*La Disfatta* (Gramsci, 1974, pp.125-128), *L'Ordine Nuovo*, 05 de abril de 1921, I, n.95.

fábricas se tornou a realidade de Torino quando os industriais decidiram por um *lockout*. Os conselhistas se armaram e assumiram a gestão da produção.

À proclamação da ocupação dos locais de trabalho na noite entre 31 de agosto e 1º de setembro seguiu-se, na manhã seguinte a ocupação permanente das fábricas. Todos os poderes foram assumidos pelos Conselhos (...) Decidiu-se terminar o obstrucionismo e retomar o trabalho, disciplinado pelos Conselhos de Fábrica. Nas oficinas da Fiat-Centro, a produção mantinha-se em 37 automóveis por dia, contra 67-68 dos dias normais, e isso apesar da deserção de quase todos os técnicos e de muitos empregados (Fiori, 1979, p.173).

Os Conselhos de Fábrica passaram por uma experiência de autogestão da produção, autogoverno, controle e poder operário. Durante essa fase, a solicitação dos *Ordinovistas* e das lideranças operárias era para a auto-organização se espalhar por bairros, escolas, círculos de bairros e outras regiões do país em que fosse possível exercer a democracia operária.

Nesse período, Gramsci realiza muitos comícios nas fábricas ocupadas, explicando os mecanismos da exploração capitalista e os objetivos revolucionários. Os operários o cercam para pedir-lhe explicações sobre os problemas da organização do trabalho; sobre as relações internas entre operário, chefe de turma e dirigente; sobre a nova ordem do Estado socialista (Lajolo, 1980, p.43).

No entanto, a ocupação das fábricas não se expandiu e permaneceu restrita à cidade vermelha. O isolamento dos Conselhos de Fábrica, e a ausência de apoio da CGL e do PSI, significou o fracasso da revolução. Para Gramsci,

o movimento turinense não conseguiu transcender o âmbito local, já que todo o mecanismo burocrático dos sindicatos foi posto em movimento para impedir que as massas operárias de outras partes da Itália seguissem o exemplo de Torino (Gramsci, 1954, p.185⁶⁵).

O movimento conselhistas desintegrou-se. A revolução foi sabotada devido às resistências dos órgãos tradicionais de representatividade do proletariado italiano. A repressão policial comandada pela burguesia aumentou, os ataques das milícias fascistas às

⁶⁵C'è un morto nella stiva? (Gramsci, 1974, pp.185-186). Publicado em *L'Ordine Nuovo* em 08 de junho de 1921, I, n.158.

organizações operárias, às lideranças socialistas e à sede de redação do *L'Ordine Nuovo*, estavam cada vez mais constantes e brutais:

Torino foi inundada por um exército de policiais; em torno da cidade, canhões e metralhadoras foram instalados em pontos estratégicos. E, quando todo esse aparato militar estava pronto, os capitalistas começaram a atacar o proletariado (Gramsci, 1954, p.185).

As condições necessárias para a transformação do aparelho produtivo e da sociedade capitalista não foram suficientes para a revolução. Os Conselhos de Fábrica mostraram o grau de avanço no desenvolvimento das forças materiais de produção e na consciência do operário qualificado. No entanto, as relações das forças políticas – avaliação do grau de homogeneidade, de autoconsciência e de organização, que é alcançado pelos diversos grupos sociais - nos mostra que as lideranças do PSI e da CGL se encontravam no grau econômico-corporativo, de reformar as contradições da sociedade, nos quadros existentes (Gramsci, Q.13 §17, 2014).

Os Conselhos de Fábrica possuíam uma importância educativa, necessária para o organismo condutor do proletariado e do campesinato. A experiência conselhistas mostrou que a união prática dos operários e dos camponeses era possível, reafirmando a urgente necessidade de lutar contra todo o organismo burocrático das organizações sindicais. Os Conselhos de Fábrica, ligados ao Partido revolucionário e ao sindicato, deveriam ser os propulsores da reforma intelectual e moral e se transformar no moderno príncipe que “toma o lugar, nas consciências, da divindade ou do imperativo categórico” e se torna “a base de um laicismo moderno e de uma completa laicização de toda a vida e de todas as relações de costume” (Gramsci, Q.13 §2, 2014, p.1562).

O moderno príncipe, o mito – príncipe não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto, só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação. Este organismo já está dado pelo desenvolvimento histórico e é o partido político, a primeira célula na qual se sintetizam germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais (Gramsci, Q.13 §01, 2014, p.1558).

Para Gramsci, o movimento operário organizado deveria disputar a hegemonia conforme se desenvolvia para a fase mais “estritamente política”, aquela que “assinala a

passagem nítida da estrutura para a esfera das superestruturas complexas”, pois é a “fase em que as ideologias geradas anteriormente se transformam em “partido”, entram em “confrontação e lutam até que uma delas, ou pelo menos uma única combinação delas, tenda a prevalecer, a se impor, a se irradiar por toda a área social” (Gramsci, Q.13 §17 2014, p.1584), além dos fins políticos e econômicos.

Em Marx e em Gramsci, o modo de produzir é tema central para o desenvolvimento da crítica à economia capitalista e base fundamental para a construção de uma nova civilidade e sociabilidade. No período em que Gramsci viveu, a resposta para as questões sobre a produtividade, o industrialismo e as relações sociais estavam no fordismo e na cultura do americanismo, compreendido de forma mais ampla e não apenas enquanto junção do fordismo e do taylorismo, ou como técnica do trabalho.

A experiência vivenciada pelos operários qualificados organizados nos Conselhos de Fábrica em Torino foi essencial para o desenvolvimento teórico-político de Gramsci. O jovem viveu o dia a dia da classe operária, o socialismo do cotidiano, a democracia operária nas fábricas. Buscou desvendar o nexo entre cultura, política e trabalho, o qual promoveria uma nova sociabilidade e civilidade, forjadas na fábrica, na lógica de uma nova forma de produzir mercadorias, sanar as necessidades da população, criar novas relações sociais, morais e sexuais, com desenvolvimento e objetivo socialista, completamente distinto da ética capitalista: um Estado operário e uma democracia operária a partir de uma nova hegemonia, nascida da fábrica e construída coletivamente.

3. A REVOLUÇÃO FRACASSADA E A REVOLUÇÃO PASSIVA

“Compagno cittadino, fratello partigiano, teniamoci per mano in questi giorni triste. Di nuovo a Reggio Emilia, di nuovo là in Sicilia sono morti dei compagni per mano dei fascisti. Di nuovo come un tempo, sopra l'Itália intera fischia il vento e infuria la bufera [...] Che questo sangue amaro, versato a Reggio Emilia è sangue di noi tutti. Sangue del nostro sangue [...] Dovremo tutti quanti aver d'ora in avanti voi altri al nostro fianco (Letra de Fausto Amodei, 1971, em referência a morte dos 07 irmãos Cervi que eram da resistência no período da II Guerra Mundial).

3.1 Revolução em permanência e cisão do movimento operário

O projeto coletivo e revolucionário da classe operária e do campesinato se efetivou na revolução socialista da Rússia. A direção dos bolcheviques no processo foi essencial para que se construísse, pela segunda vez na história, um autogoverno operário. O Estado Comuna tornou-se o principal objetivo entre fins de 1917 e começo de 1918. Certamente que o país enfrentaria as dificuldades dos anos de guerra, assim como o despreparo dos quadros políticos em administrar a máquina pública do Estado. A Rússia sofreu com as mazelas e as misérias de um capitalismo que se desenvolveu tardiamente no país agrário e com a ausência de uma reforma intelectual e moral que deveria ter acompanhado a revolução burguesa iniciada em 1905: o analfabetismo, a fome, os grandes números de órfãos, o problema da prostituição, a fábrica e o campo pouco industrializados tecnicamente, operários sem qualificação, além de ataques dos países imperialistas e da guerra civil que se sucedeu.

Ao encarar os desafios iminentes para a construção do socialismo, a Revolução Bolchevique, produto da Guerra Imperialista, foi o fenômeno mais importante do século XX e, de fato, abalou o mundo e transformou radicalmente as estruturas sociais, além de servir como esperança e objetivo do proletariado internacional. No entanto, em março de 1921, a revolução, a nível nacional e internacional, já se mostrava fragilizada e abortada pelo grande capital. A Rússia soviética conquistou a simpatia da classe operária do mundo inteiro, mas a ausência de alianças operário-camponesas auxiliava nas derrotas e/ou fracassos das tentativas revolucionárias e nas rearticulações dos Estados Nacionais. Para Gramsci, a revolução na Rússia foi capaz de dividir “o mundo inteiro em dois campos: de um lado estão aqueles a favor de seu desenvolvimento no mundo inteiro”, enquanto “do outro lado estão aqueles que são contrários e que querem que ela seja sufocada no sangue do povo

revolucionário russo, vendo nisso o esmagamento da revolução mundial universal” (Gramsci, 1974, p.31⁶⁶).

A Revolução Bolchevique foi a primeira revolução proletária “que terminou vitoriosamente com a conquista do poder pelo proletariado” e foi capaz de inaugurar “pela primeira vez na história da ditadura proletária”. A revolução acontecer na Rússia foi o resultado das condições particulares objetivas e subjetivas do próprio país, bem como “um produto da Guerra Imperialista mundial”. Os governos capitalistas possuíam clareza da necessidade de “esmagar a revolução mundial” e passaram a combater a Rússia soviética, assim como qualquer faísca da revolução e da organização socialista (Gramsci, 1974, p.33).

Gramsci acompanhava com precisão a conjuntura, no entanto, as notícias sobre a Rússia chegavam com atraso e distorcidas. As publicações de *L'Ordine Nuovo* analisavam os acontecimentos nacionais e internacionais e Gramsci passou a traduzir a revolução socialista como a única transformação possível da sociedade. Os significados da Revolução Bolchevique estão interligados com aspectos fundamentais da experiência russa, distintos do Ocidente, mas semelhantes com a particularidade italiana. No entanto, eram revestidos de “significação internacional”. O êxito da Revolução Bolchevique está relacionado com a questão da disciplina do Partido e a importância do apoio das massas da classe operária com “tudo que ela tem de consciente, honrado, abnegado, influente e capaz de conduzir ou trazer consigo as camadas atrasadas”. A ditadura do proletariado mostrava-se não apenas como forma de governo, mas como método de luta: “guerra mais severa e implacável da nova classe contra um inimigo mais poderoso, a burguesia, cuja resistência está decuplicada, em virtude de sua derrota” (Lenin, 1977, pp.01-04).

Para a ditadura do proletariado ser construída, mostrava-se imprescindível a relação entre *Soviet*, partido e sindicato. Para Lenin, o partido revolucionário deveria ser um instrumento, uma alavanca, para milhões de operários e camponeses se dirigirem ao poder do Estado. O partido, coletivo militante, deveria ser capaz de reunir as experiências e a subjetividade da classe operária e do campesinato. Ao observar a particularidade russa, Lenin compreende que para a revolução se desenvolver em outros países, era essencial que a classe operária compreendesse seu papel de vanguarda dentro do Partido, bem como “sua fidelidade à revolução, por sua firmeza, seu espírito de sacrifício, seu heroísmo”. O Partido deveria possuir a capacidade de ligar-se, se aproximar e, “até certo ponto, se quiserem,

⁶⁶ *Russia e Internazionale* (Gramsci, 1974, pp.30-34), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 9 de janeiro de 1921, I, n.09.

fundir-se com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de tudo com as massas proletárias, mas também com as massas trabalhadoras não proletárias”. Segundo o líder revolucionário, “sem essas condições é impossível haver disciplina num partido revolucionário realmente capaz de ser o partido da classe avançada” que busca a transformação social (Lenin, 1977, p.5).

Decerto que o PSI não se enquadrava como o Partido revolucionário do proletariado, e Gramsci enxergava isso e escrevia críticas fundamentais à ineficácia do PSI enquanto partido socialista. Para Gramsci, um Partido revolucionário deveria ser organicamente ligado ao proletariado na construção da democracia operária e na organização do trabalho com as massas populares para formação de consenso. Ao compreender a necessidade de organização na fábrica, acreditar na organização socialista e na “capacidade política da classe operária, na potência real que a classe operária possui como fator indispensável e insubstituível da produção e como organização de força política e militar” (Gramsci, 1974, p.67⁶⁷), Gramsci se assemelhava a Lenin no que dizia respeito ao socialismo do cotidiano.

Mas, por outro lado, essas condições não podem surgir de repente. Vão se formando somente através de um trabalho prolongado, de uma dura experiência; sua formação é facilitada por uma acertada teoria revolucionária que, por sua vez, não é um dogma e só se forma de modo definitivo em estreita ligação com a experiência prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário (Lenin, 1977, p.05).

O imperialismo percorria um novo estágio, de expansão e domínio, de última fase do capitalismo, em avanço constante sobre os países partilhados pela guerra. Para sair da crise capitalista, seria necessário que os partidos revolucionários mostrassem sua consciência, organização, ligação com as massas exploradas e habilidade para realizar a revolução socialista. Mas, ao PSI faltava organização, propaganda, agitação, organização revolucionária e alinhamento às massas nas fábricas, nas empresas, no campo e nos quartéis. O Partido permanecia estagnado e não aceitava as determinações da Internacional Comunista, assim como a expulsão dos reformistas, a mudança para a denominação de Partido Comunista. Em vez disso, se mantinha como um partido parlamentar enquanto a classe operária acumulava sucessivas derrotas e fracassos evitáveis, caso o Partido e o Sindicato apoiassem suas lutas. Os *Ordinovistas* e o grupo de Bordiga aceitaram as determinações da Internacional Comunista, mas Serrati

⁶⁷*Controllo Operaio* (Gramsci, 1974, pp.67-69), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 10 de fevereiro de 1921, I, n.41.

respondeu contestando as teses leninistas uma a uma. A sua recusa em expulsar Turati e os outros reformistas baseava-se certamente em motivos sentimentais, na estima e no carinho pelos companheiros de tantas duras batalhas; entretanto, preocupações de outro tipo também entraram em jogo: se Turati, Treves D'Aragona, etc. fossem expulsos, restava o problema de conquistar as grandes massas de trabalhadores influenciados por eles (Guerci, 1969, p.14).

O terreno das lutas de classes era a rua e o Parlamento. O PSI possuía o parlamento e o apoio das massas, mas insuficientes para fazer a revolução e derrotar o fascismo que se aproximava da realidade nacional. A pequena burguesia, incrustada há anos no instituto parlamentar, auxiliava a organização do capitalismo e no controle da burguesia capitalista e da Coroa. Historicamente no país, formava-se um bloco de direita no poder junto com o giolittismo e com o reformismo. O cenário internacional também não era favorável. Com o objetivo de isolar a União Soviética e buscar formas de sair da crise orgânica causada pelas políticas liberais e pela guerra, inúmeros países, a partir dos anos de 1920, estabeleceram ditaduras apoiadas pela Igreja Católica, burguesias e oligarquias agrárias, assim como pelo capital internacional.

O palco de crise orgânica, que indicava a superação por regimes ditatoriais ou por Estados operários, não deixou a Itália ilesa, pois foi em torno do fascismo que a burguesia se uniu para fazer frente à crise e à revolução operária *in nuce* de Torino. As forças sociais antagônicas aos Conselhos de Fábrica se uniram para reconstruir o Estado burguês e o bloco histórico, mesmo que isso significasse uma aliança da pequena burguesia, com a Coroa, com a burguesia e com as milícias fascistas.

Em janeiro de 1921, o sangue estava presente nas ruas, nas vielas, no campo e nas cidades industriais. Uma onda de violência contra a classe operária, comunistas, socialistas, anarquistas e católicos progressivos tornou-se a realidade do país. Os ataques constantes aos jornais, incêndios, espancamentos, assassinatos, assaltos a organizações e cidades sob controle dos socialistas, humilhações, ataques nos círculos de cultura, nas feiras, nas portas das fábricas e nas sedes dos organismos do proletariado transformaram-se no cotidiano do povo italiano. A pequena burguesia agiu como “serva do capitalismo, da propriedade da terra e de agente da contrarrevolução” (Gramsci, 1974, p.12).

A atividade da pequena burguesia tornou-se o fascismo, não sem consequência para a estrutura do Estado. Depois de corromper e arruinar a instituição parlamentar, a pequena burguesia corrompe e arruína as outras instituições, as

fundamentais estruturas do Estado: o exército, a polícia, o poder judicial (Gramsci, 1974, p.11).

Nesse cenário de caos e violência, o XVII Congresso do PSI, prestes a acontecer em Firenze, precisou ter seu local modificado, pois a cidade estava infestada de fascistas. Entre os dias 15 e 21 de janeiro, em Livorno, com logística e organização prejudicada, os militantes socialistas se encontraram para decidir quais direcionamentos o Partido deveria seguir. O Congresso de Livorno possui um lugar particular na história do movimento operário italiano devido ao contexto histórico em que ocorreu, de guerra e revolução, de avanço do Exército Vermelho na Polônia, da segunda tentativa revolucionária na Alemanha, de construção da hegemonia burguesa das potências vitoriosas na guerra e de formação dos partidos de massas. No longo histórico de dilacerações, cisões e fusões na Itália, Livorno se assemelha com Genova, em 1892, quando o PSI foi fundado, em uma clara ruptura com os anarquistas e necessidade histórica, capaz de produzir consequências profundas.

As discussões e divisões surgiram na imprensa do Partido e em todas as suas frações. A direita entendia que um ataque capitalista estava em curso e que a Itália viveria um retrocesso. O grupo de Serrati se dividiu entre ressentimentos, hesitações e rejeições às decisões da Internacional. Bordiga e os abstencionistas consideravam uma ruptura radical, sem a possibilidade de manter relações com a maioria de Serrati, a maioria do partido - sem coesão própria e precisa. Os *Ordinovistas* compreendiam que a ruptura entre comunistas e reformistas seria o momento para o proletariado se separar “daquelas correntes degeneradas do socialismo que apodreceram no parasitismo estatal” para iniciar “um novo período na história da nação italiana” (Gramsci, 1974, pp.39-42⁶⁸).

O Congresso contou com a participação de 2500 delegados separados em três correntes: os comunistas, os *massimalistas* e os reformistas. De fato, um novo período histórico foi iniciado. O grande resultado, de cisão operária e fundação de um novo Partido, já era esperado por Gramsci. O jornalista sardo entendia ser

natural e historicamente justificado que, precisamente num período como este, ponha-se o problema da formação do Partido Comunista, expressão da vanguarda proletária que tem exata consciência de sua missão histórica, que fundará os novos ordenamentos, que será o iniciador e o protagonista do novo e original período histórico (Gramsci, 2021, p.264).

⁶⁸*Il Congresso di Livorno* (Gramsci, 1974, pp.39-42), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 13 gennaio 1921, I, n.13.

A decomposição do PSI, para Gramsci, era algo típico do período de crise orgânica e crise da hegemonia liberal que a Europa atravessava. O Congresso seria a chance de esclarecer se a classe operária italiana possuía condições de exprimir sua capacidade de criar um partido autônomo de classe, de realizar a cisão entre comunistas e reformistas. O principal a ser resolvido deveria ser a expulsão de todos os reformistas, mas a forma que a direção do PSI se apresentou no Congresso ressaltou a própria atividade do Partido durante os anos em que foi incapaz de direcionar a classe operária para o processo revolucionário, por mais que durante o período do *Biennio Rosso* o proletariado de Torino tenha demonstrado as condições subjetivas e objetivas de criar poder e controle operário. A ação do PSI demonstrou a forma burocrática que o partido agiu nos quinze meses anteriores ao Congresso de Livorno, quando não apoiou o movimento da vanguarda operária italiana, mesmo com 150 deputados socialistas que prometeram servir ao proletariado.

Quando foi à tona a questão da ocupação das fábricas, *L'Ordine Nuovo* e Gramsci foram atacados pela direita “com as acusações mais absurdas e invenções mais tolas. Os fatos, as situações foram distorcidas: no barulho confuso e violento daquele Congresso, palavras injustas até de Lazzari chegaram a Gramsci”, que se sentiu isolado e não discursou. Mesmo sem discursar, não deixou de ser protagonista antes, durante e depois do Congresso - viveu intensamente os dias anteriores, o tempo presente e os dias seguintes, publicando suas opiniões na imprensa socialista -. Togliatti permaneceu em Torino, na secretaria do jornal. Terracini se aproximou de Bordiga e Graziadei. Tasca, assim como Gramsci, compreendeu a necessidade tática de um acordo com os *bordiguistas* e repudiava o abstencionismo (Ravera, 1973, p.87).

Os contrastes teóricos e de ação política entre a social-democracia e a esquerda do Partido Socialista tornaram-se evidentes no Congresso. Amadeo Bordiga, Umberto Terracini e Corrado Graziadei, à esquerda, se pronunciaram. Os discursos continham uma despedida devido aos momentos de luta, mas também a fundação do PCI como a panaceia para o momento de crise que a Itália atravessava e a necessidade de conquista do poder, pois a revolução se mostrava madura.

Em *Discorso al XVII Congresso Nazionale del PSI*, no dia 17 de janeiro de 1921, Terracini se coloca ao lado da fração comunista e afirma que os comunistas era os sucessores lógicos do Congresso de Bolonha e se apresentavam como “os verdadeiros representantes apresentado o programa que o próprio Partido assumiu há um ano”. Devido ao fato de os

socialistas não terem levado a sério o programa de Bolonha e as especificidades de Moscou, “é necessário criar o Partido Comunista”, pois

um partido é formado quando as condições sociais assim o exigem. Há uma classe que se toma consciência de si mesma, que adquire uma organização, que se propõe uma meta a atingir, uma classe que surge na vida política e começa a participar da vida política, e então se forma o partido dessa classe, e quando muda a classe, muda o partido, e quando a classe desaparece, o partido desaparece (Terracini, 1985, pp.19-20).

As palavras de Terracini estavam de acordo com o furor revolucionário de Bordiga que se fundamentava no fato de o PSI ter perdido a oportunidade de utilizar o recurso do método revolucionário com a crise suprema causada pela guerra.

Mesmo o discurso do líder dos comunistas “puros”, o mais rígido e sectário, pressupunha ao menos uma análise articulada da história política do país, onde a crítica ao transformismo se baseava em sua subordinação ao “governo do poder burguês” (Vander, 2008, p.85).

A tese central da Internacional Comunista foi a de que “toda atividade e esforço do proletariado deveriam ser voltados e direcionados para a conquista do poder político e para a fundação do Estado Operário” (Gramsci, 1974, p.51), de maneira que a questão principal a ser resolvida deveria ser a de conquista do poder político por meio da direção e organização da classe operária e do campesinato em um Partido Comunista. O *massimalismo* italiano não seguiu a linha da Internacional Comunista. Ao contrário: deixou com os reformistas a responsabilidade de governar a classe operária Italiana, sendo que esses entenderam não ser possível construir o socialismo. Produziram, então, o Caporetto da classe operária, enquanto “a organização apressada de alguns milhares de fascistas foi suficiente para derrubar o castelo que fora construído com a fraseologia revolucionária do Congresso de Bolonha” (Gramsci, 1974, p.52⁶⁹).

Fato é que a cisão de 1921 foi inevitável e originou o PCI em 21 de janeiro, com reflexos do que havia sido decidido na Convenção Pré-Congressual da Fração Comunista, em Ímola, durante 28 e 29 de novembro de 1920.

O nascimento do Partido Comunista está precisamente ligado à convicção que se enraizou na vanguarda mais inteligente do proletariado, de que tínhamos chegado inevitavelmente à situação atual, dada a incapacidade do Partido Socialista de

⁶⁹Caporetto e Vittorio Veneto (Gramsci, 1974, pp.50-52), *L'Ordine Nuovo*, 28 gennaio 1921, I, n.28.

realizar sua tarefa histórica. E que, portanto, era indispensável mudar de rumo e iniciar o trabalho positivo e definitivo de preparação (Gramsci, 1974, p.51).

O novo Partido foi fundado no teatro San Marco, com a direção principal de Amadeo Bordiga, estruturado no objetivo de resistir aos ataques do capital e realizar a revolução na Itália. Gramsci se manteve marginalizado como suplente do Comitê Executivo e disciplinadamente esteve sempre favorável às decisões do grupo dirigente do PCI, por mais que discordasse pontualmente de inúmeros aspectos como, por exemplo, a questão meridional - tão cara para o sardo - e os Conselhos de Fábrica - experiência fundamental para sua teorização sobre partido revolucionário e organização das classes subalternas -.

É nessas condições de caos e colapso que nasce o Partido Comunista. Seus militantes devem mostrar que são realmente capazes de dominar eventos; que eles são realmente capazes de preencher a cada hora e cada minuto a atividade que essa hora e esse minuto exigem; que eles são realmente capazes de unir os elos da cadeia histórica que devem terminar com a vitória do proletariado. Estamos no meio do Caporetto do revolucionismo verbal e detalhado. O primeiro elo a ser forjado é o Partido Comunista. Se nossa vontade for fortemente dedicada a esse paciente trabalho de organização, teremos sucesso também em forjar e soldar os outros elos. E a classe trabalhadora terá sua batalha no Piave; terá seu Vittorio Veneto (Gramsci, 1974, p.52).

A fundação do PCI ocorreu em um dos momentos mais complexos da conjuntura nacional e internacional. O fracasso da Petrogrado Italiana se fazia sentir e os fascistas não deixavam de disputar diariamente com pauladas, tiros, incêndios e ataques terroristas, o controle das ruas, das fábricas e o consenso das massas. A crise orgânica europeia era sentida por todos, mas principalmente pelas camadas mais vulneráveis do proletariado e do campesinato, incluída as mulheres que não possuíam pleno direito de voto na Itália, viviam sob péssimas condições de trabalho e salário. O desemprego e a fome eram gerais e muitas mulheres procuravam a prostituição como forma de assalariamento frente às miseráveis condições impostas pela ofensiva do capital. Gramsci reconhecia a necessidade de independência econômica das mulheres e a “libertação das mulheres da escravidão doméstica” (Gramsci *apud* Ravera, 1973, p.114).

Mas, suas principais reflexões abrangiam a organização fabril e a transformação do gênero humano, propondo, portanto, uma nova concepção de liberdade, transformação radical das relações sociais, da moral e dos costumes de toda a sociedade fundada na exploração de classe. A necessidade de organização fabril é o elemento principal da obra de Gramsci, tanto para resistência aos ataques do Estado burguês, quanto para o

desenvolvimento da consciência do proletariado e construção da revolução socialista. Dessa maneira, a disputa pela fábrica demonstrava que a luta de classes estava em permanência e que

o campo de controle é, portanto, o campo no qual a burguesia e o proletariado lutam pela liderança de classe sobre a grande massa da população. O campo de controle é, portanto, a base sobre a qual a classe trabalhadora, quando conquistou a confiança e o consentimento da grande massa da população, pode construir seu Estado, organizar suas instituições governamentais com a participação de todas as classes oprimidas e exploradas para iniciar o trabalho positivo de organização do novo sistema econômico e social (Gramsci, 1974, p.68⁷⁰).

As reflexões teórico-políticas de Gramsci expressavam a necessidade de organização e relação entre o Partido, o Sindicato e os Conselhos de Fábrica. A experiência dos Conselhos de Fábrica não desapareceu rapidamente do horizonte teórico do comunista sardo e se tornou essencial para formular teoricamente a organização e atuação de um partido revolucionário. A necessidade de ação política das massas e estratos mais populares, a vontade coletiva organizada, a democracia operária, a aliança entre operários e camponeses e a autoeducação das massas, são questões essenciais para a concepção de partido revolucionário na teoria gramsciana.

O Partido Comunista, surgindo das cinzas dos partidos socialistas, repudia suas origens democráticas e parlamentares e revela suas características essenciais, que são originais na história: a Revolução Russa é revolução feita por homens organizados no Partido Comunista, que no partido plasmaram uma nova personalidade, adquiriram novos sentimentos, realizaram uma vida moral que tende a se tornar consciência universal e meta para todos os homens (Gramsci, 2021, p.260)⁷¹.

O Partido revolucionário deveria nascer das classes oprimidas e manter sua ação, desenvolvimento e expansão entre elas. A estruturação do partido revolucionário necessitaria ser oriunda da relação orgânica entre os produtores e a produção. Os Conselhos de Fábrica seriam os organismos centrais do proletariado que, espalhados por todos os âmbitos da vida social e dialeticamente ligados aos sindicatos, organizariam o Estado operário. Os aspectos de autoeducação, autodisciplina, autogestão da produção, de educação do educador - o partido se tornar a classe e a classe se tornar partido - são essenciais, na obra de Gramsci,

⁷⁰ *Controllo Operaio* (Gramsci, 1974, pp.67-69), *L'Ordine Nuovo*, 10 febbraio 1921, I, n.41.

⁷¹ *O Partido Comunista*, publicado em 4 de setembro e no dia 9 de outubro de 1920, no jornal *L'Ordine Nuovo*, ano II, n.15.

para a construção de um Partido Comunista forjado pela autonomia e pelo autogoverno dos produtores.

No entanto, a classe operária já se encontrava derrotada e a ofensiva fascista se desenvolvia como uma revolução passiva. O objetivo era o de frear a organização das classes subalternas e garantir que não fosse possível um contra-ataque, uma revolução socialista. A situação nacional havia sido modificada: o proletariado turinense fracassou na revolução socialista, mas demonstrou que a luta “não ocorre no Parlamento” (Gramsci, 1974, p.68⁷²) e que a organização deve ser realizada por meio da luta das massas revolucionárias, com

propaganda e atividade de organização do partido histórico da classe trabalhadora, o Partido Comunista – a classe trabalhadora deve adquirir, tanto espiritualmente quanto organização, consciência de sua autonomia e personalidade histórica (Gramsci, 1974, p.68).

Em 17 de fevereiro de 1921, no artigo *Che fare?*, Gramsci, mesmo seguindo as decisões do PCI, parecia não ter abandonado a concepção dos Conselhos de Fábrica e a relação com a massa popular poder exprimir sua vontade. Em sua análise, seria preciso um campo de discussão na qual toda a classe operária pudesse intervir. Esse espaço não deixava de ser a fábrica, pois

Em torno dos Conselhos de Fábrica, que organizaram os trabalhadores industriais, que são expressão imediata dos operários industriais, é necessário criar assembleias maiores, nas quais todos os outros trabalhadores serão representados, para os quais até os soldados de quartéis possam emitir suas opiniões (Gramsci, 1974, p.75⁷³).

No entanto, Amado Bordiga, fundamentado no mecanicismo econômico e na fé revolucionária, não era favorável aos Conselhos. Por mais que o líder napolitano não tenha se formado nas matrizes positivistas do PSI, a influência dos processos de transformação econômica é notável nos escritos e na direção política do PCI até 1923. A formação política e intelectual do dirigente foi realizada no socialismo de Napoli, com a participação de maçons, anarco sindicalistas, socialistas e reformistas. A intransigência bordiguiana, mantida durante sua direção no PCI, era fruto da “rejeição à degeneração eleitoral e a quaisquer táticas focadas numa política positiva de alianças” (Fresu, 2020, p.119).

⁷²*Controllo Operaio* (Gramsci, 1974, pp.67-69), *L'Ordine Nuovo*, 10 febbraio 1921, I, n.41.

⁷³*Che Fare?* (Gramsci, 1974, pp.73-75), *L'Ordine Nuovo*, 17 febbraio 1921, I, n.48.

Segundo Fresu, devido à fase tão traumática como foi a cisão, “Bordiga era o dirigente de que a organização precisava, sendo o único capaz de guiá-la corretamente mesmo nas situações mais difíceis” (Fresu, 2020, p.126). Certamente que dentre os dirigentes políticos do PSI, Bordiga era um dos mais preparados em termos organizacionais, além de ser carismático e ter construído um grupo organicamente ligado às suas posições intransigentes, bem como teve o importante papel de dirigir o Partido desde sua fundação, em um dos períodos mais complexos da história Italiana.

No entanto, a ausência da dialética e o excesso do sectarismo nas fileiras do Partido, a recusa em discutir a questão agrária, bem como a análise de que a revolução estava na ordem do dia - em tempos de derrota - prejudicou a inserção do Partido nas camadas populares, na organização do campesinato e na luta antifascista. Nos primeiros anos, as tarefas do Partido Comunista eram muitas, sendo a principal construir efetivamente a luta antifascista e revolucionária - o que não foi feito.

O Partido organizava a militância segundo a concepção bordiguista e Gramsci não entrava em disputa. O militante sardo se dedicou intensamente na atividade jornalística sem ferir a linha do Partido. Inúmeros jornais e revistas de propaganda comunista surgiram nas mais diversas regiões do país: *Il Bolscevisco*, em Novara, *L'Idea Comunista*, em Alexandria, *La Voce Comunista*, em Milano, *La Comune*, em Como, *Bandiera Rossa*, em Savona, *Il Momento*, em Bologna, *L'Azione Comunista*, em Firenze, *La Lotta di Classe*, em Forlì, *Il Soviet*, em Napoli, *L'Abruzzo Rosso*, em L'Aquila, *Il proletario*, em Marsala e *L'Internazionale*, em Foggia, *Il Sindacato Rosso*, *Il Lavoratore*, *Il Bollettino*, *La Rassegna Comunista* e *L'Avanguardia*.

L'Ordine Nuovo se tornou muito conhecido em todo o país e respeitado na imprensa italiana. O semanário de cultura socialista passou a ser cotidiano e, com a direção de Gramsci, instrumento de resistência ao fascismo. A militante comunista Camilla Ravera conquistou uma coluna, *Tribuna delle Donne*, em que debatia a emancipação feminina e a importância de o Partido Comunista dirigir a luta das mulheres, com mulheres operárias em suas fileiras.

No dia 24 de fevereiro, apareceu a tribuna, com um comunicado do Comitê Executivo da IC anunciando a criação do Secretariado Internacional da Mulher, presidido por Clara Zetkin, e recomendando aos partidos comunistas a criação de comitês nacionais de trabalho entre as mulheres e de afins comitês nas seções locais dos partidos (Ravera, 1973, p.97).

A emancipação da mulher operária era mais uma das tarefas da ordem do dia que os comunistas do mundo inteiro precisariam abranger teoricamente e em termos práticos, na luta anti-imperialista e revolucionária. Para Bordiga, no entanto, a luta pela emancipação feminina não parecia estar na ordem do dia, enquanto para os fascistas criar o *L'uomo fascista* e *La donna fascista* era tarefa iminente.

De acordo com Camilla Ravera (1973, p.99),

Em março de 1921 tentamos destacar nossa primeira celebração do Dia Internacional da Mulher, Bordiga interveio. A liderança do Partido, disse ele, está ciente do movimento de mulheres que está começando em Torino e teria o prazer de dedicar parte de seu trabalho para expandir esse movimento em todas as regiões da Itália. Mas, a organização interna do Partido absorve a atividade da direção que teve que pensar e providenciar muitas coisas neste primeiro período. Assim que tiver oportunidade, a liderança do Partido nomeará um comitê nacional com a tarefa de organizar a propaganda comunista entre as mulheres em toda a Itália. De fato, algum tempo depois, foi criada uma central de trabalho entre as mulheres na direção do Partido, dirigida por Grieco, que começou então a publicação e difusão quinzenal da *Compagna*, com a colaboração, durante alguns meses, de Rita Montagnana (Ravera, 1973, p.99).

De fato, março foi um mês complexo, de derrota da revolução internacional, de forte ofensiva burguesa e ataque das milícias fascistas. No entanto, se fazia necessária a organização das mulheres nas fileiras do PCI e que fossem dirigidas e lideradas pelas próprias militantes comunistas existentes no Partido, que também reconheciam e se reconheciam enquanto mulheres pobres e operárias que lutavam pela emancipação. Por mais que Ruggero Grieco fosse excelente militante e dirigente, não precisaria ter ocupado o principal lugar de direção do jornal *Compagna*⁷⁴, pois esse espaço de voz e luta de emancipação feminina deveria ser ocupado por alguma militante operária comunista, modificação realizada por Gramsci quando esteve à frente da direção do Partido.

Na Rússia, com a derrota da revolução, os problemas deixados pelo capitalismo e o descontentamento dos camponeses faria com que a particularidade do país fosse redefinida com a NEP⁷⁵ e com a necessidade de dar um passo atrás. O ano de 1921 foi o período da virada na situação russa e na situação internacional, principalmente com a Ação de Março,

⁷⁴Sugiro a leitura do artigo de Meazzi, B. « *Gettiamo la semente comunista fra le donne proletarie* »: *Compagna et la révolution*. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/laboratoireitalien.6925>

⁷⁵Para aprofundar sobre a NEP: Bukharin, N. *Le vie della rivoluzione* (a cura di Francesco Benvenuti), Roma: Riuniti, 1980. Lenin, V. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1985. BERTELLI, A. *Capitalismo de Estado e Socialismo: o tempo de Lenin 1917-1927*. SP: IPSO, 1999.

na Alemanha. A revolução socialista já havia atingido a última praia, na Itália, e fracassado. A reorganização dos Estados por meio de revoluções passivas era iminente.

Segundo Del Roio,

era já patente a mudança de conjuntura. A vitória do exército vermelho sobre as tropas imperialistas invasoras e sobre os restos do exército imperial russo possibilitou que as desgastadas energias da Rússia revolucionária se voltassem para o trabalho de reconstrução do País, guiado sempre pelo projeto socialista (Del Roio, 2021, p.127).

No entanto, na esfera do Partido, o X Congresso de 1921, em março, aprovou secretamente um novo estatuto que não permitia a existência de frações, assim como proibia a oposição em decisões da direção. A questão sobre os sindicatos apareceu no Congresso com grande divergência sobre a autonomia para as diversas lideranças, assim como os *Soviets* foram também alvo da discussão. Foram descaracterizados do caráter democrático e de suas funções iniciais. Tornaram-se “órgãos meramente burocráticos, assim denominados, mas sem qualquer possibilidade de se constituírem em órgãos dirigentes de uma autogestão operária democrática” (Bertelli, 1999, p.74).

Na Alemanha, o proletariado e o KPD⁷⁶ lutavam para assumir o controle das ruas, em disputas que se tornavam massacres para a classe operária. Na Hungria, o governo socialista não fizera a aliança operário-camponesa e a revolução permaneceu localizada nos grandes centros urbanos, sendo rapidamente sufocada pelas tropas burguesas e reacionárias do país pela intervenção externa. Na Itália, a situação acompanhava o refluxo internacional e a contraofensiva burguesa chegava por meio das milícias fascistas nos campos e nas cidades.

A organização do PCI precisaria responder à conjuntura nacional e internacional. Bordiga dirigia o PCI a partir da concepção de partido de classe, uma unidade de ação do movimento que reúne elementos de uma localidade e representa determinada classe. Para o comunista, “o partido é apenas uma parte da classe” e esse deve ser o organismo que “anima, cimente, preceda”. Dessa forma, “a classe pressupõe o partido - porque para existir e se mover na história, a classe deve ter uma doutrina crítica da história e um objetivo a ser

⁷⁶Partido Comunista da Alemanha (KPD), fundado em Berlim, no dia 30 de dezembro de 1918. Uma de suas fundadoras foi a comunista Rosa Luxemburg.

alcançado dentro dela” (Bordiga, 1921a)⁷⁷. Em sua concepção, a massa proletária não deveria participar de todas as ações e iniciativas do partido político, pois daria respostas e traçaria caminhos que seriam favoráveis à burguesia.

Para o fundador do PCI,

A revolução requer uma organização de forças ativas e positivas, fascinadas por uma doutrina e um propósito. Estratos notáveis e inúmeros indivíduos que pertencem materialmente à classe, em cujos interesses a revolução triunfará, estão fora desse fascínio. Mas a classe vive, luta, avança, vence, graças ao trabalho daquelas forças que ela despojou de seu seio nas lutas da história. A classe parte de uma homogeneidade imediata das condições econômicas que nos aparece como o primeiro motor da tendência de superação, de ruptura com o sistema produtivo vigente. Mas, para assumir esse grandioso papel ela deve ter seu próprio pensamento, sua própria crítica de método, sua própria vontade, visando aquelas conquistas que a investigação e a crítica têm apontado, sua própria organização de combate que canaliza e utiliza seus esforços e sacrifícios com a melhor eficiência. E em tudo isso está o Partido (Bordiga, 1921a).

Bordiga compreende que a conjuntura nacional e internacional mostrava sinais de crise extrema e o problema do poder - já refletido durante a fundação do PCI - estava na ordem do dia a partir do dilema: “ditadura do proletariado ou ditadura da burguesia” Entendia ser inevitável que em certos momentos as “probabilidades revolucionárias” iriam diminuir e a burguesia se aproveitaria com a mobilização de “forças inesperadas de resistência”, enquanto “o movimento dos partidos comunistas perde momentaneamente terreno tanto no campo da organização como no dos quadros de massas” (Bordiga, 1921b)⁷⁸. Nesse caso, seria imprescindível que o Partido Comunista se mantivesse estritamente organizado, centralizado e disciplinado, sendo capaz, portanto, de atrair as massas por conter tais características.

3.2 *Biennio nero*: a ofensiva reacionária

O fascismo se mostrou um fenômeno político de massas próprio do século XX, com raízes bem definidas no contexto da Guerra Imperialista e da derrota da Revolução Socialista. *Itália e Spagna*, artigo publicado por Gramsci em 11 de março de 1921 no *L'Ordine Nuovo*, é um retrato da situação internacional de derrota e contraofensiva

⁷⁷Texto *Partito e classe*, publicado na *Rassegna Comunista*, anno I, n.2 del 15 aprile 1921a, firmato Amadeo Bordiga. Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/partitoclasse.htm>>. Acesso em 18 de dezembro de 2022.

⁷⁸*Partito e azione di classe* publicado em *Rassegna Comunista*, anno I, n. 4 del 31 maggio 1921, firmato Amadeo Bordiga. Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/partazclasse.htm>>. Acesso em 18 de dezembro de 2022.

reacionária em que se encontrava a Europa. O fascismo, observado a partir da escala internacional, é “a tentativa de resolver os problemas de produção e troca com metralhadoras e tiros de pistola”. Seu fundamento está no fato de a Guerra Imperialista ter arruinado e dissipado as forças sociais, com mais de vinte milhões de homens mortos e outros milhões feridos. A guerra, raiz do fascismo, transformou as relações entre campo e cidade, centro e periferia. As crises de hegemonia liberal e a crise orgânica atingiram toda a Europa e se mostravam, para os liberais e para a social-democracia algo incontornável, a não ser a partir do uso da violência e do desmantelamento das forças sociais proletárias e camponesas que lutavam por sobrevivência. Para a pequena e média burguesia urbana e agrária, a solução desses “gigantescos problemas” seria possível “com metralhadoras e pistolas” (Gramsci, 1974, p.101⁷⁹).

De acordo com Gramsci, a Espanha de 1918 e 1919 atravessou uma terrível crise desde que o país foi vendido e saqueado pelos capitalistas espanhóis. Os grupos armados da pequena e média burguesia passaram a existir com o objetivo de massacrar o movimento revolucionário que se organizava em sindicatos e greves industriais. Os *fasci (somaten)* antibolcheviques foram constituídos por militares dos clubes de oficiais e se expandiram chegando a Barcelona e recrutando cerca de 40 mil homens armados. Os massacres, tiroteios nas ruas, dissoluções de leis, associações camponesas e destruição de sindicatos foram “o material cotidiano da vida política”. A liberdade foi suspensa, os sindicatos operários passaram a funcionar na clandestinidade e a classe operária foi reduzida à miséria, fome, raiva e “condições indescritíveis de selvageria e barbárie” (Gramsci, 1974, p.102).

Os fascistas espanhóis utilizaram as mesmas táticas que mais tarde os fascistas italianos usariam: “ataques a líderes sindicais, oposição violenta a greves, terrorismo contra as massas, oposição a todas as formas de organização, ajuda à polícia regular em atividades repressivas e prisões”. A análise de Gramsci não poderia ser, infelizmente, mais assertiva:

a Espanha é um país exemplar. Representa uma fase pela qual todos os países da Europa Ocidental passarão se as condições econômicas continuarem como estão hoje, com as mesmas tendências que atualmente (Gramsci, 1974, p.102).

Durante o *biennio nero* a pequena burguesia se armou e introduziu nas lutas de classes os “métodos militares de ataque e ataque surpresa” (Gramsci, 1974, p.102). As

⁷⁹ *Italia e Spagna* (Gramsci, 1974, pp.101-103), *L'Ordine Nuovo*, 11 marzo 1921, I, n.70.

eleições de maio de 1921 marcaram o apogeu da violência fascista. Torino e o Piemonte foram também atingidos, mas a classe operária na cidade fabril mostrou maior resistência.

Segundo D’Orsi,

não foi imediata a passagem das classes médias turinenses ao fascismo, controlado localmente pela direita reacionária, nacionalista e monarquista. O fascismo em Torino e em todo o Piemonte se apresentava mais débil que a média nacional (D’Orsi, 2022, p.141).

No entanto, nos dias 25 e 26 de abril as esquadras atacaram a sede da Câmara de Trabalho em Torino. Os fascistas foram os responsáveis pelos atos criminosos que derrubaram sangue na Itália, com auxílio das milícias organizadas, mas também porque milhares de funcionários do Estado, da magistratura e da segurança pública se tornaram cúmplices e financiaram as munições e armas capazes de destruir as forças opostas. Fato é que “a ofensiva fascista promovia cotidianamente assassinatos de operários, militantes de esquerda ou não, em várias localidades e diferentes contextos pelo território italiano” (Galastrì, 2022, p.56).

A violência piorou após as eleições e o PCI, submetido às teses do II Congresso da IC, decidiu no dia 1º de abril de 1921, abandonar o abstencionismo e disputar as eleições parlamentares de maio. Os resultados que o Partido obteve “foram objeto de vários comentários e, acima de tudo, de apreciação díspar”, pois “tiveram um valor considerável para o Partido Comunista; se não o tivessem, sua participação não seria explicada”. O valor disso estaria relacionado com os ataques fascistas quando, com granadas de mão, explodiram uma procissão em Bolzano que resultou em uma pessoa morta e várias feridas. A população “respondeu com uma greve de protesto de 48 horas e os esquadrões escaparam da raiva popular graças à proteção do exército” (Gramsci, 1974, p.169⁸⁰).

De forma mais ou menos organizada, mais ou menos espontânea, o movimento operário começou a responder militarmente. Além da reativação, em alguns locais das “guardas vermelhas” oriundas do movimento anterior de ocupação das fábricas, surgiram também grupos de autodefesa, sob a iniciativa de núcleos de combatentes populares oriundos de várias tendências à esquerda do espectro político: socialistas, anarquistas, comunistas, republicanos, sindicalistas. Milícias vermelhas se armavam e jovens militantes se organizavam no plano militar (Galastrì, 2022, p.56).

⁸⁰ *Linee di Sviluppo* (Gramsci, 1974, pp.169-172), *L'Ordine Nuovo*, 27 maggio 1921, I, n.146.

Após as eleições, Gramsci retornou a reflexão sobre o Congresso de Livorno e concebeu a cisão como “a primeira vez que a máquina do Partido se dirigiu às grandes massas nacionais”. Ainda que a organização do Partido se apresentasse como debilitada em termos de luta antifascista, até mesmo pelo fato de Bordiga subestimar o fascismo, “os resultados mostram que, como organização, nosso partido alcançou um desenvolvimento admirável, apesar das dificuldades e deficiências de todos os tipos”. No entanto, se desenvolvia “uma consciência política definida no meio de grandes estratos de massa, que se reúnem e agem com base no Partido Comunista”. Mas, por mais força e números que o PCI pudesse ter, Gramsci compreendia que não se tornaria “forte e efetivamente ativo na sociedade capitalista” se não tivesse “o cuidado de conquistar as massas trabalhadoras em seus locais mais naturais de luta: no sindicato, nas fábricas, nas empresas, oficinas, cooperativas” (Gramsci, 1974, p.170).

Para Gramsci, os deputados comunistas eleitos não poderiam esquecer a necessidade de ampliar a atuação do Partido nas organizações do proletariado e do campesinato, pois

ter dez ou vinte deputados no Parlamento não tem importância para um partido seriamente revolucionário se isso não estender a rede de suas organizações diretamente entre as massas operárias e fazê-las obter sua voz ou palavra diretamente (Gramsci, 1974, p.170).

As eleições demonstraram a importância do PCI no novo cenário Italiano, mas Gramsci enfatizava a necessidade de preparação “para que o partido fortaleça suas bases” e seja capaz de se expandir nos grupos de operários e de camponeses. O objetivo era que o proletariado e o campesinato pudessem canalizar suas forças para as formas concretas de luta da organização comunista. Enfraquecidos no sindicato, tomado pelos reformistas, um trabalho de organização e educação deveria ser realizado. Os comunistas precisariam “explicar mais intensamente seu trabalho de esclarecimento e conquista das massas aos métodos revolucionários” (Gramsci, 1974, p.171).

Dessa forma, os Conselhos de Fábrica, assim como o Sindicato e o Partido Comunista, deveriam estar organicamente ligados à vida dos operários na tarefa de esclarecimento e formação cotidiana justamente para enfrentar o cenário de horror que parecia não ter fim e a violência fascista dispersava as massas: “Incêndios, devastações, saques, assassinatos, tudo para demonstrar o fracasso dos comunistas” (Gramsci, 1974, p.157). As eleições de 1921 ocorreram na complexa crise econômica que o país atravessava. Estava claro para Gramsci que o PCI deveria se envolver no processo eleitoral, pois a luta

de classes ocorria em todos os lugares, por mais que a centralidade da fábrica, da organização do Partido e na ação frente aos Sindicatos fosse a frente mais eficaz para atuação do Partido. O proletariado deveria ser alcançado “com nosso trabalho neste período após as eleições” e o PCI deveria apresentar táticas de organização, “clareza sindical” e organização dos trabalhadores para a conquista do poder operário, assim como para evitar a dissolução e a confusão trazida pelos fascistas (Gramsci, 1974, p.171).

Apesar do terrorismo fascista, os partidos operários conquistaram um total de 139 assentos no Parlamento: 123 para os socialistas, que se mantiveram como o partido base da vida nacional, 16 para os comunistas, 10 cadeiras para o Partido Popular e 35 para os fascistas. O resultado das eleições foi fruto de “um imenso valor político e histórico”, principalmente para o que o PSI representava e o lugar que o PCI passou a ocupar. Para Gramsci, o PSI precisaria ter “que escolher, ou se tornar um partido revolucionário, apelar à ação revolucionária das massas para defender posições que ele adquiriu” com o objetivo de “formar um governo operário que sufoque o terrorismo dos industriais e proprietários de terras, com uma milícia e tribunais proletários”. Ou, então, “se tornar abertamente um partido colaborador, ingressar em um governo democrático e obter da atual “legalidade”, apoiada por uma fração das massas populares a restauração das liberdades constitucionais (Gramsci, 1974, p.166⁸¹).

Os resultados eleitorais apontaram que o desenvolvimento dos socialistas em relação aos comunistas indicava uma série de táticas a serem seguidas e de trabalho organizacional. Para Gramsci, uma das tarefas urgentes era que o PCI se constituísse como um partido das grandes massas. Os proletários não poderiam acreditar apenas que a conquista de mais lugares no Parlamento fosse suficiente para uma conquista real e concreta do poder operário. De fato, esse é um processo cotidiano realizado pelo Partido, pelo Sindicato, Conselhos de Fábrica, associações culturais, escolas, etc.

Decerto que a “guerra abriu a maior crise que a história se lembra, uma crise que não é de um governo ou Estado, mas de um regime e um mundo dos chefes” (Gramsci, 1974, p.160⁸²). A crise de representatividade e direção que se expandiu para o Estado e para as instituições na vida civil, escancarando a separação entre grupos sociais e Partidos tradicionais, acirrou um momento perigoso, de dificuldade de organização e orientação das

⁸¹*Resultati* (Gramsci, 1974, pp.166-167), *L'Ordine Nuovo*, 17 maggio 1921, I, n.136.

⁸²*Socialista o Comunista?* (Gramsci, 1974, pp.159-162), *L'Ordine Nuovo*, 13 maggio 1921, I, n.132, *edizione straordinaria*.

massas populares. Momento de abertura para homens providenciais e carismáticos que retomam o controle, mostram se sacrificar em nome de uma nação e fazem promessas demagógicas para manter a hegemonia burguesa (Gramsci, Q.13 §23 2014, pp.1602-1603).

O terror fascista não foi barrado, mas legalizado e institucionalizado na guerra de posição, “uma situação a qual essas forças são levadas independentemente da sua vontade” (Galastri, 2022, p.41). Mussolini assumiu a figura do líder carismático e passou a organizar a baderna fascista.

É preciso dizer que Mussolini é uma pessoa de têmpera bem diferente da do poeta D’Anunzio. Mussolini usou muito bem a aventura de Fiume e a emoção que então se levantou, mas não tomou parte dela, pois calculava seu inevitável fracasso. Aproveitou plenamente a conquista de Fiume para inflamar o chauvinismo, sem se colocar em uma empreitada arriscada e romântica. Isso basta para caracteriz lo (Pachukanis, 2020, p.30).

Possivelmente um dos únicos méritos do líder fascista foi o de organizar a violência e as diferentes lideranças regionais que surgiram com o movimento reacionário. A decomposição ideológica burguesa utilizada por Mussolini encobria a essência reacionária dos fascistas enquanto o véu nacionalista utilizava os nomes de Giuseppe Garibaldi e Giuseppe Mazzini para encobrir a violência.

O ano de 1921 foi como um salto no sangue dos operários: a migração da guerra de movimento para a guerra de posição infringida por meio da disputa parlamentar. Os fascistas conquistaram apenas 35 cadeiras, mas a aliança entre os liberais de Giolitti com as forças antibolcheviques e os fascistas institucionalizaram a ofensiva reacionária. Um dos objetivos de Giolitti era o de conter a ilegalidade fascista e colocá-los no Parlamento seria uma maneira de amenizar a desordem causada por Mussolini. Um dos grandes problemas é que a estratégia de Mussolini foi justamente a de causar o caos para mostrar que somente ele poderia acabar com a desordem.

Contudo, as milícias fascistas eram violentamente antiparlamentares e seguiam o primeiríssimo fascismo (1919) em atentados contra a vida de professores, lideranças sindicais, jornalistas, camponeses indefesos e qualquer pessoa ou organização popular que não estivesse de acordo com o fascismo. Para Mussolini, a violência fascista era limitada e necessária ao passo que a violência dos vermelhos deveria ser contida.

  indispensável que se chegue o quanto antes   formação regular e militar das nossas forças. Que cada um, portanto, se ponha a trabalhar sem cessar atividade.

Em setembro próximo, os regimentos fascistas de Ferrara já devem estar magnificamente ordenados em suas fileiras. Somente com um exército disciplinado conquistaremos a vitória decisiva [...]. Para o comando das esquadras de ação, as pessoas mais indicadas são os ex-oficiais, em especial os Arditi e os da infantaria [...]. Quanto aos matrahadores, especifiquem o conhecimento das metralhadoras austríacas e das metralhadoras de mãos, bem como das metralhadoras Fiat, Lewis e S. Etienne [...] (Mussolini *apud* Scurati, 2019, p.385).

No mesmo período, Giacomo Matteotti publicava no número 07 da revista *Critica Sociale* um apelo para que camponeses do Vale do Pó não respondessem às provocações fascistas e permanecessem em suas casas, pois o silêncio e a covardia também seriam atos heroicos. Em linha semelhante, Filippo Turati defendia que a crise social que a Itália vivia durante 1921 seria possível de resolver no Parlamento. De acordo com Gramsci, a análise de Turati seguia a linha de que a burguesia continuaria sendo classe dominante durante muitos anos, sendo o regime parlamentar “o mais perfeito dos regimes populares”. No entanto, com esse posicionamento, o proletariado foi o maior prejudicado, pois a situação necessitava de organização nas ruas para conter a violência e nas fábricas a organização da produção deveria transformar o curso da revolução passiva (Gramsci, 1974, p.144⁸³).

Gramsci foi mais assertivo, pois além de compreender as origens do fascismo e sua base popular, compreendeu a importância de analisar a correlação das forças sociais e a atuação dos partidos políticos na organização das massas populares. Se o período era ou não reacionário tornou-se “o ponto central da controvérsia entre revolucionários e reformistas, entre comunistas e socialistas”. Do ponto de vista das soluções, “toda a direção a ser dada ao movimento proletário depende, assim como de todas as questões de táticas e organização dos partidos revolucionários” (Gramsci, 1974, p.144).

Alguns comunistas negavam, inclusive Amadeo Bordiga,

que o período atual deva ser considerado reacionário. Sustentam, ao invés disso, que o complexo dos acontecimentos atuais é a documentação mais visível e abundante da decomposição definitiva do regime burguês. Esta tese baseia-se na experiência política mais comum, nas próprias doutrinas dos estadistas burgueses (Gramsci, 1974, p.144).

Para Gramsci, essa tese não explicaria de fato o fascismo. Em primeiro momento e devido à violência nas ruas, o movimento fascista deve ser compreendido como reação, quando mais ao levar em consideração os acontecimentos internacionais e nacionais de intentos revolucionários e revolução socialista na Rússia. O sardo define que “a reação é

⁸³Reazione? (Gramsci, 1974, pp.144-147), *L'Ordine Nuovo*, 23 aprile 1921, I, n.113.

caracterizada por uma forma de organização estatal igual à organização revolucionária do estado: pela concentração de poderes em um único organismo político” (Gramsci, 1974, p.144). Nesses períodos de crises, o Estado é capaz de encontrar uma saída e manter sua funcionalidade governamental, sendo que

o período reacionário é precisamente o período da funcionalidade governamental mais aguda e espasmódica, da militarização de todos os órgãos do Estado, de extrema centralização, de disciplina inflexível das hierarquias inferiores (Gramsci, 1974, p.144).

A diferença substancial entre

reação e revolução é apenas esta: a reação concentra os poderes do Estado para restaurar a autoridade burguesa, fortalecer a estrutura enfraquecida da estrutura hierárquica da sociedade capitalista; a revolução usa a mesma ferramenta para afirmar a autoridade proletária para construir uma nova estrutura social, não hierárquica, mas igualitária. Uma diferença fundamental, evidentemente, que explica como a burguesia nega que o período atual seja considerado reacionário e aceitam a reação também das medidas enigmáticas que limitam temporariamente suas liberdades, da mesma forma que o proletariado aceita os encargos e coerções da revolução que inclui a necessidade de usar transitoriamente para implementar os fins permanentes (Gramsci, 1974, pp.144-145).

A guerra de posição, estratégia militar adotada pelos exércitos na Primeira Guerra Mundial, não é uma escolha e o grupo que perde a guerra de movimento é obrigado a travar a guerra de posição. Para a Ciência Política gramsciana, é uma das principais estratégias para a luta e organização das classes sociais e se trata de uma forma política desenvolvida por todos os Estados modernos capitalistas nos tempos de paz. O fascismo assumiu as condições correspondentes ao que foi o liberalismo moderno e conservador, inclusive em seu primeiro ano se afirmando na tradição da velha direita histórica. Com o início da revolução passiva, em 1921, a transformação na indústria levou à nova formatação da classe operária, em grande medida ludibriada pela ideologia fascistas. Os “elementos de uma guerra de posição no campo econômico internacional, quase como a revolução passiva” ocorreu no campo político, caracterizando o fascismo como representante prático na Itália e ideológico na Europa (Gramsci, Q.10 §9, pp.1.228-1.229, 2014).

Para Gramsci, a revolução socialista requer a criação de uma nova hegemonia e de um novo Estado. A conquista dos aparelhos de hegemonia e da fábrica formam o nexos entre cultura-política e trabalho para a construção do autogoverno proletário. Para o

desenvolvimento de uma democracia operária seria necessária a conquista das fortalezas ideológicas criadas pela política moderna, assim como “a estrutura maciça das democracias modernas, seja como organizações estatais, seja como conjunto de associações na vida civil, constitui para a arte política algo similar às trincheiras” (...) (Gramsci, Q.13, 7, p.1.567).

No entanto, após o fracasso internacional da revolução, em março de 1921, o fascismo, revolução passiva e revolução-restauração, atuou na completa decomposição do Estado burguês em crise “porque o judiciário, a hierarquia militar, a polícia e a burocracia não obedecem mais ao seu centro natural, ao governo político, por mais que estejam com ele” (Gramsci, 1974, p.145).

a crise geral da Itália é a crise da classe média, é a crise da autoridade nos comandos sociais subordinados, que constitui o máximo da estrutura burguesa do estado. Como o Parlamento poderia remediar essa crise? De que fonte ele poderia extrair a força necessária para se impor, restaurar o espírito hierárquico? Certamente não do capitalismo, que é precisamente a razão de ser da crise, já que ela não consegue mais dominar as forças produtivas, pois se mostrou incapaz de garantir à sociedade os meios de subsistência e desenvolvimento. Somente o proletariado pode dar a força necessária para restaurar uma ordem elementar, segurança pública, justiça, uma milícia disciplinada no governo; mas, acredita-se que o proletariado não dará força ao Parlamento e, mesmo que quisesse, não poderia restaurar o regime parlamentar. O Parlamento é uma superestrutura do Estado. Ao contrário, uma nova estrutura deve ser construída, uma nova organização militar, judicial, burocrática e policial deve ser criada, com mais proletários, com funcionários proletários, com um novo método de recrutamento, baseado na elegibilidade e não na carreira (Gramsci, 1974, p.145).

O Parlamento formado após as eleições escancarou a perda do PSI: com 3% de deputados comunistas eleitos; 2% de republicanos. Os socialistas ficaram com 25% do Parlamento e os Populares mantiveram os 20%, sendo que os parlamentares do *Blocco Nazionale* não chegaram aos 47%. O grande problema foi a vitória dos fascistas: vencedores das eleições não apenas em número, mas por entrincheirar no Estado mais de 40 jovens comandantes de esquadras armadas, menores de 30 anos e que passaram a ocupar cadeiras parlamentares: os mesmos jovens que fizeram o processo eleitoral ser sanguinário, com violência, assassinatos e incêndios. No dia das eleições os confrontos mortais se espalharam por todas as regiões do país: Vigevano, Novara, Biella, Mantova, Cremona, Padova, Lecce, Siracusa e Foggia, somando mais de 104 feridos e 29 mortos. Os eventos sangrentos conquistaram ainda mais o apoio de jovens simpatizantes do fascismo, assim como pequenos proprietários rurais. Giolitti não conseguiu domesticá-los e a crise entrou em sua fase mais aguda, com o Parlamento fragmentado e cada vez mais decadente (Scurati, 2019).

o aumento do número de deputados, o aumento do poder das organizações e a conquista de dois mil municípios levaram os burgueses a se armarem, a perseguirem trabalhadores e camponeses com armas, a incendiar suas casas, a destruir suas instituições, para reduzir regiões inteiras a um regime inferior ao da escravidão, porque não há mais lei, não há mais direito, exceto a lei do punho e o direito ao revólver achatado na face dos trabalhadores e contra os seios de suas mulheres e crianças (Gramsci, 1974, p.161).

À moda italiana, o fascismo foi uma revolução passiva que restaurou o velho poder italiano no Estado e não solucionou os problemas não resolvidos durante o *Risorgimento*, que incutiu na ausência de uma justiça e “defesa legal imparcial”, bem como na ausência de uma democracia burguesa e de suas instituições fortes. Dessa maneira, “o terror sempre existiu em nosso país, e o terror acompanhou indissolivelmente o horror e a vingança sangrenta e cega”. O emprego violento das táticas de violência do fascismo e do governo mostraram “os abusos sistemáticos do poder do Estado” (Gramsci, 1974, p.118⁸⁴).

O ano de 1921 se assemelhou como quem vive “à mercê de forças naturais desencadeadas” (Gramsci, 1974, p.118).

é nossa culpa não ter entendido por dois anos quais teriam sido os eventos, é nossa culpa ter deixado passar muito tempo e não ter tido a audácia da parada vigorosa do andamento fatal das coisas! Uma imensa tristeza invade nossos corações, se refletirmos sobre o horror da situação italiana e sobre o futuro que está sendo preparado para o povo (Gramsci, 1974, p.118).

A crítica de Gramsci tem relação com a estagnação do PSI e a inabilidade dos comunistas ao fazer resistência ao fascismo. A direção sectária de Amadeo Bordiga não aceitou a atuação de comunistas com o movimento armado dos *Arditi del Popolo*, nem uma frente antifascista com o PSI e os anarquistas. Gramsci se manteve sempre alinhado ao Partido e não fez críticas abertas à direção do PCI, mas é possível verificar em seus textos a necessidade orgânica da aliança operário-camponesa para a construção de um novo Estado - que requeria resistir ao fascismo - a partir da produção, com armas “à reorganização das forças produtivas desperdiçadas pelo capitalismo”, o que claramente seria parte da luta antifascista e anticapitalista (Gramsci, 1974, p.144).

essa persuasão, composta de tristeza e amargura, não nos causa nenhuma degradação ou retirada de vontade: está em nosso dever, é nosso dever, é nossa missão histórica revelar e organizar as energias saudáveis e robustas de nosso povo, e cumprimos nosso dever até o fim, até o último suspiro (Gramsci, 1974, p.119).

⁸⁴ *Terrone e orrore* (Gramsci, 1974, pp.118-119), *L'Ordine Nuovo*, 25 marzo 1921, I, n.84.

A questão da fábrica, central nos artigos de Gramsci, retrata que os camponeses e operários de todas as categorias deveriam exercer o poder e o controle “através de novas instituições, que dão à fábrica uma nova forma e uma disciplina férrea de ordem e de trabalho para todos”. Assim que “todas as outras lutas devem estar subordinadas à conquista do poder, criação do novo estado, do estado dos operários e dos camponeses”. A tática de luta “seguida pelos operários russos” lhes permitiu “olhar para o futuro com certeza, enquanto em todos os outros países, os trabalhadores olharam para eles com apreensão, com medo, com ansiedade”. A tática do PCI, então, propunha aos operários e camponeses italianos o programa comunista: “ser comunista, votar no Partido Comunista, significa ser convencido da verdade deste programa, declarar-se pronto para lutar por sua realização” e “enviar homens ao Parlamento que apenas propõem afirmar esses princípios”, o de força “ao órgão que guia a melhor parte da classe operária para implementá-lo em todo o mundo (Gramsci, 1974, p.162).

O resultado eleitoral de maio, favorável aos fascistas, custou a vida de muitos operários, socialistas, comunistas e anarquistas. O movimento fascista tornou-se um fenômeno social da Europa em crise e a violência se espalhou por diversos países. Em julho o Governo Giolitti foi derrubado, formando um novo governo com Ivano e Bonomi; na Alemanha, Adolf Hitler passou a ser o presidente do Conselho do NSDAP, auxiliando em outubro na criação da *Sturmabteilung* (SA), organização paramilitar nazista. A Alemanha, mais um país atingido pelo fascismo⁸⁵, também viveu tempos terríveis que ficaram marcados na história. Com o fim da guerra, a crise orgânica atingiu o país, que não saiu tão vitorioso como almejava e escancarou a iminente crise da hegemonia liberal, colocando na ordem do dia a construção de Conselhos Operários e Soldados, a liquidação dos sindicatos e a formação de um partido revolucionário. No entanto, a instauração da República de Weimar (1919-1933) não impossibilitou as prisões, perseguições e violência contra a ala comunista do movimento operário, inclusive os assassinatos dos militantes comunistas Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, dias após o Congresso de Fundação do KPD.

O caráter de *Os Dois Fascismos* estava claro: a disputa entre os fascistas não se resumia mais na oposição e repressão aos socialistas italianos e aos comunistas, mas na

⁸⁵ “Semelhante aos *fasci di combattimento*, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), que nada tinha de socialismo, equiparava-se ao movimento fascista que se constituía na Itália. O antisocialismo e o anticomunismo desempenharam papel importante na organização e fervor terrorista dos militantes fascistas alemães, mas o Partido representava, em seus primeiros anos de vida, principalmente, os pequenos proprietários de terra que sofreram com a guerra, de forma que o ressentimento contra os judeus, artesãos e campesinato aumentou consideravelmente” (Grand, 2005, p.40).

correlação de forças entre si. O fascismo era internacional: um fenômeno do século XX. Mussolini não possuía de fato um lado e não se tornou defensor do Parlamentarismo apenas por se tornar Primeiro Ministro, pois tanto no Parlamento os acordos com os capitalistas foram frutíferos. A violência na rua e no campo não poderia ser paralisada completamente, pois as esquadras desmantelavam a resistência operária e camponesa e legitimava qualquer política que Mussolini preparava.

A virada reacionária internacional da segunda década do século XX demonstrava o refluxo da revolução e o fascismo como saída do bloco histórico de poder burguês. Uma ditadura do capital financeiro e dos grandes industriais, apoiada pela burguesia e pela pequena burguesia, com ideologia chauvinista e irracionalista foi o resultado da ausência de originalidade no discurso e a decomposição da ideologia burguesa. No entanto, a pequena organização fascista que em 1919 reuniu ex-soldados ressentidos, jovens e pequenos proprietários de guerra unificados em torno do “ultra chauvinismo”, do “ultranacionalismo”, que “combinavam-se a uma demagogia anti plutocrática, com exigências de uma ordem republicano-democrática e anticlerical”, modificou seu programa em 1921, se tornou Partido, abandonou qualquer hostilidade ao capital financeiro, à Igreja e se mostrou como

a ferramenta mais eficaz para a repressão do movimento operário e para a luta contra a revolução comunista. A fim de cumprir essa função, contando com a criação de uma milícia armada, o *f.* assumiu a posição de um Estado dentro de um Estado e, finalmente, no outono de 1922, por meio de um golpe, tomou nas mãos o poder do Estado (Pachukanis, 2020, p.57).

O movimento fascista adquiriu caráter internacional e significado europeu. Tornou-se uma das formas de disputar a guerra de movimento⁸⁶ do século XX. Vitorioso nas ruas, passou a travar a guerra de posição mesmo desdenhando do parlamentarismo burguês.

⁸⁶“Foi, de fato, precisamente durante o fascismo que a posição das mulheres, tanto no que diz respeito a toda esfera social, como aos interesses da nação, assumiu novas características face às tarefas e funções que tinham pela frente. Mussolini impôs uma linha completamente diferente que o distinguiu da atitude da classe dominante do passado: ele queria chamar as mulheres para participar na primeira pessoa, pois elas teriam um papel funcional na organização do consenso. Isso exigia, inelutavelmente, a capacidade de gerir todo o universo feminino, sem nenhuma exclusão. Por isso foram criadas as organizações de mulheres que categorizavam todas elas de acordo com sua posição na sociedade” (Contini, 2019, n.p). A disputa pelas consciências não possuía tréguas, até mesmo por ser a organização disciplinada das massas uma das características do fascismo. Em outubro de 1926, dos 938 mil membros, cerca de 53 mil eram mulheres organizadas nos 1.185 *Fasci* femininos e 211 mil jovens nos 4.930 *Fasci* de vanguarda (Pachukanis, 2020, p.33). No terreno masculino e juvenil, o objetivo central foi o de aglutinação e direcionamento militar dessas camadas sociais contrarrevolucionárias para a guerra civil. No caso das mulheres e das crianças - o fascismo contava, em 1926, com 269 mil crianças nas 4.850 organizações infantis (*balila*) -, o interesse era o de manutenção da ordem patriarcal e católica, existente milenarmente na Itália e na Europa, com a mulher recuperando o papel da dona do lar, esposa, pura e mãe de numerosos filhos, o que auxiliaria no desenvolvimento do homem fascista e da sociedade reacionária.

Decerto que para conquistar o consenso das massas e exercício de hegemonia, as ruas e as fábricas não foram deixados de lado. O fascismo, prática preparada no terreno da Guerra Imperialista do século XX, rearticulou o Estado burguês e o bloco histórico de poder por meio de revolução passiva e revolução-restauração utilizando-se de reações armadas que direcionaram o dismantelamento do comunismo e do movimento operário do século XX. Disputou a consciência de todas as forças sociais existentes no país: mulheres, crianças e jovens, homens, camponeses, tendências da Igreja e, claramente, dos operários nas fábricas.

3.3 O partido de Mussolini e a fábrica

O segundo semestre de 1921 escancarou a crise do fascismo e sua transformação de movimento para um Partido com milícias assassinas, dirigido por Mussolini e outros engajadores de assassinatos e espancamentos. A luta de classes esteve aberta e a disputa ocorreu pela consciência da classe operária e do campesinato. De um lado os fascistas arregimentaram as forças sociais liberais, monárquicas, católicas-conservadoras e reacionárias. Do outro, anarquistas, socialistas, alguns católicos, democráticos, os *Arditi del popolo* e os comunistas não faziam a resistência ser suficiente. A disputa ultrapassou a batalha de ideias nos jornais e migrou para o massacre nas ruas.

Em agosto, o Conselho dos *Fasci di combattimento* se reuniu e Mussolini chamou atenção para a necessidade de um partido parlamentar e um pacto com os socialistas, mas não renunciou à violência e à balbúrdia, pois o caos nas ruas, o assassinato de lideranças sindicais e partidárias, assim como a pacificação e chegada no Parlamento eram necessárias para o prestígio e legitimação do líder fascista. Qualquer fosse a decisão dos *Fasci*, Mussolini se beneficiaria.

O primeiro discurso de Mussolini em Montecitorio revelou a mudança de atitude do *Fasci*, com a intenção de abandonar a estratégia negativa de violência no país pela de colaboração no Parlamento. As palavras do líder fascista foram especialmente dirigidas aos socialistas e populares, considerado os representantes oficiais das mulheres trabalhadoras. As duas partes responderam concordando em se colocar no terreno do acordo e da colaboração construtiva (Gramsci, 1974, p.544⁸⁷).

⁸⁷La crisi del fascismo (Gramsci, 1974, pp.544-546), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 9 de agosto de 1921, I, n.220. Muitos dos argumentos e reflexões presentes no artigo em questão são desenvolvidas por Gramsci em *I due fascismi*, texto de 25 de agosto de 1921.

Um dos objetivos de Mussolini era o de legalizar o fascismo e um pacto com os socialistas, para diminuir os conflitos, se mostrava essencial. No entanto, Mussolini não falava por todos os fascistas. A organização dos *Fasci* havia se modificado desde a criação do movimento em 1919. Organizavam-se por região, com símbolos e estratégias de violência distintas. Preservam o regionalismo e a estrutura hierárquica - quase que de um feudo -, mas, guiados pelo mito do Império e da nacionalização da Itália, se alimentavam com a violência pela defesa da propriedade privada e rural. Diferente de Mussolini, não vislumbravam chegar à Roma e a pacificação se mostrava uma traição.

“O Partido Socialista respondeu aceitando negociar e estipular um acordo, com a participação oficiosa do governo, para acabar com a violência mútua e assim preparar um ambiente de melhor entendimento para o futuro” (Gramsci, 1974, p.544). Italo Balbo e Dino Grandi foram contrários ao pacto de pacificação e anunciaram Gabriele D’Annunzio como o verdadeiro pai do fascismo Italiano, nascido na carnificina do *Palazzo d’Accursio*, em Bolonha. O pacto foi firmado no dia 03 de agosto de 1921, com a participação de parlamentares liberais, socialistas, fascistas e representantes da CGL (Scurati, 2019).

Poucas horas após o pacto de pacificação, as esquadras da Toscana, do Veneto e da Reggio Emilia denunciaram a manobra política de Mussolini, o qual com apoio de Cesare Rossi rebateu os rebeldes ao dizer que estavam presos a pautas rurais. Ficava cada vez mais clara a crise do fascismo e a divisão entre suas principais lideranças, principalmente quando Mussolini e Rossi “tentaram dar ao seu movimento o caráter e as diretrizes de um partido parlamentar” (Gramsci, 1974, p.544).

Apesar de sua estrutura centralizada e militar, apesar da poderosa personalidade de Mussolini, o movimento fascista, então como posteriormente o partido fascista, antes da “Marcha sobre Roma”, mas e ainda por muito tempo depois, em termos de organização política unitária, era quase inexistente. A autoridade da Comissão Executiva, do Comitê Central, do próprio Mussolini estava na periferia. A verdadeira força, a verdadeira estrutura do fascismo eram as ruas e seus líderes locais, as esquadras (De Felice, 1966, p.115).

No entanto, o fascismo jamais seria apenas um partido parlamentar. Seu caráter era o da violência, o de pelotão de extermínio e isso não seria possível ser desfeito.

Um drama foi imposto pelas origens e pelo curso da crise fascista: constituir um partido ou criar um exército [...]. A meu ver, o problema deve ser resolvido nos seguintes termos: é preciso constituir um partido tão fortemente enquadrado e disciplinado que, quando necessário, possa se transmutar em um exército capaz de

agir no terreno da violência [...]. Esse assunto deverá ser colocado na pauta do congresso de Roma (Mussolini, 1921).⁸⁸

Mussolini ganhava cada vez mais com os conflitos na organização do fascismo e se colocava como único líder capaz de dirigir os fascistas, acabar com a balbúrdia e finalizar a crise econômica. A revolução passiva se manifestava enquanto função principal e primeira do fascismo: rearticular o Estado liberal do país. A outra função era a de “quebrar a estrutura socialista”. A violência e o desmantelamento da classe operária organizada era “uma consequência da tática reacionária e antioperária sem limites e exceções” (Gramsci, 1974, p.545).

Não somente o fascismo estava em crise. As análises de Gramsci apontavam principalmente para a crise do movimento socialista italiano que estava em fase de amadurecimento e que não conseguia se articular efetivamente contra os massacres das ruas. O fascismo surgiu como uma organização dos veteranos de guerra, mas se tornou uma “arma antiproletária dos agrários emilianos”, que agiu para o desmantelamento de qualquer organização operária que fosse oposição. O fascismo passou a atuar, conforme se desenvolvia a guerra de posição e a revolução passiva, nas fábricas, expressando “uma nova condição de fato na luta de classes” e repercutindo no PSI, na CGL e em todas as organizações do movimento operário (Gramsci, 1974, p.545).

Em 07 de setembro de 1921 Mussolini voltou a propor a criação de um Partido fascista - concretizado apenas entre os dias 07 e 09 de novembro -. Enquanto o partido não era fundado, o dirigente fascista continuou aliado com as esquadras do campo, dos centros urbanos e com os deputados parlamentares. Mesmo após a fundação, o fascismo não se tornou um partido político, mas “uma expressão da tática reacionária do capitalismo” (Gramsci, 1974, p.546) com indivíduos armados no capitalismo agrário e industrial que se expressavam com a violência: um partido que serviu de exemplo prático na Itália e ideológico na Europa.

Durante o *biennio nero* analisar a situação não foi a tarefa mais fácil para as lideranças socialistas e comunistas. Havia muita contradição e falta de direção teórica e prática na luta antifascista. Contudo, os artigos de Gramsci possuem dois aspectos fundamentais que o diferem, enquanto intelectual organicamente ligado às massas, de todos os outros intérpretes do fascismo:

⁸⁸Em 23 de agosto de 1921, Mussolini publicou o artigo *Rumo ao futuro*, no *Il Popolo d'Italia*.

- O primeiro aspecto é o de estrategista e analista da realidade concreta que foi capaz de compreender em tempo real a essência e as táticas do fascismo;
- O segundo aspecto é a articulação e estratégia em torno do desenvolvimento da consciência da classe operária e do campesinato para que dialeticamente se faça a revolução socialista anticapitalista e antifascista.

Para tanto, chamar e organizar as massas trabalhadoras “contra a luta reacionária que tenta submergir a luta da classe operária nestes últimos anos de luta” estava na ordem do dia e era tarefa essencial dos comunistas. Gramsci⁸⁹ analisou a situação de crise das fábricas italianas como um desequilíbrio das indústrias e fracasso do capitalismo. O tema retornou para a organização da classe operária e do campesinato em organismos autônomos da própria classe que fossem capazes de articular cultura, política e trabalho.

Os trabalhadores e os camponeses querem tomar consciência da crise e resolvê-la, mas não para colocar de pé o capitalismo, que os reduz à fome e os oprime com seu aparato de exploração. Os operários e os camponeses devem lutar por sua libertação. A crise que os lançou nos braços da fome não é a que ocorre periodicamente no mundo da produção capitalista. A extensão da crise é tal que só se sai dela de uma maneira: ou com o esmagamento geral da classe trabalhadora, ou com a morte completa do capitalismo. Mas com esta diferença: somente a classe trabalhadora é capaz de restaurar o equilíbrio no mundo da produção destruído pela guerra. A classe operária, portanto, só tem um caminho: lutar até a vitória, se quiser salvar a si mesma e a toda a humanidade da ruína do aparato geral de produção. A primeira condição dessa vitória, naturalmente, é resistir ao ataque dos patrões às condições de vida alcançadas pela classe operária. (Gramsci, 1974, pp.293-294).

A proposta de Gramsci se pautou na construção de uma frente única contra o patronato. A frente deveria unir membros da CGL, da União Sindical e do Comitê Sindical Comunista - essa era a política oficial do partido, uma frente única sindical, a única que Bordiga aceitava -. O apelo às massas era que a classe operária e os desempregados se unissem aos comunistas para lutar em favor de suas pautas e ordens do dia. Gramsci continuou apoiar a formação de conselhos operários e de desempregados para o estabelecimento de uma ligação estreita com a vida na fábrica, mas é correto afirmar que a direção do Partido Comunista seria essencial para a transformação da situação a que as classes oprimidas estavam submetidas.

⁸⁹*Proseguire Nella Lotta* (Gramsci, 1974, pp.293-295) publicado em *L'Ordine Nuovo*, 24 agosto 1921, I, n.235.

Mas quem, acima de tudo, deve agir neste momento, sem nunca se cansar, são os operários comunistas, aqueles que estão ativos no Partido Comunista. É a eles que se confia a tarefa da organização, para que nenhum elemento seja negligenciado na luta de duas frentes que está tomando forma na Itália. Sobre uma e outra, a vitória deve ser dos operários e do comunismo (Gramsci, 1974, p.295).

A frente única garantiria a vitória do socialismo. O debate teve origem no momento torturante e oscilante do movimento operário internacional, em que a derrota da revolução socialista se mostrou iminente junto com a necessidade da aliança operário-camponesa para barrar a ofensiva do capitalismo. Na Rússia, o capitalismo de Estado se desenvolvia como única forma possível de manter o poder estatal nas mãos da classe operária. Continuar a NEP era fulcral para “o restabelecimento das relações mercantis no campo e o sistema de concessões na indústria, estabelecendo relações com o mercado mundial” (Del Roio, 2019, p.84).

Desde o III Congresso da IC, 22 de junho e 12 de julho de 1921, a conclusão foi de que o processo revolucionário internacional se desenvolveria por mais tempo mesmo com a presença da ofensiva do capital. Nas lutas de classes seria essencial que os Partidos Comunistas atuassem no desenvolvimento da consciência da classe operária com educação, propaganda e organização. Por meio da luta cotidiana, seria possível travar a luta efetiva contra a burguesia e construir uma estratégia revolucionária. Uma das decisões do III Congresso da IC foi de que o PSI e o PCI precisariam se fundir para lidar com a situação imposta no país. A tese da frente única serviria para unificar as forças do proletariado diante dos ataques constantes do capital. Contudo, os delegados italianos se declararam contrários à construção de uma unidade política com os socialistas e favoráveis a uma unidade sindical.

Em 21 de setembro, o Comitê Executivo do Partido, com a assinatura de Amadeo Bordiga, publicou o *Rapporto del PCd'I sulla "questione italiana"*. Internamente, o PCI divulgou uma resolução em que combater a fusão era um dos principais objetivos do Partido, assim como divulgar o oportunismo dos dirigentes do PSI. A resolução foi votada favoravelmente por Ruggero Grieco, Umberto Terracini, Bruno Fortichiari, Amadeo Bordiga, Luigi Repossi, Antonio Gramsci, Tarsia, Perodi, Berti (representando a juventude) e aceita por Belloni (*Rapporto del PCd'I sulla "questione italiana"*, 1921)⁹⁰.

A prática política italiana não foi capaz de construir uma frente única sindical e a linha diretiva seguida por Amadeo Bordiga favoreceu mais a luta interna com os socialistas

⁹⁰Disponível

em: https://www.quinterna.org/archivio/1921_1923/rapporto_di_bordiga_all_ic_sulla_questione_italiana.htm
>. Acesso em 03 de março de 2023.

e a divisão entre Turati e Serrati, do que a luta contra o fascismo. A mudança de rota, sugerida por Lenin e pela IC, não foi aceita pelos comunistas e Gramsci, militante disciplinado, aceitou a linha bordiguista, mas sempre alerta aos riscos. As críticas de Gramsci ao PSI refletem a postura irresponsável do Partido com a classe operária italiana e, por mais que utilizasse teoricamente a tática da intransigência, na prática, o PSI era formado por reformistas e sociais-democratas. Independentemente da atuação falha do Partido, o jovem da Sardenha entendia que um dos caminhos possíveis para a luta antifascista e anticapitalista deveria ocorrer por meio do Comitê Sindical Comunista. A proposta do Comitê foi a de expansão para as massas e aderência a um valor real entre o proletariado do país, pois “somente os proletários podem impedir que a tática desastrosa da falência continue” (Gramsci, 1974, p.349⁹¹), ou seja, na forma de luta de acordos com os fascistas e o cretinismo parlamentar do PSI.

Aqueles que são os únicos interessados em defender seus salários e na luta contra o terror branco podem e devem exigir que o apelo do Comitê Sindical Comunista se torne a base da ação geral do proletariado Italiano (Gramsci, 1974, p.349).

O *I Congresso Mondiale dei Sindacati Rossi*, junto com a representação do Comitê Executivo do PCI, aderiu às estratégias da IC e formulou o documento *La tattica sindacale comunista*. O objetivo foi criar uma unidade sindical entre os operários e os desempregados - por meio de Conselhos (Gramsci, 1974, p.294) -. Os comunistas deveriam trabalhar dentro da CGL contra a orientação e direção dos principais líderes social-democratas, com o objetivo principal de construir uma unidade entre as organizações econômicas do proletariado. Necessário seria também que os comunistas militantes da União Sindical apoiassem a unificação com a CGL e permanecessem nas fileiras comunistas (PCI, 1921a)⁹².

A linha diretiva do PCI considerava a unificação sindical do proletariado como

o melhor terreno para a propaganda de seu método independente e intransigente de luta revolucionária proletária, e eles o declaram abertamente, eliminando de sua parte qualquer obstáculo preliminar para a realização da unificação, não reivindicando a reconhecimento de direitos e posições estabelecidas no movimento operário. Eles apontam para as massas o comportamento de todos os outros grupos dirigentes e reafirmam sua fé inabalável de que o proletariado

⁹¹*La tattica del fallimento* (Gramsci, 1974, pp.347-349), 22 de setembro de 1921, I, n.264).

⁹²*La tattica sindacale comunista*. 1921a. Disponível em: <<https://www.quinterna.org/archivio/1921_1923/tattica_sindacale.htm>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

Italiano, quando tiver a oportunidade de falar, se alinhará unido sob a bandeira da Internacional de Moscou e da revolução comunista (PCI, 1921b)⁹³.

As mazelas da crise orgânica continuavam a assolar a classe trabalhadora e o campesinato pobre. A vida na fábrica não estava melhor e a luta seguia por melhorias nas condições de trabalho. As reduções salariais estavam cada vez maiores e o desemprego atingia boa parte da população. As greves e manifestações ocorriam por todo o país, “vitórias efêmeras se alternaram com derrotas desastrosas” (Gramsci, 1974, p.376⁹⁴).

O Comitê Sindical Comunista, em 25 de outubro de 1921, confirmava ter examinado a situação da classe trabalho, inclusive

confirma plenamente a sua proposta às grandes organizações de mulheres proletárias de um único movimento que culmine na greve geral nacional para defender os postulados fundamentais relativos às condições de trabalho e de vida dos trabalhadores (PCI, 1921b).

A tática de construção de uma frente única sindical serviria para resolver “os problemas centrais da defesa das conquistas alcançadas pelos operários e pelos camponeses nos últimos anos”, sendo que os comunistas precisariam conquistar o controle da CGL e “de todas as organizações operárias, a adoção de seu claro programa de luta, o único capaz de garantir a defesa das posições alcançadas pelo proletariado italiano” (Gramsci, 1974, pp.376-378) Para Gramsci, tratava-se de tarefa urgente a articulação e entendimento dos setores de organização da classe operária para defesa das conquistas alcançadas para que não fossem subtraídas pela ofensiva reacionária, pelos proprietários de terras (grupo que os fascistas eram expressão política) e os industriais.

A revolução passiva legalizava a violência fascista. O Estado, por mais que se mantivesse em meio de conflitos e crises, permitia cada vez mais a legalidade dos atentados, dos desfiles das esquadras portando armas, bombas e mosquetes. Estava cada vez mais claro que o fascismo não seria um fenômeno passageiro e que o Estado

reconhece nos fascistas uma autoridade independente e trata-os, como iguais, e reconhece-lhes o direito, se não houver paz, de continuar impunemente e atear fogo, a assassinar, a invadir cidades e vilas, decretar exílios e dissoluções de administrações públicas (Gramsci, 1974, p.242⁹⁵).

⁹³*Riunione del Comitato centrale Sindacale Comunista*. 1921b.

Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/riunione_comitato.htm>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

⁹⁴*Parola D'Ordine* (Gramsci, 1974, pp.376-378), *L'Ordine Nuovo*, 28 ottobre 1921, I, n.300.

⁹⁵*Il carnefice e la vittima* (Gramsci, 1974, pp.241-243), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 17 luglio 1921, I, n.197.

Em outubro de 1921, o debate sobre o sindicato se misturou com a questão do fascismo. Para Gramsci, seguir a diretriz da IC e construir uma frente única sindical era tarefa necessária. Mas, assim como Bordiga, se colocava contrário à fusão com o PSI, pois isso significaria fazer um acordo com a burguesia - apoiadora e base da ofensiva reacionária que o país vivenciava. Em *As massas e os líderes* Gramsci esclarece a questão sindical na Itália e realça as principais contradições a serem encaradas:

o movimento sindical caiu ao nível mais baixo e se tornou algazarra de botequim: cada qual queria criar seu “movimento”, sua “organização”, sua “verdadeira união” dos trabalhadores. Borghi representou uma firma patenteada; De Ambris, uma segunda; D’Aragona, uma terceira; Sbrana; e Castrucci, uma quarta; o capitão Giulietti, uma quinta. Toda essa gente, como é natural, manifestava-se contra a ingerência dos partidos políticos no movimento sindical, afirmava que o sindicato basta a si mesmo, que o sindicato é o “verdadeiro” núcleo da sociedade futura, que no sindicato se encontram os elementos estruturais da nova ordem econômica e política do proletariado (Gramsci, 1974, p.381⁹⁶).

A luta no terreno sindical, de acordo com a teoria política gramsciana, não ultrapassa a esfera e as dimensões das lutas constitucionais. A barreira é o próprio Estado burguês, sendo o sindicato nada mais do que um organismo que regula comercialmente o valor da força de trabalho. O Sindicato é

de tipo estritamente capitalista, que busca obter, no interesse do proletário, o maior preço possível para a mercadoria-trabalho, bem como estabelecer o monopólio dessa mercadoria no campo nacional e internacional (Gramsci, 1974, p.382).

Ao se manifestar nas assembleias de filiados e na burocracia dirigente, os sindicatos não são uma célula organizadora da futura sociedade dos produtores. Na Itália, os sindicatos representavam um papel importante para a organização da força de trabalho do proletariado, mas não auxiliou na transformação da sociedade e nem mesmo ultrapassou os compromissos parlamentares e a agenda reformista.

Os fascistas, por outro lado, passaram a se organizar na *Confindustria* e se tornaram base armada e violenta de qualquer retaliação contra o movimento operário. O programa fascista teve inúmeras mudanças ao longo de seu surgimento, desenvolvimento e consolidação. Uma das principais mudanças do movimento dos *Fasci di Combattimento* para a fundação de um Partido Fascista, de milícias e dirigente-restaurador do bloco histórico de

⁹⁶*Le Masse e I Capi* (Gramsci, 1974, pp.381-384), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 30 ottobre 1921, I, n.302.

poder burguês na Itália, foi a aliança com o capitalismo: com os industriais, Igreja Católica, capital financeiro internacional e com os proprietários rurais.

Em termos de fábrica, Mussolini compreendeu a necessidade e a importância do conformismo social das massas para uma reforma da estrutura e das bases do Estado italiano. Não haveria como fazer de outra forma a não ser induzir a produtividade para a mais alta tecnologia, pois o modelo corporativista de Estado somente seria possível com o desenvolvimento do capitalismo da grande indústria. O corporativismo fascista foi incorporado na Itália a partir da consolidação da revolução e da instauração da ditadura. Mas, um dos aspectos mais importantes e de mudança do programa fascista foi o caráter liberal na economia para o desenvolvimento das forças produtivas e do capitalismo, assim como o sindicato corporativo que camuflava a lutas de classes e não permitia o operário se organizar politicamente contra o patrão e o Estado.

A reorganização do Estado burguês era o objetivo das classes dominantes. Não por acaso, passaram a enxergar o fascismo como a força bruta para rearticular o bloco histórico de poder burguês. A base do fascismo deixava de ser apenas a pequena burguesa e se tornava também a burguesia agrária reacionária e industrial. O massacre que a classe operária vivenciava nas ruas refletia a vitória militar dos fascistas. Mas, para a reorganização da hegemonia burguesa as dimensões culturais, políticas, educacionais e econômicas são essenciais.

Entre os dias 7 e 9 de novembro de 1921, durante o Congresso Nacional dos *Fasci di Combattimento*, o *Partito Nazionale Fascista* (PNF) foi fundado. O Teatro Augusteo, em Roma, estava repleto de facções fascistas exterministas de todas as regiões da Itália, principalmente as mais violentas, do Vale do Pó, de Mantova e de Firenze. Fundar um partido, para Mussolini, significava dar um passo decisivo para o que ele próprio desejava: o poder do Estado.

Dentro de mim, lutam dois Mussolinis, um que não ama as massas, o individualista, e outro absolutamente disciplinado. Pode ser que eu tenha usado palavras duras, porém elas não foram dirigidas contra as milícias fascistas, mas contra quem queria subjugar o fascismo a interesses privados enquanto o fascismo deve proteger a nação. Prefiro a obra de um cirurgião, que afunda a faca afiada na carne gangrenosa, ao método homeopático, que demora a agir. Na nova organização, quero desaparecer porque vocês devem se curar do seu mal e caminhar sozinhos. O Império é a necessidade instintiva de cada indivíduo que busca ir longe na vida e, quando os povos não sentem mais esse aguilhão, não são mais carne viva (Mussolini *apud* Scurati, 2019, p.422).

O Congresso de fundação do PNF foi sitiado por forças antagônicas e antifascistas, mas incapazes de desarticular os fascistas armados. Por fim, a fundação do PNF demonstrou a capacidade organizativa de Mussolini em aglutinar os líderes locais violentos e coordenar o caos e a balbúrdia. Independentemente das diversas particularidades locais, Mussolini foi capaz de arrebanhar os elementos heterogêneos e construir um partido de tipo militar. No entanto, mesmo com a criação de um partido político, o fascismo não deixou de derramar sangue pelos campos e centros industriais.

Por exemplo,

Em Trieste, bandos armados fascistas sequestraram dois cidadãos livres, instauraram seu próprio tribunal, restabeleceram a pena de morte, julgaram os dois presos passíveis de pena de morte; de juízes se transformaram em carrascos e cumpriram a sentença: executaram os dois presos (Gramsci, 1974, p.412).

Segundo o Programa de fundação do PNF, o fascismo se constituiu como partido político com a finalidade de fortalecer a disciplina dos militantes e identificar o “credo” fascista para aqueles que buscavam expressão e representatividade no Estado. As empresas e corporações deveriam “ser promovidas de acordo com dois objetivos principais: isto é, como expressão da solidariedade nacional e como meio de desenvolvimento da produção” (Programa do PNF *apud* De Felice, 1966, p.757). O Programa do PNF decidiu por agir na promulgação de leis que estabelecessem legalmente a jornada de oito horas, assim como uma legislação atualizada para as

necessidades atuais, especialmente no que diz respeito a acidentes, invalidez e velhice dos trabalhadores agrícolas, industriais ou empregados, desde que não prejudique a produção (Programa do PNF *apud* De Felice, 1966, p.757).

A questão política, econômica, cultural e educacional foi vista pelos fascistas como essenciais para a criação de um novo conformismo social e do *l'uomo nuovo fascista*. Para Mussolini, os homens fascistas deveriam ser formados do zero, conscientes da própria perfeição e grandeza da nação Italiana. Vencer qualquer sentimentalismo e ressentimento era imprescindível para o caráter imperialista que Mussolini buscou inserir no fascismo. *L'uomo nuovo fascista* é muito diferente do homem filósofo de Gramsci. Os fascistas não formariam uma sociedade de produtores, mas uma sociedade de conquistadores e guerreiros, com caráter nacional remodelado e prontos para o *front*. Para os fascistas, a escola e o

exército deveriam se aliar para supervisionar e vigiar as fronteiras conquistadas, além de manter

adestrar e enquadrar os espíritos, homens e meios que a Nação exprime em seus infinitos recursos, na hora do perigo e da glória. Para os mesmos fins, o Exército, em colaboração com escolas e organizações desportivas, deve dotar o corpo e o espírito do cidadão desde a mais tenra idade e educação em combate e sacrifício pelo país (Programa do PNF *apud* De Felice, 1966, pp.762-763).

O objetivo era criar um novo conformismo social⁹⁷, fundamentado no amor ao *Duce* e a Pátria, e não aos pais, a família; ao invés dos princípios cristãos de amor e bondade, o culto à crueldade; ao invés de músicas e instrumentos musicais no *front*, as armas, mosquetes e uma cultura de violência.

Nas palavras do Programa do PNF,

o Fascismo em ato é um organismo político, econômico, de combate. No campo político, ele acolhe sem sectarismo aqueles que subscrevem sinceramente os seus princípios e obedecem à sua disciplina, estimula e potencializa talentos particulares, reunindo-os de acordo com a aptidão em grupos de competência, participa intensa e constantemente de todas as manifestações da vida política, implementando de forma contingente o que pode ser praticamente aceito pela sua doutrina e reafirmando o seu conteúdo integral. No campo econômico, promove o estabelecimento de corporações profissionais, são estritamente fascistas, são autônomas, de acordo com as necessidades de tempo e de lugar, desde que estejam substancialmente informados da decisão nacional para o qual a Nação está acima da classe. No campo da organização de combate, o Partido Nacional Fascista forma um todo único com suas equipes: milícia voluntária ao serviço do Estado nacional, uma força viva na qual a Ideia Fascista está corporificada e com a qual defende (Programa do PNF *apud* De Felice, 1966, p.763).

Com o desenvolvimento da revolução passiva e a consolidação do fascismo, ficou muito claro o conformismo social criado pelo regime e sua expressão nas leis, regras, direitos, valores e ética. Uma nova concepção de mundo, à base de incêndios, espancamentos, assassinatos e chicoteamentos foi criada e uma noção de agrupamento e sentimento de pertencimento fizeram parte da estratégia de criação do *l'uomo nuovo fascista*, aos moldes do mito do homem da antiga Roma.

⁹⁷Nos cadernos seguintes ao *Caderno 4*, a categoria de conformismo está relacionada com ideologia enquanto concepção de mundo e com o direito, com as leis e a maneira que o ser humano as segue. Ao colocar o termo voltado para a ação formativa do Estado, Gramsci desenvolve a noção de luta por hegemonia, mas volta-se também para a concepção de criação de novo conformismo social e de dualidade de poder, em que “o conformismo sempre existiu: trata-se hoje da luta entre ‘dois conformismos’, isto é, de uma luta de hegemonia” (Gramsci, Q. 7, §12, p.863, 2014).

3.4 Crise e luta no movimento operário

O ano de 1922 foi uma preparação para a Marcha Sobre Roma. Os resultados de 1921 eram devastadores: 80% dos governos socialistas e católicos do Norte, a região mais progressiva e articulada na luta operária, foram dissolvidos pelos fascistas. A classe operária estava dizimada e o que sobrou do movimento operário precisava lidar com sua própria crise de direção ao mesmo tempo em que a resistência estava na ordem do dia. Desde novembro de 1921, Mussolini anunciava no *Il Popolo d'Itália* a necessidade de um ditador - ele mesmo - para retirar a Itália da crise. Internacionalmente, a Europa migrava para um período de reconstrução diplomática e econômica. O século XX se estabelecia como o século das revoluções socialistas e das revoluções passivas.

No entanto, a disputa por hegemonia não se tornava mais fácil. Mesmo com a migração para a guerra de posição, a guerra de movimento acontecia concomitantemente e nas ruas o sangue operário estava derramado, os espancamentos, assassinatos e incêndios pareciam inacabáveis. Nas mais altas dimensões do Estado, Mussolini firmava diferentes acordos e pactos com quem quer que fosse para garantir-se no poder. A luta era por hegemonia, por um novo conformismo social e construção de um novo bloco histórico. Para Gramsci, estava clara a necessidade do Partido Comunista ser o operador da autoeducação das massas para lutar contra o conformismo burguês reacionário. Muito diferente da proposta fascista, o programa revolucionário de Gramsci refletia a necessidade de construção de uma sociedade de produtores, processo que só pode ser elaborado pelo homem político que possui a finalidade de se autogovernar “na base de uma nova relação entre indivíduo e coletividade” (Gramsci, Q. 7, §12, p.863, 2014)⁹⁸.

No entanto, a revolução socialista estava longe do horizonte da situação concreta italiana e o *Biennio Rosso* não se repetiria na brevidade do tempo. Os comunistas insistiam nas problemáticas em torno do PSI e a análise era de que o fascismo vivia uma crise - presente até 1926 - e que a revolução estava no horizonte próximo. No entanto, o fascismo

⁹⁸Para Gramsci, “o desenvolvimento das forças econômicas em novas bases e a instauração progressiva da nova estrutura” que criou “um novo ‘conformismo’ a partir de baixo, permitirão novas possibilidades de autodisciplina, isto é, de liberdade até individual” (Gramsci, Q. 7, §12, p.863, 2014). Não é possível compreender esta passagem de Gramsci sem relacionarmos as três fases mais importantes de sua vivência com o movimento operário italiano: seu entusiasmo com a Revolução Bolchevique, o novo conformismo elaborado pelos Conselhos de Fábrica e o processo de criação do Partido Comunista Italiano. O novo conformismo não pode ser pensado sem compreender a importância e a tarefa do moderno príncipe como aquele que conduz e deixa ser conduzido pela classe operária. Gramsci não deixa de lado a necessidade de o Partido enfrentar o conformismo social burguês e de criar um novo tipo civilizatório, mas enfatiza que não se trata de algo determinado, mas de um processo dialético em que o Partido atua diariamente e diretamente no desenvolvimento da consciência da vanguarda operária por ser formado por ela mesma.

se articulava diariamente para a conquista das casamatas e do próprio Estado. A pequena política (intrigas entre os fascistas) não era sério problema a ponto de desarticular as esquadras ou de acabar com o apoio financeiro que as milícias de Mussolini recebiam. Ao contrário, no mês de janeiro, Ítalo Balbo, o general Gandolfo e Perrone Compagni, se envolveram em discussões para a criação de uma milícia nacional e o fascismo parecia inabalável.

O regime atual desmorona. Resta apenas uma coleção de estadistas decrepitos que comunicam sua paralisia ao Parlamento e aos órgãos do Estado. Os governadores de província não têm mais como se orientar. Que espetáculo! Nós, fascistas, nos importamos pouco com isso. É extraordinário como os membros das minhas esquadras ignoram até os nomes dos ministros demissionários e daqueles em exercício (Balbo *apud* Scurati, 2019, p.451).

Ítalo Balbo possuía a situação sob controle, principalmente devido à dissolução e renúncia dos muitos governos e prefeitos socialistas e católicos do Norte. Os ataques ao campesinato e as Ligas Vermelhas também eram muito frequentes e houve uma considerável migração - imposta na base da violência, ameaça e humilhação - das massas rurais para os sindicatos fascistas.

O movimento comunista internacional se posicionou frente à crise mundial e Gramsci e o PCI refletiram sobre as táticas e as estratégias propostas e anunciadas pela Internacional, bem como quais os preparativos do Partido. Nos dias 14 e 15 de janeiro de 1922, Gramsci publicou no *L'Ordine Nuovo* dois artigos fundamentais que discutem a temática da frente única sindical e do fascismo. *Unità con un ufficio di corrispondenza?*⁹⁹ marca a posição do comunista sardo sobre a frente única ser “um agrupamento das grandes massas trabalhadoras em torno de um programa concreto de ação imediata, no terreno sindical”. A questão sindical na Itália possuía significado histórico e tradicional no país, pois não funcionava como uma união de interesses corporativos, mas enquanto “uma organização de simpatizantes de certas tendências políticas. Isso explica a multiplicidade de entidades sindicais existentes em nosso país” (Gramsci, 1974, p.439).

Um ano após a cisão do movimento operário e a fundação do PCI, Gramsci compreendeu ter sido necessária para a constituição de um partido autônomo do proletariado, assim como marcou o “maior esforço de unidade sindical que já ocorreu na Itália”, pois os comunistas seriam esmagados pelos operários e lideranças reformistas do PSI caso

⁹⁹*Unità con un ufficio di corrispondenza?* (Gramsci, 1974, pp.438-441), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 14 gennaio 1922, n.14.

continuassem no Partido. A luta pela Frente Única Sindical era a única luta possível contra a burocracia confederal e contra “os solventes tóxicos da estrutura proletária”. Portanto, o revolucionário, para Gramsci, deveria se “esforçar para separar as massas dos líderes reformistas e centralizá-los em uma direção revolucionária”, organizando uma direção de oposição contra eles (Gramsci, 1974, pp.440-441).

Falar sobre uma frente única abstrata é uma manifestação de verbalismo; colocar um escritório de correspondência, que no final das contas consiste em cinco ou seis pessoas, no mesmo nível do Partido Comunista, é uma tolice. Desça no terreno sindical, oponha-se à orientação sindical dos líderes reformistas organizando uma oposição contra eles: então você realmente demonstrará que não está três anos atrasado na história dos proletários italianos e poderá ser levado a sério (Gramsci, 1974, p.441).

Gramsci não contrariava abertamente as posições do PCI e se mantinha disciplinado frente à direção partidária, mas não o impediu de expressar o que considerava necessário para o Partido, como não ter se tornado um partido de grandes massas.

Segundo Del Roio,

para Gramsci, a frente única aceitável é a que engloba o proletariado industrial e agrícola, tendo em vista o programa da revolução socialista, de modo que o objetivo não poderia ser outro senão atrair a base operária do PSI para uma ação comum, já que o PCd'I era o único partido essencialmente operário. A influência de Bordiga, nesse momento, provocava uma elisão das mediações analíticas e um quase cancelamento da perspectiva da aliança operário-camponesa (Del Roio, 2019, p.96).

Descer até as bases sindicais significava atrair o proletariado industrial para uma frente única, mas sem deixar de lado o campesinato revolucionário - que lutasse além dos interesses da propriedade privada e do código civil -, pois ocorreria o confronto com o Estado que o PSI e o católico Partido Popular não fariam.

Em *Un anno*¹⁰⁰ Gramsci analisou a Itália e o que representaria a estrutura e formação de um Estado moderno, liberal e parlamentar. Mas, no caso Italiano, diferente de outros países, houve a subjugação plutocrática e burocrática do Sul e Centro pelo Norte industrializado, a democracia passou a ser carente de “uma sólida estrutura de classes devido à não ocorrência de qualquer uma das duas classes proprietárias: os capitalistas e os latifundiários” (Gramsci, 1974, p.441¹⁰¹). O giolittismo favoreceu o surgimento de

¹⁰⁰*Un anno* (Gramsci, 1974, pp.441-444), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 15 gennaio 1922, II, n.15).

¹⁰¹No conhecido *Quaderni 19 (1934-1935): Risorgimento italiano*, Gramsci se aprofunda na história italiana e verifica as raízes conservadoras do processo de revolução passiva e revolução-restauração que o país viveu durante o *Risorgimento*.

organizações socialistas e cooperativas da classe operária, mas Giolitti, o próprio criador do sistema de cooperativas e de resistência da classe operária, sabia que essas organizações não surgiram de um esforço autônomo revolucionário e que “dependeram de toda uma série de compromissos em que a força do governo representava a parte dominante. O que o governo criou, o governo pode destruir”. Durante o surgimento das organizações e cooperativas operárias, a estratificação pequeno-burguesa nasceu do seio da classe operária devido aos investimentos no sistema produtivo.

O fascismo, no mesmo lado,

tornou-se assim o instrumento de chantagem do Partido Socialista, de determinação da cisão entre a pequena-burguesia tenazmente incrustada nos interesses estabelecidos da classe trabalhadora e o resto do Partido Socialista que se limitava a alimentar-se de fórmulas ideológicas, uma vez que não tinha conseguido realizar o esforço revolucionário do proletariado (Gramsci, 1974, p.443).

Na análise de Gramsci, a burguesia “conseguiu obter o que vinha preparando pacientemente há vinte anos”, a desintegração do PSI, que em 1919 se assemelhava a um partido unificador das tendências revoltosas e revolucionárias das camadas populares da Itália. Os motivos principais foram as cisões: os reformistas que foram para o lado da burguesia e do cretinismo parlamentar e os comunistas, que fundaram um novo partido. O movimento operário estava em colapso e as consequências eram gravíssimas e enfraqueciam ainda mais o proletariado.

Também durante o mês de janeiro, na segunda quinzena, o jornal publicou o relatório *Tesi sulla Tattica* - documento conhecido como *Teses de Roma*, assinado por Bordiga e Terracini e lido por ambos durante o II Congresso do PCI, em Roma - e *La tattica dell'Internazionale comunista*, assinado por Bordiga. O fator comum de ambos os textos é a análise internacional e nacional da contraofensiva do capital alicerçada no fascismo, bem como quais as formas de enfrentamento necessárias para o Partido e as massas proletárias e camponesas.

Nas *Tesi sulla Tattica*, a exposição é iniciada pela natureza orgânica do Partido Comunista da Itália e aprofunda as concepções partidárias de Bordiga, já expostas em artigos de 1921. O relatório é dividido em sete teses. São elas: *I. Natura organica del Partito Comunista*; *II. processo di sviluppo del Partito Comunista*; *III. Rapporti tra il Partito Comunista e la classe proletaria*; *IV. Rapporti del Partito Comunista con altri movimenti politici proletari*; *V. Elementi della tattica del Partito Comunista tratti dall'esame delle*

situazioni; VI. Azione tattica “indiretta” del Partito Comunista e VII. Azione tattica “diretta” del Partito Comunista.

O relatório possui conclusões e contradições com a IC que antecipam o confronto que aconteceu em junho de 1922, durante o II pleno ampliado do CEIC, realizado em Moscou. O Partido Comunista é entendido como um “partido político da classe proletária” que “apresenta-se em sua ação como uma comunidade que opera com direção unitária”, a partir dos interesses “imediatos de grupos da classe trabalhadora despertados por suas condições econômicas”. A função principal do Partido comunista é empregar energia para conquistar os objetivos e sanar as necessidades da classe operária. A consciência crítica, “da qual o partido tira o seu programa”, deve ser expressa na organização centralizada e disciplinada. A constituição hierarquizada do Partido Comunista, bem como a escolha dos dirigentes e dos homens “a quem estão confiados os vários níveis da organização partidária” eram efetuados de “forma democrática e com consulta aos órgãos do partido”, um processo que verificava o acúmulo de experiência e preparação (Bordiga e Terracini, 1922¹⁰²).

O relatório reflete sobre as complexas situações nacional e internacional em que um partido político operário é fundado e se desenvolve, bem como se torna suscetível a períodos de crise. Um dos objetivos e “condição revolucionária essencial” é o de alcançar o maior número possível de trabalhadores do “terreno dos interesses parciais e imediatos para a orgânica e unitária luta pela revolução comunista” (Bordiga e Terracini, 1922). O partido é um partido de classe, formado pela parte mais avançada da classe operária e que deve estabelecer relações com o restante do proletariado.

a natureza dessas relações deriva do modo dialético de considerar a formação da consciência de classe e da organização unitária do Partido de classe, que transporta uma vanguarda do proletariado do terreno dos movimentos espontâneos parciais despertados por interesses de grupo para aquele do proletariado geral de ação, mas ele não chega a isso negando esses movimentos elementares, mas, ao contrário, segue sua integração e superação através da experiência viva, estimulando sua implantação, participando ativamente deles, acompanhando-os atentamente ao longo de seu desenvolvimento (Bordiga e Terracini, 1922).

Segundo o relatório, a agitação e propaganda da ideologia do partido são essenciais para a vida organizacional de todas as formas “de organização econômica do proletariado” e de todos os operários. Os militantes do partido deveriam participar ativamente de todos os

¹⁰²*Tese sulla tattica*. Disponível em: <<https://www.quinterna.org/archivio/1921_1923/tesidiroma.htm>>. Acesso em 15 de março de 2023.

órgãos e desenvolver a política unitária, atraindo para o Partido a maioria de operários e conquistando grande parte dos cargos de direção. A situação italiana é analisada como característica da ofensiva completa da burguesia enquanto “uma etapa natural e previsível no desenvolvimento do regime capitalista, uma manifestação específica da função e propósitos do estado democrático” (Bordiga e Terracini, 1922).

Quanto ao fascismo, o PCI, embora o considere uma consequência inevitável do desenvolvimento do regime, não tira a consequência de que se deva assumir uma atitude de passividade inerte face a ele. Lutar contra o fascismo é acreditar que se pode anular uma função da sociedade burguesa, sem cortar sua existência; e [significa não] nos iludirmos de que o fascismo pode ser derrotado em si mesmo, como um episódio destacado e isolado da complexa ação ofensiva do capitalismo; mas, ao contrário, tende a tornar menos graves e dolorosos os danos que a violência hostil inflige ao proletariado e a preservar e estimular nele o espírito de luta e a intolerância (Bordiga e Terracini, 1922).

Compreendido dessa maneira, o PCI preparava o terreno para a ação direta com a burguesia. A necessidade era a de formar um proletariado “firmemente organizado e dirigido por um partido revolucionário”. A proposta de unificar a luta antifascista com o PSI e outros partidos era visto como ação completamente inviável para os comunistas. A compreensão foi de que um governo social-democrata não teria forças para combater e derrotar o fascismo e o momento elencou, para os dirigentes do PCI, a necessidade de prosseguir nas polêmicas com os socialistas reformistas para não ocorrer nenhum tipo de aliança (Bordiga e Terracini, 1922).

Também em fins de janeiro e na preparação para o II Congresso do PCI, Gramsci e Tasca assinaram e publicaram no *L'Ordine Nuovo* o documento *Il Partito Comunista e i sindacati (Risoluzione proposta dal Comitato centrale per il II Congresso del Partito Comunista d'Italia)*¹⁰³. O texto trata efetivamente sobre a questão sindical, mas não foi discutido no II Congresso de Roma, pois foi debatido o documento *Tesi sulla Tattica*, de Bordiga e Terracini. Na terceira tese, *Il Partito Comunista e i sindacati*, há uma breve exposição sobre o surgimento do Partido Comunista e a necessidade de uma organização estatal “a partir da atual organização de resistência operária e afirmar-se como o elemento predominante do governo”. Para Tasca e Gramsci (1974, p.503), o partido deveria agir no campo sindical conforme indicava a Internacional, pois isso auxiliaria a luta contra a

¹⁰³*Il Partito Comunista e i sindacati (Risoluzione proposta dal Comitato centrale per il II Congresso del Partito Comunista d'Italia)* (Gramsci; Tasca, 1974, pp.499-518), firmato Antonio Gramsci e Angelo Tasca, publicado em *Il Comunista*, 29 gennaio 1922, III, n.25; *Rassegna Comunista*, 30 gennaio 1922, II, n.17, pp.835-63).

ofensiva burguesa que se desenrolava no país desde o final de 1920. Para ambos os militantes comunistas, o período era de “guerra civil, em que prevalece a classe que melhor e mais rapidamente consegue compreender a situação real e, portanto, preparar os meios adequados para superá-la”.

Luta e conquista do poder político e do Estado se misturavam na palavra de ordem, como uma

fórmula repetida por todos e quase banalizada, sem que a grande maioria, sem sobretudo o partido político da classe operária, em sua quase totalidade, tivesse percebido que a mudança não poderia ocorrer sem que a burguesia também mudasse radicalmente os métodos de luta, sem acompanhar o proletariado na nova fase de ação e, de fato, mais homogêneo e mais consciente em certo sentido, impedindo-o e conseguindo mover-se livre e definitivamente em novos terrenos. A burguesia não precisou preparar os meios inteiramente novos para uma luta violenta e impiedosa e ou criar do nada um aparato de defesa; tinha à sua disposição o poder do Estado, com suas forças armadas com toda a forma de poder executivo (exército, polícia, judiciário). A organização das gangues brancas representava apenas uma divisão do trabalho entre os diferentes grupos da burguesia; respondeu à necessidade de criar corpos de tropas ligeiras, facilmente deslocáveis, a par das formações oficiais mais pesadas, porém corpos de um só exército, deslocando-se com um só propósito e seguindo um plano comum (Gramsci e Tasca, 1974, p.508).

A resistência somente poderia acontecer a partir da fábrica e da luta coletiva do proletariado, “mirar na própria organização, na capacidade de luta, no espírito de luta da classe trabalhadora”. A formação dos Conselhos de Fábrica e as ocupações de Torino, em 1920, chamaram atenção dos industriais e dos capitalistas para a capacidade organizativa e revolucionária do proletariado para além dos interesses sindicais, tanto que a ação violenta ocorreu para impedir a formação de uma democracia operária a nível estatal, bem como para destituir “a consolidação do poder operário no interior das fábricas” (Gramsci e Tasca, 1974, p.511).

A agitação, a propaganda e a solidariedade de classe eram insuficientes para a formação de uma frente única. A concordância entre Gramsci e Tasca ao discutirem *Il problema del controllo operaio* se assemelhava com as discussões nos primeiros números de *L'Ordine Nuovo* sobre a necessidade de desenvolver uma psicologia operária. O ponto principal foi o de atuação específica do movimento sindical no campo da produção para a criação e desenvolvimento de uma autonomia industrial pelo proletariado. Para os autores do documento, a hierarquia da fábrica é fundamentada no terror e

exercer sua autonomia significa para a classe trabalhadora derrubar essa escala hierárquica, eliminar no campo industrial a figura do proprietário capitalista e

produzir planos de trabalho estabelecidos não pela organização monopolista da propriedade privada, mas por uma potência industrial mundial da classe operária (Gramsci e Tasca, 1974, p.512).

Certamente a concepção e a experiência do *Biennio Rosso* não foi esquecida por Gramsci, pois no documento é pontuada a necessidade de superar os limites da organização sindical, algo não sinalizado por Bordiga e Terracini nas *Tesi sulla tattica*. Para Gramsci e Tasca, a resistência e a revolução eram algo inseparáveis e que deveriam partir de um novo tipo de organização fabril, com uma base representativa capaz de abranger a classe operária, “mesmo aqueles que não aderem à organização sindical. O sistema de Conselhos de Fábrica é a expressão histórica concreta da aspiração do proletariado por sua própria autonomia” A luta deveria ocorrer pela organização dos Conselhos; “luta pela organização centralizada dos Conselhos de determinado ramo da indústria e de todas as indústrias entre eles” (Gramsci e Tasca, 1974, p.512); nacionalmente, o proletariado precisaria conquistar o controle imediato de todas as atividades produtivas.

Em três momentos essenciais a resistência e o processo revolucionário se desenrolariam: na fábrica pela própria fábrica, com o controle das jornadas de trabalho, das demissões, contratações, disciplina e dos salários. Em segundo momento, os operários deveriam adentrar completamente no campo da produção para que pudessem “suprimir as empresas parasitas, salvaguardando os interesses vitais da classe operária”. O terceiro momento seria aquele no qual o proletariado mais preparado “convoca também as demais classes exploradas da população para a luta” (Gramsci e Tasca, 1974, pp.512-513), demonstrando ser a única força social capaz de destruir o capitalismo e instaurar a ditadura do proletariado.

No entanto, a ação política de Bordiga e do PCI eram distintas das concepções de Gramsci e Tasca. Durante fevereiro, Gramsci publicou dois importantes artigos sobre a crise do fascismo e suas consequências. *La sostanza della crisi* e *Il processo della crisi* foram escritos antes da formação da *Alleanza del Lavoro* e marcam uma análise aprofundada sobre a tentativa dos fascistas em aderirem o Estado italiano, bem como sobre a crise de consenso que vivia o Parlamento. Os comunistas deveriam organizar a classe operária na luta contra a social-democracia, que era o mesmo que lutar contra o fascismo e o PSI.

Nos dias 18 e 20 de fevereiro, a *Alleanza del Lavoro* foi formada em Roma e reuniu a CGL, União Sindical Italiana, União Italiana do Trabalho e a Federação Italiana dos Trabalhadores Marítimos. Fazer um enfrentamento aos ataques à classe operária, lutar pela manutenção dos direitos conquistados e de organização popular sindical foram os objetivos

da Aliança. A iniciativa partiu dos sindicatos ferroviários e da participação dos comunistas para a constituição de um Comitê Nacional que unisse forças proletárias.

No entanto,

foi vista como desconfiança pela direção comunista devido à prevalência do cunho reformista e à exclusão exitosa de um representante da corrente comunista presente na CGL, com forças consideráveis (Ravera, 1979, p.109).

Com a queda do governo de Bonomi, em 26 de fevereiro, a crise parlamentar e a crise da hegemonia liberal pareciam não cessar. A constituição de um Comitê Nacional único, com um programa de ação e fundamentado nas cinco principais organizações sindicais representava um grande progresso para a situação italiana. No entanto, a Itália dava luz à “uma monstruosa falsificação do Partido Trabalhista Inglês”. Gramsci não parece ter enxergado a formação da *Alleanza del Lavoro* com tanto otimismo. Mas, de modo estratégico observou e pontuou a necessidade de os comunistas ocuparem a direção e implementarem a fórmula política da frente única sindical. A aliança operário-camponesa aparece essencial para a existência e sobrevivência da *Alleanza del Lavoro* e da criação de uma frente única proletária.

O acordo dos dirigentes deve ser seguido do acordo das massas: o que aconteceu nas esferas dirigentes deve ser reproduzido abaixo, no seio do proletariado, em todos os centros onde a classe operária e camponesa lutam pela sua existência e liberdade. O Comitê Nacional da Aliança do Trabalho deve, se quiser viver e se desenvolver, buscar sua base orgânica em um sistema de comitês locais eleitos diretamente pelas massas organizadas nas diversas sedes sindicais” (Não assinado, 1974, p.543¹⁰⁴).

Muitos acontecimentos marcaram os conflitos internos do PCI e o desenvolvimento do fascismo durante o mês de março. Nos dias 20 e 24, aconteceu em Roma o II Congresso do PCI e as *Tesi sulla tattica* se tornaram a nova linha política e diretiva do Partido. Gramsci discordou das posições sectárias e extremistas de Bordiga, mas durante suas intervenções não deixou isso claro. No dia 28 de março *L'Ordine Nuovo* publicou: “Gramsci declara estar de acordo com as teses apresentadas por seus companheiros Bordiga e Terracini e quer apresentar um problema ao Congresso”. O problema colocado por Gramsci era o de fazer a frente única sindical com o Partido Popular e com o PSI, pois fazer um acordo com ambos

¹⁰⁴*L'Alleanza del lavoro* (Não assinado, 1974, pp.542-543), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 21 febbraio 1922, II, n.52.

os partidos “significaria fazer um acordo com a burguesia” (*Interventi al II Congresso Del Partito Comunista*, 1974, p.520¹⁰⁵).

As teses de Bordiga e Terracini foram aprovadas pelo II Congresso, mesmo em oposição às resoluções do III Congresso da IC, de 1921. Gramsci seguia disciplinado. No Partido, uma ala de direita, liderada por Tasca e Graziadei parecia ganhar forma. De certa forma, Gramsci compreendia a necessidade das polêmicas e críticas intensivas ao PSI e aos reformistas para que o PCI fosse capaz de criar uma própria identidade partidária. Enquanto continuava isolado dentro do Partido, passava a analisar profundamente o fascismo e os acontecimentos nacionais e internacionais.

No dia 26 de março Anna Kuliscioff escreveu para Filippo Turati uma carta narrando uma marcha realizada em Milano por 30 mil fascistas.

O desfile em si teve, todavia, um resultado grandioso, imponente, ordenado. Participaram 20-30 mil pessoas; quem poderia avaliar o número? Todos aqueles jovens entre 17 e 25 anos, galhardos, ágeis, belos rapazes disciplinados militarmente, se não soubéssemos a que torpes objetivos se dirigem sua ação, surtiram um efeito mágico de beleza e força (Kuliscioff *apud* Scurati, 2019, p.463).

A situação da classe operária não demonstrava nenhuma melhora independentemente da luta travada para manutenção do que havia sido conquistado e pela sobrevivência no Estado burguês. O desemprego aumentava cada vez mais e o novo governo formado pelo ex-deputado giolittiano, Luigi Facta, unia os católicos, a ala fascista e alguma participação popular. Na *Alleanza del Lavoro* o colaboracionismo era política presente para os social-democratas que não acreditavam em uma resposta direta e de resistência aos ataques fascistas. As ligas camponesas, os sindicatos, as câmaras de trabalho e as organizações operárias estavam desmoronando. A resistência se fazia presente em Torino e nos bairros populares dos grandes centros industriais. Gramsci foi para Moscou e deixou Camilla Ravera e Rita Montagna na direção e administração do *L'Ordine Nuovo* - na casa de Teresa Noce -, ficando Tasca na secretaria da seção turinense da *Alleanza del Lavoro* (Ravera, 1973, pp.116-117).

Gramsci parte para Moscou em 26 de maio de 1922 e participa, com Bordiga e Graziadei, da sessão plenária da Executiva da Internacional; naquele local, a delegação italiana chega a reconhecer que as “Teses sobre a Tática” são inexatas,

¹⁰⁵INTERVENTI AL II CONGRESSO DEL PARTITO COMUNISTA (GRAMSCI, 1974, pp.518-521), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 25 marzo 1922, II, n.84 e *L'Ordine Nuovo*, 28 marzo 1922, II, n.87.

mas continua a recusar o entendimento com os socialistas. O programa de trabalho que Gramsci deve desempenhar na organização moscovita é muito diferente do trabalho do jornal; os ritmos e os tempos mudaram, o ambiente lhe é totalmente estranho e as relações são dificultadas ainda mais pela questão da língua (Lajolo, 1982, p.57).

Gramsci se preparava para as discussões do IV Congresso que aconteceria em novembro de 1922. Cansado e estressado pelas condições adversas, “cai num estado de terrível prostração, mais grave inclusive do que a sofrida durante os anos universitários”, o que explica a ausência analítica sobre os acontecimentos italianos entre maio e dezembro de 1922. Zinoviev¹⁰⁶ se preocupa com o estado de saúde de Gramsci e “decide pelo seu internamento numa clínica, “O bosque de prata”, na periferia de Moscou”, período em que conhece as irmãs Eugenia e Giulia Schucht (Lajolo, 1982, p.58).

Na Itália, junho marca a ocupação de Cremona pelos fascistas liderados por Farinacci. O objetivo era o de devastar todas as ligas camponesas existentes, fossem socialistas, católicas ou comunistas. No dia 16 de junho, os fascistas ocuparam o governo e incendiaram a casa do deputado católico Miglioli. Mussolini permanecia na tática de dosar, diluir, organizar e negociar qualquer posição que fosse necessária. A violência, cada vez mais utilizada como ferramenta legitimada pelo Estado burguês, movia os fascistas que desejavam não apenas o poder, mas o fim de qualquer organização subversiva à nova ordem que se construía.

Em 19 de julho de 1922, discursou no Parlamento:

O fascismo já está perto de resolver seu tormento interno: ser um partido legalista, ou seja, um partido de governo, ou querer ser um partido insurrecional [...]. De qualquer maneira, nenhum governo poderá se sustentar na Itália se tiver em seu programa as metralhadoras voltadas contra o fascismo [...]. Se porventura surgisse desta crise um governo de violenta reação antifascista [...] nós responderemos com insurreição [...] espero que o fascismo chegue a participar da vida do Estado por meio de uma preparação para a conquista legal. Mas também existe a outra eventualidade, que preciso, por dever de consciência apresentar a fim de que cada um de vocês, na crise de amanhã [...] leve em consideração estas minhas declarações, que confio à sua meditação e à sua consciência. Terminei (Mussolini *apud* Scurati, 2019, p.475).

Em 22 de julho, Mussolini subiu as escadas de Roma para encontrar-se com o Rei. O momento foi marcado por uma onda de violência muito grande em Trecate e em Magenta, províncias de Novara, quando as esquadras de De Vecchi demoliram a Câmara do Trabalho

¹⁰⁶Grigory Zinoviev (1883-1935), importante liderança política na Revolução Russa. Entre 1919 e 1926 foi presidente da Internacional Comunista.

e explodiram cargas de dinamite. No mesmo dia, Gramsci, de Moscou, escreveu uma brevíssima carta para Radek sobre o manifesto aos operários italianos. Aprovou em linhas gerais, mas fez oposição ao que dizia respeito a Serrati, pois

em vez de obter a divisão do Partido Socialista com esta parte [Serrati - o manifesto deveria ser modificado e conter *massimalistas* em geral], a divisão do movimento comunista será determinada”, devido ao fato de Serrati ter “atrás de si a sua fração partidária, que também não é formada por trabalhadores, mas por dirigentes sindicais e municipais (Gramsci, 1992, p.101).

No dia 29 de julho foi a vez de Turati subir as mesmas escadas que Mussolini e tentar um acordo com o Rei. Era possível também que o Rei se encontrasse com Giolitti para tentar uma coalizão nacional que instaurasse a ordem no país. No entanto, com o passar dos meses, ficou cada vez mais claro que a criação do PNF foi apenas a cortina de fumaça para o que acontecia nas ruas e que o fascismo se preparava para um golpe de Estado que minasse qualquer tentativa de governo antifascista.

Em fins de julho, Ravena viveu uma crise e a resistência operária pareceu ter ganhado fôlego. Balbo recebeu uma carta de um militante fascista: “A situação é gravíssima. Mataram Balestrazzi a pauladas. Tiroteio geral. Sete mortos. A cidade está nas mãos dos subversivos. Venha logo”. A morte foi resultado de um conflito entre fascistas e socialistas durante um descarregamento de trigo. A ordem de Balbo foi que houvesse uma marcha de todas as esquadras para Ravena. A marcha começou no dia 29 e durou “24 horas de extermínio”, marcadas por uma coluna de fogo a partir da planície da Romanha até as colinas (Scurati, 2019, pp.476-478).

Balbo escreveu no dia 30 de julho para o jornal *Diario*:

Tomo meu lugar em um automóvel que abre a longa fileira de caminhões e, partimos. Esta marcha, iniciada às 11h de ontem, dia 29, terminou hoje, na manhã do dia 30. Quase 24 horas contínuas de viagem, durante as quais ninguém descansou um instante, sequer nem comeu. Passamos por Rímíni, Sant’Arcangelo, Savignano, Cesena, Bertinoro, por todos os centros e as grandes casas entre a província de Forlì e a província de Ravena, destruindo e incendiando todas as casas vermelhas, sedes de organizações socialistas e comunistas. Foi uma noite terrível. Nossa passagem foi marcada por altas colunas de fogo e fumaça (Balbo *apud* Scurati, 2019, p.479).

Agosto começou com uma greve geral em resposta aos acontecimentos comandados por Ítalo Balbo. No dia 05, *L’Ordine Nuovo* publicou o artigo *Come siamo venuti allo sciopero e cosa esso insegna*. A análise correta era de que todas as lideranças políticas,

comunistas, anarquistas, socialistas, sindicalistas ou católicos estavam sendo perseguidas pelo desencadeamento da greve. Os comunistas anunciavam que

fomos pela greve e nosso partido assumiu todas as responsabilidades nela. Mais: acreditamos que a greve foi útil para o proletariado; que conseguiu, porque demonstrou intensa combatividade proletária; porque a sua experiência servirá para evitar erros gravíssimos cometidos pelos seus dirigentes no futuro (*L'Ordine Nuovo*, 1922)¹⁰⁷.

No entanto, no artigo há uma crítica sobre não ter sido o momento mais adequado para a realização de uma greve geral e pela baixa duração de apenas dois dias. O aprendizado essencial da experiência foi de que o colaboracionismo e a ação política revolucionária são dois caminhos antagônicos. Todavia, a matéria não trouxe as informações acerca da repressão violenta do exército e das milícias fascistas que se juntaram para combater o proletariado. De tal forma, a resistência antifascista comunista estava clara e o proletariado deveria escolher de qual lado estar. O desmantelamento das forças fascistas por via judicial não seria viável, pois os fascistas, os social-democratas e as classes dominantes se tornaram aliados na função antiproletária.

Em outubro, a cisão socialista e a criação do *Partito Socialista Unitario* (PSU) reafirmaram a crise de direção do movimento operário e sua resistência muito enfraquecida. De toda forma, os reformistas se concentraram com a direção de Turati, Treves e Matteotti. O Partido aderiu a II Internacional e manteve “posições fortes na direção sindical e cooperativa” (Ravera, 1973, p.121).

No final do mês, Gramsci saiu do recolhimento no Bosque de Prata e retomou o trabalho na Internacional. O PSI e o Partido Comunista enviaram delegações para o IV Congresso e, em fins de outubro, conseguiu informações sobre a desastrosa greve geral de agosto. O ano de 1922 estava prestes a acabar e a Marcha sobre Roma¹⁰⁸, entre os dias 27 e

¹⁰⁷ *Come siamo venuti allo sciopero e cosa esso insegna.*

Publicado em 05 de agosto de 1922, no *L'Ordine Nuovo*. Disponível em <<https://www.quinterna.org/archivio/1921_1923/come_siamo_venuti.htm>>. Acesso em 16 de março de 2023.

¹⁰⁸ O informe de Amadeo Bordiga durante o IV Congresso da IC explícita o desenvolvimento da Marcha Sobre Roma: “Facta declarou que não renunciaria antes de convocar o parlamento mais uma vez, a fim de observar o procedimento usual. Mesmo assim, apesar dessa declaração, ele apresentou sua renúncia ao rei. Iniciaram-se as negociações para a formação de um novo governo. Os fascistas marcharam sobre Roma, o foco de sua atividade. Eles eram especialmente ativos no centro da Itália e na Toscana. Nada foi feito para impedi-los. Salandra foi consultado para a formação do novo governo, mas ele recusou por causa da atitude dos fascistas. Era muito provável que os fascistas, caso não fossem apaziguados com a nomeação de Mussolini, teriam se levantado como bandidos, mesmo contra a vontade do seu líder, saqueando e destruindo tudo pela frente nas cidades e no campo. A opinião pública foi despertada. O governo de Facta decretou Estado de sítio. Assim o fez, e um grande confronto foi esperado entre as forças do governo e as forças fascistas. A opinião pública

31 de outubro, finalizou o ano catastrófico para a Itália, para o proletariado e para o PCI. No dia 02 de novembro de 1922 Mussolini foi empossado Primeiro-Ministro da Itália¹⁰⁹. *Le origini del gabinetto Mussolini: La politica del signor Giolitti - I contadini - Il Partito Socialista - L'Offensiva capitalista del marzo 1920* foi um dos últimos escritos de Gramsci durante o ano de 1922, com exceção de uma carta escrita para Giulia em dezembro. Na breve correspondência internacional há uma análise sobre os elementos da crise Italiana e a conclusão de que a conquista do poder pelos fascistas foi a forma de reorganização do Estado italiano.

esperou o dia todo por esse acontecimento; nossos camaradas eram bastante céticos quanto a isso. Os fascistas não encontraram muita resistência em nenhum dos lugares por onde eles avançaram. Isso significou a aceitação das condições fascistas, que haviam sido impressas no jornal Popolo d'Italia [Povo da Itália], como se segue: “Mussolini deve ser consultado para a formação de um novo ministério, isso garantirá uma solução legal. De outro modo, marcharemos sobre Roma e tomaremos controle da situação”. Horas após o Estado de sítio ter sido decretado, soube-se que Mussolini estava a caminho de Roma. Medidas foram tomadas para a defesa militar; reuniram-se as tropas; a cidade foi cercada pela cavalaria. Mas o acordo já havia sido firmado, e em 31 de outubro os fascistas entraram triunfantes em Roma. Mussolini formou um novo governo, cuja composição já era bem conhecida. O partido fascista, que conta com apenas trinta e cinco assentos no parlamento, tem a maioria absoluta nesse governo. Mussolini não é apenas o chefe do conselho de ministros, mas também controla as pastas de assuntos internos e externos. Membros do partido fascista dividiram outras pastas importantes e sentiram-se em casa na maioria dos outros ministérios” (Bordiga *apud* Guillaumon, 2020, p.292).

¹⁰⁹No dia 26 de novembro, Mussolini obteve plenos poderes para realizar uma reforma administrativa e reordenar as finanças do país.

4. A FÁBRICA E O ANTIFASCISMO REVOLUCIONÁRIO EM GRAMSCI

Bandiera nera, la vogliamo? No! Perché l'è il simbolo della galera. Bandiera bianca, la vogliamo? No! Perché l'è il simbolo dell'ignoranza. Bandiera rossa, la vogliamo? Sì! Perché l'è il simbolo della riscossa.

4.1 O *biennio nero* inacabado e o problema da fusão

Após o espetáculo teatral da Marcha Sobre Roma, 1923 começou com o fascismo em apogeu e expansão, ocupando até as grandes cidades industriais, Torino, Milano e Genova. No entanto, Mussolini desagradava os fascistas com as poucas nomeações para os Ministérios. Aqueles que lideraram as esquadras mais violentas foram deixados de lado. No próprio PNF, entre os mais violentos e sanguinários, Mussolini desencadeou uma onda de insatisfação por ter se tornado Primeiro-Ministro por meio de um acordo com o Rei. Se a análise fosse particular, apenas voltada para a trajetória de Mussolini, seria possível afirmar que o Duce chegou aonde desejava: um deputado do baixo clero que se tornou Primeiro-Ministro e passou a controlar o poder e as instituições do Estado.

Do outro lado do espectro havia esperança, força de vontade para lutar e a necessidade de uma organização internacional para combater o fascismo. A ordem do dia, as resoluções do IV Congresso Mundial da IC, que ocorreu entre novembro e dezembro de 1922, precisavam ser colocadas em prática e dentre elas, a fusão com o PSI. As táticas para os Partidos Comunistas envolviam a questão agrária, sindical, educacional, juvenil, a questão do Oriente e o Programa da IC para as sessões da Alemanha, da França, Itália, Checoslováquia, Bulgária, Noruega, Estados Unidos e Japão. Nas *Resoluções sobre a tática da Internacional Comunista*, o desenvolvimento e o fortalecimento do movimento comunista internacional estiveram na ordem do dia, assim como a temática do *Fascismo Internacional*, diferente do III Congresso da IC, que subestimou o perigo fascista e o compreendeu como um fenômeno típico de países atrasados e semiagrícolas.

Durante a XII Seção do IV Congresso, Bordiga apresentou um informe sobre o fascismo e as condições da Itália. Levou em consideração algumas das críticas de Radek sobre a atuação do PCI, mas aprofundou sua análise nas origens do movimento fascista e sua relação com o intervencionismo na Guerra Imperialista. O fundador do PCI entendia que devido à derrota do movimento operário durante o *Biennio Rosso*, o fascismo passou a controlar a ofensiva burguesa capitalista nos campos e nas cidades. A base do fascismo, em sua análise, era composta por extremistas, pela burguesia, alguns anarquistas e sindicalistas

do movimento operário que se utilizavam da violência durante as ocupações nas cidades, iniciada em novembro de 1920, em Bolonha.

A análise de Bordiga sobre o fascismo estava agora mais realista “o fascismo é um movimento grande e unificado da classe dominante”, que visa “tirar proveito e fazer uso de todos os meios e de todos os interesses particulares e locais dos diferentes grupos do patronato agrícolas e industriais”. Para o fundador do PCI, “o fascismo não acrescenta nada à ideologia tradicional e ao programa da política burguesa”, assim como “não possui nada mais que uma realidade cheia de dificuldades que ele é incapaz de superar”, de forma que “a crise econômica renovará constantemente as causas da revolução, ao passo que o fascismo será incapaz de reorganizar o aparato estatal da burguesia” (Bordiga *apud* Guillamon, 2020, p.282).

Sobre a resistência ao fascismo, Bordiga explicava: “não tínhamos dúvida alguma quanto ao fato de que atualmente não nos encontramos em condições de tomar a ofensiva contra a reação fascista, então tivemos que assumir uma postura defensiva”. Se tivesse ocorrido um conflito militar entre a burguesia e os fascistas, “talvez o proletariado poderia ter desempenhado algum papel no estabelecimento de uma frente unida pela greve geral, obtendo certo sucesso. Mas, na situação atual, o proletariado não tomou parte nas ações”. Para Bordiga, “nosso Partido ainda pode trabalhar legalmente e a situação não tem nada de trágica”, e, por mais que os militantes encontrassem dificuldades para publicar os jornais comunistas, esses estavam sendo impressos em outros locais e na clandestinidade (Bordiga *apud* Guillamon, 2020, p.299).

O informe de Amadeo Bordiga não abordou questões internacionais e careceu de informações adequadas sobre a situação concreta da realidade Italiana e principalmente do significado político da Marcha Sobre Roma. Por outro lado, a disputa interna ocorria também contra a direita do Partido, liderada por Tasca. Com voz contrária à direção do Partido, Graziadei tomou a palavra após Amadeo Bordiga e “pela primeira vez, na assembleia internacional, um líder do PCd’I desafiou abertamente a direção política de seu partido” (Fresu, 2020, p.158).

Nos próximos meses Gramsci encarou a batalha política nas duas frentes: contra o sectarismo de Bordiga e contra a direita de Angelo Tasca. Contudo e independentemente do conflito interno no Partido, o IV Congresso compreendeu que a política ofensiva da burguesia contra o proletariado se manifestava com o fascismo internacional em estreita relação com a ofensiva do capital.

o IV Congresso da IC arriscou uma primeira abordagem do problema caracterizando o novo regime como produto da “reação agrária”, formulando depois atenuada no debate entre aqueles que, como o próprio Bordiga, viam no fascismo uma forma de reação capitalista subsequente a uma crise revolucionária e os que, como Radek, percebiam elementos de novidade num movimento político da pequena burguesia (Del Roio, 2019, p.105).

O perigo fascista estava claro e existente em muitos países: “na Checoslováquia, na Hungria, em quase todos os países balcânicos, na Polônia, na Alemanha (Baviera), na Áustria, na América do Norte e até em países como Noruega”, sendo também possível “em países como França e Inglaterra” (*Thèses, Manifestes Et Résolutions Adoptés Par Les IER, IIE, IIIE ET IVE Congrès De L'internationale Communiste (1919-1923)*, 2017, p.206).

No caso italiano, lugar do fascismo clássico,

que conquistou momentaneamente todo o país, reside no fato de que os fascistas não só constituem organizações de combate estritamente contra revolucionárias e armadas até os dentes mas também tentam, através da demagogia social, criar uma base entre as massas, na classe camponesa, na pequena burguesia e mesmo em certos setores do proletariado, usando habilmente para seus objetivos contra-revolucionários as decepções provocadas pela chamada democracia (*Thèses, Manifestes Et Résolutions Adoptés Par Les IER, IIE, IIIE ET IVE Congrès De L'internationale Communiste (1919-1923)*, 2017, p.206).

Para a IC, a situação internacional era caracterizada pelo fascismo e pelo terror branco desencadeado contra o proletariado. Assim como a revolução socialista deveria ser internacional, as resoluções do IV Congresso deixavam claro que uma das

tarefas mais importantes dos Partidos Comunistas consiste em organizar a resistência ao fascismo internacional, em colocar-se à frente de todo o proletariado na luta contra as esquadras fascistas e aplicar energeticamente também neste terreno a tática da frente única (*Thèses, Manifestes Et Résolutions Adoptés Par Les IER, IIE, IIIE ET IVE Congrès De L'internationale Communiste (1919-1923)*, 2017, p.206).

O IV Congresso estava em condições suficientes para extrair *Resoluções* sobre a *Questão Italiana*, já colocada em debate desde o II Congresso (1919). A compreensão foi de que próximo ao final da Guerra Imperialista, “a situação na Itália era objetivamente revolucionária” e que o Estado e a burguesia estavam “fora de ordem e a inquietação tomou conta da classe dominante”. Do outro lado, a classe operária “em várias regiões estava em estado de insurreição”. As “frações consideráveis da classe camponesa começaram a se levantar contra latifundiários e contra o Estado e estavam dispostas a apoiar a classe operária em sua luta revolucionária”. Portanto, as condições objetivas para uma revolução estavam

colocadas, mas a ausência dos elementos subjetivos, principalmente de “um determinado partido dos operários, pronto para o combate, consciente de sua força, revolucionário; em poucas palavras: um verdadeiro Partido Comunista” (*Thèses, Manifestes Et Résolutions Adoptés Par Les IER, IIE, IIIE ET IVE Congrès De L'internationale Communiste* (1919-1923), 2017, p.261).

Internacionalmente a situação não era distinta: a classe operária precisaria ter triunfado entre 1919 e 1920, mas carecia de um “Partido Operário Revolucionário”, fato que se manifestou “mais particularmente na Itália, país que esteve mais próximo da revolução e que atualmente atravessa um período de contrarrevolução”. A Itália se tornou exemplo objetivo da necessidade de um Partido revolucionário organicamente ligado à classe operária e ao campesinato, pois devido à ausência desse organismo das classes subalternas a burguesia foi capaz de se articular ativamente na ala fascista e definir o rumo para uma ditadura. Mesmo com a cisão de Livorno, o jovem Partido Comunista, “apesar de toda a sua coragem e autosacrifício, era muito fraco para levar a classe operária a vitória”. A classe trabalhadora se encontrava em crise, dividida, sendo assassinada, humilhada e violentada pelos fascistas que consolidavam suas posições com a ajuda dos reformistas e da burguesia, na esfera econômica, educacional e política (*Thèses, Manifestes Et Résolutions Adoptés Par Les IER, IIE, IIIE ET IVE Congrès De L'internationale Communiste* (1919-1923), 2017, pp.261-262).

O IV Congresso da Internacional decidiu por 13 resoluções, sendo a principal realizar uma “rápida fusão de todas as forças revolucionárias do proletariado”. Contudo, houve resistência no grupo dirigente por parte de Gramsci, Bordiga e Terracini. A direita de Tasca apoiou a decisão, pois compreendia a necessidade de a Itália recuperar as forças após as derrotas e cisões. A 5ª Resolução sobre a Questão Italiana exigia a “fusão imediata do Partido Comunista Italiano e do Partido Socialista Italiano. O Partido terá o nome de Partido Comunista Unido da Itália (seção da Internacional Comunista)”. O IV Congresso resolveu designar uma comissão “composta por dois membros de cada Partido, que funcionará sob a presidência de um membro do Comitê Executivo da Internacional Comunista”: Bordiga, Tasca, Serrati, Maffi e Zinoviev. As outras tarefas exigiam toda uma reorganização e fusão com os *terzini* em todas as regiões da Itália, inclusive dos jornais, sendo necessária a criação de um único jornal até o dia 1º de janeiro de 1923, com data limite 15 de fevereiro para o Congresso de fusão dos dois Partidos (*Thèses, Manifestes Et Résolutions Adoptés Par Les IER, IIE, IIIE ET IVE Congrès De L'internationale Communiste* (1919-1923), 2017, p.263).

O Congresso lembra a todos os camaradas italianos a necessidade da mais estrita disciplina. Todos os camaradas, sem exceção, são obrigados a fazer todo o possível para que a fusão seja realizada sem dificuldades e o mais rápido possível. Qualquer ofensa contra a disciplina constituirá situação atual um crime contra o proletariado italiano e a Internacional Comunista. (*Thèses, Manifestes Et Résolutions Adoptés Par Les IER, IIE, IIIE ET IVe Congrès De L'internationale Communiste* (1919-1923), 2017, p.263).

Após o IV Congresso da IC, os conflitos no PCI não diminuíram e as lideranças políticas continuaram desprovidas de análises teóricas sobre o fascismo. Uma das justificativas para a dificuldade em identificar - consequentemente lutar contra - o fascismo, sua natureza, características e próximos passos, esteve no fato de as lideranças teóricas e políticas não enxergarem a crise organizacional do movimento operário e as estratégias da ofensiva do capital. As consequências da derrota, anunciada desde 1920, foram agravadas pelo fracasso do movimento operário e tornava mais fácil a ação cotidiana violenta das esquadras. A presente confusão na luta antifascista, assim como as divisões entre o movimento operário e a destruição da resistência das Ligas Camponesas demonstraram a ausência de uma liderança na Itália. Togliatti, Terracini e Bordiga seguiam a linha de que mesmo com a vitória de Mussolini, as condições do país não tinham sido modificadas. As condições de saúde de Gramsci não melhoravam e suas análises sobre o fascismo eram escassas, mas sua preocupação sobre a fábrica, a organização operária e a resistência continuaram presentes.

As resoluções do IV Congresso não foram aceitas pelo CE do PCI e a linha antiunitaria de Amadeo Bordiga fez com que o Partido entrasse em colisão com a IC, o que mais uma vez prejudicou a luta antifascista. O ano de 1923 começou arruinado. Na Rússia, Lenin se encontrava cada vez mais adoecido e afastado de grande parte das atividades do Estado e do Partido. A NEP se mostrava como a única possibilidade de manter o Estado nas mãos dos operários e restaurar a aliança operário-camponesa, mas formar um capitalismo monopolista de Estado - ainda que dirigido pela vanguarda operária revolucionária - causou inúmeros conflitos internos entre os quadros políticos e intelectuais do Partido Comunista.

Após o não cumprimento da fusão, os conflitos no PCI estavam escancarados. Abria-se espaço para a formação de um novo grupo dirigente. Mussolini estava no poder e controlava a máquina do Estado. No dia 03 de fevereiro, ordenou pessoalmente inúmeras prisões para o Comitê Executivo do Partido Comunista e delegados do Congresso de Moscou. Bordiga, Ruggero Grieco, Camilla Ravera, Gramsci (que permaneceu em Moscou),

simples operários, padres antifascistas, comunistas e socialistas, foram indiciados por conspiração contra a segurança do Estado italiano (Spriano, 1967).

A violência nas ruas não acabou no *Biennio Nero*, apenas ocorria em menor intensidade, pois as lideranças políticas da classe operária tinham sido assassinadas, estavam no exílio ou aprisionadas. A resistência estava muito fragilizada, fragmentada e dividida, inclusive no CE do PCI e do PSI. Na Espanha, a resposta às agitações sociais foi dada por meio de uma ditadura comandada pelo General Miguel Primo de Rivera. Em julho, nos Estados Unidos, a Ku Klux Klan declarou ter mais de 4 milhões de membros. Na Alemanha, Hitler e um pequeno grupo de nacionalistas fracassaram na tentativa de um golpe de Estado. As experiências europeias que tiveram o fascismo italiano de exemplo ideológico demonstraram que o discurso do nacionalismo, o culto ao heroísmo, à tradição e a homogeneização dos povos eram objetivos secundários. O que prevaleceu foi o discurso e a linguagem revolucionária, mas os fascismos mantiveram e desenvolveram os mesmos interesses do capitalismo e das classes dominantes. As perseguições, agressões e os assassinatos fizeram parte do desmantelamento das organizações antifascistas. Os pactos com a Igreja Católica e a manutenção das milícias serviram para manutenção da violência e opressão legitimadas pelo Estado.

A criação da *Milizia Volontaria della Sicurezza Nazionale*, em janeiro de 1923, assinalava que o fascismo já havia se tornado um movimento para além de sua principal liderança e o Duce precisava articular as milícias, os conflitos que assombravam o país e continuar reprimindo qualquer ato, movimento ou organização antifascista. A política externa, entre 1923 e 1926, foi dirigida para os países da Europa e do Leste Europeu como nas antigas tradições comerciais. Em julho de 1923 foi feito um acordo comercial com a Turquia e em janeiro de 1924, com a Hungria. Em 1925, a política econômica internacional fascista migrou para a Bulgária, o Egito, a Grécia e a América Latina, principalmente com a Argentina.

O objetivo era o de negociar com as áreas mais atrasadas industrialmente. Mussolini precisava melhorar a economia italiana e tirar o país da crise. Defender as indústrias siderúrgicas, metalúrgicas, têxtil e a produção de frutas e legumes do *Mezzogiorno*, que representavam a parte mais ativa do comércio, assim como os grandes bancos, passou a ser prioridade da política doméstica. Os industriais, a Igreja e os latifundiários possuíam o mesmo interesse. Para tanto, a classe operária novamente precisaria ser formatada e uma das

proposições foi a de encerrar o conflito de classe e a crise de consenso (Catalano, 1979, p.51).

No dia 06 de janeiro de 1923, Bordiga, em carta para o Comitê Executivo IC, endereçada para Gramsci e Zinoviev, descreveu que a chegada em Roma foi demorada devido às condições ilegais da viagem. Um dos pontos centrais da carta foi a situação violenta que o país se encontrava:

A ação fascista acaba de completar seus velhos métodos de violência com o uso do aparato policial. O governo fascista introduziu a reforma de unir os guardas reais, incluindo agentes à paisana e carabinieri, em uma única milícia. Ao mesmo tempo, os esquadrões armados fascistas foram transformados em uma milícia nacional fascista armada e subsidiada pelo Estado, e colocados sob as ordens do Primeiro Ministro. Este aparelho dirige a luta contra o movimento proletário. Todas as formas legais do movimento proletário são incapazes de resistir e sobreviver na medida em que aceitam qualquer tipo de renúncia. Contra a organização política do partido e sua atividade ilegal, a polícia fascista dificilmente é mais bem-sucedida do que a velha polícia. A sua ação é afetada pela crise de descontentamento que eclodiu nas revoltas dos guardas reais saqueados, e abre caminho entre vários funcionários que se veem substituídos pela iniciativa dos fascistas, que se intrometem no seu trabalho por vezes de forma bastante ridícula, mesmo que muitas vezes brutal e violento (Bordiga, 1923)¹¹⁰.

Para Bordiga, a conjuntura no país havia sido modificada desde a ofensiva fascista em Torino no mês de dezembro. “Para sair dessa situação seguindo a outra linha indicada pela vontade da Internacional, seria necessário chegar a uma fusão com os maximalistas, à qual o partido disciplinado se preparava para se submeter”. No entanto, em sua visão, os novos fatos não agradariam ao CE e aumentariam a “insatisfação com o rumo que as coisas estão tomando contra nossa opinião e nossas propostas”. Para resistir seria “necessário dar mais sinais de vida e dirigir palavras claras ao proletariado” (Bordiga, 1923), com a criação do jornal da fusão, com Serrati e Maffi em Roma. Assumia também seus limites:

Mas estamos numa posição que nos impede de fazer propostas táticas. Qualquer estudo da questão nos leva a recriminações inúteis sobre o passado. Exigimos que a Comissão que deve levar a cabo a política estabelecida pelo Comintern possa nos dar diretrizes que cumprimos fielmente e contra qualquer dificuldade. Na ausência desta Comissão, é ao vosso representante que recorreremos para resolver os problemas que se colocam (Bordiga, 1923).

A partir de março começou o debate prático para a formação da nova direção do PCI, principalmente devido ao colapso que causou na organização do Partido a prisão de suas

¹¹⁰Carta de Bordiga para o CE da IC, Gramsci e Zinoviev, sobre as condições italianas. Disponível em: <<https://www.quinterna.org/archivio/carteggi/19230106_bordiga_comintern.htm>>. Acesso em 18/03/2023.

principais lideranças e membros do Comitê Central. O único apoio à fusão, que significava dar um passo atrás ao que foi realizado em Livorno, era a direita do Partido liderada por Angelo Tasca. O grupo dirigente, principalmente Bordiga, mantiveram-se contrários, mas acataram disciplinarmente. Gramsci permanecia em Moscou. No dia 02 de março, o fascismo dava mais um golpe: Serrati e outros militantes foram presos logo ao entrar na Itália. Tasca foi exilado para a Suíça. Na Itália ficaram Maffi, Scoccimarro, Rakoski e Beruzzi como os delegados da CE da IC. No entanto, durante o XX Congresso do PSI, em abril, a direção do Partido Socialista foi para as mãos do anti fusionista Pietro Nenni¹¹¹ e a fusão foi completamente sabotada. A proposta de Zinoviev foi a de formação de um bloco partidário com os socialistas e os comunistas.

No entanto, em carta ao *Presidium della Internazionale comunista e al delegato Italiano nel CE dell'IC*, Terracini explorou os problemas e futuros conflitos sobre a formação de um bloco apenas entre os comunistas e socialistas, pois devido às tradições italianas, que faziam alianças entre os sindicalistas, partidos progressistas, frações subversivas e anarquistas, “daria a impressão de que se deseja isolar uma parte do proletariado”. A mudança de linha poderia ser “altamente prejudicial, especialmente devido à nossa péssima condição, que você conhece não apenas por nossos relatos, mas também pelos relatórios de Giacomo e Beruzzi” (Terracini *apud* Togliatti, 1971, pp.48-49).

No dia 1º de maio de 1923, Palmiro Togliatti escreveu para Gramsci com notícias sobre o Manifesto que Bordiga esboçava no cárcere, o qual criticava a ação da IC contrária às linhas políticas que o PCI foi fundado. Togliatti, perplexo, mas não contrariou a carta do fundador do Partido e reiterou a situação delicada que a composição interna se encontrava. Demonstrou a possibilidade de uma luta política aberta ocorrer no país, inclusive indicou que as classes industriais não confiavam no regime fascista e que muitos antifascistas tentavam se manter na luta contra as reformas constitucionais aplicadas por Mussolini. Para Togliatti, a situação instável do país colocava na ordem do dia a resolução dos problemas com a IC e com o PSI. O convite que Bordiga fazia da prisão era “que o grupo político que até agora esteve à frente do PCI, tem a responsabilidade pela sua formação e pela ação que desenvolveu nesses três anos, se dirija ao proletariado com um manifesto” (Togliatti, 1971, p.54) crítico às resoluções da IC sobre a fusão com o PSI.

¹¹¹Pietro Nenni (1891-1980), intervencionista e muito próximo de Mussolini, em 1919 fundou um *fascio* em Bolonha e auxiliou a incendiar o jornal *Avanti!*. Anos depois se filiou ao PSI. Em 1922 esteve como porta-voz do jornal *Avanti!* em viagem para a França, onde reencontrou Mussolini.

Na prática, dadas as condições atuais, fazer o que Amadeo diz significa colocar-se em combate aberto com a Internacional Comunista, colocando-se fora dela, encontrando-se, portanto, privado de um poderoso apoio material e moral, reduzido a um grupo muito pequeno reunido por laços quase exclusivamente pessoais, e a ser condenado em pouco tempo, se não a todos se dispersar, certamente a perder qualquer influência prática real e imediata no desenvolvimento da luta política na Itália (Togliatti, 1971, p.55).

A situação interna do PCI foi discutida no dia 16 de maio pelo Grupo Parlamentar Comunista. A decisão principal foi a de que as táticas decididas no IV Congresso da IC eram “erradas e prejudiciais” para os partidos envolvidos, assim como para a situação interna, sendo que o CE do PCI apenas concordou em “aplicar algumas decisões pelo único espírito de disciplina” - Garosi apresentou a reunião. Graziadei, Bombacci, Belloni, Rabezzana, Remondino e Croce votaram favoráveis à realização de uma Conferência confidencial após a reunião CE, em Moscou, com a finalidade de discutir as diretrizes do Partido. Repossi se absteve - (PCI *apud* Togliatti, 1971, p.61).

Gramsci estava em Moscou no dia 18 de maio quando respondeu longamente a carta de Togliatti. Um dos elementos mais importantes da carta é a concepção de partido revolucionário na reflexão de Gramsci, assim como a clareza da necessidade de elaborar uma análise sobre a questão, “muito mais complexa do que parece em sua carta” e sobre o “desenvolvimento futuro e para a atitude dos grupos que o constituem” - o PCI -. Gramsci chamou atenção para as conversas que teve com Bordiga durante o IV Congresso. Tais questões, mais do que “querelas intelectuais” poderiam se tornar “causa de crise e decomposição interna do Partido”. Para tanto, o principal objetivo seria o de criar dentro do Partido um núcleo dirigente homogêneo e ideologicamente para ação prática e unidade diretiva (Gramsci, 1992, p.118).

Além de questões relativas à organização do Partido revolucionário, Gramsci refletiu sobre as dificuldades em “destruir os resíduos do passado”, principalmente devido ao PSI ter enraizado as tradições da social-democracia nos costumes do país. As táticas “são adequadas para isso” (Gramsci, 1992, p.119) e deveriam ser utilizadas na Itália:

se soubermos operar bem, absorvemos o Partido Socialista e resolveremos o primeiro e fundamental problema revolucionário: unificar o proletariado de vanguarda, destruir a tradição demagógica popular (Gramsci, 1992, p.119).

Gramsci delimitou a ação como um verdadeiro líder de um Partido político revolucionário que precisava se articular na clandestinidade:

1º não insistir em antíteses feitas em bloco, mas especificar entre líderes e massas; 2º encontrar todos os elementos de conflito entre os dirigentes e as massas e aprofundá-los, alargá-los, generalizá-los politicamente; 3º fazer uma discussão sobre a política atual e não um exame dos fenômenos históricos gerais; 4º fazer propostas práticas e indicar às massas diretrizes práticas de ação e de organização (Gramsci, 1992, p.121).

No entanto, a resistência e a articulação propostas por Gramsci apenas encontrariam força meses mais tarde, mas o militante comunista parecia compreender a complexa função que teria como reorganizador do PCI. A ofensiva fascista e os ataques à classe operária não tinham fim. A política e a perseguição anticomunistas, lideradas pelo General De Bono estavam muito claras, bem como as fraudes nos processos eleitorais (Spriano, 1967).

Na esfera internacional, o fascismo era fortalecido por meio das tendências nacionalistas. Durante o mês de junho de 1923 ocorreu a III Conferência do Executivo Ampliado da IC, III Pleno do Ceic. No dia 20, a comunista e feminista Clara Zetkin apresentou um relatório mais bem detalhado do que a própria delegação italiana. *A luta contra o fascismo* designa o fascismo como um inimigo do proletariado, expressão da “ofensiva generalizada da burguesia mundial”, movimento de massas extremamente perigoso e amedrontador com origens na Guerra Imperialista, mas que ascendeu na Itália devido à derrota da revolução de 1919-1920. Para Zetkin, o fascismo se mostrou ao mundo após a derrota da revolução internacional, tendo a Alemanha a sua segunda força mais desenvolvida (Zetkin, 1923).

Zetkin entendia o fascismo como um movimento de massas internacional, heterogêneo e “contraditório por natureza” que agregava “diferentes forças conflitantes que o levarão à sua decadência interna e desintegração”, mas “poderá ser um lento processo de longo prazo por conta da inércia dos instrumentos de poder disponíveis”. De tal forma, “os proletários revolucionários, comunistas e socialistas devem seguir o caminho da luta de classes, preparados e armados para as mais duras batalhas (Zetkin, 1923).

No dia 23 de junho o Comitê Executivo da Internacional Comunista aprovou a *Resolução sobre o Fascismo*, de autoria de Clara Zetkin. A resolução contém elementos importantes para pensar e combater o fascismo em nível nacional e internacional. As tarefas principais da “vanguarda revolucionária consciente da classe trabalhadora” seriam: reunir informações a respeito do movimento fascista em todos os países; agitação e propaganda

sobre a hostilidade e violência do fascismo; “educação metódica” para o proletariado e para as massas sobre sua condição de proletariado e “o papel do fascismo de assistente do capitalismo de grande escala”; organização da classe operária em contingentes de autodefesa; todos os operários deveriam ser encorajados a fazer a resistência, seja no Parlamento, nas instituições públicas, nas ruas e nas fábricas (Zetkin, 1923).

Sobre a situação italiana, Tasca, enquanto representante da ala minoritária da direita do PCI, apresentou à CE da IC um relatório sobre a fusão. Relatou que a tendência dirigente e majoritária do PCI foi a responsável pelo fracasso da fusão, além de colocar que todos os membros do grupo dirigentes eram iguais, se fundamentavam nas *Teses de Roma* e no sectarismo de Bordiga. A questão da clandestinidade marcou o relatório de Tasca não apenas como “um problema de organização técnica, mas também e sobretudo de tática política geral” (Tasca *apud* Togliatti, 1971, p.83) para quais

os slogans de ação, as formas de propaganda, devem ser tais que nos permitam não perder contato com as massas apavoradas, dando-lhes a sensação de que a nova tática empregada não representa um enfraquecimento da nossa oposição ao fascismo (Tasca *apud* Togliatti, 1971, p.83).

No 14º ponto do relatório, Tasca apontou duramente o problema sobre a composição do CE, como se todos os membros tivessem mantido “inteiramente na linha política expressa nas *Teses Sobre as Táticas*, aprovadas no Congresso de Roma e claramente rejeitadas no IV Congresso (...) ainda hoje pensam que quem errou é a Internacional”. O líder do grupo minoritário de direita concluiu seu relatório solicitando que a IC olhasse para o grupo dirigente do PCI como um grupo que manteve o “espírito de seita, que constitui uma das mais graves falhas da nossa organização” (Tasca *apud* Togliatti, 1971, pp.88-89).

Segundo Tasca,

este espírito sectário, tanto em relação à mentalidade política que expressa, como em relação à organização interna do Partido, é um dos mais sérios obstáculos que se opõem à aplicação de uma tática verdadeiramente comunista (Tasca *apud* Togliatti, 1971, pp.88-89).

A fala de Tasca causou grande mal-estar e os dirigentes, inclusive Gramsci, se uniram em defesa do partido. A análise da crise fascista continuava a ser elemento importante para a atuação dos partidos comunistas e reerguimento do movimento operário internacional. No final do III Pleno, a exigência foi pela política da frente única, a única capaz de resolver os

problemas da situação italiana, bem como de mostrou essencial diferenciar o fascismo e as políticas implementadas por Mussolini.

O Plenário finalmente aprovou uma resolução que superou os documentos oficiais dos meses anteriores, mas que incorporou parcialmente a riqueza do debate (...) Tendo chegado ao poder, prosseguia a resolução, o fascismo dera origem a um regime constitucionalmente instável porque era influenciado por diferentes forças sociais que procuravam se afirmar e nas quais se chocavam as velhas e novas burocracias (Gagliardi, 2019, p.110).

Além disso, a batalha em duas frentes se mostrava inevitável, mas fazia sentido a oposição à Tasca, pois Gramsci enxergava que a maioria bordiguiana seria liquidada. O III Pleno do Ceic designou um CE misto, formado por Togliatti (que aceitou após saber dos conselhos de Gramsci), Scoccimarro, Fortichiari, Tasca e Vota - Fortichiari recusou e foi substituído por Egidio Gennari¹¹² - para o Executivo do Partido e dissolveu a direção de Bordiga, o qual renunciou em agosto e passou a organizar uma nova fração dentro do Partido junto com Grieco e Fortichiari.

No dia 12 de julho de 1923, ocorreu uma reunião do grupo dirigente do Partido com Terracini, Fortichiari, Leonetti, Togliatti e Camilla Ravera. O resultado foi uma carta endereçada para Amadeo Bordiga, com o objetivo de transformar a velha direção bordiguiana do PCI em uma fração. Criar uma fração com a finalidade de elaborar todas as novas táticas de organização iria garantir que os trabalhos da nova CE se desenvolvessem para que a situação política e o domínio do Partido fossem mantidos como antes. Segundo a carta, a situação concreta havia imposto duas situações reais: a organização para que todas as responsabilidades fossem compartilhadas com os membros do Partido e a necessidade de difundir entre a massa a concepção do Partido (Terracini *et al apud* Togliatti, 1971, p.89).

Na carta de 16 de julho de 1923,¹¹³ Togliatti escreveu para Gramsci e para Scoccimarro que a derrota do movimento operário e a vitória do fascismo ocorreu devido à ausência de “orientação constante, confiante, enérgica, como só poderia ser dada por um

¹¹²Egidio Gennari (1876-1942) esteve na Fundação do PCI. Foi eleito deputado em 1924 e se exilou na União Soviética a partir de 1926.

¹¹³No cárcere, em julho de 1923, Bordiga escrevia para Togliatti sobre sua vontade de expressar seus pontos de vista na imprensa comunista. A revista teórica do Partido, *Prometeo*, surgiu quando Bordiga se desligou do Comintern e não possuía mais responsabilidade diretiva no Partido. Com sete números e periodicidade mensal, *Prometeo*, após o V Congresso da Internacional, por decisão do Executivo do PCI, deixou de ser publicada (Guillamón, 2020).

partido político organizado de acordo com os princípios estabelecidos nas teses da Internacional” (Togliatti, 1971, p.94).

Muitas tentativas para organizar o velho grupo dirigente ocorreram, mas a direção do Partido estava completamente desequilibrada por todas as prisões e pelos ataques sistemáticos desenvolvidos pela política anticomunista do fascismo. Ou os militantes estavam presos, exilados, ou com pouquíssimos recursos para agir na clandestinidade. Fato é que o Partido precisava urgentemente se organizar e escolher um caminho.

4.2 A batalha em duas frentes: rumo à *L'Unità*

Agosto começou com o Parlamento repleto de fascistas. Os resultados eleitorais convocados por Mussolini e a aprovação da Lei Acerbo, que criou apenas um colégio eleitoral e entregou centenas de cadeiras para os fascistas, demonstrou a institucionalização do PNF e a necessidade de restaurar o Estado italiano com o auxílio do Vaticano - fato que ficou mais claro com a consolidação da Reforma Gentile (1922-1923)¹¹⁴ e as tentativas de elaboração de um consenso fascista com homens e mulheres, crianças e jovens.

No dia 9 de agosto de 1923 foi realizada uma reunião com Terracini (codinome Urbani), Togliatti (codinome Palmi), Tasca (codinome Serra), Vota, o sindicalista Pallota, Azzaro, Flecchia, Graziadei, Vecchini, Marabini, Camilla Ravera, Repossi, Leonetti e Mattia Rakosci (codinome Giacomo). O encontro na vila de Angera teve como ordem do dia a relação com o PSI, a renúncia de Martini, a relação do novo CE e suas relações com o PSI, a tática sindical, os problemas na organização interna e os problemas de impressão do jornal.

A reunião resultou na *Ata da Reunião do Comitê Central do PCI*. O confronto entre a ala da direita, liderada por Tasca e Graziadei, e o velho CE ficou claro. Em sua primeira fala, Terracini (Urbani) demonstrou insatisfação sobre as decisões da IC e do III Pleno por “retirar da direção do nosso movimento o único homem do nosso Partido que deu provas de ser um dirigente político”, referindo-se a Bordiga, principalmente quando o PCI precisava de coesão e unidade para lidar com a complexa situação italiana. Terracini entendia que a questão da fusão com o PSI era apenas um dos aspectos da luta proletária, mas que os

¹¹⁴A Reforma Gentile passou a ser implantada desde o dia 31 de dezembro de 1922. Para aprofundar na temática, o trabalho de Deise Rosalio Silva é uma ótima indicação. Ver: SILVA, Deise Rosalio. Hegemonia e educação: proposta gramsciana de superação da subalternidade / Deise Rosalio Silva; orientação Carmen Sylvia Vidigal Moraes. São Paulo: s. n., 2016. 435 p.; tabs.; apêndices.

Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15082016-150022/publico/DEISE_ROSALIO_SILVA.pdf>>.

militantes do Partido não deveriam se deixar levar por tal questão “como se fosse a única e suprema tarefa dos comunistas” (Terracini *apud* Togliatti, 1971, p.107).

Tasca defendeu-se das palavras de Terracini e apontou dois principais elementos do relatório da situação italiana apresentado à IC, enquanto leu as páginas 9 a 13 de seu relatório. O elemento principal era de que o documento para Moscou “foi baseado apenas em casos e acusações pessoais” e “que a minoria não tem pensamento nem organização espiritual e, portanto, só pode dar uma contribuição negativa ao trabalho da direção do Partido” (Tasca *apud* Togliatti, 1971, p.107). O problema central colocado por Tasca estava na direção de Bordiga que fez com que não existisse uma maioria no Partido, bem como prejudicou as relações da massa com a fusão por nunca ter feito uma ampla discussão sobre o assunto - o que seria impossível devido às condições de perseguição, prisão e violência, semelhante a clandestinidade, que a classe operária organizada e o PCI se encontravam.

Em meio às tensas relações entre o grupo minoritário e o velho grupo dirigente, a fala de Togliatti foi bastante esclarecedora e consciente, pois mirou os principais elementos e acontecimentos históricos para demonstrar a necessidade da cisão em Livorno, bem como o planejamento, após a derrota de 1920, para a formação de um sólido grupo dirigente e revolucionário que estivesse à frente no PCI. A não realização da fusão esteve de encontro com a “própria origem do nosso Partido e ao seu desenvolvimento”, sendo que os primeiros objetivos do PCI, logo após sua formação, foi a de propaganda e crítica sobre o PSI e toda a tradição do movimento operário Italiano, com a finalidade de “livrar as ruas dessa tradição e desse espírito” (Togliatti, 1971, p.112).

Em suas declarações, Togliatti trouxe muito da influência de Bordiga, que seguia na resistência às interferências da IC dentro do PCI e organizava uma fração. Os pilares do PCI: reservas em relação à fusão, propaganda e ação crítica em relação ao PSI, desenvolvimento político do proletariado italiano em bases distintas do PSI e as afirmações apresentadas no Congresso de Roma, e novamente na reunião do dia 09 de agosto, demonstraram os principais objetivos do primeiro período de vida do PCI, sob a liderança de Bordiga.

As respostas de Gramsci para a carta escrita por Togliatti em 16 de julho datam do mês de agosto, mas sem um dia efetivo. Gramsci disse estar preparando uma carta para Togliatti e para os outros camaradas do Partido - possivelmente chegou na Itália após a reunião do dia 09 de agosto - com seus pontos de vista sobre a situação interna, o passado e as “perspectivas de atividade que me parecem mais prováveis e frutíferas (Gramsci, 1992,

p.124). O sardo expôs as suas queixas e preocupações em relação ao Partido. Em olhar crítico para a situação, Gramsci se lamentou:

Sua carta me impressionou profundamente e me magoou: agora entendo melhor como foi possível criar a situação paradoxal que nos envolve, de uma minoria que não existe objetivamente, que foi criada pelos nossos erros e pela nossa passividade e que, se concretizado o seu ponto de vista, terá a direção do Partido, e de uma maioria que não se sabe exatamente o que é, se tem programa, se vale a pena ficar no seu lugar no momento terrível que o proletariado italiano atravessa (Gramsci, 1992, p.124).

A resposta mais completa de Gramsci para Togliatti também foi feita no mês de agosto. Para Gramsci, estava claro que a situação de conflito foi criada no próprio partido justamente na sequência das decisões do III Pleno. No entanto, compreendia que “hoje qualquer discussão que de nossa parte se limite aos aspectos organizacionais e jurídicos da questão italiana não pode ter nenhum resultado útil”, pois “só poderia piorar as coisas e tornar nossa tarefa mais difícil e perigosa” (Gramsci, 1992, p.126).

Para Gramsci, a situação mostrava a necessidade de “trabalhar concretamente, demonstrar, através de toda ação partidária e trabalho político adequado à situação italiana” (Gramsci, 1992, p.126) a capacidade de organização e leitura da realidade concreta. Gramsci escreveu para Togliatti sobre Moscou e seus meses de trabalho no solo bolchevique, no palco da revolução socialista e da construção de uma sociedade fundamentada no trabalho livre e na organização proletária e camponesa, que o capacitavam como novo dirigente do PCI. Por dentro dos debates e conversas da Internacional, chamou atenção de Togliatti sobre a discussão da fusão e do antifusionismo, sendo que essas eram as terminologias polêmicas,

mas não eram sua substância. A discussão foi esta: se o PCI compreendeu a situação geral italiana e se é capaz de dirigir o proletariado; se o PCI é capaz de desenvolver uma vasta campanha política, isto é, se está ideológica e organizativamente apetrechado para uma determinada ação; se o grupo dirigente do PCI assimilou a doutrina política da Internacional Comunista, que é o marxismo tal como evoluiu para o leninismo, isto é, para um corpo orgânico e sistemático de princípios organizacionais e pontos de vista táticos (Gramsci, 1992, p.126).

Para Gramsci, muito semelhante com a posição de Lenin, os *terzini* deveriam se filiar individualmente no Partido e Togliatti, bem como Scoccimarro e Gennari deveriam ocupar as posições definidas pelo III Pleno, pois seria uma forma de evitar o avanço da ala de Tasca, bem como dos fusionistas do PSI. A situação demonstrava que o movimento operário socialista italiano, assim como os populares, passou os últimos anos forjando elementos dirigentes para a composição do Estado burguês. A crise no PSI era existente para Gramsci

e, portanto, o PCI deveria elaborar uma estratégia para superá-la de forma benéfica para a classe operária, bem como evitar ao máximo a desintegração da classe trabalhadora. A primeira cisão, em Livorno, que implicou o “afastamento da maioria do proletariado italiano da Internacional Comunista, foi sem dúvida o maior triunfo da reação” (Gramsci, 1992, p.127), pois empurrou o proletariado para as condições de dispersão e isolamento, sem uma unidade capaz de lutar pelo poder.

Além de triunfar com a dispersão do proletariado, e agindo por meio da violência, o fascismo surgiu como um movimento que absorveu “todo o novo estrato social que se formou, desfazendo os vínculos entre chefes e massas”. De acordo com Gramsci, a organização das massas se realiza em partidos políticos e conforme a linha que o organismo segue. Se o Partido possui conflitos internos e se desintegra, a massa também passa por uma grave desintegração (Gramsci, 1992, p.127).

A classe operária italiana e o campesinato estavam desintegradas e isoladas. Por mais organizados que estivessem, suas organizações não ultrapassavam os limites da consciência corporativo-sindical. Ou seja, a vontade coletiva das classes subalternas não estava operante e não alcançava uma subjetividade antagônica mesmo nos períodos propícios para a construção de uma nova hegemonia (1917 e 1919-1920). O PCI nasceu no momento de cisão do movimento operário e tentou agir na dispersão e isolamento da classe para enfrentar a violência fascista e da *Guardia Regia*. No entanto, o movimento fascista se aproveitou da situação e se tornou a cada dia um movimento integral - não apenas da pequena burguesia, mas “de uma nova classe, que no Estado italiano nunca foi independente: a burguesia agrária, aliada aos grandes latifundiários, contra os camponeses e contra os operários” (Gramsci, 1992, p.127).

Fato é que a situação no PCI não ficaria mais fácil. As intenções de Bordiga em publicar um *Manifesto a todos os camaradas do Partido Comunista da Itália*¹¹⁵ para explicitar sua recusa às táticas da Internacional Comunista se fizeram reais. No verão de 1923, provavelmente no turbulento mês de agosto, o velho dirigente do Partido publicou um documento denunciando a IC, os socialistas e a decisão da fusão. O documento traz muitas semelhanças com as *Tesi sulla tattica*, escritas para o II Congresso de Roma, pois remete a um purismo comunista que se tornou presente desde a cisão em Livorno. No *Manifesto* - ou apelo, como ele mesmo denomina nas primeiras linhas do documento -, esclarece a situação

¹¹⁵*Il manifesto di Bordiga*, escrito no cárcere durante o verão de 1923. Disponível em: <<https://www.quinterna.org/archivio/1921_1923/manifesto_bordiga.htm>>. Acesso em 31/03/2023.

de crise do Partido, mas “que só com a participação de todas as massas de seus adeptos poderá ser resolvida” (Bordiga, 1923).

A crise que Bordiga se refere não é a de organização e eficiência do PCI “que decorre inevitavelmente da vitória das forças antiproletárias na Itália”, mas de “uma crise interna, de orientações gerais, de questões táticas singulares que se estendeu para toda a formulação de princípios e para a tradição da política partidária”, originadas “entre o Partido italiano e a Internacional Comunista”. Em documento inédito de crítica aberta à IC, Bordiga entendeu que a crise iria conduzir para uma paralisia completa de todo o partido, bem como “à esterilidade de sua ação se a questão não for colocada ao (todo) Partido”, com a finalidade de abrir a discussão para todos os militantes para uma avaliação final, mesmo com a impossibilidade de reuniões e imprensas livres (Bordiga, 1923).

Preso às noções de Partido de classe, em uma concepção extremada de vanguardismo, o velho dirigente do Partido criticou a IC com base em sua teoria de partido, “claramente estabelecida nos fundamentos revolucionários e marxistas estabelecidos na Revolução Russa e na constituição da Terceira Internacional”. Com o advento do fascismo, para Bordiga, “os comunistas viam o problema desta forma: assegurar o máximo de unidade defensiva proletária face à pressão da ofensiva patronal”, bem como evitar que a massa fosse para outras direções sem ser o Partido Comunista (Bordiga, 1923).

O fundador do PCI se defendia das acusações da ala direita do Partido e de Zinoviev de que o velho grupo dirigente era responsável pela derrota do movimento operário e sabotagem da fusão. Esclareceu que as questões sobre a derrota foram abertas no Congresso de Roma e que o grupo dirigente se colocou contrário à fusão com os *massimalistas* para não destruírem as raízes do que foi realizado em Livorno. Bordiga finalizou o documento com cinco pontos conclusivos:

- a) Provocar no partido, apesar dos obstáculos que a situação coloca, uma vasta discussão e consulta sobre o valor das experiências de luta adquiridas pelo partido e sobre a sua direção programática e tática.
- b) Provocar nos órgãos competentes da Internacional uma discussão análoga sobre as condições da luta proletária na Itália nos últimos tempos e hoje, com amplo alcance e fora das situações contingentes e transitórias que (muitas vezes) sufocam o exame das questões mais importantes.
- c) Participar da discussão do programa, da organização e da ação tática da Internacional, lutando contra qualquer revisão à direita e, sobretudo, obtendo a máxima clareza na determinação das diretrizes.
- d) Conseguir através destes debates uma avaliação unânime dos problemas fundamentais, conseguir que seja traçado um plano completo e claro para a direção e ação do partido, a partir do qual se iniciará um trabalho ativo para intensificar a atividade e a eficiência do partido, numa linha evidente à consciência de todos os

militantes e com a participação mais racional de todas as suas energias, tendo assim superado as razões e causas do grave estado de mal-estar anterior.

e) Quando deste debate não resultar um consenso substancial num conjunto de altas decisões de princípios comuns - mantendo-se no seu lugar nas fileiras da milícia comunista dirigida segundo a vontade da maioria da Internacional - não participar os órgãos sociais do partido, afirmando que estes devem ser compostos à medida das diretivas que são chamados a aplicar (afirmando que devem ser constituídos de forma homogênea e por companheiros perfeitamente convictos das diretivas que são chamados a aplicar) (Bordiga, 1923).

O *Manifesto* deveria ser impresso e distribuído para todos os membros do Partido para que aderissem à posição de Bordiga, bem como deveria ser entregue à IC e a todo movimento operário internacional. O documento deixava muito clara a cisão aberta entre Bordiga e a IC. Explicitava a inflexão tática sobre a frente única, além de contestar as regras básicas e organizacionais dos Partidos Comunistas, fato que seria visto pela IC como uma séria traição.

Setembro parecia melhorar os horizontes do Partido. Em carta para os camaradas do Partido, datada de 12 de setembro de 1923, Gramsci escreveu suas opiniões sobre a última sessão do *Presidium* que decidiu pela publicação “de um jornal operário elaborado pelo Comitê Executivo, ao qual possam dar sua colaboração política os *terzinternazionalisti* excluídos do Partido Socialista”. Para o futuro dirigente do PCI, tratava-se de tarefa necessária e útil “que a revista seja compilada de forma a garantir sua existência legal pelo maior tempo possível” (Gramsci, 1992, p.129), devido à complexa situação que a Itália se encontrava.

Terá de ser um jornal de esquerda, da esquerda operária, que se manteve fiel ao programa e à tática das lutas de classes, que publicará as atas e discussões do nosso Partido, como possivelmente o fará também para as discussões dos anarquistas, republicanos, sindicalistas e dará seu julgamento em tom desinteressado, como se estivesse em uma posição superior à luta e tivesse um ponto de vista científico (Gramsci, 1992, p.129).

L'Unità refletia a vitória de Gramsci frente à batalha contra Tasca e contra Bordiga. Para além do fracionismo, do fusionismo, do antifusionismo ou do liquidacionismo, novamente a importância da experiência do *Biennio Rosso* e as noções de democracia operária, autonomia operária, controle e poder operários, autoeducação, autogoverno e autogestão ocupavam maior espaço nas reflexões teórico-políticas de Gramsci. *L'Unità* seria o órgão, o porta voz, das formulações revolucionárias antifascistas atingirem, de forma orgânica e desinteressada, todas as “mais amplas massas com continuidade e sistematização” (Gramsci, 1992, p.129).

L'Unità foi o título escolhido por Gramsci e realçava a simplicidade e necessidade de análise concreta da realidade concreta pelo novo grupo dirigente:

um significado para os operários e terá um significado mais geral, porque acredito que depois da decisão do Executivo Ampliado sobre o governo operário e camponês devemos dar importância especial à questão meridional, ou seja, à questão em que o problema das relações entre operários e camponeses se coloca não apenas como um problema de reações de classe, mas, também e principalmente, como um problema territorial, ou seja, como um dos aspectos da questão nacional (Gramsci, 1992, p.130).

Gramsci elaborou um programa político em que *L'Unità* se desenvolveria: tanto os comunistas, quanto os *serratianos* iriam colaborar com o jornal, análises sobre a situação do país deveriam ser publicadas semanalmente, bem como análise sobre a correlação de forças desenvolvidas na Itália. Gramsci chamou atenção para o cuidado a ser tomado com aqueles que usariam o jornal como meio contrário à direção do PSI e, novamente se afastou da linha partidária de Bordiga: “A controvérsia acontecerá necessariamente, mas, com espírito político, não sectário e dentro de certos limites” (Gramsci, 1992, p.130).

Gramsci enxergou a importância fulcral de uma atuação revolucionária e antifascista entre as massas, ou seja, de uma frente única a ser realizada. Entendeu que o slogan da IC, *Governo operário e camponês*, deveria ser adaptado ao PCI como palavra de ordem *República Federal dos Operários e Camponeses*, caso a política dos fascistas continuasse corporativa e protecionista. Tal palavra de ordem teria efeito

nos estratos mais à esquerda dos populares e dos democráticos, que representam as tendências reais da classe camponesa e que sempre teve em seu programa a defesa da autonomia local e da descentralização (Gramsci, 1992, p.131).

No mês de setembro, o novo CE estava formado, mas, no dia 21, em reunião na casa do militante Renato Scanziani, Togliatti, Tasca, Gennari, Vota e Guermandi Luima foram detidos pela polícia, mas foram soltos três meses depois. Novamente o PCI estava com sua direção desintegrada e aprisionada pelo fascismo sob a acusação de conspiração contra o Estado. O mês de outubro foi bastante agitado e importante para a linha diretiva do Partido e para o cenário internacional, marcado pelo Outubro Alemão¹¹⁶ como a maior derrota da classe operária. No cárcere de S. Vitore, Togliatti escreveu para Terracini sobre a prisão do

¹¹⁶Ver mais em: Thalheimer, A. **A lenda do outubro alemão e outros escritos**. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2013.

novo CE, refletiu sobre a constituição do novo organismo, das questões sindicais e dos Conselhos de Fábrica - que foram tratadas na reunião - e indicou os objetivos de restabelecer as relações para composição de um grupo dirigente homogêneo para barrar a minoria.

A questão sindical deveria ser colocada em debate novamente. Fato ressaltado por Gramsci no artigo *Il nostro indirizzo sindacale*, publicado no dia 18 de outubro - mesmo dia do interrogatório de Bordiga -, no jornal *Lo Stato Operaio*. O CE do Partido entendeu que a questão sindical precisava acompanhar as discussões dos comitês de fábricas, lembrando os debates e conflitos de 1919-1920 e as discordâncias entre os *Ordinovistas* e Bordiga.

Assertivamente, Gramsci agiu como dirigente político do Partido e definiu a atuação e orientação sindical para a situação atual do país: manter contato com as mais amplas massas proletárias, “interpretar as suas necessidades, reunir e concretizar as suas vontades, ajudar no processo de desenvolvimento do proletariado rumo à sua emancipação”, independentemente do fascismo. Contrário à criação de novos sindicatos, Gramsci apontava para a necessidade de reintegração revolucionária nos órgãos já existentes “para obter novamente a unidade entre a classe e sua vanguarda mais consciente” (Gramsci, 1978, p.04¹¹⁷).

Em fins de 1923 a CGL estava reduzida, com um décimo do que tinha em 1920. Os quadros políticos e lideranças sindicais continuaram praticamente intactos durante anos, mas com a violência fascista, a capacidade de organização e direção foi se perdendo devido à grande quantidade de filiados que foram mortos, massacrados ou exilados. “A classe operária é como um grande exército que foi privado de todos os seus oficiais subalternos de uma só vez”. Sem esse exército “seria impossível manter a disciplina, a estrutura, o espírito de luta” devido à ausência de direção, pois “toda organização é um complexo articulado que só funciona se houver uma relação numérica adequada entre a massas e os dirigentes” (Gramsci, 1978, p.05).

A tática de Gramsci estava clara:

- 1) trabalhar na fábrica para construir grupos revolucionários que controlem as Comissões Internas e as impulse para expandir cada vez mais sua esfera de ação;
- 2) trabalhar para criar vínculos entre as fábricas, para dar à situação atual um movimento que marque o rumo natural do desenvolvimento das organizações fabris: da Comissão Interna ao Conselhos de Fábrica (Gramsci, 1978, p.07).

¹¹⁷*Il nostro indirizzo sindacale* (Gramsci, 1978, pp.03-07). Publicado em *Lo Stato Operaio*, 18 de outubro de 1923, I. N.8.

A fábrica, elemento mais importante para a luta antifascista e revolucionária, “continua a existir e naturalmente organiza os operários, reúne-os, põe-nos em contato uns com os outros”. No entanto, o fascismo chegou no movimento operário - na livre disputa por consenso e à força, com as pistolas apontadas - na guerra de movimento. Sua vitória foi justamente a de desarticular, desorganizar, desagregar, dispersar e isolar ainda mais o operário, pois o objetivo principal do fascismo é o de destituição da função histórica da classe operária de “orientar as demais classes oprimidas da população (camponeses, sobretudo do Sul e Ilhas, pequenos burgueses urbanos e rurais)” (Gramsci, 1978, pp.05-06).

Gramsci acreditava na possibilidade de desenvolver, mesmo que molecularmente, uma unidade rumo à homogeneidade organizacional capaz de transformar as condições em que se encontrava o país. É importante observar que a experiência internacional, o contato com as fábricas, bairros bolcheviques, com o *Profintern* (Internacional Vermelha dos Sindicatos) e com o combativo *Proletkult* foram essenciais para a formação do futuro dirigente do PCI.

Seu engajamento na sociedade soviética tampouco se limitou aos círculos de elites ao redor do Kremlin. Gramsci viajou para as maiores concentrações de trabalhadores da Rússia, distantes de Moscou, e tomou contato com a realidade concreta da recuperação pós-guerra civil, bem como com a construção do socialismo em regiões muito mais distantes do que as que os representantes de outros partidos comunistas internacionais estavam acostumados a visitar. Gramsci também participou de uma conversa privada com Lenin, que é da maior importância para entender o processo em que Gramsci assume responsabilidades e graves riscos na liderança do partido italiano em seguida (Thomas, 2019, pp.182-183).

A fábrica e os Conselhos de Fábrica retornavam às reflexões e formulações teórico-políticas de Gramsci demonstrando a possibilidade tática de “recriar os nossos quadros organizativos, fazer brotar da grande massa os elementos capazes e conscientes, cheios de ardor revolucionário” (Gramsci, 1978, p.07) para transformação radical da sociedade.

No último mês de 1923, a IC enviou Gramsci para trabalhar em Viena com a finalidade de estar mais próximo da situação italiana e dos Bálcãs, que desde novembro acompanhava por intermédio da Conferência do Executivo do Comintern. A nova experiência internacional foi marcada por cartas para sua esposa Giulia, tradução de textos políticos, cartas para os camaradas do PCI e inúmeros textos redigidos até fins do primeiro semestre de 1924.

Em carta datada de 06 de dezembro, Gramsci relatou aos camaradas do Comitê Executivo ter chegado ao país no dia 04 do mês em questão e solicitou que suas funções fossem informadas de forma precisa para uma definição da ação política. O debate essencial é sobre a publicação do jornal *L'Ordine Nuovo*, o qual deveria passar pelo crivo de Gramsci antes de ser impresso. Essencial voltava ser o debate sobre os “problemas mais urgentes e vitais da classe operária italiana”, com a finalidade de garantir uma “unidade ideológica precisa” e suscitar no proletariado e no campesinato, assim como em 1919-1920, uma vanguarda capaz de criar um Estado de operários e camponeses (Gramsci, 1992, p.132).

Na carta de 10 de dezembro endereçada a Negri (Scoccimarro), assinada com o codinome Giovanni Masci (G.M.), o mesmo utilizado em publicações no jornal *La Correspondance Internationale*, a tática de Gramsci é muito clara: reunir em torno do PCI os elementos revolucionários e educar a juventude e o movimento operário por meio das publicações no ON sobre sindicalismo, política, economia, fascismo e resistência ao fascismo.

O fascismo massacrou as organizações do proletariado e da juventude socialista e comunista. Dirigir o PCI significava fazer com que *L'Ordine Nuovo* novamente se tornasse o instrumento de autoeducação das massas. *L'Unità* deveria ser o porta voz da frente única para derrotar o fascismo e o Partido deveria agrupar em torno de si fortes quadros políticos, capazes e com vontade de reorganizar a classe operária. Na carta para Arcuno¹¹⁸, jovem socialista da *Federazione Giovanile Comunista*, Gramsci demonstrou preocupação sobre a ausência de um movimento de massas e a impossibilidade de construir uma organização que possibilitasse o desenvolvimento de habilidades organizacionais e intelectuais da juventude, a não ser pelos círculos culturais. A criação de escolas do Partido, tanto no exterior quanto na Itália, parecia ser para Gramsci um esforço tático e estratégico para recompor o próprio Partido, com cerca de 3 mil instrutores em todas as regiões do país, com sindicatos e secretários de sessões.

Na carta de 23 de dezembro, para Urbani (Terracini), Gramsci se aprofundou em questões organizacionais e financeiras do Partido, assim como na diretriz de ação contra o fascismo, de que “todas as oportunidades devem ser aproveitadas para agitar e propagar contra o fascismo e que todos os motivos de natureza sentimental devem ser ampliados para torná-los fatos políticos e partidários” (Gramsci, 1992, p.152).

¹¹⁸ Escrita em 11 de dezembro de 1923.

No dia 22 de dezembro, Bordiga respondeu aos camaradas da CE do PCI que não iria exercer o cargo de membro da diretoria executiva do Partido, que havia sido designada no dia 04 de dezembro pelo *Presidium* da IC. Segundo o velho dirigente do Partido, não poderia “participar da direção do partido seguindo as atuais diretivas do CE que não compartilho”, de tal forma, se manteria como “simples seguidor do partido, função que pretendo manter” (Bordiga *apud* Togliatti, 1971, p.134).

Após a detenção em Berlim, Scoccimarro (Negri) escreveu para Gramsci com uma cópia do Manifesto de Bordiga, entendendo ser “uma declaração da maioria como início da discussão dentro do Partido”. Segundo o militante comunista, o documento teve como finalidade

informar os camaradas sobre a atitude do Comitê Central e do Executivo eleitos em Roma e sobre o trabalho realizado pelo Partido desde o Congresso de Livorno em relação a certos julgamentos emitidos pelo Comintern, sobre os quais até você não concordou. Entende-se que a discussão, como foi dito ao final, não se limitará a isso, mas também incidirá sobre a tática atual do Partido e a ação a ser realizada para o futuro. Sou da opinião que esta declaração pode ser assinada por todos os elementos da maioria (Negri *apud* Togliatti, 1971, p.137).

A posição de Scoccimarro foi então a de seguir Bordiga: assinar o Manifesto e persuadir Gramsci a fazê-lo, pois não enxergava possibilidade para formar um novo grupo dirigente sem que as massas comunistas não se confundissem com tantas divisões dentro do Partido e isso não causasse consequências ainda mais prejudiciais. No entanto, Gramsci não assinou o *Manifesto*.

No dia 28 de dezembro, assinado como G. Masci, Gramsci publicou o artigo *Parlamentarismo e fascismo in Itália* no jornal *La Correspondance Internationale*¹¹⁹. O importante artigo foi escrito em momento importante da vida política de Gramsci, pois já havia maior distanciamento de Bordiga, assim como uma análise mais concreta do fascismo e a situação italiana, principalmente sobre o caso Bombacci¹²⁰. As eleições se tornaram a grande preocupação no país, pois a propaganda dos comunistas e dos socialistas estava ainda mais limitada - praticamente clandestina - e as fraudes fascistas se mostraram evidentes, de forma que a democracia burguesa se provava completamente ineficaz frente ao fascismo,

¹¹⁹Os jornais *La Correspondance Internationale* passavam por reelaboração editorial e eram traduzidos muitas vezes, fato que pôde ter trazido modificações para os artigos escritos por Gramsci.

¹²⁰O deputado Nicola Bombacci (1879-1945) proferiu no Parlamento um discurso amistoso com Mussolini sobre a importância e necessidade de estabelecer relações comerciais entre a Itália e a URSS. Gramsci chama atenção para os interesses franceses e repudia o militante do Partido (Gramsci, 1978, pp.517-520). Importante ressaltar que Bombacci foi executado pela resistência comunista e teve seu corpo pendurado de cabeça para baixo ao lado de Mussolini, em 29 de abril de 1945.

“que nem sequer conseguiu impedir de dar aparência de legalidade a um golpe levado a cabo com a ajuda de elementos de direita” (Gramsci, 1978, p.518¹²¹).

O ano de 1923 terminou para Gramsci com uma carta escrita por Togliatti em que o informou estar ciente sobre sua recusa em assinar o *Manifesto de Bordiga* e “sobre a possibilidade e oportunidade de constituir um grupo de centro no Partido” (Togliatti, 1971, p.141). Togliatti não concordava com a decisão de Gramsci e o criticou por não ter iniciado discussões no IV Congresso contra a fusão. Togliatti se mostrou preocupado ao escolher um caminho que tornasse a vida do Partido ainda mais complicada e que pudesse dar a direção a Tasca.

4.3 A formação do novo grupo dirigente do PCI

A estadia em Viena não foi fácil para Gramsci, mas aumentou seu contato com comunistas austríacos e outros povos, fazendo com que a sua experiência internacional aprofundasse o seu olhar para a revolução socialista internacionalista e a necessidade de organização da classe operária e camponesa. No Partido, Gramsci passou a se impor, mas o entrave com o grupo de Tasca e com a esquerda liderada por Bordiga parecia não terminar. No mês de janeiro, Terracini, preocupado em formar mais uma fração no Partido, escreveu para Gramsci, Togliatti e Scoccimarro sobre a recusa de Masci em não assinar o *Manifesto* de Bordiga e tornar público seu pensamento contrário. Devido à censura fascista, o *Manifesto* ainda não havia sido publicado pela imprensa italiana, o que rendeu maior tempo de discussão interna.

Em 5 de janeiro, Gramsci finalmente escreveu para Scoccimarro sobre sua recusa em assinar o documento. Na carta não há nenhuma menção em dirigir o Partido e não há explicação sobre todas as questões para um rompimento com Bordiga, mas uma chamada para colaboração dos militantes no *L'Ordine Nuovo*, inclusive de Tasca, Pietro Tresso (Lanzi), dirigente dos sindicatos, e Afonso Leonetti (Ferri), responsável pela propaganda e jornais do PCI. Ainda assim, passou a esboçar a formação de um novo grupo dirigente dentro do PCI, consolidado apenas em 1926 durante o III Congresso do Partido. Mesmo com risco de rejeição e isolamento, Gramsci deixou claro seu desacordo com o *Manifesto* e esboçou sua compreensão diferente de Partido revolucionário:

¹²¹*Parlamentarismo e fascismo in Italia* (Gramsci, 1978, pp.517-520), publicado em *La Correspondance Internationale*, 28 de dezembro de 1923, II, n.95.

Tenho uma concepção diferente de Partido, da sua função, das relações que devem ser estabelecidas entre ele e as massas não partidárias, entre ele e a população em geral. Absolutamente eu não acredito que a tática que se desenvolveu nos Executivos Ampliados e no Quarto Congresso esteja errada. Nem para o cenário geral, nem para detalhes relevantes (Gramsci, 1992, p.161).

Enquanto membro do CC do PCI e da Executiva do Comintern, Gramsci relatou a situação interna, colocando-se contra o extremismo de Tasca e de Bordiga. A preocupação sobre a publicação de ON fez com que o tema do fascismo aparecesse como que se tivesse colocado no país o dilema entre a “revolução em permanência e da impossibilidade não apenas de mudar a forma de Estado, mas simplesmente de mudar para um outro governo sem ser com a força armada” (Gramsci, 1992, p.162).

Entre janeiro e fevereiro de 1924 houve uma extensa correspondência de Gramsci e dos membros do PCI. Muitas das cartas tratam sobre o Partido, questões internacionais e principalmente sobre a organização e a retomada de *L'Ordine Nuovo*. Sobre o Partido, a organização técnica, rígida e centralizada correspondia também a uma “organização política que dê a possibilidade de expressão de todas as opiniões existentes no Partido, dentro dos limites do programa”. A importância de uma batalha de ideias não fugia à Gramsci, assim como a leitura anterior de todos os artigos a serem publicados, com objetivo de “obter um mínimo de unidade e organicidade na revista” (Gramsci, 1992, pp.166-167).

Em carta para Ruggero Grieco, no dia 05 de janeiro de 1924, Gramsci deu as diretrizes para a publicação de *L'Ordine Nuovo*. A palavra de ordem *Proletários de todos os países, uni-vos!* deveria estar em fonte pequena em negrito ou itálico, enquanto o lema *Organizem-se etc.*, deveria ser substituído por:

L'Ordine Nuovo propõe despertar nas massas operárias e camponesas uma vanguarda revolucionária capaz de criar o Estado de Conselhos operários e camponeses e de estabelecer as condições para o advento e estabilidade da sociedade comunista (Gramsci, 1992, p.169).

Toda a destruição que o fascismo causou na sociedade Italiana, dos laços tradicionais, fracos e superficiais, “mas ainda tão operantes no gelatinoso mundo italiano, foram rompidos para sempre”. O momento colocou os problemas de forma cruel e impiedosa, com Mussolini no papel de representante da pequena burguesia. Em carta para Terracini, no dia 13 de janeiro, Gramsci se colocou completamente contrário ao *Manifesto* de Bordiga por tratar de um documento “polêmico contra a Internacional”, em que os pontos principais contrariavam “a tática da frente única, do governo operário e camponês e de toda

uma série de deliberações no campo organizativo anteriores ao III Congresso ou aprovadas pelo próprio III Congresso” (Gramsci, 1992, pp.173-174)¹²².

Gramsci entendia que a situação política era “objetivamente revolucionária na Alemanha, embora extremamente confusa na Itália” (Gramsci, 1992, p.176)¹²³. Compreendia as complicações da situação nacional, assim como a virada histórica no movimento operário comunista italiano, sendo importante pensar as novas bases de um Partido, assim como tratar cientificamente os problemas políticos por meio da doutrina marxista que o PSI negligenciou durante anos.

A carta de 14 de janeiro, enviada ao Comitê Executivo, é um dos escritos de Gramsci mais importantes durante o período de reconstrução do PCI enquanto um partido de massas e de formação dos novos quadros dirigentes. A empolgação de Gramsci com o retorno de *L'Ordine Nuovo* significou novamente a possibilidade da união da política com a cultura, ou seja, de relação do partido com as mais amplas massas.

Contudo, o fascismo agia no intento de fazer campanhas sistemáticas sobre a derrota da revolução socialista e destruição da ideologia revolucionária, sustentando que “o programa revolucionário fracassou e que por pelo menos cinquenta anos não se poderá mais falar dele” (Gramsci, 1992, p.184).

Gramsci chamou atenção para as consequências que incorrem nas massas:

na melhor das hipóteses, esta campanha consegue provocar um estado de passividade, de renúncia ao trabalho revolucionário imediato, de expectativa de que os partidos operários colaboracionistas consigam, através da formação de um governo de bloco democrático, restabelecer o ambiente de liberdade no qual as forças revolucionárias possam se reorganizar (Gramsci, 1992, p.184).

Gramsci contava com uma situação de mudança para o país, de restauração das liberdades e de necessidade de adaptar o Partido para o momento que o país estava. Resumiu em quatro pontos as iniciativas de natureza estritamente intelectual:

1. Criação do periódico trimestral que deveria servir para despertar e organizar os elementos da linha de frente do Partido em torno de uma atividade.
2. Criação de escolas partidárias, especialmente fora.
3. Criação de um curso por correspondência sobre organização partidária e princípios organizacionais próprios do Partido em todos os campos.

¹²²*Il Mezzogiorno e il fascismo* (Gramsci, 1978, pp.170-175), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 15 de março de 1924, III, I, n.2. Sotto la rubrica <<Note politiche>>.

¹²³*Problemi di oggi e di domani* (Gramsci, 1978, pp.175-181), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 1-15 de abril de 1924, III, nn.3-4.

Com os números dois e três, tentaremos criar os elementos que chamaremos de segunda linha; claro, a atividade restante do Partido também contribuirá para isso.

4. Publicações de livros organizados segundo um determinado plano que contemple a necessidade de propaganda elementar para a defesa de nossos princípios, do nosso programa e nossa ideologia em geral (Gramsci, 1992, pp.186-187).

Nas correspondências para Giulia Schucht é possível sentir o amor pela esposa soviética, mas também a solidão de Gramsci e a falta da Itália durante o exílio em Viena. Além do seu amadurecimento positivo em relação a vivência no exterior com diferentes militantes, socialistas, comunistas e anarquistas - importante para seu desenvolvimento enquanto dirigente do PCI -, o entusiasmo de Gramsci com as publicações operárias é muito grande e é como se o ano de 1924 pudesse ser melhor do que os anteriores.

No entanto, no dia 21 de janeiro, o anúncio do falecimento de Lenin abalou a classe operária internacional. Na realidade, seria mais um ano complexo para o proletariado que ousava lutar em tempos sombrios. No interregno, a disputa no **PCR** se assemelhava ao caso do PC Italiano e a constituição de um novo grupo dirigente. Em ambos os casos, a reorganização interna dos Partidos era essencial. Na Rússia, a construção do socialismo passava por encarar primeiramente o problema da fome, da miséria, dos órfãos, da prostituição e do trabalho nas fábricas. Os debates internos no Partido aproximavam Trotsky, Kamenev e Zinoviev à esquerda, enquanto à direita estavam Stalin e Bukharin. Stalin realizou uma série de Conferências na Universidade de Sverdlovsk e colocou em pauta a disputa pelo consenso das massas e apoio dos militantes, convencendo-os de que a construção do socialismo na Rússia, em apenas um país, seria a única forma correta para os problemas e situação do Estado.

No PCI, a morte de Lenin chegou com grande pesar. Ainda no mês de janeiro, Gramsci enviou uma carta sem destinatário sobre a fragilidade do estado de coisas:

Jamais será possível evitar que nas grandes massas a revolução se sintetize em alguns nomes que parecem expressar todas as aspirações e os dolorosos sentimentos das massas operárias e oprimidas (Gramsci, 1992, p.204).

A carta conta brevemente a história de um lavrador comunista que foi forçado a ingressar nos sindicatos fascistas e, após três dias da morte de Lenin, morreu. “Ele se enterrou vestido de vermelho, com as palavras em seu peito: Viva Lenin!”. Os companheiros do lavrador entoaram a Internacional Comunista em seu túmulo. Para Gramsci, as lideranças

tornam-se mitos importantes para o movimento operário, sendo “uma força que não deve ser destruída” (Gramsci, 1992, p.204).

Em 24 de fevereiro, na cidade de Roma, Bordiga realizou uma Conferência sobre *Lenin e o caminho da revolução*, com objetivo claro: trazer a figura de Lenin como um combatente da revolução proletária e da emancipação revolucionária da classe operária. O longo discurso de Bordiga demonstra uma leitura aprofundada da obra do grande líder da revolução socialista, assim como apreensão de táticas importantes para o desenvolvimento do Partido e organização das massas.

A obra de Lenin nos mostra brilhantemente nossas tarefas. Seguindo seu admirável exemplo, nós, o proletariado comunista mundial, vamos demonstrar que os revolucionários sabem arriscar tudo no momento supremo, assim como para que saibam esperar nas vigílias atormentadas sem trair, sem hesitar, sem desertar ou abandonar por um momento a grande obra de demolição do monstruoso edifício da opressão burguesa (Bordiga, 2020, pp.449-450).

Um dos desafios de Gramsci e do novo grupo dirigente que se formava era o de pensar o futuro do Partido e a batalha nas duas frentes, contra o oportunismo e contra o sectarismo. A figura de Bordiga era muito forte no movimento operário nacional e a disputa com Tasca também não seria fácil, e, certamente, o falecimento de Lenin desenrolaria mudanças no seio da Internacional e na organização comunista italiana. Muito importante é a correspondência enviada por Afonso Leonetti (codinome Ferri/Feroci) a Gramsci. Ferri não concordou com o *Manifesto* de Bordiga e possuía consciência da crise que assolava o Partido, entendendo a necessidade de “construção de um novo grupo ligado à experiência ordinovista, que pudesse representar a linha da Internacional e combater tanto as posições de direita de Tasca quanto o sectarismo de Bordiga” (Fresu, 2020, p.172).

Para o camarada ordinovista, a política do PCI permaneceria a mesma, mas haveria uma mudança e perda dos antigos dirigentes políticos, sendo Gramsci

a pessoa que pode e deve tomar a iniciativa de salvar nosso partido do perigo de uma cisão com a Internacional de um lado, e de cair no caos e na mais degradante inércia do outro, é apenas você (Leonetti *apud* Togliatti, 1971, p.166).

A situação deveria ser resolvida com muita organização ou se tornaria “catastrófica”, pois o fascismo estava demasiadamente organizado e Gramsci percebia que o partido logo cairia na ilegalidade. O partido deveria

ser centralizado, mas centralização significa antes de tudo organização e critérios de limites. Significa que, uma vez tomada uma decisão, ela não pode ser alterada por ninguém, nem mesmo por um dos aderentes ao centralismo (Gramsci, 1992, p.215).

Gramsci, no entanto, conservava algumas preocupações sobre um novo grupo dirigido pelos *Ordinovistas*. Em 1919 e 1920 as personalidades dos quatro jovens eram muito diferentes e as distinções ficaram mais visíveis com as ocupações e com a derrota do movimento operário. O transcorrer dos anos mostrou as especificidades pessoais de cada militante:

Togliatti não sabe se decidir, como de costume; a personalidade vigorosa de Amadeo o afetou fortemente e o mantém no meio do caminho, numa indecisão que busca justificativas em discussões puramente jurídicas. Creio que Umberto seja fundamentalmente mais extremista que Amadeo, porque absorveu a concepção, mas não tem a formação intelectual, senso prático e capacidade organizativa. Como então nosso grupo poderia reviver? Pareceria apenas uma camarilha agrupada ao meu redor por razões burocráticas (Gramsci, 1992, pp.220-221).

A notável preocupação do comunista estava em defender a classe operária italiana do fascismo que travava a guerra de posição para se constituir como ditadura, assim como das disputas e divergências no interior do Partido Comunista Russo, que certamente iriam influenciar a situação italiana. Para Gramsci, a forma mais acertada de fazer isso seria elaborar a organização e atuação do partido com as massas e essa posição fica clara nas duas correspondências enviadas, sob o pseudônimo de Masci, para os companheiros do Partido. Pede que suas posições sejam divulgadas para Terracini, Palmi, Negri, Ferri, Lanzi, Platone, Rita Montagnana e Gennari.

Importante seria, portanto, discutir profundamente com as massas a situação interna e a formação dos grupos que disputavam a direção do PCI. No começo da primeira carta, Gramsci analisou a situação interna do Partido Comunista Russo e reconheceu a importância de se deter no tema da disputa entre as diferentes correntes, pois o estatuto da Internacional Comunista dava ao partido a “hegemonia da organização internacional” (Gramsci, 1992, p.226).

Na sequência, criticou o *Manifesto* de Bordiga por refutar as teses e resoluções do III Congresso e mostrou as consequências de uma possível saída do Comintern. O significado de Livorno era muito caro a Gramsci, pois o partido nasceu

não em conformidade com uma concepção comum que depois persistiu, mas com base numa situação contingente: a existência da luta contra os reformistas e a

aceitação dos 21 pontos estabelecidos no II Congresso da Internacional (Fresu, 2020, p.173).

Gramsci fez breves indicações para trabalhos futuros, fundamentados nos campos políticos e organizacionais. No campo organizacional a atuação potencializada do CE se tornaria imprescindível para o estabelecimento da divisão de trabalho e fixação de responsabilidades.

Nego absolutamente que a tradição do partido seja aquela que seja refletida no Manifesto (...). Também nego que haja uma crise de confiança entre a Internacional e o partido como um todo. Esta crise existe apenas entre a Internacional e uma parte dos dirigentes partidários (Gramsci, 1992, p.227).

Chamou a atenção para a construção de uma Comissão de Controle que seria constituída majoritariamente por operários que julgariam as questões controversas sem repercussões políticas imediatas, assim como examinariam cotidianamente a situação dos membros. Para Gramsci, a criação de um comitê de propaganda e agitação era necessário para a formação dos militantes e das massas. No campo político, estava na ordem do dia o uma análise crítica das teses sobre o fascismo e a situação do Partido, assim como o questionamento de questões antes não mencionadas e que foram ocultadas, como o problema da conquista de poder da classe operária de Milano e a questão do *Mezzogiorno*.

Nos artigos publicados em fevereiro, uma das grandes preocupações de Gramsci foi a questão eleitoral italiana. Mussolini também se preocupava com a possibilidade de as urnas estarem vazias de votos para os fascistas. Mas, é claro que com a aprovação da Lei Acerbo o jogo eleitoral havia mudado e munido os fascistas com a possibilidade de fraudar as eleições. Para Gramsci, os fascistas estavam certos de que haviam conquistado um partido unitário da extrema-direita, no entanto, ainda que Mussolini tenha tido o mérito de ter sido capaz de aglomerar e organizar militantes e apoiadores dos mais diversos estratos sociais, a extrema-direita italiana era formada pelos velhos católicos reacionários, a aristocracia *nera*, os latifundiários, além de grupos constitucionais.

A campanha eleitoral aconteceu no clima fascista italiano: com assaltos, violência, espancamento, assassinatos e intimidações. Aqueles que queriam estabelecer a ordem no país, os democratas e liberais, se uniram aos fascistas. Os comunistas se mantiveram fortes com 25 mil exemplares de tiragem do jornal *L'Unità*, apesar “das tentativas de agressão e invasão, das prisões dos palestrantes”. Foram realizados comícios em regiões com fábricas, como na Calábria e na Lucânia, além de uma atuação do Partido no campo, “entre os

camponeses e artesãos, distribuindo folhetos, escritos breves, *schede tipo*” (Ravera, 1973, p.173).

Março iniciou-se com o lançamento da nova série do *L’Ordine Nuovo: Rassegna di politica e di cultura operaia*, o que trouxe esperanças para Gramsci e para os novos camaradas que se alinhavam a ele e faziam parte do corpo editorial. Desde o primeiro número do semanário, em 1º de maio de 1919 - e mesmo com as polêmicas e diferenças entre os quatro amigos fundadores-, Gramsci constituiu a revista de cultura socialista como parte importante da/para organização da classe operária. A função não seria diferente e articularia com o projeto antifascista e revolucionário que desenvolvia.

De qualquer modo, consciente de que os apelos voltados excessivamente para a fé podem também ser um sinal de debilidade ideológica, Gramsci se empenha em dar sistematicamente à sua análise, sem nada conceder à improvisação. Seus artigos, muito longos e ricos de conceitos, são breves ensaios sobre temas estratégicos; ao mesmo tempo, um grande espaço do jornal é dedicado à Revolução Russa, aos clássicos do marxismo, à vida de Lenin e à doutrina da Internacional. A revista assume uma conotação ideológica mais rígida em comparação com a edição de 1919-1920, porque tem como finalidade declarada não apenas a preparação dos militantes e a propaganda, mas a própria mudança da linha do Partido, evitando a polêmica direta com Bordiga e insistindo sobre os objetivos fundamentais da nova estratégia do partido de massa e da formação dos quadros dirigentes (Lajolo, 1980, p.70).

O primeiro número foi dedicado à vida de Lenin, sua juventude, deportação para Sibéria, o Congresso de 1903, a importância da aliança operário-camponesa e a história das revoluções na Rússia: em 1905, em março e em novembro. Um trecho do discurso pronunciado em 23 de junho de 1921, durante o III Congresso da Internacional Comunista, ganha o título de *Lenin e la situazione italiana degli anni 1919-1920*. A fábrica em Moscou e a organização operária voltam a ganhar voz no movimento comunista com a publicação do artigo *La fabbrica Ferrero a Mosca*, de Giovanni Parodi. Na função de autoeducação, o artigo *Il gruppo parlamentare (comunista?)* é uma análise sobre as eleições de 1921 e a importância de os comunistas disputarem as eleições, assim como o curto texto de Ruggero Grieco, *Le elezioni*. A publicação de *Il sesto anniversario dell’esercito rosso*, de Vladimir Aleksandrovitch Antonov-Ovseenko, ressalta a importância da organização militar do proletariado e do campesinato. O número é finalizado com a publicação de *Il passato fu tutto un errore?*, não assinado, mas possivelmente escrito por Gramsci.

Muito importante sobre a questão política e organizacional do Partido é o artigo *Capo*, publicado em março de 1924, que é mais do que uma homenagem a Lenin, pois

tornou-se uma análise aprofundada sobre o Estado, a relação entre dirigentes - massas - partido político, sobre o fascismo e a necessidade de construção de um antifascismo essencialmente revolucionário. Para Gramsci, um dos principais problemas colocados na relação entre Partido e classe é se o dirigente foi forjado pela própria classe.

As observações sobre o princípio educativo estão relacionadas com a questão da organização em partido, comitês, comissões, conselhos, escolas, círculos culturais e até mesmo nos sindicatos e a possibilidade de torná-la, por meio da relação dialética de autoeducação, uma organização comunista. É certo afirmar que essa relação comunista entre educador e educando é uma luta contra o folclore, as concepções de mundo tradicionais e contra o conformismo social.

Em *Capo*, a relação entre Partido e classe social é bem delimitada por Gramsci: ou como um tipo hierárquico e militar (o Partido fascista) ou histórico e orgânico. Para Gramsci, as diferenças cruciais eram claras:

O proletariado internacional teve e ainda tem um exemplo vivo de partido revolucionário que exerce a ditadura da classe; infelizmente, ele teve e já não tem mais o exemplo vivo mais característico e expressivo de um líder revolucionário, o companheiro Lenin. O companheiro Lenin foi o iniciador de um novo processo de desenvolvimento da história, mas o foi porque era o expoente e o último momento mais destacado de todo um processo de desenvolvimento da história passada, não apenas da Rússia, e sim de todo o mundo (Gramsci, 1978, p.13)¹²⁴.

Mussolini surgiu como líder fora da classe operária, de um Sacro Império Romano renascido, declarado infalível e divinizado, um fenômeno do folclore do interior, capaz de conquistar e manter o

o governo com a mais violenta e arbitrária repressão. Ele não teve de organizar uma classe, apenas o pessoal de uma administração. Ele desmontou alguns aparelhos do Estado, mais para ver como era feito e se acostumar com o ofício que por uma necessidade original. Sua doutrina está toda na máscara física, no revirar de olhos dentro das órbitas, no punho fechado sempre ameaçador (Gramsci, 1978, p.16).

Em *Il Mezzogiorno e il fascismo*, de março de 1924, Gramsci analisou a correlação de forças e a tentativa do PNF em solucionar a questão entre Estado-Governo e o *mezzogiorno*. O problema histórico seria resolvido pelos fascistas com o aumento das

¹²⁴*Capo* (Gramsci, 1978, pp.12-16), publicado em *L'Ordine Nuovo*, março de 1924, s.III, I, n.I, publicado com o título *Lenin, capo rivoluzionario*, assinado por Antonio Gramsci, em *L'Unità*, em 6 de novembro de 1924, I, n.229.

opressões e das velhas explorações, utilizando, inclusive, a mesma tática de Giolitti: a decapitação das forças revolucionárias do Sul e a destruição do sistema de protecionismo operário, o cooperativismo *reggiano*.

A questão meridional, não resolvida durante o *Risorgimento* e com as dificuldades falhas do PSI em abordar o problema durante o *Biennio Rosso*, contribuiu significativamente para as consequências políticas do fracasso da revolução de 1919-1920. Mais profundo e complexo, a questão meridional precisava de um programa operário e camponês para ser solucionada e que encontrasse ampla repercussão nas massas, pois

continua sendo o problema central de toda revolução em nosso país e de toda revolução que ele deseja ter no futuro e, portanto, deve ser colocado com ousadia e decisão. Na situação atual, com a depressão das forças proletárias existentes, as massas camponesas meridionais assumem uma importância enorme no campo revolucionário (Gramsci, 1978, p.174).

A situação econômica da Itália era preocupante, os preços aumentavam exponencialmente e havia mais pobreza para a classe operária e para o campesinato. A organização política no campo estava cada vez mais frágil: as ligas vermelhas e brancas estavam destruídas, os operários burocratizados e militarizados pelos sindicatos fascistas e as cooperativas destruídas. Nas eleições de abril, o apoio da pequena burguesia ao fascismo estava completo e o sistema político misturava a propaganda demagógica e nacionalista com intimidação e fraude: o suficiente para as alianças de direita garantirem um sucesso eleitoral para o fascismo (Spriano, 1967).

A linha do PCI foi a de participar das eleições e reunir um bloco proletário e antifascista para a disputa. A luta eleitoral representava um momento de ação política em que o PCI liderava a formação de uma frente única para defender os interesses políticos e econômicos do proletariado. Bordiga defendia o eleitoralismo, uma tática de parlamentarismo revolucionário diferente do abstencionismo burguês que se fundamentava nas liberdades particulares e na mentira de um processo eleitoral puro. No entanto, durante as eleições de abril, permaneceu abstencionista, inclusive aos olhos da IC, ainda que se utilizasse de um discurso de crítica ao abstencionismo de militantes do PCI. No entanto, negou completamente a solicitação de Togliatti para que encabeçasse a lista de candidatos a deputados do Partido e criticava, assim como Matteotti, as listas de unidade proletária que uniam comunistas e *terzini*. A recusa de Bordiga se manifestava como indisciplina para o CE do Partido.

O delegado da IC, Humbert-Droz, considerou essencial a abertura de uma discussão interna sobre a situação do Partido. Em carta para Togliatti, no dia 27 de março, Gramsci defendeu Bordiga do relatório de Humbert-Droz, mas demonstrou ser necessário discutir com o comunista napolitano questões sobre princípios e organização, o que não seria uma tarefa fácil visto a firmeza de princípios do fundador do Partido. Ainda assim, a reconstrução do PCI e do seu centro era imprescindível, independentemente de Bordiga (Gramsci, 1992, pp.294-295).

Os números apontavam que quatro milhões, seiscentos e cinquenta mil votos foram destinados para a chapa do *Fascio di Combattimento Litório*. Os resultados eleitorais fraudulentos colocaram 65% dos fascistas e aliados no Parlamento. Foram eleitos, majoritariamente pelo Sul e pelo Centro, todos os 356 deputados fascistas, e mais 19 eleitos da chapa nacional suplementar. A democracia parlamentar se tornava um trampolim para o fascismo e a Itália se submetia ao *Duce*, inclusive a classe dirigente liberal. A oposição foi dizimada. Restaram apenas 39 cadeiras para os *popolari*, 24 deputados socialistas unitários e 22 socialistas. Apenas os comunistas foram vitoriosos, e o Partido enxergou isso. Elegeram 19 pelas listas da unidade proletária e dentre eles estavam Gramsci, Graziadei, Maffi, Gennari, Damen, Repossi, Fortichiari e Grieco.

Os comunistas consideraram as eleições do dia 6 de abril exitosas e, de fato, foram. Para a surpresa de Mussolini, os operários do Norte, em suas principais províncias, votaram contra o fascismo. O CE do PCI se viu obrigado a convocar uma Conferência Executiva do Partido, antes do V Congresso da Internacional. A primeira reunião ocorreu em 18 de abril, com a presença de Camilla Ravera, Tasca, Gennari, Togliatti, Scoccimarro, Vota, Gnudi, Flecchia, Leonetti, Graziadei, Azzario, Roveda, Bernard, representando a Federação Juvenil e Humbert-Droz, pela Internacional. Gramsci e Terracini não participaram. O primeiro porque continuava exilado em Viena e o segundo por residir em Moscou, na função de delegado do PCI na IC. O principal objetivo da reunião foi tratar sobre os resultados das eleições e a convocação de iniciar uma discussão interna para tratar sobre as frações do Partido.

Tasca apresentou uma moção elaborada pela direita e foi também apresentada uma moção redigida por Bordiga onde as Teses de Roma eram reafirmadas. Tasca denunciou o grupo de centro de ligação oportunista com a esquerda do fundador. Não estava errado, pois o objetivo de Gramsci foi o de tirar o Partido das mãos da direita, até porque um enfrentamento com Bordiga iria influenciar em todo apoio dos militantes de base. O

documento assinado por Togliatti, Gramsci, Scoccimarro, Gennari, Gnudi, Flecchia, Azzario, Ravera, Leonetti e Terracini pensava a criação de um Partido de massas fundamentado com as táticas da IC, principalmente fundamentada na aliança operário e camponesa e em clara colaboração com a esquerda, sendo necessária a tática da frente única e a fusão com os *terzini*.

L'Ordine Nuovo, porta voz do proletariado e do campesinato, possuía a função de instrumento essencial para propaganda, agitação e formação do Partido e das massas.

Nosso programa atual deve reproduzir, na situação atual da Itália, a posição assumida nos anos 1919-1920. Deve refletir a situação objetiva de hoje, com as possibilidades oferecidas ao proletariado de ação autônoma, por uma classe independente: deve continuar, nos termos políticos atuais, a tradição de intérprete fiel e integral do programa da Internacional Comunista. O problema urgente, a palavra de ordem necessária hoje é o do governo operário e camponês: trata-se de popularizá-lo, de adequá-lo às condições concretas da Itália, de demonstrar como brota de cada episódio da nossa vida nacional, como sintetiza e contém em si todas as reivindicações da multiplicidade de partidos e tendências em que o fascismo destruiu a vontade política da classe operária, mas especialmente das massas camponesas (Gramsci, 1978, p.21)¹²⁵.

A tiragem de *L'Ordine Nuovo* subiu para os 6 mil exemplares e ultrapassou os números de 1919-1920. A necessidade de uma escola por correspondência, com indicações de livros a serem lidos, com a função de criar organizadores e propagandistas bolcheviques, também se mostrava essencial para a disputa de consenso e construção de uma nova hegemonia. Gramsci tinha dimensão dos problemas que deveria encarar em seu retorno à Itália: o PCI, os conflitos dentro do Partido Comunista Russo e suas influências na IC, além das dimensões mais profundas que o fascismo alcançava. Na ordem do dia estava, portanto, a organização do partido, dos sindicatos, a construção e a atuação de organismos comunistas nas fábricas para a construção de uma ascensão espiritual da classe operária, pois, para Gramsci, a tarefa principal do PCI seria o de conduzir as massas no processo de luta antifascista e revolucionária.

4.4 O dirigente comunista

O contexto de Guerra Imperialista e Revolução Bolchevique (1914-1918), a experiência dos Conselhos de Fábrica (1919-1920), a cisão em Livorno (1921) e a formação de um novo grupo dirigente no PCI (1923-1924), podem ser considerados momentos

¹²⁵*Il Programma de L'Ordine Nuovo* (Gramsci, 1978, pp.20-28), publicado em *L'Ordine Nuovo* 1-15 de abril de 1924, s.III, I, nn.3-4.

decisivos na história da Itália e do movimento operário. Gramsci participou e aprofundou-se organicamente desses acontecimentos, da importância do campesinato e do cotidiano das classes operárias desde que aportou em Torino. Não foi diferente em Moscou e em Viena. A experiência internacional o tornou um estrategista preparado, fundamentado na dialética por meio dos pilares da autoeducação, da autogestão e da democracia operária. A Internacional Comunista notou que Gramsci se construía como o dirigente necessário para os complexos anos que estavam por vir. Em 06 de abril foi eleito deputado pelo Colégio de Veneto e seu retorno à Itália significou muito para o Partido Comunista. Certamente, o ano de 1924 não foi menos difícil do que os anteriores, mas tornou-se de grande importância para a contínua formação política e intelectual de Gramsci e para o que sobrou da classe operária italiana que resistia ao fascismo.

Em meados de maio, nas montanhas da comuna de Como, aconteceu a primeira conferência ilegal do PC Italiano com a presença de Gramsci, Togliatti, onze membros do CC e quarenta e seis secretários da federação. Foi a primeira assembleia nacional após o Congresso de Roma, em 1922. As discussões puderam constatar pontos importantes sobre o Partido e a organização comunista italiana, inclusive sobre a importância histórica de Livorno. Os sintomas de desintegração, próprios dos partidos socialistas, não foram vistos nem mesmo parcialmente e pela primeira vez foi colocado o problema de o Partido se tornar o Partido das mais amplas massas italianas, “de se tornar o partido que realiza a hegemonia do proletariado no vasto quadro da aliança entre a classe operária e o campesinato” (Gramsci, 1978, p.182)¹²⁶.

A importância e função histórica de Livorno para o movimento operário marcou a necessária cisão entre os socialistas reformistas e os comunistas. A formação do núcleo dirigente revolucionário, na figura e personalidade de Bordiga, desenvolveu a noção já existente de que a emancipação do proletariado somente seria possível se organizado e liderado por um Partido. No entanto, a necessidade de o PCI ser um partido de massas, revolucionário e antifascista, muito semelhante a uma organização comunal/conselhista, apareceu com o novo grupo dirigente. O objetivo de Gramsci estava em articular o Partido com a centralidade da fábrica e atuação do novo núcleo revolucionário. Era fato que após dois anos do Congresso de Roma e ataques fascistas, além dos conflitos abertos com a IC, a situação demonstrava

¹²⁶*Dopo la Conferenza di Como* (Gramsci, 1974, pp.181-184), publicado em *Lo Stato Operaio*, em 5 de maio de 1924, II, n.19.

que as *Teses sobre a tática* votadas pelo Congresso de Roma em caráter consultivo não podem representar a plataforma para o desenvolvimento do Partido. O Partido só pode se desenvolver como a seção Italiana da Internacional Comunista, do partido mundial do proletariado revolucionário; ele deve, portanto, aceitar não apenas por disciplina, mas também por convicção, a doutrina e a tática da Internacional Comunista (Gramsci, 1978, p.182).

Os anos exigiam uma resposta e ação rápida para a situação que se desenvolvia no país. De acordo com Gramsci, “a situação criada pelo fascismo impediu que esta flagrante contradição fosse sanada a tempo”, e a conclusão foi sobre a impossibilidade de “organizar fortemente um partido comunista se não concordarmos intimamente com as normas internacionais”. A bandeira da Internacional acabou por polarizar os elementos do Partido e criou um estado de mal-estar entre a direita de Tasca e o grupo de Bordiga. Resolver organicamente as questões com a IC se mostrava essencial, assim como “estabelecer para o partido uma nova plataforma” e “rever as teses do Congresso de Roma”, para que a discussão “ocorra de tal forma que cada célula da fábrica e dos vilarejos sejam capazes de assimilá-la e irradiar os resultados para toda a massa operária e camponesa” (Gramsci, 1978, p.183).

A *questão sindical* e o *governo operário e camponês* precisavam ser amplamente debatidos e levados para as massas. A questão sindical deveria ser vista de forma mais aprofundada e a partir dos possíveis desdobramentos para entender a possibilidade de polêmicas e propagandas sem resultados imediatos. Segundo Gramsci, a crise que tomou conta dos sindicatos ocorreu por terem cumprido o papel da fusão. Portanto, estudar a relação das atividades das células comunistas de fábricas e dos vilarejos seria uma maneira de resolver o problema da distância do partido com as grandes massas e ainda manter as relações com o partido *massimalista* (PSI) e com o partido unitário (PSU). A fórmula política do governo operário e camponês continha “todas os motivos da luta geral contra o fascismo no plano nacional, conduzida através da aliança dos operários e camponeses, especialmente das massas camponesas da Itália meridional” (Gramsci, 1978, p.184).

Durante a Conferência de Como, Angelo Tasca escreveu a carta *Oportunismo di destra e tattica sindacale* e refletiu profundamente sobre os acontecimentos 1920 e a forma que se distanciou de Gramsci. Em resposta, Gramsci afirmou que Tasca colocava os problemas históricos de 1920, mas que seguia sem buscar nenhuma solução. Finalmente se posicionava contra a direita de Tasca e o sectarismo de Bordiga:

por isso nos apresentamos, na discussão atual dentro do Partido, como um grupo independente tanto de esquerda, quanto de direita, na medida em que, se pretendemos combater certos pontos de vista do camarada Bordiga que nos

aparecem na atual situação ter se tornado aparentemente perigosos para o desenvolvimento do nosso movimento, pretendemos, no entanto, manter nossa posição dos anos 1920-21-22, reafirmando que somente no terreno de esquerda pode continuar existindo e desenvolvendo o núcleo vital do Partido Comunista d'Itália (Gramsci, 1978, p.190)¹²⁷.

A maioria do comitê central - presentes Egidio Gennari, Palmiro Togliatti, Mauro Scoccimarro, Ennio Gnudi, Vittorio Flecchia, Isidoro Azzario, Camilla Ravera, Afonso Leonetti, Antonio Gramsci e Umberto Terracini - declarou a importância da continuidade da ação dos grupos que ao criar o PCI lançaram as bases para a resolução dos problemas históricos impostos à classe operária e camponesa, principalmente com a derrota e desintegração sofridos pelo movimento operário durante os trinta anos liderados pelo PSI. Afirmaram que as divergências entre o Partido e a IC não foram sobre a análise da situação geral do país, mas pelas medidas de fusão, exigidas pela IC e que afetaram fortemente a constituição interna do Partido. Em relação aos camaradas que não concordaram em colaborar com as aplicações das táticas da IC entre o PSI e o PCI, houve um apelo para mudarem de posição e colaborarem “com a atual maioria do Comitê Central na direção do Partido”, com base na “aceitação completa e leal do programa da Internacional Comunista”, tanto na tática da frente única, quanto para as ações organizativas (Comitê Central do PCI, 1978, pp.458-459).

A intervenção de Gramsci durante a *Conferenza di Como* foi muito importante para pontuar os problemas e discrepâncias com Bordiga, assim como chamar a atenção para as frações criadas dentro do Partido.

Bordiga afirma que nem sequer tentou formar uma verdadeira facção dentro do partido. Mas, é indiscutível que quando um camarada que tem uma personalidade como a de Bordiga se afasta e não participa mais ativamente dos trabalhos do partido, é criado um humor fracionário em seus camaradas (Gramsci, 1978, p.459)¹²⁸.

Para Gramsci, isso ocorreu desde o início porque Bordiga não levou adiante a formação de um Partido de massas. O próprio *L'Ordine Nuovo*, sempre mais atuante à esquerda e com interesses na formação de um partido de massas, teve seu caráter modificado ao longo da direção de Bordiga, principalmente com a votação equivocada das Teses de Roma que prejudicou a relação com a IC. O balanço eleitoral mostrava que o Partido havia

¹²⁷*Lotta di classe* (Gramsci, 1978, pp.190-193), publicado em *L'Unità*, 24 de junho de 1924, I, .n.113.

¹²⁸*La conferenza di Como* (Gramsci, 1978, pp.458-462), publicado em *Lo Stato Operaio*, em 24 de maio de 1924, II, n.18 e em *L'Unità*, em 05 de junho de 1924, I, n.97.

conquistado grande valor, mas continuava a carecer “do apoio da maioria do proletariado” (Gramsci, 1978, p.460).

BORDIGA: Teríamos isso se não tivéssemos mudado nossa tática em relação ao Partido Socialista! Afinal, não temos pressa.

GRAMSCI: Mas, temos pressa! Há situações em que não ter pressa causa derrota. Em 1920, por exemplo, era preciso se apressar. Lembro que em julho daquele ano fui à convenção abstencionista em Firenze para corrigir a criação e constituição de uma fração comunista nacional. Já então o camarada Bordiga “não tinha pressa” e rejeitou a nossa proposta, de modo que a ocupação das fábricas se deu sem que existisse na Itália uma fração comunista organizada capaz de lançar uma palavra de ordem nacional às massas que seguiam o Partido Socialista. O fator tempo também é importante. Às vezes é de uma importância capital (Gramsci, 1978, p.460).

Na lógica da constituição de Gramsci enquanto dirigente do Partido, se opor à Bordiga e discutir os problemas que foram criados na relação com a Internacional esteve presente em grande parte da intervenção do sardo na *Conferenza di Como*. As desavenças táticas com Tasca também apareceram na questão dos sindicatos - debate iniciado em 1920 durante a ocupação das fábricas -, pois estava na ordem do dia retomar a organização da fábrica e da produção como tática revolucionária e de combate ao fascismo. Para a Internacional, o PCI, “centro efetivo da vanguarda revolucionária”, deveria liderar as lutas sindicais e criar células de fábricas. Gramsci estava de acordo e entendia a necessidade de estabelecer células comunistas nas fábricas, assim como levar ao Sul o programa de aliança operário-camponesa com objetivo de conquistar as massas camponesas e “iniciar um movimento antirreacionário das massas do Sul” (Gramsci, 1978, p.462). As novas diretrizes do PCI prepararam os militantes para as futuras intervenções no V Congresso da Internacional (entre junho e julho de 1924).

Nacionalmente, o novo Parlamento foi inaugurado no dia 24 de maio e o deputado Fausto Gullo, encarregado pelo Partido, discursaria sobre a aliança operário-camponesa e o problema particular do *Mezzogiorno*. No entanto, a sessão de trabalho foi inesperadamente suspensa e ocorreu no dia 30. Na ocasião, o deputado do PSU Matteotti, interrompido por protestos, gritos, alaridos dos fascistas, denunciou e documentou as imposições, violências, fraudes cometidas pelos fascistas durante as eleições e contestou a validade da votação (Ravera, 1973, p.187).

Matteotti: - Senhor Presidente [da Câmara dos Deputados], talvez o senhor não compreenda, mas falo das eleições. [...] Há uma milícia armada composta por cidadãos de um único partido, com a missão confessa de apoiar um determinado

governo, mesmo que lhe venha faltar aprovação. Em Genova, os fascistas invadiram a sala e, a golpes de cassetete, impediram que um orador abrisse a boca. Uma voz: - Não é verdade.

Matteotti: - Então eu retifico, se o deputado Gonzáles precisou ficar uma semana de cama, foi porque ele se feriu sozinho. O deputado Piccini foi assassinado em casa.

Câmara dos Deputados da Itália, 24 de maio de 1924.

Seu discurso mudou os rumos da política e escancarou uma crise no fascismo: “na noite de 11 de junho, tendo saído de casa por um breve momento, ele nunca mais retornou: não havia mais notícias dele (Ravera, 1973, p.187). Amerigo Dùmìni, Giuseppe Viola, Albino Volpi, Augusto Malacria e Amleto Poveromo, cinco *ex-arditi* que sofreram condenações por crimes comuns, financiados pelo tesoureiro do PNF, Giovanni Marinelli, foram os responsáveis pelo sequestro de Matteotti.

Eram 16h30. Eu estava brincando com os meus colegas. Perto de nós, tinha um carro que havia estacionado bem na frente da Via Antonio Scialoja. Dele saíram cinco homens que começaram a andar para cima e para baixo. De repente, vi Matteotti sair. Um dos homens foi na sua direção e lhe deu um soco violento que o fez cair no chão. Matteotti pediu ajuda. Então chegaram os outros quatro e um deles o golpeou duramente no rosto. Então, pegaram-no pela cabeça e pelos pés e levaram-no para dentro do carro, que passou ao nosso lado. Assim pudemos ver que Matteotti estava lutando. Depois não vimos mais nada (Barzotti *apud* Scurati, 2019, p.736).

No dia seguinte, o deputado Gonzales denunciou o desaparecimento de Matteotti. “Mussolini, pálido e imóvel, ficou em silêncio. Todos os deputados das posições antifascistas deixaram o corredor” e nomearam um *Comitato delle opposizioni* e no dia 14 de junho decidiram pela abstenção dos trabalhos parlamentares. Ravera faz um grande relato sobre os acontecimentos após o desaparecimento de Matteotti, inclusive sobre como a polícia impediu os jornais de noticiarem, assim como os fascistas se mantiveram nas portas dos jornais para ameaçar, destruir e devastar. Gramsci, contudo, se manteve firme na posição de denunciar o delito Matteotti e propôs uma greve geral, mas “o medo de um retorno à agitação, o medo dos comunistas fez com que quase todos os opositores rejeitassem qualquer proposta de apelo às massas” (Ravera, 1973, p.188).

O assassinato de Matteotti demonstrou uma desintegração na base social do fascismo muito avançada nas eleições de abril de 1924. No desenrolar dos eventos, o fascismo se viu desvinculado de sua base social de massa, mas também se descobriu como uma organização militar pura e isolada no país. Os republicanos, também pequeno-burgueses, e a oposição

não fizeram alianças com o proletariado e com o campesinato para criar uma República pequeno-burguesa, com expressão parlamentar ligadas ao capitalismo, mas não ao fascismo (Gramsci, 1978, p.192).

O que é o fascismo? É a parte mais enérgica e ativa da pequena burguesia italiana que quis resolver, não apenas em benefício do capitalismo, mas também em benefício próprio, a situação de equilíbrio das forças que existiram em 1920 e em 1921 entre capitalismo e proletariado. O fascismo não conseguiu organizar em seu Estado toda a pequena burguesia, uma parte notável da qual sempre encontrou nos partidos de oposição um destacamento autônomo (Gramsci, 1978, pp.191-192).

Muitas foram as manifestações antifascistas que ocorreram e Gramsci ocupou um papel basilar nos discursos políticos que protagonizou, os quais “o fizeram ser reconhecido como um líder político não só do Partido, mas nacional” (Ravera, 1973, p.189). O clima parecia revolucionário e muitas pessoas passaram a estocar farinha e outros alimentos, mas Gramsci entendia que para expulsar os fascistas do governo, uma revolução socialista precisaria ocorrer, pois apenas a condenação moral não resolveria.

A direção e organização das massas era necessária, mas o PCI não estava preparado e Gramsci reconheceu os problemas que estavam à sua frente. Em carta para Giulia, no dia 22 de junho, escreveu que sua partida para Moscou - por conta da participação no V Congresso da Internacional - estava sendo adiada diariamente e que não saberia se conseguiria vê-la. A situação italiana, em sua descrição, parecia como a de um vulcão que de repente entrou em erupção, “liberando uma corrente de lava ardente que invadiu todo o país, subjugando tudo e todos pelo fascismo”. Para Gramsci, o fascismo havia passado por uma fase aguda de crise e convocava suas forças para dominar as massas, com a possibilidade até mesmo de um golpe de estado guiado pelos mais extremistas. Por sua vez, o PCI havia conquistado um espaço, ainda pequeno, mas importante, pois teve suas palavras de ordem “acolhidas com entusiasmo e repetidas nas moções votadas nas fábricas” (Gramsci, 1992, p.356).

No dia 27 de junho, o clima era de agitação nas cidades. A população chorava e se rebelava contra o sequestro de um deputado em plena luz do dia e no centro de Roma, Turati declarou a retirada dos deputados dos trabalhos na Câmara e confirmou oficialmente a retirada da oposição, movimento conhecido como *Aventino*. No entanto, apenas 500 mil operários paralisaram o trabalho - fracasso que Gramsci reconhecerá na reunião do Comitê Central em 13 de julho -. *L'Ordine Nuovo* estava interrompido e Gramsci se reconectava organicamente com a realidade italiana: participava ativamente das manifestações,

discursava e organizava as massas e os sindicatos. Concomitante à crise Matteotti, acontecia o V Congresso da Internacional Comunista e Gramsci ficou retido em Roma, ocupando Togliatti seu lugar de delegado. Partiram também para Moscou: Bordiga, Tasca, Grieco, Mersú, Gnudi, Perrone, Venegoni, Teresa Recchia, Leonetti, Fugazza, Bibolotti, Massini, Berti, Serrati e Maffi (Ravera, 1973).

Em Moscou, entre 17 de junho e 08 de julho, o V Congresso da Internacional aconteceu com a participação de 406 delegados de 41 países, dos quais 324 tiveram direito a voto. Foi o primeiro Congresso sem a liderança de Lenin e muita coisa havia mudado, inclusive ficou nítida as contradições do Partido Comunista Russo e os problemas que aconteceriam. Bordiga não levou a linha do PCI e repetiu suas considerações e diagnósticos já realizados no IV Congresso, além de confirmar sua oposição à tática da frente única. Para o fundador do Partido, o fascismo não havia mudado nada no governo italiano, sendo apenas uma troca governamental da classe burguesa e uma continuação da democracia burguesa, sem representar nada novo, a não ser a construção de sindicatos fascistas.

Uma característica do V Congresso foi a discussão e atenção dos assuntos de todos os partidos comunistas. O Congresso aprovou resoluções particulares sobre os partidos da Polônia, da Itália, Suécia, Noruega e Islândia. Foram exigidas uma disciplina estrita e a aceitação das decisões da autoridade central, a IC, assim como a bolchevização para todos os partidos. Durante a III sessão, na sala San Andrés do Kremlin, no dia 19 de junho, na ordem do dia foram colocados 14 informes a serem discutidos: *O fascismo* seria apresentado por Bordiga (Itália) e por Freimuth (Alemanha).

Na 9ª sessão, no dia 23 de junho, ocorreu a continuação da *Atividade do Executivo e Situação Econômica Mundial*, presidida por Kolarov, com os oradores Schuller (Internacional da Juventude - ICJ), Rienzi (PCI), Thalmann (KPD), Kuusinen (Finlândia) e Bukharin (PC russo). Importante foi a declaração de Rienzi como uma confirmação de adesão pela minoria da delegação italiana do PCI, sem reservas, ao informe de Zinoviev sobre a fórmula do governo operário-camponês como sinônimo de ditadura do proletariado. Na Itália, a tática da frente única significava a fusão imediata com os *terzini* e conquistar os operários do PSI. No dia 25 de julho, a 13ª sessão, foi presidida por Stewart e os oradores foram Piccini (Itália), Ercoli (pseudônimo de Togliatti - Itália), Katayama (Japão), Dora Montefiore (Austrália), Samoen (Java), Kreibich (Checoslováquia), Wolf (México) e Bordiga.

Togliatti, ao representar a Itália, falou de uma nova Marcha sobre Roma para que o fascismo consolidasse sua posição. Foi lido um chamado para todos os operários e camponeses talianos sobre os assassinatos e crimes cometidos pelo fascismo contra o proletariado, inclusive contra o deputado Matteotti. A análise era de que o fascismo apenas seria combatido com a aliança de operários e camponeses “decididos a organizar sua defesa e a responder com a ação revolucionária a violência fascista” (Piccini *apud* Carr, 1975, p.158).

As palavras de ordem do PCI eram as mesmas defendidas há anos por Gramsci:

- 1) Derrubada do governo dos assassinos;
 - 2) Luta dos operários e camponeses contra o terror;
 - 3) Formação de centúrias proletárias armadas;
 - 4) Criação de Conselhos de Fábrica;
 - 5) Libertação dos operários encarcerados;
 - 6) Liberdade de organização, de reunião e de imprensa para a classe operária.
- Viva a frente única dos operários e dos camponeses da Itália!
Viva a luta de classes revolucionária contra o fascismo!
viva a Internacional Comunista! (Piccini *apud* Carr, 1975, p.159).

Em seguida ao discurso e leitura realizados por Piccini, Togliatti tomou a palavra e fez uma breve análise sobre o Partido e sua constituição durante a derrota do movimento operário. O problema principal a ser resolvido era o de tornar o PCI um partido de massas, que apenas seria resolvido se ocorresse uma distância “do terreno das teses de Roma”, além de “modificarmos o espírito com que Bordiga conduziu o Partido ao longo dos anos passados”. Para a condução do proletariado no terreno da conquista do poder, “respondemos que Lenin delineou uma tática válida sempre que existam partidos comunistas sólidos e profundamente ligados à classe operária”. Dessa forma, a fórmula da frente única deveria ser “completada com as explicações de Bukharin, que nos esclarecem todo o seu significado político e histórico” (Togliatti *apud* Carr, 1975, p.160).

No entanto, foi apenas durante a 23ª sessão, no dia 02 de julho, que Bordiga apresentou o relatório sobre o fascismo, presidido por Wijnkoop. Em suma, o relatório não foi diferente do IV Congresso: o fascismo enquanto uma reação à política de concessão de Giolitti, oriundo das regiões agrícolas, mas que foi capaz de incluir a pequena burguesia, a burguesia industrial, financeira e comercial como uma “unidade contrarrevolucionária de todas as forças burguesas” (Bordiga *apud* Carr, 1975, p.303). Por mais que Piccini tenha informado muito bem as posições do PCI, certamente a ausência de Gramsci foi sentida durante o V Congresso. O debate sobre a frente única e as contradições internas, tanto

políticas como teóricas, vieram à tona durante o congresso. Ao que interessava para o Partido Comunista da Itália, foi estabelecido que uma

nova composição dos principais órgãos do Partido Italiano, o Comitê Central e sua Executiva, cuja maioria ficou com o centro e os grupos de Tasca, naquele meio tempo publicamente afastado dos expoentes mais conhecidos da direita maximalista, como Bombacci, um futuro fascista, e Graziadei, o revisionista da teoria do valor de Marx. A esquerda, por sua vez, mantendo sua clara relutância em assumir qualquer responsabilidade nos órgãos de governo, pela primeira vez esteve ausente também no CC. Durante o Congresso, Zinoviev e a Executiva da Internacional procuraram em vão um diálogo com Bordiga, oferecendo-lhe também a vice-presidência da Internacional (Fresu, 2020, pp.184-185).

Na Itália, a situação parecia estabilizada. Gramsci se preparava para a reunião de agosto de 1924, do Comitê Central. O objetivo principal era a construção de um partido de massas, antifascista e revolucionário, que lutasse contra o fascismo e contra a social-democracia. Na reunião, Gramsci foi eleito para a Secretaria do Partido - um cargo que antes não existia -, e reforçou a criação de “instrumentos organizativos a setores de trabalhos específicos, como, por exemplo, o das mulheres” (Lajolo, 1980, p.80).

Gramsci trabalhou intensamente na vida política Italiana, abrindo mão, inclusive, de estar junto com sua esposa e filho recém-nascido. Foram várias intervenções e viagens clandestinas em cidades do país para a construção de um grupo homogêneo que fosse capaz de articular e dirigir as massas na luta contra o fascismo. Com a crise orgânica instaurada pela Guerra Imperialista, o fascismo buscou ser a solução e o modelo europeu, mas com seu método repressivo de governar, não conseguiu conter todos os efeitos da crise capitalista. Educar e organizar a classe operária e o campesinato eram as tarefas essenciais.

No dia 1º de setembro, Gramsci publicou o artigo *La crisi italiana* em que aprofunda a análise sobre o fascismo como organização de massa, oriundo da crise que corroía o governo.

A manifestação atual, em primeiro plano, da crise das classes médias é um fato político contingente, não é senão a aparência deste período que, precisamente por isso, chamamos de “fascista”. Por quê? Porque o fascismo surgiu e se desenvolveu sobre as bases da fase inicial dessa crise; porque o fascismo lutou contra o proletariado e chegou ao poder explorando e organizando a inconsciência e o espírito domesticável da pequena burguesia entorpecida pelo ódio à classe operária, que por sua vez conseguiu, graças à sua organização, mitigar, em seu âmbito, os efeitos da crise capitalista (Gramsci, 1978, p.28)¹²⁹.

¹²⁹*La crisi italiana* (Gramsci, 1978, pp.28-39), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 1º de setembro de 1924, s.III, n.5. Em 26 de agosto de 1924, I, n.167, foi publicado em *L'Unità* com o título *La crisi delle classi medie nell' Unità*.

A análise de Gramsci é equivocada, no entanto, quando entende que o fascismo estava morto, pois na verdade se fortificava e caminhava para um golpe de estado. A insatisfação popular tomava as fábricas por meio das greves, mas o proletariado seguia desorganizado politicamente e o antifascismo não conquistava um sentido profundo de revolução. Economicamente, o fascismo não foi capaz de rearticular o Estado liberal em crise durante os primeiros anos de revolução passiva. Com o rebaixamento de salários, o aumento da jornada de trabalho e o crescente desemprego, a vida da classe operária tornou-se ainda mais miserável. No entanto, para Gramsci, o fascismo acirrou e aprofundou as bases da revolução proletária “que, depois da experiência fascista, será verdadeiramente popular” (Gramsci, 1978, p.31).

A situação nacional obrigava o PCI a elaborar uma tática imediata de luta antifascista. O Partido *Massimalista* e o Partido Unitário formavam, junto com o *Avanti!* e com a CGL, um bloco de oposição burguesa e não proletário. A luta contra o fascismo tomava apenas as pequenas proporções do campo parlamentar e não a criação de um vasto movimento autônomo da classe operária. Gramsci observou no artigo *Nullismo e attivismo*, publicado em 2 de setembro de 1924, no jornal *L'Unità*, as problemáticas da classe trabalhadora em não ser homogênea na luta contra o fascismo. Fato é que, segundo Gramsci, o Partido Socialista (Partido *Massimalista*) tenderia a bloquear a participação dos filiados nos comitês de operários e rapidamente voltariam ao Parlamento e boicotariam a greve legislativa, com a solução prática de um governo com a atual maioria parlamentar, mas sem Mussolini - proposto por Amendola - (Gramsci, 1978, pp.201-202)¹³⁰.

Ao serem contrários a uma unidade de ação revolucionária e proletária, os socialistas demonstravam sua dependência da burguesia. A situação em setembro não estava modificada: duas forças sociais disputavam o poder do Estado burguês Italiano. Para Gramsci,

o desfecho dessa luta dependerá dos efeitos que a crise terá no seio do Partido Nacional Fascista, da atitude definitiva dos partidos que constituem o bloco de oposições e da ação do proletariado revolucionário guiado por nosso partido (Gramsci, 1978. p.33).

O fascismo, coordenador da organização de massa da pequena burguesia, encontrou “uma forma de organização adequada a uma classe social que sempre foi incapaz de ter uma

¹³⁰*Nullismo e attivismo* (Gramsci, 1978, pp.200-202), publicado em *L'Unità*, 2 de setembro de 1924, I, n.273.

unidade política e uma ideologia unificada: essa forma de organização é o exército em campo”. A milícia logo se tornou a protagonista do PNF que “adquiriu na guerra civil um prestígio extremamente vigoroso, grosseiramente identificado com a ideologia nacional” (Gramsci, 1978, pp.33-34).

Gramsci considerava o fascismo incapaz de conquistar o Estado, pois

conquistar o Estado significa, antes de tudo, conquistar as fábricas, ter a possibilidade de superar os capitalistas na direção das forças produtivas nacionais. Isso pode ser feito pela classe operária, mas não pela pequena burguesia, que não ocupa nenhuma função essencial no campo produtivo, e que, no interior da fábrica, enquanto categoria industrial, exerce predominantemente uma função policial que não é produtiva. A pequena burguesia só pode conquistar o Estado se aliando à classe operária, aceitando o programa da classe operária, o que significa aceitar substituir o Parlamento pelo sistema dos Soviotes na organização do Estado, e substituir o capitalismo pelo comunismo na organização da economia nacional e internacional (Gramsci, 1978, p.34).

No entanto, por meio da força, o fascismo foi capaz de se articular para a chegada ao poder do governo. O problema principal no momento seria o de resolver a crise de 1924. No entanto, as oposições queriam a derrubada do Ministério de Mussolini desde o assassinato de Matteotti, mas apenas seria possível com a ação das massas, pois os social-democratas e as oposições antifascistas não queriam um choque armado e evitavam o conflito. O fascismo, ao contrário, mantinha uma base organizacional armada pronta para ação se as massas sinalizassem no horizonte uma onda revolucionária e certamente não era mais um simples instrumento da burguesia, agindo por conta própria nas violências, opressões e crimes para a manutenção do regime.

5. ESTRATÉGIAS E TÁTICAS REVOLUCIONÁRIAS

“Fischia il vento, infuria la bufera... Scarpe rotte eppur bisogna andar a conquistare la rossa primavera dove sorge il Sol dell'avvenir... Ogni contrada è patria del ribelle” (Canção da Resistência, 1943).

5.1 Entre o Sul e os sabonetes de Marsiglia: a organização do PCI

O ano de 1924 parecia não ter fim. A descrição de Filippo Turati, em carta para Anna Kuliscioff, é a síntese não apenas dos restos encontrados do corpo de Matteotti, mas do que acontecia no último semestre de 1924: “Vou poupá-la da descrição minuciosa dos restos. Tudo está destruído. Não há sequer o esqueleto, apenas tíbias, fêmures, costelas, ossos dispersos” (Turati *apud* Scurati, 2019, p.772). A crise econômica, a violência e a insatisfação popular pareciam não cessar. O fascismo havia caído na revolta do povo enlutado e o esquadrismo aproveitava-se da situação deixando mortos e feridos pelas ruas de Napoli e Torino. No dia 5 de setembro, Piero Gobetti foi esperado por um grupo de fascistas que o surraram violentamente, deixando sequelas pelo restante da curta vida do jovem diretor do jornal *La rivoluzione liberale*. Em Roma a situação não era diferente. No dia 12 de setembro o operário Giovanni Corvi foi assassinado em frente a filha pequena, em um bonde, pelo sindicalista fascista Armando Casalini. Em Cremona, Farinacci, evocava a necessidade de uma limpeza étnica com o uso de metralhadoras. O fascismo encarava mais uma crise e tentava resolver com assassinatos e espancamentos (Scurati, 2019).

No entanto, os comunistas novamente não estavam preparados para dirigir as massas proletárias e camponesas para a revolução socialista. Gramsci compreendia essa questão e entre setembro e dezembro frequentou reuniões, preparou relatórios para os Congressos clandestinos e reorganizou o Partido Comunista, bem como articulou uma escola por correspondência nos moldes bolcheviques. A troca com a militância italiana e os aconselhamentos de Vincenzo auxiliaram a análise da situação concreta: o fascismo estava mais forte do que nunca e uma insurreição popular seria a única maneira de modificar o cenário tenebroso que a Itália viveria nos anos seguintes.

O debate sobre a estratégia de luta antifascista é muito bem colocado no artigo *Zero via Zero*¹³¹, assinado e publicado por Gramsci no dia 07 de setembro. Devido à uma publicação crítica no *Avanti!*, o dirigente do PCI indica pontos importantes da linha diretiva dos *massimalistas* em relação ao retorno ao Parlamento: nada foi feito durante os meses do

¹³¹ *Zero via Zero* (A.G, 1978, pp.202-204), assinado A.G., publicado em *L'Unità*, 07 setembro 1924, I, n.178.

Aventino e nenhum caminho para a ação popular foi traçado. O PCI permaneceu na Assembleia de oposição enquanto foi Assembleia parlamentar, mas se retirou quando esta se transformou em um bloco de partidos, pois os *massimalistas* se colocaram contrários ao bloco proletário e “nem sequer responderam a um convite que lhes foi dirigido pelo nosso Partido para um acordo que preparasse as condições organizacionais para o sucesso da greve geral” (A.G., 1978, p.203).

O grupo de oposição afirmava que a luta antifascista deveria ocorrer no campo psicológico e que não deveria definir a ação geral das massas. Segundo A.G. (1978, p.203), o movimento das massas se desenvolvia para uma greve geral e ação direta dos operários, enquanto os *massimalistas* apresentavam os comunistas como “agentes provocadores do fascismo” e bloqueavam o movimento grevista.

Gramsci participava ativamente de reuniões em Torino e observava um aumento no número de filiados na célula comunista da cidade industrial, assim como a publicação de *Falce e martello*, o semanário da Federação Comunista de Torino. Em carta para Vincenzo, no dia 08 de setembro, chama atenção para a fraqueza do movimento sindical e da reação contra a polícia. Em Milão, a situação parecia mais favorável, com cerca de mil inscritos e o movimento se desenvolvia de forma segura e mais à esquerda.

A análise de Gramsci sobre a situação nacional mostrava a construção do novo núcleo dirigente do Partido e a maneira que o trabalho de formação e educação dos camponeses e operários estava sendo realizado: com múltiplas reuniões, conversas, informações, questões de princípio e organização. As notícias eram boas, visto a capacidade de organização e massificação do fascismo: com os meses de propaganda, foi triplicado o número de membros, o jornal cresceu 120 por cento em três meses e a organização sindical passou a se organizar em torno da célula comunista, além da propaganda partidária alcançar cada vez mais os camponeses, com mais de 2000 membros articulados na defesa nacional da terra (Gramsci, 1992, p.385).

O Partido, ilegal, se reunia clandestinamente sempre com o risco iminente de prisões, sequestros e dispersão dos arquivos. Após a morte do deputado fascista Armando Casalini (1883-1924), Gramsci – conhecido pelos fascistas como um quadro político muito importante em Roma - passou a ser vigiado e foi reconhecido por um fascista turinês. Seguido pelos fascistas e pela polícia, precisou ser mais cauteloso e teve suas atividades dificultadas, assim como sua frequência e participações em reuniões. Ainda assim, a experiência política que acontecia no país, preocupante e nova, deveria ser resolvida e os

congressos provinciais mostravam a capacidade de luta e de força dos comunistas (Gramsci, 1992, p.386).

O mês de setembro, de grande turbulência e muitas correspondências entre Gramsci e os camaradas na Rússia, é de grande importância para a compreensão do momento que a Itália vivia. Para Vincenzo, Gramsci descreveu a situação a partir da afirmação do camarada de que a oposição e o fascismo brevemente entrariam em um surto armado: “a oposição faz uma grande manobra para separar o fascismo do rei, ou seja, o exército e os carabinieri”. O problema apontado é que os comunistas esperavam que o fascismo perdesse o apoio popular, mas a grande dificuldade eram os *massimalistas* e os reformistas que aglutinaram de forma desorganizada e passiva a maioria dos operários. Mas, o Partido funcionava mal e trabalhava de forma lenta. Segundo Gramsci, a situação “ainda é claramente dominada pelos fascistas, pelo exército e pelos carabinieri, ou seja, pelo complexo das forças armadas burguesas”, enquanto as massas estavam “terrivelmente desintegradas” e acreditavam “que a oposição conseguirá eliminar o fascismo sem uma luta sangrenta”, além de desejarem paz e tranquilidade (Gramsci, 1992, p.388).

No cotidiano, Gramsci formava-se como dirigente do Partido e seu relacionamento com Giulia não deixa de ser importante nesse período de autoformação e de articulação do Partido. Nas cartas, fiscalizadas pela polícia, enviadas para Vincenzo, para a companheira e para os camaradas bolcheviques, sempre enviava inúmeros pacotes dos sabonetes de Marsiglia, queridos por sua companheira. Junto das cartas e do afeto que simboliza o esforço para compra e envio dos sabonetes, Gramsci confia a Giulia as articulações políticas, a situação da Itália e da política internacional. Em militância, percorria a Itália de Sul a Norte e em Roma escrevia de forma simples e confessional suas preocupações, suas lutas e esperanças.

Todas as semanas consegui realizar três ou quatro reuniões tanto com órgãos dirigentes do Partido, como com grupos locais de camaradas. Encontros muito interessantes, especialmente aqueles com as massas operárias. Conversas, discussões, informações, problemas a resolver, questões de princípio e organização a resolver. O impulso para o nosso Partido é muito grande: com o mês de propaganda quase triplicamos o número de membros, o jornal cresceu 120 por cento em relação a três meses atrás, a nossa literatura é muito procurada; as organizações sindicais são reconstituídas em torno das nossas células. O sucesso que a nossa propaganda encontra entre os camponeses é impressionante. A nossa seção imprimiu 2 mil cartões para uma associação nacional de defesa dos camponeses; só na província de Siena solicitaram 5 mil cartões (Gramsci, 1992, pp.384-385).

As dificuldades não estavam superadas, mas, conforme afirmou Togliatti em *Lições sobre o fascismo* - texto de 1934, bem posterior aos acontecimentos -, o fascismo estava “à beira da derrota” e prestes a perder seu poder. No entanto, modificou a “fórmula da organização”, na forma de estatização e retorno aos velhos quadros e rearticulação de Farinacci na liderança. Em 1924, as maiores preocupações eram sobre a propaganda fascista e a consolidação do PNF como instrumento de opressão do Estado, mas o controle pelos sindicatos começava a ser colocado como questão essencial (Togliatti, 1978).

Até a Marcha Sobre Roma, os fascistas não haviam conseguido nada significativo na questão sindical e a CGL ainda demonstrava seu poder na articulação reformista do proletariado. Togliatti aponta que a conquista das massas sindicais foi iniciada após a tomada de poder, mas com a concorrência sindical houve um deslocamento de organizados para os sindicatos fascistas, para organizações católicas e a perda de forças da CGL se tornou realidade e abriu espaço para a disputa dos comunistas (Togliatti, 1978).

O sindicalismo fascista surgiu em 1922 com o nome *Confederazione Nazionale delle Corporazioni Sindacali* e demarcou o caráter de conciliação, com elaborações e indicações vagas sobre conflito de classes. Mas, nos primeiros anos de poder, a necessidade de avançar na reestruturação do Estado e em novos modelos de organização social esteve associada ao fascismo para lidar com a oposição sindical, se consolidar e alargar sua base, assim como resolver as tensões entre os fascistas. No final de 1924 e começo de 1925, a questão sindical, no entanto, assumiu nova importância devido aos movimentos de greves e organização das massas, mas “continuou a sofrer de uma condição de fraqueza substancial”, “diante de uma CGL que recuperava força e consenso” (Gagliardi, 2010, p.29).

Em plena crise Matteotti, Mussolini criou um grupo dirigente a partir do PNF - que foi dissolvido poucos meses depois -, composto por 15 membros, dos quais 5 eram senadores: Giovanni Gentile, Enrico Corradini, Matteo Mazziotti, Nicolo Melodia, Emanuele Greppi, Gioacchino Volpe, Fulvio Suvich, Edmondo Rossoni, Pier Francesco Leich, Agostino Lanzillo, Francesco Ercole, Santi Romano, Arturo Rocco, Silvio Longhi e Angelo Oliviero Olivetti. O objetivo seria garantir maior estabilidade no poder, evitar tensões e desequilíbrios parlamentares, bem como obter maior controle das liberdades. Para os sindicatos, cabia ao grupo “promover a inclusão de todos os operários nas corporações fascistas, criando assim as condições, em harmonia com os líderes do sindicalismo fascista, para a criação do monopólio sindical” (Gagliardi, 2010, pp.29-30).

Muitas eram as tarefas de Gramsci e do PCI: disputar os sindicatos, a formação dos camponeses, dos operários sindicalizados e não sindicalizados, dos membros do Partido, a inclusão das mulheres na luta comunista, a produção e publicação dos jornais e a atuação no *Aventino*. O documento *L'Antiparlamento*¹³², assinado por Genari, Gramsci e Maffi, é um exame da situação política italiana e a observação de alguns pontos importantes para a organização do núcleo dirigente. Gramsci apresentou o relatório em nome do Partido, durante o Congresso Federal de Napoli, na última semana de setembro, com a presença de trinta e sete seções, enquanto Bordiga e Grieco participaram do Comitê Central.

No documento consta a necessidade de liberdade de organização dos conselhos de fábrica, a liberdade dos operários aprisionados, a liberdade de organização, de imprensa e de reunião. Fato central é a luta contra o fascismo por meio de um movimento extraparlamentar que chamasse atenção das vítimas, dos operários e dos camponeses. A linha do grupo parlamentar comunista “acredita que sem um movimento amplo que defenda as diversas camadas da classe trabalhadora a partir de baixo, a luta contra o fascismo está fadada ao fracasso” (Genari, Gramsci e Maffi, 1978, p.464).

Os parlamentares eleitos na eleição de 6 de abril, mesmo com as violências e o massacre do fascismo, não foram capazes de dirigir uma luta antifascista e nem mesmo de constituir uma “assembleia separada, um verdadeiro Parlamento da oposição, Parlamento do povo, em contraste com o Parlamento fascista” (Genari, Gramsci e Maffi, 1978, p.465). Definiram a proposta de um Antiparlamento formado pelas forças de oposição ao fascismo com seis aspectos fundamentais:

1. Alargar e transformar as dimensões do crime Matteotti do meio judicial para o campo político;
2. A implantação dos meios de defesa da liberdade política e das liberdades sindicais;
3. Um apelo para as energias da classe operária se organizarem contra a redução salarial, contra o aumento da jornada de trabalho, assim como o aumento dos preços;
4. Um apelo para que as massas trabalhadoras e camponesas resistam às agressões fascistas;

¹³² *L'Antiparlamento* (Gramsci, 1978, pp.464-465), assinado Genari, Gramsci, Maffi, publicado em *L'Unità*, 21 outubro 1924, I, n.216.

5. Um apelo também para que as forças deficientes, ex-combatentes e mutilados resistam aos fascistas.

No 6º ponto, as palavras de ordem para as massas mais pobres incluíam a

- a) greve anti-impostos para minar as bases financeiras desse armamento que permite ao fascismo viver, apesar do ódio proletário, a sua intimidade de desintegração e descrédito entre as classes mais pobres da classe média baixa;
- b) pela criação no país de comitês de trabalhadores e camponeses para a derrubada de desenvolvimento da ditadura fascista (Genari, Gramsci e Maffi, 1978, p.465).

O grupo comunista compreendia que o programa não seria completamente aceito pelo bloco de oposição, mas que poderiam apresentar outro programa e desenvolvê-lo durante a Assembleia Parlamentar Antifascista, chamada no final do documento. Frente a complexa tarefa, *L'Unità* publicou no dia 7 de outubro o artigo *Né fascismo, né liberalismo: Sovietismo!*¹³³. O texto descreve a crise política de liquidação do fascismo e analisa o bloco de oposição fascista como um fator secundário. Tanto o fascismo, quanto o antifascismo, possuíam uma composição social heterogênea. Na oposição ao fascismo, grande parte migrou para o Partido Liberal, com o programa da democracia parlamentar burguesa, com o “regresso à constituição, à legalidade, à democracia” (Não assinado, 1978, p.542).

Os agricultores que, durante anos, foram oprimidos pelo fascismo, se aliaram à burguesia liberal para armarem os fascistas contra os operários e camponeses.

Para derrotar o fascismo, é necessária a ação das massas do proletariado industrial e dos camponeses; a lutas de classes com todas as suas consequências. O proletariado será, sem dúvida, capaz de utilizar na sua luta contra o fascismo, as oposições e lutas que se desenvolveram dentro da burguesia e da pequena burguesia, mas, sem ação direta, o fascismo nunca poderá ser derrubado. Colocar o problema desta forma era, ao mesmo tempo, colocar claramente a questão da sucessão do fascismo. Uma vez derrotado o fascismo pela ação das massas operárias e camponesas, o liberalismo não tem nada a ver na sucessão; este direito pertence ao governo dos operários e camponeses, o único que será capaz e terá a vontade sincera de desarmar a milícia fascista, armando a classe operária e os camponeses (Não assinado, 1978, p.543).

O passar dos dias mostrava que a crise italiana apenas seria solucionada com a ação das massas operárias, pois “no campo das intrigas parlamentares não há possibilidade de liquidação do fascismo, mas apenas de um compromisso que deixe a burguesia no controle e o fascismo armado ao seu serviço” (Não assinado, 1978, p.543). Gramsci se propunha a essa tarefa e a realizava mesmo com as dificuldades de locomoção e risco de ser aprisionado.

¹³³ *Né fascismo, né liberalismo: Sovietismo!* (Não assinado, 1978, pp.542-544), não assinado, publicado em *L'Unità*, 7 outubro 1924, I, n.203.

No dia 25 de outubro aportou em Cagliari, com vontade de rever os lugares que passou a sua juventude, mas decidiu ser prudente, pois nos dias seguintes seria comemorado o aniversário da Marcha Sobre Roma e os fascistas se organizavam por toda a Itália. O jovem comunista Nino Bruno, metalúrgico das Construções Mecânicas, acompanhou Gramsci durante todo o Congresso Regional do PCI. As reuniões se realizavam na clandestinidade, nas regiões de Quartu e de Salinas, próximas ao Is Arenas, Poetto e Monte Urpinu, no dia 26. Encontraram-se 20 delegados, todos sentados no chão, em local pouco iluminado, longe das estradas e próximo de moitas. Gramsci leu um relatório sobre Bordiga e a necessidade de reorganizar o Partido, bem como a propaganda que deveria ser feita na Sardenha para que os camponeses, pescadores e pastores se colocassem ao lado dos operários (Fiori, 1979, p.228).

Após o Congresso, Gramsci foi à Ghilarza para rever a família. Suas impressões gerais, descritas na carta de 10 de novembro para Giulia, é que Mussolini era visto não como um líder ou ditador, mas como um elemento do folclore camponês e de que a psicologia do fascismo agia como uma fase da civilização burguesa em clara decomposição quando o proletariado não possuía organização suficiente para a construção do poder operário-camponês.

A desmoralização, a covardia, a corrupção e a criminalidade assumem níveis sem precedentes (...) tragédia e farsa se alternam no palco sem qualquer conexão, a desordem atinge graus que pareciam impossíveis para a imaginação mais selvagem (Gramsci, 1992, p.393).

Nos encontros com a população, perguntas foram feitas a Gramsci sobre a Rússia, o trabalho, o comunismo, a revolução e a tática utilizada pelo PCI contra os fascistas. Para Gramsci, a Rússia exerce forte influência na Sardenha. As palavras de ordem se misturavam demonstrando a particularidade regional característica da Itália, de preservação da nacionalidade e da cultura regional e do internacionalismo revolucionário: “*Avanti Sardegna!*”, “*Tutti vogliamo essere russi!*”. A viagem foi bastante proveitosa para Gramsci, tanto que no retorno a Roma passou a articular a nova tática de formação das massas e dos dirigentes a partir da criação de uma escola por correspondência, elaborada e implementada pelo PCI¹³⁴.

¹³⁴ *Cronache de L'Ordine Nuovo* (Não assinado, 1978, pp.204-205), não assinado, publicado em *L'Ordine Nuovo*, 1º novembro 1924, s.III, n.6.

A crise Matteotti parecia destruir o fascismo, que se digladiava entre as esquadras e os ex-combatentes. O próprio Parlamento, no dia 11 de novembro, repudiava o fascismo e o grupo parlamentar comunista aceitava a sugestão de Gramsci e propunha ao “Comitê das oposições que o Aventino se transformasse em Antiparlamento”, concebido como “a única assembleia representativa da vontade popular, contra o grupo parlamentar fascista, reduzido à pura expressão de arbítrio” (Fiori, 1979, p.227).

com base nas regras elaboradas pela Câmara, cada grupo parlamentar antifascista tenha o direito e a oportunidade de apoiar o seu próprio parlamento político, realçando sua bondade a partir de uma plataforma tão elevada, para o qual convergirá o olhar de todas as massas italianas, a verdade força eficaz de todo movimento antifascista (Gennari, Gramsci, Maffi, 1978, p.465¹³⁵).

No mês de novembro, as discussões mais importantes foram a questão nacional e a criação do Antiparlamento para que, na visão dos comunistas, os parlamentares pudessem sair da inércia e traçar uma linha de ação das massas contra o fascismo. Para os comunistas, a única maneira de “era aceitar a proposta comunista para a criação do Antiparlamento e concentrar em torno disso todas as energias” (Não assinado, 1978, p.206¹³⁶) daqueles que quisessem lutar contra o fascismo, sem esperar na oposição e nos republicanos a intervenção do Palácio ou de forças estranhas ao proletariado.

Interessante também é a posição da esquerda do PCI sobre o Antiparlamento e o *Aventino*. Para o grupo, a proposta de formação de um Antiparlamento foi um erro grave, pois o Partido deveria ter atuado no desenvolvimento da política autônoma do proletariado contra a burguesia e sublinhado os elementos “classistas, antifascistas, inconstitucionais e antidemocráticos da intervenção do terceiro fator proletário” (Não assinado, 1924/1925¹³⁷).

As críticas da esquerda de Bordiga eram bastante duras sobre a atuação do novo grupo dirigente do PCI. Compreendia que “a imprensa do Partido e a linguagem de todas as suas manifestações são inferiores às expectativas das massas, inadequadas à tarefa de um Partido revolucionário e à tensão das situações vividas”. Para a esquerda, “a hegemonia artificial de um grupo, o *Ordinovista*, cujas origens recentes de atitudes doutrinárias estranhas ao marxismo, mal retificadas por uma posição correta externa às lutas do

¹³⁵ II (Gramsci, 1978, p.465-466), Gennari, Gramsci, Maffi, publicado em *L'Unità*, 11 novembro 1924, I, n.233.

¹³⁶ *Il nullismo dell'Aventino* (Não assinado, 1978, p.206), não assinado, publicado em *L'Unità*, 12 novembro 1924, I, n.234.

¹³⁷ *Punti della Sinistra*, publicado em 1925, APC, busta 340, fogli 26-3. Disponível em: <<https://www.quinterna.org/archivio/1924_1926/punti_sinistra.htm>>. Acesso em 12 de outubro de 2024.

proletariado de Torino”, expunham a ausência de lealdade à ideologia comunista e deixariam um

longo caminho a ser percorrido no difícil caminho que pode levar de um revolucionismo literário idealista, individualista, liberal, à teoria e prática revolucionárias classistas, um caminho que não pode ser preenchido por uma ortodoxia em direção a Internacional Comunista constituída apenas por adesões externas e formais às resoluções posteriores, por uma defesa ocasional e contingente destas que não revela qualquer contribuição substancial e sistemática (Não assinado, 1924/1925).

Nesse sentido, as críticas foram expandidas para todas as propostas de criação de Comitês de operários e camponeses, de Conselhos de Fábrica e de Comitês de Agitação. O objetivo da esquerda não era a rejeição completa, mas que esses órgãos tivessem atuações especificadas em relação às necessidades das massas, bem como deveria ser descartado qualquer caráter de substituição dos órgãos sindicais e coligação com outros partidos:

na ausência de uma diretriz mais viva e rígida da política do Partido, todas estas campanhas servem apenas não para mover e conquistar, mas para cansar e decepcionar as massas (Não assinado, 1924/1925).

Por mais que as críticas do grupo Bordiga surtisse efeitos dentro do Partido, demonstrando questões a serem refletidas pelo novo grupo dirigente, fato é que o fascismo e o cotidiano de violência que as massas estavam submetidas, bem como o próprio PCI, parecem analisados com ausência de profundidade, assim como a questão meridional. É certo afirmar que o grupo bordiguista careceu de análise teórico-histórica e de centralismo democrático na organização do Partido desde sua fundação. Por mais que se trate do conflito interno e da disputa na correlação de forças, Bordiga e seu grupo parecem não querer enxergar o complexo e sangrento processo de reconstrução do Estado italiano e do próprio PCI, por mais que seus amigos e camaradas fossem massacrados pelos assassinos de Mussolini.

No dia 12 de novembro¹³⁸, a Câmara dos deputados, fechada durante cinco meses, foi reaberta e a primeira ação dos deputados comunistas aconteceu. Os assassinos de Matteotti ainda não haviam sido julgados e lançava-se o problema: o Ministério presidido por Mussolini e manobrado pelas milícias assassinas julgariam o crime? Nas salas do Parlamento, deputados fascistas homenageavam Matteotti e o corajoso deputado comunista

¹³⁸ No mesmo dia, Gramsci escreveu os informes para o camarada Vincenzo. A situação na Lombardia parecia promissora, pois os comunistas se fortaleciam diariamente.

Luigi Repossi fazia sua intervenção: “Desde que o mundo é mundo, nunca se permitiu os responsáveis de um assassinato homenagear as vítimas” (Fiori, 1979, p.233).

Para os comunistas, a articulação do Partido e da escola por correspondência seria uma das táticas mais eficazes para educar os membros do Partido, principalmente no momento do Antiparlamento. O Congresso da Federação Comunista constituiu importante papel na deliberação da constituição do grupo *Ordine Nuovo* para desenvolver a atividade no campo da escola por correspondência. O objetivo foi a criação de uma “escola de marxismo-leninismo, ordenar a atividade, desenvolver uma incansável propaganda para que cada militante se torne um estudante disposto e diligente, compilar os programas de estudo, etc.”. A formação dos dirigentes tinha como necessidade o aperfeiçoamento do maior número possível de militantes, com rico material de estudo e discussão, mas sem desaparecer a necessidade “de uma escola onde os colegas possam reunir-se, discutir e monitorizar-se” (Não assinado, 1978, p.207¹³⁹).

O exemplo concreto foi o da Escola dos Emigrantes Políticos Italianos de Leningrado, a qual o curso se dividia em três semestres, com as disciplinas:
Os princípios do marxismo (materialismo histórico e economia política);
A tática do Partido Comunista Russo de 1905 a 1922 (segundo os livros de Lenin);
A história da Revolução Russa, do Partido Comunista Russo, da organização dos Soviet, da Guerra Civil;
História e tática da Internacional Comunista;
Tática militar;
Organização do Exército Vermelho (Não assinado, 1978, p.207).

Certamente que a complexa situação da Itália, e de atuação clandestina do Partido, precisaria de um trabalho “mais modesto”, mas que fosse vantajoso para os militantes. Ainda assim, as apostilas utilizadas pela Escola de Leningrado seriam utilizadas pelo curso por correspondência na Itália. A discussão no *L'Ordine Nuovo* ocorria em duas direções fundamentais: a formação e autoeducação dos militantes comunistas e a luta antifascista a nível nacional.

No artigo *La caduta del fascismo*¹⁴⁰, publicado em 15 de novembro, no mesmo dia em que a escola por correspondência, aos moldes bolcheviques, foi finalmente divulgada, a questão sobre o problema nacional foi colocada de forma concreta: como derrubar o Ministério presidido por Mussolini?

¹³⁹ *Cronache de L'Ordine Nuovo* (Não assinado, 1978, pp.207-208), não assinado, publicado em *L'Ordine Nuovo*, 15 novembro 1924, I, n.7.

¹⁴⁰ *La caduta del fascismo* (Não assinado, 1978, pp.208-210), não assinado, publicado em *L'Ordine Nuovo*, 15 novembro 1924, s.III, I, n.6.

Tal questão demonstra a análise equivocada dos republicanos e *massimalistas* em acreditar que derrubando o Ministério e Mussolini, o fascismo seria derrotado. Segundo o artigo, as oposições burguesas colocaram o problema “da forma mais estreita possível, acreditando assim que têm uma tarefa mais fácil de realizar, têm-se debatido num beco sem saída desde junho” (Não assinado, 1978, p.208).

As milícias de Mussolini, que obedeciam apenas a ele, faziam com que a política estivesse manobrada para um campo não comum e longe do habitual, dificultando a forma de luta: “para superar o obstáculo da milícia, lutamos durante vários meses, mas em terreno inadequado (...) Mas, no final nos encontramos de volta onde estávamos antes. Mussolini não vai embora” (Não assinado, 1978, p.208)”.

O fascismo se tornava tendência e expressão direta “de não mais se colocar como um simples instrumento da burguesia, mas de prosseguir na série da opressão, da violência, dos crimes, de acordo com a sua razão interna” (Não assinado, 1978, p.210). A análise sobre o fascismo, diversa da linha diretiva de Bordiga, entendia agora como uma

quebra a alternativa normal de períodos de reação e períodos de “democracia” de uma forma que à primeira vista pode parecer favorável à preservação de uma linha reacionária e a uma defesa mais rígida do regime capitalista, mas na realidade pode resultar no oposto (Não assinado, 1978, p.210).

Segundo o artigo, os elementos nacionais e internacionais eram desfavoráveis para qualquer plano de conservação do regime fascista e da ordem capitalista. A crise econômica, o desconforto das massas em relação ao julgamento do assassinato de Matteotti, a violência causada pela opressão fascista e policial, poderiam resultar em uma situação da qual a burguesia não conseguiria ser resgatada da decadência. Em termos de luta operária no horizonte havia alguma esperança, pois “a intervenção das forças da classe trabalhadora torna-se cada vez mais possível, e o dilema fascismo-democracia tende a converter-se no outro: fascismo - insurreição proletária” (Não assinado, 1978, p.210).

Mesmo com os problemas e dificuldades enfrentados, o PCI chegava a 30 mil filiados, além dos emigrados - que Gramsci não quantifica -. Afirma para Vincenzo, em carta de 25 de novembro, que houve uma recuperação, “do ponto de vista organizacional”, do que havia sido perdido após 1922. Politicamente, os ganhos foram representativos, pois a linha política do Partido despertava simpatia e interesse nas massas, mas permanecia apenas no estado de espírito e não se concretizava na atividade política concreta porque “os organismos intermediários, federações e seções urbanas, ainda não funcionam como seria desejável,

embora tenham sido alcançados grandes progressos também nesse domínio” (Gramsci, 1992, p.397). Em Milão, por exemplo, acontecia uma manifestação significativa, com mais de 4 mil operários que gritavam entusiasmados “Viva o Partido Comunista!”.

O fascismo parecia enfraquecido e instável. No dia 26 de novembro, Ítalo Balbo foi responsabilizado por um jornal por sua culpa no assassinato de Dom Minzoni. Uma carta na qual fala sobre a impunidade dos assassinos vem à tona e o líder das esquadras da Romanha foi forçado a renunciar. O processo do assassinato de Matteotti era finalizado e os magistrados pediam o indiciamento dos executores, além de Rossi e Marinelli.

O fascismo parecia seguir em queda livre. No entanto, a massa continuava desorganizada e os problemas pontuais precisavam ser resolvidos: os militantes mais qualificados deveriam trabalhar no centro, no jornal, se deslocarem para a periferia com o objetivo de articular e ampliar o trabalho das organizações. O velho grupo dirigente havia emigrado, os meios financeiros eram muito escassos e não permitiam a ampliação de um plano de trabalho mais bem definido.

O novo grupo dirigente trabalhava incansavelmente na formação e na autoeducação dos camaradas: tudo era estudado, até mesmo os pequenos problemas locais, com cartas, circulares, vistorias. Do ponto de vista das tendências dentro do Partido, Gramsci afirmava para Vincenzo que houve grande diminuição da influência de Bordiga e “um fortalecimento da autoridade do Comitê Central e da Internacional”. Os operários, mesmo em Napoli, criticavam Bordiga pela concepção política geral. O Partido tornava-se mais respeitado “mesmo pelos adversários mais ardentes: aparece como uma força séria que se desenvolve implacavelmente. Pensa-se mais uma vez que poderá tomar o poder mais cedo do que pensa” (Gramsci, 1992, p.398).

Escreve para Giulia que

O centro do Partido deve intervir continuamente nos locais, estimular e controlar o trabalho, assistir os companheiros, orientá-los, trabalhar com eles. Tornamo-nos muito fortes. Conseguimos fazer comícios públicos em frente às fábricas, na presença de 4 mil operários que aclamavam o Partido e a Internacional. Os fascistas não incutem mais tanto medo. Já se verifica que depois de um comício a massa se dispõem em fileiras para atacar a casa de algum chefe fascista. A burguesia está desagregada. Não sabe mais arrumar um governo de confiança, tem de agarrar-se desesperadamente ao fascismo. As oposições se enfraquecem e na realidade só trabalham para obter de Mussolini um maior respeito das formas legais (Gramsci, 1992, p.401).

O fascismo era desmascarado como uma inconstitucionalidade do Estado e Mussolini era visto como um líder de delinquentes e mandante de violências. O proletariado

e o campesinato, em situação econômica desastrosa, despertavam suas forças no final de mais um ano violento. A organização de massa, ainda complexa e difícil, atuava de forma demorada, dada a urgência da situação, nas células, aldeias e movimentos. Mas, havia sinais de mudança.

5.2 A bolchevização do PCI e as fábricas

Na trilha de problemas e fracassos deixados pelos anos de repressão fascista, as forças de oposição, completamente derrotadas, buscavam algum respiro nas tendências revolucionárias, ainda moleculares, formadas durante o *Aventino*. Caminhava-se a passos rápidos para a consolidação da revolução passiva e da reestruturação do Estado italiano em sua pior forma: a ditadura fascista. O famoso discurso de Mussolini, no dia 3 de janeiro de 1925, no qual assumiu a responsabilidade pela violência, assassinatos e onda de horror no país, deixou claro que o novo modo de ser da Itália se tornaria, por longos anos, o fascista.

O discurso de Mussolini “foi o sinal para uma decidida ofensiva fascista que alterou profundamente a relação de forças. Afastada do povo e das ruas, a oposição liberal e reformista foi facilmente derrotada” (Bianchi, 2018, p.806). Durante a exposição, com muitos aplausos e aprovações, falou sobre a necessidade de acabar com o *Aventino*, instaurar a pena de morte no Código Penal, não como retaliação, mas após julgamentos legais e justificou com uma longa fala sobre a violência contra os fascistas.

A Itália vivia a onda de revolta e de resistência antifascista, a qual Mussolini culpabilizava as lideranças do *Aventino* e deixava clara a necessidade de revidar de forma institucional. A democracia liberal italiana morria, golpe a golpe, e a revolução passiva triunfava com a admissão de Mussolini pelos crimes cometidos.

Se o fascismo é uma associação criminosa, eu sou o líder dessa associação criminosa! Se toda a violência foi resultado de um clima histórico, político e moral específico, então assumo a responsabilidade por isso, porque criei esse histórico, político e moral com uma propaganda que vai desde a intervenção até hoje (Mussolini, 1956, p.239).

O discurso de Mussolini, que anunciava uma nova fase do fascismo, de início da ditadura, em realidade tinha como objetivo a obtenção de um resultado semelhante a das eleições de 6 de abril, mas em que a figura de Mussolini aparecesse em prevalência e não os fascistas. Até o período Matteotti, o fascismo buscava organizar o proletariado, sem êxito. Após o discurso, as táticas se transformam e o fascismo se entrincheira, de fato, no Estado e

organiza a classe operária nos sindicatos fascistas. O PNF, cada vez mais forte, se beneficiou com a destruição dos outros partidos políticos, até mesmo o Partido Popular e o Partido Socialista Italiano. O programa de destruição dos outros partidos teve ampliação com leis em 1925 e 1926, principalmente com a ofensiva contra a maçonaria, representante da burguesia italiana (Togliatti, 1976).

O fascismo, no entanto, também possuía seus problemas internos¹⁴¹: a luta por cargos, os exilados políticos que levavam para o mundo o que acontecia na Itália, a disputa com os católicos pela área educacional, os problemas econômicos, a impotência na África, além da pressão exercida pelas massas com greves e rebeliões em Venezia, Milano, Roma, Catania, Treviso, Crespano e Padova.

A nível internacional, as disputas internas no Partido Bolchevique não eram poucas e influenciavam profundamente as organizações comunistas ao redor do mundo, assim como o fracionismo de Amadeo Bordiga entre os militantes comunistas do PCI. O Estado russo seguia na fórmula da NEP e do capitalismo de Estado como forma de transição para o socialismo, ao passo que se tornava essencial o processo de formação cultural, de reforma moral e intelectual, do proletariado e do campesinato russo.

No dia 04 de janeiro de 1925, o grupo mais atuante do PCI preparou um documento de Intervenção para o Comitê Executivo do PCI. O texto *Dopo il discorso del 3 gennaio*¹⁴² é uma análise dos “atos terroristas fascistas” (APC, p.467, 1978), os quais não seriam finalizados com o retorno ao Parlamento e uma reorganização do Estado e das Forças Armadas. A necessidade de organizar um movimento insurrecional na Sicília e na Sardenha se fazia de grande importância para articulação das forças camponesas e da aliança com o proletariado.

Na mesma linha de ação prática, a delegação italiana preparava os delegados para participação no Pleno Executivo Alargado da IC, que ocorreria em março e abril. Os militantes Terracini (Urbani), Mersú (Piccini), Maffi, Leonetti, Flecchia (Cartelli), Gennari, Camilla Ravera (Silvia), Tasca (Valle), Raveda (Primo), Bibolotti, Serrati, Tonetti, Luigi Longo, representando a Juventude e Malatesta, concentravam-se em torno de Gramsci. Para os comunistas, a palavra de ordem deveria ser transformada em palavra de ação para que

¹⁴¹ No discurso de Mussolini há uma narrativa sobre a violência exercida pelos “subversivos”. Narra um acontecimento interessante: “Em Crespano, o quartel dos *carabinieri* foi invadido por cerca de vinte mulheres desordeiras” (Mussolini, 1956, p.240).

¹⁴² *Dopo il discorso 3 gennaio* (1978, pp.466-467). Intervenção ao Comitê Executivo do PCI (APC, 1925/245), escrito em 4 de janeiro de 1925.

pudesse ocorrer uma implantação da estratégia comunista.

No entanto, as dificuldades não eram menores do que nos anos do *biennio nero*. A imprensa estava proibida e os ataques fascistas não diminuíram, fato que retirou toda a força da oposição, liquidando o *Aventino* enquanto Mussolini preparava a desmatteottização da nação. A oposição antifascista não decepcionava e nem surpreendia, mas criava um grande bloco democrático popular, liberal, liderado por Giolitti, Salandra e Orlando.

O *Aventino* terminou sua história de funcionamento: a parte original assume uma nova posição e baseia-se na formação de um centro-liberal-constitucional com fisionomia e programa político próprio. No seio do *Aventino* existem, no entanto, alguns elementos que tendem para outras saídas: estes elementos sabem que as forças constitucionais do *Aventino* só querem suceder a Mussolini e que usarão o Comitê de Ação da oposição apenas como um comitê de provocação (que, no entanto, fará muito pouco porque Giolitti quer evitar hoje uma ação violenta) (APC, 1978, p.468)¹⁴³.

Dentre as forças de oposição ao fascismo, o reformismo, escondido sob a bandeira do Partido Socialista, ainda possuía grande força. A figura histórica de Filippo Turati foi muitas vezes confundida com o socialismo, no entanto, na correlação de forças antifascistas, ficou claro que o PSI, assim como o PSU, atuou como partido do liberalismo democrático, mantendo a função de uma esquerda burguesa (Não assinado, 1978, p.545)¹⁴⁴.

Os comunistas entendiam que Mussolini transformaria o PNF em

um partido conservador e, com a nova lei eleitoral, conseguirá facilmente formar uma maioria Mussolini em vez de uma maioria fascista, sem violência física e substituindo esta violência pela fraude (APC, 1974, p.468).

De fato, pois desde o assassinato de Matteotti, as táticas de Mussolini não estavam em completa concordância com os elementos mais extremistas dos *fasci* que, mesmo proibidos de se organizarem, continuavam atentando contra qualquer oposição. O novo ditador, no entanto, reorganizava o Estado em torno de si mesmo, da CGL, da indústria e da questão sindical.

As forças antifascistas estavam localizadas nas forças confederais, no entanto, a tática da CGL era a de eliminação total de todas as forças revolucionárias. O documento dos comunistas, *Relazione al Comitato Generale*, foi essencial para a divulgação da situação

¹⁴³ Relazione al Comitato Centrale (1978, pp.467-474). Intervenção ao Comitê Executivo do PCI (APC, 1925/296/5), escrito em 4 de janeiro de 1925.

¹⁴⁴ *La funzione del riformismo in Italia* (Não assinado, 1978, pp.545-458), publicado em *L'Unità*, 5 fevereiro 1925, II, n.27.

italiana de acordo com o olhar dos comunistas. O principal ponto versa sobre a situação política, mas, a questão sindical e a questão Trotsky não eram menos importantes e seriam levados ao Pleno do Ceic, assim como a aliança operário-camponesa e tornar realidade os comitês operários e camponeses.

A estratégia do PCI foi de intensificação da atividade de educação e formação, de explicação para as massas do significado e do valor das palavras de ordem dos comitês de operários e camponeses para a organização da luta política. A preparação para uma insurreição estava na ordem do dia não como solução imediata, mas como preparação concreta, pois “os últimos acontecimentos políticos” (APC, 1978, p.470) marcavam

o início de uma fase em que a insurreição se torna uma possibilidade, torna-se o único meio de expressão da vontade política das massas, ao qual são retiradas todas as outras formas de expressão (APC, 1978, p.470).

Seria necessária a ampliação das bases e a organização das células de rua que auxiliariam nos bairros das grandes cidades. A questão do armamento também é colocada de forma essencial e não seria um problema para os comunistas se o Partido estivesse bem articulado com as massas. Um importante aspecto é a noção de organização dessas células de rua para o trabalho político, pois os comitês não poderiam ser constituídos apenas por operários fabris, mas deveriam “tornar-se organizações de massas, com a participação de toda população que não trabalha nas fábricas, e com a intervenção das mulheres” (APC, 1978, p.471).

No entanto, a ação sindical entre as massas se mostrava insuficiente e deveria abranger os trabalhadores não sindicalizados. Na concepção dos comunistas, certamente seria colocado o problema da divisão sindical, mas que deveria ser evitado e, se não houvesse saída, ser superado “na medida em que conseguirmos que o movimento seja dirigido pelos comitês de operários e camponeses nas fábricas e [...] camponeses” (APC, 1978, p.472). A formação de uma comissão sindical deveria ser um órgão de massas de direção para as massas de operários organizados na CGL e os trabalhadores que estivessem fora dela, mas evitando conflitos e cisões com a CGL.

O aparelho sindical comunista deveria ser o responsável por aguçar e dirigir todos os movimentos para a criação dos comitês. Entretanto, a luta não deixava de ter dificuldades, pois o estatuto da CGL proibia que qualquer membro fosse responsável por movimentos de massa. A sugestão pairava sobre a tradução da experiência russa: “Como na Rússia, teremos

que criar uma organização centralizada de Conselhos de trabalhadores que substitua a atual organização sindical para a mobilização e ação das massas” (APC, 1978, p.473).

Na questão partidária, o PSI também aparecia como um problema na correlação de forças na direção do proletariado e do campesinato, por mais que já não exercesse a influência dos primeiros anos do século XX. Para os comunistas, a solução estava no processo de formação, organização e atuação de atividades à esquerda do PSI para que sua desintegração fosse acelerada. No PCI, a preocupação com a questão internacional e com as questões internas do Partido Bolchevique também se assemelhava com a questão Bordiga, o qual se aproximava cada vez mais das posições de Trotsky e de um fracionismo no PCI.

A atitude de Bordiga, como a de Trotsky, tem repercussões desastrosas: quando um camarada que tem o valor de Bordiga se retira, surge entre os operários uma desconfiança no Partido e, portanto, produz-se derrotismo. Tal como na Rússia, quando Trotsky tomou essa atitude, muitos trabalhadores pensaram que tudo na Rússia estava em perigo. O que felizmente parecia não ser verdade (APC, 1978, p.474).

Como o Partido Bolchevique se tornou um ponto de referência para todas as sessões da IC, desde o V Congresso da IC, em julho de 1924, a tática foi a bolchevização dos partidos comunistas, que tiveram menos de um ano para se reestruturarem e se organizarem. Nas preparações para o Pleno Alargado, a bolchevização dos Partidos Comunistas estava na ordem do dia e a posição do grupo dirigente era de rejeição à análise de Trotsky. De acordo com os comunistas italianos, o revolucionário russo estava equivocado no que dizia respeito as previsões sobre o supercapitalismo americano, com braço na Europa e na Inglaterra, capaz de produzir uma escravidão prolongada ao proletariado, com domínio direto do capital americano. Para o grupo, tais previsões errôneas adiariam a revolução indefinidamente e mudaria a tática da Internacional Comunista, assim como a tática do Estado russo, de forma que produziria um movimento contrarrevolucionário (APC, 1978, p.473).

Na carta de 5 de janeiro, para Mauro Scoccimarro, Gramsci (1992, pp.405-406) denunciou os acontecimentos na Itália e o agravamento da situação, assim como comunicou a prisão de Ottavio Pastore, diretor do jornal *L'Unità* e que Felice e Romano, redatores do órgão comunista, eram procurados. A possibilidade de dissolução do Partido Comunista se tornava iminente. “A Itália livre foi dissolvida”, escrevia Gramsci. A população, no entanto, se articulava de maneira espontânea, com incêndios, invasões em quartéis e ataques por todo o país.

Após o intervalo de praticamente uma semana, Gramsci escreveu outra carta para

Mauro Scoccimarro relatando quão numerosas eram as prisões e a dissolução da organização comunista de Firenze. As publicações nos jornais também eram um problema, pois não podiam ser divulgadas devido ao risco de aprisionamento. Dessa forma, o jornal *L'Unità* ficaria suspenso até que fosse aprovada a nova lei da imprensa. Publicações de panfletos ilegais, assim como o *Il Comunista*, *L'Ordine Nuovo*, *La Verità* e *La Proletaria*, se intensificavam e marcavam a tática do Partido (Gramsci, 1992, pp.407-408).

Mussolini passou o mês de fevereiro muito adoecido e os boatos se espalhavam entre os fascistas e nos jornais de oposição. Havia muita esperança de que o *Duce* houvesse morrido, no entanto, mesmo acometido por uma grave úlcera, compareceu no dia 13 de fevereiro no *Palazzo Venezia* para a 60ª *Riunione del Gran Consiglio del Fascismo*¹⁴⁵ que rearticulava a juventude fascista e as milícias. No mês de março, em multidões agitadas e barulhentas, os fascistas comemoravam o aniversário dos *fasci* e o meio milhão de filiados no PNF. Mussolini acreditava ter superado a crise Matteotti e começou a promover a reorganização das milícias fascistas e das forças armadas, com a finalidade de institucionalizar a violência nos projetos de reforma das Forças Armadas e de reforma eleitoral.

Gramsci se concentrava na viagem internacional que trazia suas vantagens: se reaproximar de Giulia, do filho e dos camaradas que conheceu durante os anos na Rússia e participar do Pleno Alargado da IC como dirigente do PCI. Em Moscou, durante 21 de março e 5 de abril aconteceu o Pleno Alargado da IC, sem a participação de Bordiga¹⁴⁶ e com a presença de Grieco, Scoccimarro, Oberti, Gramsci e Flechia.

No V Executivo Ampliado, a delegação italiana foi a princípio muito discreta quanto à condenação de Bordiga, que estava ausente. Gramsci permaneceu em silêncio. Scoccimarro, em sua primeira intervenção, limitou-se a explicar os detalhes da luta contra Bordiga. Numa segunda intervenção, solicitada por Stalin, Scoccimarro condenou ferozmente Trotsky e Bordiga (Guillamón, 2020, p.324).

As críticas a postura do fundador têm como ponto central a criação de um patriotismo partidário vindo de Bordiga, além do amor pelas posições revolucionárias e frases de efeito marxista, assim como Serrati fez após o Segundo Congresso da IC e levou à exclusão dos

¹⁴⁵ O discurso de Mussolini foi publicado no número 39, no dia 14 de fevereiro de 1924, no jornal *Il popolo d'Italia*.

¹⁴⁶ Bordiga não compareceu ao V Executivo Ampliado e a convite de Bruno Fortichiari, secretário da Federação de Milano, foi a uma Conferência no dia 22 de março para falar sobre o papel das classes médias e dos intelectuais.

massimalistas da IC. No Pleno, a pauta se concentrou na bolchevização dos partidos e na estabilização do capitalismo. O desafio principal foi reconhecer que os partidos comunistas foram formados no momento da crise do pós-guerra e que falharam na tarefa de fazer a revolução. “Era, portanto, necessário que se transformassem profundamente, para que quando surgisse uma nova situação revolucionária pudessem explorá-la adequadamente” se espelhando no Partido Bolchevique russo, “único partido que tinha completado vitoriosamente uma revolução” (Agosti, 1999, p.53).

A bolchevização significava a operacionalização dos partidos comunistas de maneira organizacional para que fosse estabelecida uma relação orgânica com as massas operárias em todo o mundo. O *locus* seria a fábrica e a relação entre capital e trabalho, de tal maneira a romper com a tradição da social-democracia na luta sindical, círculos eleitorais e atuação parlamentar (Agosti, 1999, p.54). Certo que a tática agradou a Gramsci, pois desde que aportou em Torino a questão da fábrica tornou-se central em sua militância e concepção de atuação de um partido revolucionário.

O centralismo democrático também foi retomado como aspecto essencial para a reestruturação organizacional dos partidos:

A reestruturação organizacional reproduziu então o modelo russo também sob outro aspecto: impôs a aplicação rígida do chamado centralismo democrático. Formalmente, esta fórmula implicava que, enquanto uma questão política ou organizacional estivesse em discussão, era necessária uma livre troca de ideias; mas que, uma vez tomada uma decisão, todos os membros do partido, mesmo aqueles que não concordavam com ela, estavam vinculados a ela e tinham de se comprometer a implementá-la. Os órgãos superiores do partido tinham autoridade para tomar decisões vinculativas para todos os órgãos inferiores, desde que se mantivessem dentro dos limites estabelecidos pelas resoluções do Congresso. Com efeito, isto significava que o grupo dominante tinha controle virtualmente ilimitado sobre a estratégia e táticas do partido, e que desafiar a sua autoridade equivalia a cometer um acto de indisciplina (Agosti, 1999, p.54).

Durante o Pleno, na exposição de Scoccimarro, Bordiga foi denunciado como um desvio de direita e uma corrente oportunista pequeno-burguesa dentro do Partido, que criou obstáculos para a concretização da bolchevização. Grieco, muito próximo de Bordiga, anunciou o afastamento teórico-político do camarada devido às semelhanças com Trotsky na assimilação mecanicista da dialética marxista e o formalismo dos métodos de luta.

A ideologia de Bordiga foi considerada um produto da Segunda Internacional, uma reação sectária ao oportunismo e ao parlamentarismo, caracterizada pelo abstencionismo, pela redução do papel do partido a uma organização de quadros

em vez de um partido de massas, e uma tática de concepção baseada em um sistema de fórmulas imutáveis (Guillámon, 2020, p.263).

Após o encontro em Moscou, os comunistas italianos levaram a tática da bolchevização como uma das principais tarefas do novo grupo dirigente do PCI. As publicações em jornais e circulares de todo o ano de 1925 foram a preparação para o III Congresso e o processo da reorganização do Partido por meio da formação dos quadros políticos e dos militantes na linha tática da Internacional. Nos outros partidos, o debate interno empobreceu, mas no PCI foi o contrário, pois “a aprovação promovida pela Internacional visava sobretudo reduzir o papel de Bordiga no PCI” e sua oposição sobre a frente única e a possibilidade de reunificação com o PSI. Durante os meses que se seguiram foi aberto um caminho “para a afirmação, com a aprovação de Moscou, de um novo grupo dirigente, liderado por Gramsci, que assumiu definitivamente o controle do Partido no seu III Congresso” (Agosti, 1999, p.56).

Gramsci retornou à Itália no dia 21 de abril com a notícia da prisão de Togliatti, que seria solto somente na Anistia. O debate da formação de dirigentes e da escola por correspondência estava cada vez mais forte e auxiliava nas tarefas que o PCI assumia, assim como na atuação de Partido revolucionário conforme a concepção de Gramsci e cada vez mais distante das concepções de Bordiga.

Somos uma organização combatente, e nas nossas fileiras estudamos para aumentar, para refinar as habilidades de combate dos indivíduos e de toda a organização, para melhor compreender quais são as posições do inimigo e as nossas, para podermos adaptar melhor a nossa ação diária a elas. Para nós, o estudo e a cultura nada mais são do que a consciência teórica dos nossos objetivos imediatos e supremos, e como seremos capazes de implementá-los (Não assinado, 1978, p.50)¹⁴⁷.

É importante ressaltar a importância que o novo grupo que assumiu a condução do PCI estabeleceu para a formação dos dirigentes, autoeducação e autoformação dos quadros políticos e dos operários e camponeses. Na concepção revolucionária de Gramsci, iniciada em Cagliari, desenvolvida no movimento diário e cotidiano dos operários de Torino e aperfeiçoada com o período em Moscou e em Viena, a fábrica é o *locus* central e mais importante para forjar o intelectual orgânico da classe operária. As dificuldades que o fascismo estabeleceu foram inúmeras, mas a escola por correspondência foi um dos mais

¹⁴⁷ *La scuola del Partito* (Não assinado, 1978, pp.48 - pp.50), publicado em *L'Ordine Nuovo*, 1º abril 1925, s.III, II, n.2

brilhantes projetos revolucionários do PCI desde sua fundação, pois significava mudar os rumos do Partido e da Itália.

A escola partidária deve ter como objetivo preencher a lacuna que existe entre o que deveria ser o que não é. Está, portanto, intimamente ligado a um movimento de forças que temos o direito de considerar como o melhor que a classe operária italiana expressou no seu seio. É a vanguarda do proletariado que treina e educa os seus quadros, que acrescenta uma arma - a sua consciência teórica e a sua doutrina revolucionária - àquelas com as quais se prepara para enfrentar seus inimigos e as suas batalhas. Sem esta arma, o partido não existe e sem o partido nenhuma vitória é possível (Não assinado, 1978, p.50).

*Introduzione al primo corso della scuola interna del Partito*¹⁴⁸ é um dos documentos mais importantes da *Scuola del Partito*, pois especifica a necessidade da classe operária e do Partido Comunista organizar uma apostila para estudos revolucionários. Editorada por Gramsci, inicia uma explicação sobre a situação da Itália: “durante quase cinco anos, o movimento revolucionário dos operários italianos caiu numa situação de ilegalidade ou semilegalidade”. Com a ausência de liberdade de imprensa, proibição de reuniões com mais de três pessoas, associação e propaganda, o movimento comunista foi fortemente reprimido e “a formação dos quadros dirigentes do proletariado já não pode ocorrer através das formas e métodos que eram tradicionais na Itália até o final de 1921” (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, pp.50-51).

Os elementos mais ativos da classe trabalhadora são perseguidos, são controlados em todos os seus movimentos, em todas as suas leituras; as bibliotecas dos operários foram queimadas ou dissolvidas, grandes organizações e grandes ações de massa já não existem ou não podem ocorrer. Os militantes não participam de tudo ou participam apenas de forma muito limitada nas discussões e conflitos de ideias; a vida isolada ou o encontro ocasional de pequenos grupos reservados, o hábito que pode formar-se numa vida política que noutros tempos parecia excepcional, desperta sentimentos, estados de espírito, pontos de vista muitas vezes errôneos e por vezes mórbidos (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, p.51).

O grave perigo apontado por Gramsci é do imediatismo da massa do Partido que, ao compreender a complexa situação italiana, elabore apenas os expedientes necessários “para escapar das surpresas do inimigo” e se distancie da concepção marxista e da atividade

¹⁴⁸ Em 1931, o texto (1974, pp.50-57) ficou internacionalmente conhecido e publicado em *Stato Operaio* (Paris, março-abril 1931, V, n.3-4, pp.162-168), com o título *Necessità di una preparazione ideologica di massa*. O texto citado neste trabalho faz parte do documento que circulou para os militantes do PCI entre o final de abril e maio de 1925, editado integralmente por Gramsci, mas foi assinado como *La Sezione agitazione e propaganda del PC*.

revolucionária. O dirigente aponta que na história da classe trabalhadora não é raro que ocorra esse tipo de comportamento. Compreende também que a recuperação de partidos revolucionários após períodos de ilegalidade

é muitas vezes caracterizada por um impulso reprimível de ação, pela qualquer consideração das relações reais de forças sociais, do estado de espírito das grandes massas de operários e camponeses, condições de armamento etc (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, pp.52).

Nesse sentido, *La scuola del Partito* teve como objetivo realizar a atividade específica de “melhorar a situação e a sua organização” para elevar “o nível intelectual dos membros que se encontram nas suas fileiras durante o período de terror branco” (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, pp.52). Certamente, na possibilidade de um novo cenário revolucionário e transformação para um Estado operário, os camaradas estariam mais preparados para administrar a máquina do Estado.

O documento, elaborado de forma muito didática, contém elementos sobre a luta do proletariado contra o capitalismo que podem ser revisitados em *Alguns temas da Questão Meridional*, no Q. 13 e com alguma atenção ao longo da obra de Gramsci. Para o dirigente do PCI, a luta ocorre na política, na economia e no campo ideológico, mas a luta econômica possui três fases:

de resistência contra o capitalismo, ou seja, a fase sindical elementar; de uma ofensiva contra o capitalismo pelo controle dos operários sobre a produção; luta pela eliminação do capitalismo através da socialização (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, pp.52-53).

A luta política também possui três principais fases: “a luta para conter o poder da burguesia no Estado Parlamentar”, com a finalidade de manter a democracia burguesa em equilíbrio para que o proletariado possa se organizar; “luta do poder pela criação do Estado operário, ou seja, uma ação política complexa através da qual o proletariado mobiliza em torno de si todas as forças sociais anticapitalistas (na vanguarda a classe camponesa)” e “fase da ditadura do proletariado organizada na linha dominante para eliminar todos os obstáculos técnicos e sociais que impedem a realização do comunismo” (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, p.53).

Gramsci não separa a luta política da luta econômica. Ao contrário, o nexos entre política-economia-ideologia existe de forma semelhante ao nexos cultura-política-trabalho, que refletiu durante o período da Revolução Bolchevique e *Biennio Rosso*. Sem ilusões com

a luta econômica e ressaltando o fator espontâneo das massas operárias, esclarece que para a luta sindical se tornar revolucionária

o proletariado deve acompanhá-la com a luta política, isto é, o proletariado deve estar consciente de ser o protagonista de uma luta geral que afeta todas as questões mais vitais da organização social, ou seja, deve ter consciência de lutar pelo socialismo (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, p.53).

Um aspecto importante é que Gramsci não descarta a espontaneidade das massas, mas compreende que esse não é suficiente para a luta revolucionária, pois “nunca leva a classe operária para além dos limites da democracia burguesa existente” (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, p.53). O elemento ideológico ganha importância porque parte do próprio cotidiano da classe trabalhadora e do campesinato a partir do momento em que compreendem suas condições de luta e em que se luta, assim como as condições precárias de vida e de trabalho, as estruturas e as tendências que operam o capitalismo e a exploração do trabalho e os processos dolorosos que sofrem devido os antagonismos de classe.

Gramsci é muito consciente sobre o processo de desenvolvimento da consciência não ser completamente transformada durante o capitalismo, pois as massas não possuem o aparato necessário de produção e educação. No entanto, a função do Partido revolucionário é de dirigir e representar esse processo, assimilando o marxismo e o leninismo. *La scuola del Partito* surgiu com a função de criar o laço cotidiano de autoformação dos militantes do PCI, com três aulas: sobre o materialismo histórico, sobre os elementos fundamentais da política geral e sobre o Partido Comunista e seus limites organizacionais.

Para a primeira aula foi traduzido o livro de Bukharin sobre o materialismo histórico. Na segunda aula, os temas trabalhados foram economia política, desenvolvimento do capitalismo até o capital financeiro, a guerra e a crise, o desenvolvimento das formas econômicas, a sociedade comunista e a transição, a doutrina comunista sobre o Estado, a I, II e III Internacionais, a história do Partido Bolchevique Russo e do PCI, o poder soviético e a estrutura da República dos *Soviets*, a política econômica do poder soviético e o comunismo de guerra, a origem e desenvolvimento da NEP, temas como indústria, política agrária e camponesa, cooperativismo e comércio, sindicatos e as funções, política financeira e a questão nacional. A terceira aula foi elaborada para expor a doutrina sobre o Partido e a organização revolucionária, seus princípios e as atividades diretivas da IC a partir do Pleno Alargado (*La Sezione agitazione e propaganda del PC*, 1978, pp.56-57).

As dificuldades para o estudo poderiam ser enviadas para a direção da escola do Partido, mas para apoiar as apostilas a decisão foi publicar mensalmente textos que tratem dos temas, assim como conselhos didáticos para que os militantes pudessem estudar sem orientação imediata. A constituição de um material orgânico de estudo, formação e luta, caminha em direção às concepções de Gramsci de autodisciplina, autoeducação e de cultura operária. É interessante observar nas entrelinhas do dirigente político os projetos do jovem que viveu em Torino se tornar realidade independentemente das dificuldades enfrentadas pela ilegalidade e violência fascista, demonstrando quão preparado estava para dirigir o PCI.

Sem perder a importância dos contatos internacionais e o importante papel que agora o PCI ocupava aos olhos de Moscou, em carta de 25 de abril de 1925, endereçada para Humbert-Droz, Gramsci expõe as complexidades da organização das massas italianas. A CGL declarava que as iniciativas comunistas nas fábricas eram ilegais: “proibição, portanto, com ameaça de expulsão, de congressos de fábrica, proibição de participar nas eleições de comissões internas, etc”. Tais ameaças tiveram inúmeros efeitos em muitos grupos e, segundo Gramsci, determinou certa tendência de passividade, assim como a crença de que a cisão seria a melhor saída. Os comunistas resistiam a ambas as tendências e tomavam medidas em relação à disciplina sindical ao apresentar candidatos comunistas para as eleições de comissões internas da Fiat de Torino, independentemente da proibição e ilegalidade (Gramsci, 1992, p.418).

No dia 21 de abril, Giovanni Gentile publicou no jornal *Il Popolo d'Italia* e nos principais jornais da Itália o *Manifesto dos intelectuais italianos fascistas aos intelectuais de todas as nações*. O texto é audacioso e com objetivo claro: explicar a ascensão do fascismo ao Estado e levar o ideal fascista para outros países, sem deixar de frisar que “o fascismo é um movimento recente e antigo do espírito italiano. Está intimamente ligado à história da nação italiana, mas não é desprovido de interesse ou significado para outras nações”. Gentile afirma que o fascismo surgiu em 1919, com Mussolini e ex-combatentes da Guerra que desejavam acabar com a política socialista. Os argumentos ressaltam os problemas escancarados e aprofundados devido à crise do pós-guerra, além de uma relação de corrupção quando há oposição entre Estado e indivíduo. Nesse sentido, o fascismo é exposto como um movimento da moralidade que defende a Pátria por meio do auto sacrifício dos indivíduos em nome de liberdade, de ideias e direitos (Gentile, 1925).

O fascismo se articulava ainda mais forte após a crise Matteotti e com cada vez mais adeptos, tornando a disputa com os comunistas, nas fábricas e nas ruas, ainda mais complexa.

O feriado de 1º de maio, data de luta para o proletariado mundial, foi cancelado por Mussolini no ano de 1925 devido à festa realizada no dia 21 de abril, em comemoração ao *Natale di Roma* - fundação da cidade -. A desmobilização das massas operárias seguia na ordem do dia para o fascismo e qualquer oportunidade de não aglutinar o proletariado e campesinato demonstrava o desastre que vivia o povo italiano.

Os antifascistas liberais também buscavam maneiras de se organizarem. No 1º de maio, o jornal *Il Mondo*, de Giovanni Amendola e *Il Popolo*¹⁴⁹, de Luigi Sturzo, publicaram um documento de resposta dos escritores, professores e publicitários italianos ao manifesto dos intelectuais fascistas. A publicação foi escrita por Benedetto Croce e assinada por Albertini, Alvaro, Amendola, Ansaldo, Benelli, Bracco, Calamandrei, Cassola, Cecchi, Chiovenda, De Lollis, Del Secolo, De Ruggiero, Einaudi, Fortunato, Ruffini, Matilde Serao, Tilgher. A publicação possui grande importância na história do antifascismo italiano, pois foi o momento de dissidência pública do maior filósofo italiano, antes apoiador do fascismo. De forma geral, o texto explora a esperança no povo italiano em se conscientizar por meio da cultura, da moral e da intelectualidade para a formação de uma unidade intelectual italiana antifascista. O manifesto incomodou Mussolini que além de ordenar a retirada de todas as cópias dos jornais, realizou uma convenção nacional fascista sobre cultura, inclusive com a participação da amante, Margherita Sarfatti.

É certo que o fascismo estava em constante transformação e, segundo Bianchi (2024, p.49), “se levarmos a sério o que os fascistas escreviam e diziam, não é possível negar que o fascismo teve uma ideologia e até mesmo uma doutrina”. De fato, as estratégias e táticas do fascismo se modificaram com o começo da revolução passiva e da guerra de posição, em 1921. Com o passar dos anos e das experiências, dos assassinatos e espancamentos, comícios e reuniões, o fascismo se tornou mais do que um amontoado de ideias e ideais de nacionalistas conservadores em certa decadência ideológica.

Em meio 23 de maio, o primeiro e único discurso¹⁵⁰ de Gramsci no Parlamento, é uma verdadeira aula sobre a história italiana, a Igreja católica, a maçonaria e o fascismo. Em carta para Giulia, no dia 25 de maio de 1925, expõe seu descontentamento em relação ao seu primeiro discurso no Parlamento italiano, assim como a tentativa dos fascistas em desarticular o Partido Comunista, com a aprovação da Lei contra organizações.

¹⁴⁹ Disponível em: <<<https://web.archive.org/web/20200329104424/https://www.ultimavoce.it/il-popolo-manifesto-antifascista/>>> Acesso em 10 de outubro de 2024.

¹⁵⁰ Discurso de Gramsci no Parlamento italiano, *Origini e scopi della legge sulle associazioni segrete*, pp.75 - pp.85. Publicado em *L'Unità*, 23 maio 1925, II, n.177

os fascistas deram-me tratamento preferencial, portanto, do ponto de vista revolucionário, comecei com um fracasso. Como tenho a voz baixa, eles se reuniram ao meu redor para me ouvir e me deixar dizer o que eu queria, interrompendo-me constantemente apenas para desviar o fio da conversa, mas sem qualquer desejo de sabotagem. Gostei de ouvir o que eles disseram, mas não pude deixar de responder e isso influenciou o jogo deles, pois cansei-me e já não conseguia seguir a abordagem que tinha pensado em dar ao meu discurso (Gramsci, 1992, p.420).

Demasiadamente interrompido por Mussolini e fascistas, o deputado comunista expôs a veracidade da Lei Sobre Associações Secretas, estrategicamente elaborada para a proibição de organizações, mas que nas entrelinhas propunha a perseguição e a punição do movimento comunista. Fresu aponta que “essa intervenção assumiu uma importância muito particular por três razões: porque é um elo fundamental entre a elaboração pré e pós-prisão sobre o tema do fascismo/classes dominantes; porque antecipa muitos da virada analítica” do III Congresso do PCI e “porque esclarece definitivamente a distância, agora irreparável, entre a abordagem teórico-política de Gramsci e de Bordiga” (Fresu, 2020, pp.188-189).

Gramsci confrontava Mussolini e os fascistas com uma análise clara e objetiva sobre o movimento que eles mesmos constituíam:

Como a maçonaria na Itália representou a ideologia e a organização real da classe burguesa capitalista, quem é contra a maçonaria é contra o liberalismo, é contra a tradição política da burguesia italiana. As classes rurais que foram representadas no passado pelo Vaticano são, hoje, representadas principalmente pelo fascismo. É lógico que o fascismo tenha substituído o Vaticano e os jesuítas na tarefa histórica, pela qual as classes mais atrasadas da população colocam sob seu controle a classe que foi progressiva no desenvolvimento da civilização. Este é o significado da realização da unidade espiritual da nação italiana, que teria sido um fenômeno de avanço há cinquenta anos, e hoje é o maior fenômeno de regressão... A burguesia industrial não foi capaz de desacelerar o movimento operário, não foi capaz de controlar o movimento operário, nem o movimento revolucionário rural. Assim, a primeira palavra de ordem instintiva e espontânea do fascismo, após a ocupação das fábricas, foi esta: “O rural controlará a burguesia urbana, que não sabe ser forte contra os trabalhadores”. Se não me iludi, ilustre Mussolini, essa não era a sua tese, e entre o fascismo rural e o fascismo urbano o senhor disse que preferia o fascismo urbano... (Gramsci, 1978, pp.75-85).

O discurso é um momento essencial na vida de Gramsci como militante político e como teórico da revolução socialista italiana. No entanto, não é apenas um Gramsci “maduro”, mas um Gramsci em movimento que foi capaz de relacionar os principais pontos da história italiana, as profundidades do movimento operário, da Igreja Católica, da maçonaria e das raízes do fascismo que “é apenas a substituição de um pessoal administrativo por outro” (Gramsci, 1978, pp.75-85), bem como da luta fascista pelo poder do Estado com a finalidade de reestruturar a hegemonia burguesa e o bloco que

historicamente constituiu o poder.

5.3 O fracionismo contra tudo e todos e as preparações para Lyon

As forças sociais eficientes da Itália, segundo a análise de Gramsci, estavam ao lado dos fascistas ou dos comunistas. Os partidos menores morriam lentamente e a crise afetava todos. Nos círculos intelectuais começavam a falar sobre a possibilidade de uma frente única com operários revolucionários. Os principais problemas pairavam sobre questões essenciais na organização do Partido: a ameaça dos reformistas que dividiam cada vez mais os operários no sindicato e a ameaça fascista que estava cada vez mais forte.

No segundo semestre de 1925, o grupo dirigente do PCI publicou diversos textos na coluna *Contro lo scissionismo frazionistico* com a finalidade de educar, formar e organizar uma unidade férrea para o III Congresso, que aconteceria em janeiro de 1926, na francesa cidade de Lyon. O debate do primeiro semestre se concentrava de forma contrária ao fracionismo de Amadeo Bordiga e seguia a linha da bolchevização: organizar o movimento operário a partir das células comunistas nas fábricas. A proposta das circulares ressalta a necessidade da disciplina do Partido, conforme anunciado nas apostilas da *Scuola del Partito*.

A concepção de Bordiga não era diferente das expostas nas *Teses de Roma*. Em *Punti della Sinistra*, escrito em fins de 1924 e 1925, é explícito que o posicionamento da esquerda bordiguista sobre a natureza e as tarefas do Partido se fundamentam no Congresso de Roma e em textos anteriores de Bordiga sobre o Partido de classe, diferente da concepção de Gramsci e de Togliatti, assim como da importância em transformar o PCI em um partido de massas. Para a esquerda, a noção do nexos partido-massa enquanto relação alargada e massiva era impossível e o PCI deveria manter a formatação, táticas, métodos e programa de Livorno (Não assinado, 1924/1925)¹⁵¹.

Sobre a organização do PCI em células, o posicionamento da esquerda é muito distinto da linha diretiva de bolchevização da IC. Compreendiam que os problemas da Itália não seriam solucionados com a organização tática do Partido nas fábricas, pois

Podemos lembrar que este é o tipo de organizações contrarrevolucionárias (Sindicatos, Partido Trabalhista), onde a divisão da classe trabalhadora em grupos profissionais produz a perda da visão dos objetivos de classe. É, portanto, errado argumentar que a organização territorial é a dos partidos eleitorais e social-

¹⁵¹ *Punti della Sinistra*, publicado em 1925, APC, busta 340, fogli 26-3. Disponível em: <<https://www.quinterna.org/archivio/1924_1926/punti_sinistra.htm>>. Acesso em 12 de outubro de 2024.

democratas, enquanto o sistema celular é a chave para corrigir as táticas revolucionárias (Não assinado, 1924/1925, np).

Um ponto importante e bastante distinto da concepção de tradutibilidade de Gramsci, é que a esquerda compreendia não ser possível referir e transplantar a experiência soviética de 1905 e 1917 para o Ocidente, pois o capitalismo russo estava debilmente desenvolvido e o aparato organizacional do Partido era composto por operários fabris e revolucionários conforme aglutinava o proletariado nos poucos centros industriais e articulava a ação sindical. Na questão sindical sobre a Frente Única mantinham posicionamento semelhante ao defendido durante o IV Congresso da IC: que o PCI não deveria se articular com outros partidos e outras organizações não comunistas e híbridas, mas adquirir a liderança da luta sozinho. Sobre a palavra de ordem “Governo operário”, quando sinônimo de “ditadura do proletariado” e utilizada sem significado próprio, eram contrários. Contrários também a utilização de algo que não fosse a ditadura do proletariado, caso apresentasse desvios parlamentares e elementares do marxismo revolucionário.

As preocupações e os apelos da IC, principalmente de Zinoviev, para que o grupo dirigente do PCI controlasse qualquer possibilidade de fracionismo liderado por Bordiga eram constantes. A possibilidade foi negada por Scoccimarro em carta ao Comintern, como um esclarecimento de que o Partido “é disciplinado nas suas organizações e “inexoravelmente ligado à Internacional”” (Spriano, 2014, np). Por mais que a ilegalidade, a opressão e a violência fossem parte do cotidiano italiano e tornassem a tarefa de organizar o Partido e o III Congresso ainda mais complicada, todas as organizações fracionais eram profundamente atacadas:

Desde 4 de junho, os secretários inter-regionais são chamados pelo Executivo “para destruir imediatamente aqueles que, nestes momentos em que o fascismo prepara novas armas para nos atacar, enfraquecem a nossa equipe” e tentam “desmantelar a força do partido e transformar num partido social-democrata disfarçado (Spriano, 2017, np).

No dia 07 de junho, *L'Unità* publicou a carta *Costituzione del Comitato d'Intesa*¹⁵², assinado por Luigi Repossi, Onorato Damen, Bruno Fortichiari, Mario Manfredi, Venegoni Carlo e Mario Lanfranchui. O texto expõe a necessidade da preparação necessária para a

¹⁵² Costituzione del Comitato d'Intesa, publicado em *L'Unità*, 07 de junho de 1925. Disponível em: <<https://www.quinterna.org/archivio/1924_1926/costituzione_comitatointesa.htm>>. Acesso em 08 de setembro de 2024.

realização do III Congresso do PCI, a ser realizado ilegalmente em Lyon. A proposta é para superar as diversas posições ideológicas no terreno do debate livre e sem limites.

Dessa maneira, propunham:

a) que a discussão tenha o tempo que o estado de despreparo das massas partidárias e a importância dos assuntos exigirem; b) que os Congressos provinciais só se realizem após exaustiva discussão na imprensa partidária; e) que nos Congressos provinciais seja concedido o direito de falar em interrogatório aos camaradas que sejam representantes reconhecidos das diferentes tendências; d) que a indicação dos delegados ao Congresso do partido seja feita pelos respectivos congressos federais; no entanto, caso esta nomeação seja feita com outros sistemas, é dado aos curadores provinciais das diversas correntes o direito de escolher os elementos chamados a fazer parte de quaisquer comissões; e) que finalmente seja reconhecido o direito de nomear e disciplinar os oradores que ilustrarão o pensamento desta ou daquela corrente do Congresso (Damen *et al*, 1925, np).

A mobilização política, o profundo debate e a circulação de textos entre os camaradas significava a realização de um trabalho exaustivo de esclarecimento da situação nacional, internacional e interna do PCI. Na ilegalidade, os militantes precisavam esconder os nomes de quadros políticos importantes como Camilla Ravera, Rita Montagna, Umberto Terracini, Angelo Tasca, Riboldi, Buffoni, Repaci, Olla, Serrati, Fugazza e Riccini, pois a qualquer momento os fascistas e a polícia poderia realizar prisões e afundar o partido completamente (Spriano, 2014).

Enquanto isso, no Teatro Augusteo, em Roma, entre os dias 21 e 22 de junho, “primeiro vêm os mortos. Os assassinados e os assassinos. E são quase sempre a mesma carne, a mesma pessoa” (Scurati, 2022, p.43), acontecia o IV Congresso do PNF. Mussolini e De Vecchi prestam homenagem aos mortos fascistas, mostram-se como coveiros de seus militantes exterminadores e da democracia burguesa, bem como sucessores na revolução passiva que estava perto de sua concretização. A centralidade do Congresso foi institucionalizar como lei a violência e fazer a Itália uma nação “desmatteottizada” e, para isso, não faltaram discursos imponentes das lideranças fascistas.

O discurso de Mussolini clamava a violência como moralidade guiada por um ideal. As palavras de Farinacci, anteriormente ditas na Piazza Colonna¹⁵³ após ter impedido uma manifestação de homenagem a Matteotti, não necessariamente falava sobre o deputado assassinado, mas sobre a demolição sistemática de qualquer oposição que existisse no país (Scurati, 2019). A realidade é que Gramsci já havia apontado no discurso ao Parlamento que

¹⁵³ “Hoje conseguimos demonstrar que a Nação está desmatteottizada e considera vagabundos todos os de Aventino” (Farinacci *apud* Scurati, 2019, p.49).

o objetivo da Lei contra as organizações secretas nada mais era do que massacrar os comunistas e qualquer tipo de organização antifascista. E o fascismo fazia exatamente isso.

Certamente que as preocupações de Gramsci com o fascismo não eram poucas, mas resolver as questões internas do PCI também eram essenciais, justamente para combater o fascismo. Nesse sentido, grande parte das publicações do jornal *Avanti!* se dedicavam ao debate a respeito do fracionismo. Assinado por Gramsci, o artigo *La volontà delle masse*¹⁵⁴, é uma resposta ao artigo de mesmo nome publicado em 13 de junho no *Avanti!*. A resposta é certa e realista no sentido que explica as distintas vontades das massas operárias existentes na Itália: “existe uma vontade comunista, uma vontade *massimalista*, uma vontade reformista, uma vontade liberal democrática. Existe também uma vontade fascista, num certo sentido e dentro de certos limites” (A.G., 1978, p.239), pois, enquanto existir o monopólio burguês e a imprensa estiver nas mãos do capitalismo, haverá diferentes vontades e nenhuma integração entre as massas.

O Partido Comunista representa os interesses de todas as massas operárias, mas implementa à vontade apenas de uma certa parte das massas, da parte mais avançada, daquela parte (proletariado) que quer derrubar o regime existente com meios revolucionários para fundar o comunismo (A.G., 1978, p.239).

Nesse sentido, a concepção de Partido aparece de forma clara, como um organismo que deve seguir o socialismo enquanto doutrina e unificar a vontade das massas que estão em movimento e em desenvolvimento da construção de uma sociedade distinta, bem como das relações existentes.

A questão a ser encarada e que estava escancarada na lógica da bolchevização, foi a de resolução da situação interna do PCI e as necessidades do próximo Congresso, como muito bem colocado no relatório escrito por Gramsci¹⁵⁵ em 11 e 12 de maio, mas publicado no jornal *L'Unità*, em 03 de julho, após ser aprovado pelo Comitê Central do Partido. *La situazione interna del nostro Partito ed i compiti del prossimo Congresso* fez parte da sessão de agitação e propaganda do jornal e divulgou a importância das discussões realizadas pelo Executivo Alargado da IC, entre março e abril, expressou a situação interna do Partido, bem como as tarefas para o III Congresso.

Na ocasião do Executivo Alargado da IC, a situação italiana e a crise do Partido,

¹⁵⁴ *La volontà delle masse* (Não assinado, 1978, p.238), publicado em 24 de junho 1925, II, n.144

¹⁵⁵ *La situazione interna del nostro Partito ed i compiti del prossimo Congresso*, publicado em *L'Unità*, 03 de julho 1925, II, n.152, pp.62-74.

em torno do fracionismo, não foi debatida, de forma que o PCI não sofreu nenhuma crise nas fileiras da IC. Nas reuniões, a questão da bolchevização foi o ponto principal, pois a fase de crise em toda a Europa possuía semelhanças desde 1921, com uma desaceleração do ritmo revolucionário e “como a composição geral dos partidos era pouco sólida ideologicamente” (Não assinado, 1978, p.63).

A fase atual que atravessam os partidos da Internacional caracteriza-se antes pelo fato de em cada um deles se ter formado e consolidado um núcleo fundamental através das experiências políticas dos últimos anos que determina uma estabilização leninista da composição ideológica dos partidos e garante que não serão mais afetados por crises e flutuações demasiado profundas e amplas. Colocando assim o problema geral da bolchevização tanto no domínio da organização como no da fortificação da formação ideológica, o Executivo Alargado afirmou que as nossas forças e as organizações internacionais atingiram o ponto de resolução da crise (Não assinado, 1978, p.63).

No relatório, a questão sindical novamente surge como um ponto essencial da luta operária. Após as ações repressivas do fascismo, os sindicatos perderam a eficiência numérica e combativa com os reformistas assumindo o mecanismo central, “concedendo todas as medidas e disposições que podem impedir que uma minoria se forme, se organize, se desenvolva e se torne maioria até conquistar o centro” (Não assinado, 1978, p.64).

Para a luta antifascista e organização do proletariado e do campesinato, as células fabris surgiam como alternativa para trabalhar diretamente nas fábricas com objetivo de centralizar as massas em torno do Partido, de fortalecer as comissões internas existentes, criar comissões de agitação nas fábricas em que não existiam CI. Em termos de autoeducação, importante seria fazer como na Rússia, com conscientização para a necessidade de centralização das “instituições fabris como organismos de massas não apenas de sindicatos, mas de luta contra o capitalismo e o seu regime político” (Não assinado, 1978, p.65).

Certamente que a situação política da Itália era de complexidade tão grande que a organização operária e camponesa se tornava cada dia mais difícil. No entanto, mais fortes, do ponto de vista ideológico e organizacional, deveriam ser as células, “porque temos de lutar não só contra a reação do Estado fascista, mas também contra a reação dos reformistas no sindicato” (Não assinado, 1978, p.66).

As células são parte essencial do processo de bolchevização e se opor a essa forma de organização “do partido por células, significa ainda estar preso às antigas concepções social-democratas, significa estar verdadeiramente num terreno de direita, isto é, num

terreno em que não se quer lutar contra a social-democracia” (Não assinado, 1978, p.66).

I cinque punti di Lenin per un buon partito bolscevico é parte do relatório em que apresenta propriamente questões pertinentes para resolução do problema do fracionismo do PCI:

- 1) todo comunista deve ser marxista (hoje diríamos: todo comunista deve ser marxista-leninista;
- 2) todo comunista deve estar na vanguarda das lutas proletárias; todo comunista deve abominar poses revolucionárias e frases superficialmente escarlates, ou seja, deve ser não apenas um revolucionário, mas também um político realista;
- 3) todo comunista deve sentir que está sempre subordinado à vontade do seu partido e deve julgar tudo do ponto de vista do seu partido, ou seja, deve ser sectário no melhor sentido que esta palavra pode ter;
- 4) todo comunista deve ser internacionalista (Não assinado, 1978, p.67).

Gramsci faz interessante reflexão sobre como o PCI carecia de elementos e conhecimentos do marxismo-leninismo devido às próprias tradições do movimento socialista italiano, com a ausência de discussões teóricas. A questão da bolchevização do Partido, como desenvolver o partido para que se tornasse uma unidade capaz de liderar o proletariado na luta, no campo ideológico, não poderia apenas levar em consideração as questões que envolviam a esquerda de Amadeo Bordiga, pois deveria abordar a questão geral do partido e os problemas de níveis teóricos e políticos de todos os camaradas.

O III Congresso deveria dar respostas concretas sobre o processo de bolchevização, assim como elaborar uma ação política real que fosse capaz de derrubar o regime capitalista e criar uma base de operários revolucionários, assim como examinar profundamente os problemas essenciais da vida e do Estado italiano e buscar soluções para favorecer “a aliança revolucionária do proletariado com os camponeses e concretiza a hegemonia do proletariado” (Não assinado, 1978, p.74), de forma a preparar um programa de governo.

No mês de julho, o Partido seguiu combatendo a linha fracionista, antileninista, de Bordiga e dos fracionistas. No documento¹⁵⁶ *Il Partito si rafforza combattendo le deviazioni antileniniste*, a análise da situação italiana é muito clara: as condições não eram revolucionárias como foi a Rússia de 1905 e 1917. O documento faz uma análise detalhada da concepção de Lenin sobre o Partido revolucionário que deveria agir como a

¹⁵⁶ *Il Partito si rafforza combattendo le deviazioni antileniniste*, pp.249-255, publicado em *L'Unità*, 5 de julho de 1925, II, n.154. Republicado em 07 de julho.

vanguarda do proletariado, ou seja, é a parte mais avançada de uma classe específica e apenas desta. Naturalmente, outros elementos sociais (intelectuais e camponeses) também podem aderir ao Partido, mas deve permanecer claro que o Partido Comunista é organicamente uma parte do proletariado (Não assinado, 1978, p.250).

Na leitura de Gramsci, o movimento operário se torna revolucionário conforme a classe operária se conscientiza da sua potencialidade em resolver os problemas que o capitalismo coloca em seu desenvolvimento. Compreende que o desenvolvimento da consciência de classe não ocorre espontaneamente, “mas apenas porque os representantes da ciência e da tecnologia, podendo fazê-lo devido à sua posição de classe específica” (Não assinado, 1978, p. 250).

No documento, Gramsci elabora importante discussão teórica sobre os intelectuais, que terá presença melhor desenvolvida em *Alguns temas da questão meridional*, escrito em 1926. A temática já havia sido anteriormente discutida no *L'Ordine Nuovo*. O problema dos intelectuais e o desenvolvimento da consciência de classe está diretamente ligado à questão da fábrica e do desenvolvimento do simples operário ao operário qualificado, forjado no ambiente de trabalho. Nesse sentido e com influência do *Proletkult*, Gramsci compreendia que com base na ciência burguesa seria possível construir uma ciência proletária.

Os trabalhadores entram no Partido Comunista na condição de operários e camponeses comunistas, “como políticos, como teóricos do socialismo, portanto, e não apenas como rebeldes em geral”. A partir da autoeducação, em que o Partido se desenvolve e os seus membros, com discussões, escolas, leituras, os militantes “tornam-se líderes”, de forma que “somente no sindicato o operário entra apenas na qualidade de operário e não como político que segue uma determinada teoria” (Não assinado, 1978, p.251).

- As discussões sobre o Partido e o III Congresso eram realizadas com exposições no *Avanti!*
- Como as discussões na Rússia influenciaram as discussões na Itália e como o PCI passou muitos meses de 1925 nessa discussão até mesmo para levar a questão ao III Congresso (Não assinado, 1978, p.251).

Durante o mês de julho, Gramsci realizou viagens para Veneza e Trieste com a finalidade de discutir com camaradas do Partido a situação interna para a articulação do III Congresso. Descrevia, em 12 de julho, com esperança, a situação para Giulia:

No Congresso teremos uma maioria esmagadora; o Partido é muito mais bolchevique do que se poderia supor e reagiu com grande energia contra o

partidarismo dos extremistas bordighianos. A nossa linha política já triunfou, dentro do Partido, à medida que a tendência extremista se desintegrou e a maioria dos seus elementos responsáveis mudaram para as teses da Internacional, e entre as massas trabalhadoras, à medida que o nosso Partido adquiriu uma grande influência e também dirige as massas dos outros partidos de fora (Gramsci, 1992, p.427).

Ocupados com os preparativos do III Congresso, o CE do PCI recebeu em 13 de julho a boa notícia de soltura de Togliatti e de outros militantes devido à anistia que tomava conta das manchetes dos jornais italianos. Os agressores de Giovanni Amendola foram perdoados após dez dias contra os ataques ao deputado liberal devido ao 25º aniversário do reinado de Vítor Emanuel III de Saboia, príncipe de Napoli, por decisão dos pais e rei da Itália pela vontade de Deus, que concedeu para todos os crimes políticos, exceto homicídio, a Anistia de 13 de julho de 1925. Diversos fascistas violentos e espancadores saíam impunes de seus crimes. O clima do país se misturava: anistia e extinção dos delitos.

Os mafiosos sicilianos também foram beneficiados com a Anistia, conforme informativo da polícia sobre as reações ao decreto de Anistia, com alusão à máfia, em agosto de 1925.

Comentado de maneira muito favorável nos ambientes do Palácio de Justiça assim que foi divulgado o texto na edição extraordinária do *Il Messaggero*... Antes de tudo, foi destacada a feliz escolha do jornal ao dar prioridade à publicação do decreto... em seguida, a coincidência com as eleições em Palermo, pois naquela província, serão muitos os beneficiários do decreto em questão, os quais, em sinal de reconhecimento, votarão a favor da chapa nacional (Informativo da Polícia *apud* Scurati, 2022, p.63).

Na lógica interna do Partido, no dia 18 de julho, foi publicado em *L'Unità* um documento de dissolução do Comitê da Entente - criado em abril como uma organização própria da esquerda -, o que deu a entender que o enfrentamento contra Bordiga havia finalmente terminado. Bordiga respondeu, mas a direção não publicou sua resposta. Dez dias depois, em carta para o camarada Zinoviev, Gramsci explica que o problema do fracionismo de Bordiga não estendeu problemas para os camaradas do Partido e que a questão estava prestes a ser resolvida. Sugere que os artigos dos camaradas russos e

um manifesto da Internacional explicando a importância da bolchevização e do leninismo na atual fase de desenvolvimento dos partidos comunistas serão muito úteis na discussão (Gramsci, 1992, p.430).

Guillamón (2020, p.325) aborda a posição de Bordiga durante o debate pré-congressual que se iniciou após a dissolução do Comitê de Entente. Segundo o autor, o grupo

dirigente do PCI tornou habitual as censuras, manipulações e difamações contra a esquerda bordiguiana, além da direção do Partido ter proibido a realização de assembleias e conferências entre os líderes da esquerda. As preparações para o Congresso eram publicadas na seção *As discussões preparatórias do Congresso do nosso Partido* e os temas analisavam a natureza, a organização e a função do PCI, em outros termos, a bolchevização; as relações com a Internacional e o leninismo; a situação italiana e o fascismo. Durante 1925, a esquerda bordiguista publicou vinte documentos, entre artigos, respostas, textos e moções, demarcando a posição contrária à direção do Partido e dissolução do fracionismo. Em quatro artigos, *A natureza do Partido Comunista*¹⁵⁷, *A correlação de forças sociais e políticas na Itália*¹⁵⁸, *O perigo oportunista e a Internacional*¹⁵⁹ e *A política da Internacional*¹⁶⁰ Bordiga destacou a questão internacional e a disputa no interior do Partido.

No primeiro artigo, *La natura del partito comunista*, há uma exposição interessante de trechos do *Manifesto Comunista*, das *Teses do Segundo Congresso da IC sobre as tarefas do Partido Comunista na revolução proletária* e do *Estatuto do Partido Comunista da Itália*, votado por unanimidade em Livorno. Nos trechos sobre as tarefas, funções e atuações do Partido, nada há de diferente nos textos conhecidos e fundamentais. Dessa maneira, “nenhuma discussão deveria ter surgido sobre este ponto conhecido e muito preciso (Bordiga, 1925a, np)”, mas sim sobre a organização em fábricas e em células.

Interessante observar a concepção de Bordiga:

Em vez disso, o sectarismo, o preconceito, penetrou nos nossos lados contraditórios a tal ponto que nos perguntamos se estamos a assistir a uma discussão entre militantes da mesma causa ou a uma mobilização e organização para o enchimento de crânios. Escusado será dizer que tenho o cuidado de não aludir às intenções desses camaradas: estou preocupado com o efeito das posições práticas que assumem (Bordiga, 1925a, np).

Para Bordiga, o Partido deveria sintetizar e unificar as individualidades em seus impulsos, assim como os possíveis grupos que surgissem, para que qualquer espírito egoísta e individual fosse superado. No texto, retorna para a exposição das *Teses de Roma* e a concepção de partido político da classe operária como uma comunidade operante com direção unitária. A questão das células e das fábricas e atuação do PCI é denunciada como

¹⁵⁷ Publicado no *L'Unità* em 26 de julho de 1925a.

¹⁵⁸ Publicado no *L'Unità* em 6 de setembro de 1925b, mas sem acesso ao documento.

¹⁵⁹ Publicado no *L'Unità* em 30 de setembro de 1925c.

¹⁶⁰ Publicado no *L'Unità* em 15 de outubro de 1925d.

uma forma de conexão dos intelectuais que agiam como funcionários do Partido e não como líderes. Para Bordiga, o contato dos intelectuais, denominados como funcionários do Partido que trabalhavam pela burocratização, era problema oriundo da III Internacional que “envenenou a Segunda: mas, é agora uma questão de ver que garantias contém um ou outro sistema organizacional” (Bordiga, 1925a, np).

Mas, Bordiga parecia não enxergar as problemáticas do período e a ofensiva sangrenta do fascismo, em que até mesmo os jornais antifascistas liberais, e qualquer outro que não estivesse submetido aos diretores e chefes nomeados por Mussolini, precisaram reduzir a circulação devido aos ataques sistemáticos dos fascistas. Os jornais eram comumente apreendidos nas comunas e nas províncias, enquanto nas fábricas “os bolsos dos operários são revistados e os nossos leitores são espancados” (Gramsci, 1992, p.430). Nos lugares em que o fascismo era mais forte, os jornais eram incendiados e as licenças eram retiradas. Para solucionar o problema, publicavam ainda mais números, mesmo que se tornasse mais custoso, e com demasiado cuidado, pois o leitor e o responsável por imprimir poderiam ser penalizados com um ano de prisão.

No artigo *In Italia*¹⁶¹, publicado no jornal *Correspondance Internationale*, Gramsci faz um balanço geral sobre a situação do Partido e da situação interna da Itália. Trata-se do relatório do discurso na Conferência da Seção de Agitação e Propaganda da Internacional Comunista, realizada em abril de 1925 durante o Executivo Ampliado da IC. Ao apresentar as tendências políticas e a correlação de forças, Gramsci explica que há uma efervescência política muito grande entre os operários, mas o partido não seria capaz de organizar as grandes massas, mas que avançava na organização, como, por exemplo, no trabalho realizado com os camponeses, diferente das estratégias e táticas do PSI e do Vaticano. Em sua análise compreende que até mesmo a esquerda católica estava mais próxima dos comunistas do que os socialistas e os reformistas (Gramsci, 1974, p.474).

Durante o mês de agosto, a repressão aumentou e a correspondência com Giulia se tornou cada vez mais escassa. Nas inúmeras viagens, Gramsci fugia da perseguição policial e se queixava de ter perdido o sentido da vida pois, mesmo em lindos lugares, estava longe da companheira. Nos artigos jornalísticos, o problema técnico de organização geral do Partido, surgia também como questão política.

¹⁶¹ *In Italia*, (Não assinado, 1978, pp.474 – 476), publicado em *Correspondance. Internationale*, em 07 de agosto de 1925.

A questão das células é certamente também um problema técnico da organização geral do Partido, mas antes de mais nada é uma questão política. A questão das células é a questão da direção das massas, isto é, da preparação da ditadura do proletariado, é a questão da melhor solução técnico-organizacional para a questão fundamental da nossa era (Gramsci, 1978, pp.272-273)¹⁶².

Para Bordiga, em 18 de agosto, Gramsci escreve a respeito da prisão de Terracini, que foi preso em Milão, mas solto devido à Anistia. Gramsci explica a Bordiga que sua declaração sobre a dissolução do Comitê de Entente, de 18 de julho de 1925, não seria publicada para não causar mais problemas ao Partido. Para a militância, *L'Unità* publicava com periodicidade as discussões sobre a bolchevização, a organização em células e se defendiam das críticas de carbonarismo.

A crítica acusatória de Manuilsky consistia em dizer que uma parte dos dirigentes do Partido não aprenderam com os acontecimentos passados e com as experiências de outros partidos da IC, especialmente do Partido bolchevique. Compreendia que o PCI atuava na ilegalidade, de maneira forte e organizada, com cerca de 30 mil membros, mas a influência fora da organização era muito fraca e praticamente nula.

O documento *Legalismo e carbonarismo nel Partito Comunista d'Italia*¹⁶³, escrito por Gramsci e publicado em *Rinascita*, em 31 de agosto de 1963, XX, n.34 é uma resposta às críticas. O dirigente do PCI demonstra que as afirmações levariam a conclusões equivocadas, de que o partido não havia feito nenhum progresso numérico desde as eleições de abril de 1924, assim como se a crise aberta devido ao assassinato de Matteotti não tivesse tido nenhum impacto para o desenvolvimento da organização, como se tudo isso fosse devido ao carbonarismo.

Gramsci corrige: em abril de 1924 o PCI contava com apenas 10 mil membros e foi capaz de triplicar seus números desde a fundação, em 1921, além de cerca de 6 mil membros emigrados para a França, Estados Unidos e Argentina. Demonstra que o partido foi capaz de se recuperar do terror fascista, pois por mais que os elementos mais enérgicos e ativos do campesinato e do proletariado não aderissem ao Partido, a influência era alargada e estendida, assim como aprofundada.

No mês de setembro, Gramsci e Giulia trocaram pouca correspondência - a última carta escrita em 1925 é de 03 de setembro -, bem como os artigos publicados nos periódicos comunistas. As viagens de militância ocorriam com frequência, assim como os encontros

¹⁶² (Não assinado, 1978, p.271), publicado em 15 de agosto de 1925.

¹⁶³ (Não assinado, 1978, pp.43-48).

com a juventude. Ocupava-se no final do ano com os preparativos do III Congresso e com a chegada de sua companheira em Roma.

Bordiga, no entanto, publicava mais um dos seus mais importantes artigos de 1925. O texto *Il pericolo opportunista e l'Internazionale* é um ataque crítico a Internacional e as políticas adotadas, denominadas de leninismo, após a morte de Lenin. Para Bordiga (1925c), a crítica não deveria ser moral, mas indicar as contradições com o método revolucionário e com um Partido revolucionário. De forma contraditória, no item *Bolchevização*, Bordiga afirma “a nossa posição contra a bolchevização e contra as células causou uma enorme agitação”, pois esse tipo de organização partidária não poderia assegurar o caráter político e garantir que não ocorresse degenerações oportunistas. Entretanto, parágrafos abaixo afirma:

Não somos contra as células, nem mesmo como grupos de membros do partido em fábricas com determinadas funções; pedimos apenas que a rede territorial não seja suprimida e que seja considerada como uma rede fundamental para a actividade política do partido, como quadro organizacional e instrumento de manobra nos movimentos proletários, juntamente com os movimentos fabris, sindicais, corporativos, etc (Bordiga, 1925c, np).

Fato é que Bordiga (1925c, np) e seu grupo possuíam desconfianças sobre a bolchevização, pois compreendiam que conforme a organização se concretizava nas fábricas e nas células, “com o critério da obediência cega a um livro de receitas que gostaria de ser o leninismo”, e sem uma abordagem histórica necessária, mas “que a última palavra deve sempre ser encontrada nos precedentes do Partido Russo interpretados por um grupo privilegiado grupo de pares; consideramos que não alcançará os seus próprios objetivos e enfraquece o movimento”.

Para Bordiga, a IC

em vez de usar remédios mais corajosos, parece-nos que querem remediar esta situação com a bolchevização, que sem ser um fortalecimento permanecerá uma espécie de cristalização e imobilização do movimento revolucionário comunista e das suas iniciativas e energias espontâneas (Bordiga, 1925c).

As críticas de Bordiga, embora sejam um tanto profundas e que mereciam ser refletidas pela IC e pelo PCI, muito mais refletem preocupações e receios do que a composição da realidade internacional e do cotidiano italiano. Contraditório, afirma que não é contrário à organização de Comitês Operários e Camponeses,

se eles não forem um bloco de partidos nem se pretenderem ser os Sovietes, mas se forem uma iniciativa de frente única da classe operária feita de baixo para cima da base dos organismos econômicos naturais do proletariado (Bordiga, 1925c).

É correto afirmar, no entanto e infelizmente, que em fins de setembro de 1925 e começo de novembro, momento da escrita e publicação do texto de Bordiga, a sociedade italiana continuava sob forte opressão das milícias assassinas de Mussolini e que as esquadras passavam por uma reorganização ainda mais forte. Não fazia parte da realidade italiana e nem mundial, a possibilidade de criar novos partidos. A derrota e o massacre iminente da classe operária e do campesinato demonstraram que o direcionamento a partir da bolchevização e da articulação de Gramsci foram as mais assertivas para o momento em questão.

Para o fascismo, o mês de outubro teve grande importância, pois além da reorganização e atuação das esquadras, no dia 02 Mussolini realizava o Pacto do *Palazzo Vidoni*: agora assassinos fascistas poderiam se sentar junto com os grandes nomes da indústria italiana. Para a classe operária significava mais uma derrota e o Estado fascista, na figura de Mussolini, obtinha total controle sobre os sindicatos do país. O Pacto liquidava as conquistas do movimento operário e reconhecia o sindicato fascista como o único representante do proletariado. Certamente a análise de Gramsci¹⁶⁴ estava correta: o fascismo ao se basear na pequena burguesia, se direcionava para diluir e incorporar a luta de classes em suas empresas.

No dia seguinte à celebração do *Pacto Vidoni*, a Itália assistiu outra carnificina: seis mortos, centenas de feridos e Firenze se encontrava aterrorizada. A fumaça dos incêndios podia ser vista pelo alto das colinas que escondiam os vários assassinatos. Em Firenze, o massacre ocorreu na noite do dia 3 de outubro, mas na Toscana os antifascistas maçônicos eram caçados desde setembro:

a maçonaria deveria ser eliminada e, para tanto, todos os meios eram válidos: o fogo purificador, os vidros quebrados, o cassetete, o tiro de revólver. A rocha, portanto, já rolava rumo ao vale. Depois de semanas de perseguições, o *casus belli* (Scurati, 2022, p.64).

Ao mesmo passo que o fascismo precisava lidar com a questão da violência na 63ª reunião do Grande Conselho do Fascismo, marcada com urgência para a noite do dia 05 de outubro, na revolução passiva, o corporativismo fascista buscava o consenso e a

¹⁶⁴*Elementi della situazione*, publicado em *L'Unità*, 24 de novembro 1925, II, n.262, pp.85 - 88

consolidação da hegemonia burguesa por meio do controle do trabalho e da ideologia nas fábricas. Com o *Pacto Vidoni*, o fascismo tornou-se o ponto de chegada da classe dominante que colocava em primeiro plano os objetivos do capitalismo e da industrialização (Dubla, 1986).

No domínio econômico, o plano de unificação e centralização é implementado com uma série de medidas, que tendem a garantir a supremacia incontestável de uma oligarquia industrial e agrária, assegurando o controle de toda a economia do país (restauração do trigo, unificação bancária, alterações no código comercial, acordos para pagamentos de dívidas com a América etc.) (Não assinado, 1978, p.86).

O fascismo cada vez mais forte na implementação do plano de unificação orgânica de todas as forças da burguesia e do controle sindical em uma única unidade sindical, com a direção do PNF, do Grande Conselho Fascista e do Governo. É correto afirmar que conquistava sistematicamente todos os centros de organização de resistência. Na pauta da 63ª reunião do Grande Conselho Fascista e do Governo, as decisões sobre a reforma política do Estado e maior fortalecimento do poder Executivo, criação de magistratura trabalhista para a proibição de greves e classificação dos sindicatos no Estado fascista, se misturava com o terror causado pelos próprios fascistas. Nenhuma novidade: Mussolini estava furioso com os mortos de Firenze, mas iria tirar proveito para si mesmo dos cadáveres e do medo que assolava a população italiana (Scurati, 2022).

Em Firenze e em outras províncias, o governador, os chefes e os funcionários da polícia eram investigados em três linhas: governamental, pelo PNF com Ítalo Balbo, e pelo comando-geral da *Milizia per la Sicurezza Nazionale*. Os resultados não eram surpresa: criminalidade comum e não violência política, com o adendo importante presente nas entrelinhas: a violência se tornava lei.

O Grande Conselho, tendo constatado que em algumas zonas da Itália continua a funcionar, ou então se reconstituiu, um esquadrismo que não tem mais, após três anos da Marcha Sobre Roma, justificativa histórica e política alguma... que, ao perpetuar a inconstitucionalidade, sabota a inserção legal da revolução fascista no Estado... ORDENA: a dissolução imediata de todas as esquadras, de qualquer tipo, sob qualquer nome e com qualquer uniforme; a inscrição dos ex-integrantes das esquadras nas Legiões regulares da *Milizia per la Sicurezza Nazionale* (Grande Conselho do Fascismo, segunda ordem do dia (sigilosa) *apud* Scurati, 2022, p.68).

No dia 06 de novembro, o Ministro do Interior, Luigi Federzoni, enviava uma *Circular aos governadores de província*, em que envia o conteúdo da circular telegráfica de número 18112, do dia 02 de agosto, e reafirmando que as disposições formuladas deveriam

ser aplicadas com rigor: “toda e qualquer esquadra deve ser banida, com a absoluta proibição de extinção de seus integrantes, principalmente se armados e uniformizados” (Federzoni *apud* Scurati, 2022, p.69).

Interessante é que Mussolini detinha grande poder. No entanto, as milícias o respeitavam, mas com alguns limites, pois por mais que o *Duce* afirmasse que “a violência é moral quando é oportuna, cirúrgica, cavalheiresca” e que o PNF deveria ter nas mãos o poder e a violência, esta deveria ser utilizada apenas para “manter um ambiente “amigável” para o exercício dessa eventual violência de Estado” (Mussolini *apud* Scurati, 2022, p.69), sua milícia assassina não pensava exatamente assim.

Mussolini escrevia para Roberto Farinacci:

É necessário que suas decisões a respeito das esquadras sejam cumpridas com rigor, senão tudo se reduz a uma enganação mútua. Telegrafou-me de Torino uma associação previdenciária de membros de esquadras; em Novara, surgiu uma esquadra Amadeo Belloni; em Reggio Emilia, oficiais da Milizia não respondem ao chamado da autoridade política porque preferem se converter em integrantes de esquadras; em Veneza, a Serenissima carrega em triunfo o secretário político; no casamento de Felicioni em Perúgia, intervém a esquadra “Satana” com farda e comandante... Tudo isso é grotesco, de fato... Precisamos nos decidir a agir seriamente (Mussolini *apud* Scurati, 2022, p.76)

Poucos dias após as circulares transmitidas para os governadores, as esquadras voltaram a se formar e se camuflavam sob a aparência de círculos recreativos de operários, de agremiações e associações previdenciárias. Nesse contexto, no dia 15 de outubro, Bordiga publica mais um de seus importantes textos de 1925: *La politica internazionale*. O documento é uma análise sobre a IC entre 1921 e 1923, assim como dos acontecimentos na Alemanha. O fundador do Partido Comunista deteve sua atenção para descrever o V Congresso da IC e as novas táticas após o Executivo Ampliado, sem citar a questão italiana, o fascismo e o PCI.

É importante frisar que mesmo com posicionamentos contrários a IC e ao novo grupo dirigente do PCI, Bordiga desqualificava aqueles que se protegiam sob os rótulos de leninistas, mas que não discutiam os perigos que ameaçavam a IC e os métodos comunistas, podendo levar à liquidação de Partidos e da Internacional, assim como “ameaçando com a expulsão aqueles que expressassem a pequena dissidência ou crítica” (Guillamón, 2020, p.335).

Também em 15 de outubro, *L'Unità* publicou *Contro lo scetticismo*¹⁶⁵, uma resposta ao artigo de Amadeo Bordiga. O texto sem assinatura afirma que a esquerda e o camarada Bordiga permanecem na oposição por desconfiança e que desconfiança é metafísica, sendo que isso apenas auxiliou na sua autodepreciação e não em admitir suas contradições. O momento tratava de evitar os perigos e abandonar esses perigos significava um oportunismo de esquerda (Não assinado, 1978, pp.297-299).

À esquerda do Partido,

Bordiga aceitava a necessidade de as discussões e críticas serem limitadas ou suspensas por determinados partidos, mais ou menos longas, mas considerava desastrosa para o Partido e para a Internacional a ausência de discussão livre e desimpedida num período anterior à celebração de um Congresso, como acontecia na Itália antes da próxima convocação do III Congresso do PCI (Guillamón, 2020, p.335).

Por outro lado, os comunistas precisavam compreender que a questão principal enquanto tarefa do Partido Comunista da Itália, era o de propor uma resolução para

que o proletariado volte a ter uma posição autônoma como classe revolucionária, livre de qualquer influência de classes, grupos e partidos contrarrevolucionários, capaz de se reunir em torno de si mesmo e liderar todas as forças que possam ser mobilizadas para a luta contra o capitalismo. O Partido Comunista deve, portanto, intervir ativamente em todos os campos que estão abertos à sua atividade, aproveitar todos os movimentos, todos os conflitos, todas as lutas, mesmo de natureza parcial e limitada, para mobilizar as massas proletárias e trazer o terreno de classe, a resistência e a oposição da população operária italiana ao fascismo (Não assinado, 1978, p.88).

Nas publicações do PCI e nas preparações pré-Congressuais, o otimismo é baseado na organização do proletariado e do campesinato em torno das células de fábricas, de ruas e do campo. A possibilidade de revolução socialista na Itália estava cada vez mais distante, mas a elaboração dos projetos para as *Teses do III Congresso* demonstrava uma análise histórica profunda da formação italiana, bem como a necessidade de transformação da realidade. Nos meses de outubro e de novembro, por mais dificuldades que tenham surgido devido à ilegalidade dos encontros e da imprensa, foram realizadas diversas reuniões e publicados os projetos para o III Congresso (Spriano, 1967).

Cinco documentos eram preparados:

¹⁶⁵ *Contro lo scetticismo* (Não assinado, 1978, pp.297-299), publicado em *L'Unità*, 15 de outubro de 1925, II, n.240, Sotto la rubrica <<La discussione in vista del III Congresso>>).

1. A tese sobre a situação internacional;
2. Teses sobre as questões nacionais e coloniais;
3. Teses sobre a questão agrária;
4. Teses políticas: sobre a situação italiana e a bolchevização do PCI.

Spriano (1967) indica que 1.080 projetos de teses foram desenvolvidos coletivamente e a mais famosa é a IV Tese, escrita em conjunto por Gramsci e Togliatti, que resume os pontos centrais das outras teses e versa sobre a situação interna da Itália e a bolchevização do PCI.

O ano de 1925 terminava com grande expectativa para o Congresso em Lyon. Mas, quando tudo parecia correr conforme a normalidade do novo conformismo social/ditadura fascista que era instaurado, no dia 04 de novembro, Mussolini quase sofreu um atentado pelo deputado do PSU, Tito Zaniboni. O fascismo, e o *Duce*, certamente se aproveitaram da situação e decretaram o fechamento de todos os jornais de oposição, assim como uma caça completa a qualquer força de oposição. O PSU foi dissolvido dias mais tarde, assim como o seu órgão de imprensa, o jornal *La Giustizia*.

O mês de novembro correu com apoios, orações e telegramas para Mussolini. Na bizarrice e horror total, não foram poucos os homens que se ofereceram para agir como carrasco em defesa da honra de Mussolini e da ordem italiana.

Exigimos o fuzilamento de todos os responsáveis diretos e indiretos pelo atentado!
Somente com essas providências os fascistas poderão se julgar recompensados!
(*Il Popolo di Parma apud Scurati, 2022, p.82*)

CRIMINALIDADE ADVERSÁRIOS FASCISMO E TRAIDORES PÁTRIA
IMPÕE EXEMPLAR PUNIÇÃO CULPADOS. OFEREÇO-ME COMO
CARRASCO PARA DECAPITAR PRESOS (Bonaccorsi¹⁶⁶ *apud Scurati, 2022, p.82*).

CONCORDO COM VOCÊ: TAMBÉM ME OFEREÇO COMO CARRASCO!
(Giuliano¹⁶⁷ *apud Scurati, 2022, p.83*)

Todo o Aventino deve ser considerado moralmente, se não também materialmente, responsável (Farinacci *apud Scurati, 2022, p.83*).

O período do antifascismo acabou, com toda a sua gente, à qual nada mais resta a não ser desaparecer (Corradini *apud Scurati, 2022, p.83*).

Mussolini é sinônimo de Itália (The Times *apud Scurati, 2022, p.83*).

¹⁶⁶ Telegrama de Arconovaldo Bonaccorsi, integrante das esquadras em Bolonha, para Mussolini, em 9 de novembro de 1925.

¹⁶⁷ Telegrama de Balbino Giuliano, filósofo e ex-secretário de Educação Pública, para Arconovaldo Bonaccorsi, em 9 de novembro de 1925.

Mas quem ainda entende alguma coisa? Não se encontra mais um antifascista nem pagando a peso de ouro (Balbo *apud* Scurati, 2022, p.90).

Em dezembro, mais um golpe: as Leis Fascistíssimas oficializaram a ditadura fascista e constituíram uma nova “legalidade”. Até mesmo o jurista liberal e elitista, Gaetano Mosca, enxergava amedrontado o que estava para acontecer e elogiava o fúnebre regime parlamentar burguês. A guinada brusca e assustadora transformaria nos anos seguintes toda a história da humanidade que passaria a conhecer os horrores do fascismo alemão enquanto Hitler se espelhava no busto de bronze de Mussolini.

6. ENTRE PROJETOS E O MUNDO GRANDE E TERRÍVEL

Ma ieri ho saputo, che finalmente, si son decisi a farlo, l'han messo dentro, avrà vent'anni, abbiám risparmiato il tempo di ammazzarlo, perchè è malato ed è una cosa vera, che non uscirà vivo dalla galera. Io lo sapevo quello lì, me lo sentivo quello lì, non poteva finire altro che così (Claudio Lolli, 1991).

6.1 O Congresso de Lyon: as teses I, II e III do grupo dirigente

O ano de 1926 foi um dos mais importantes na história moderna italiana e um dos anos mais importantes da ditadura fascista, pois foi o momento de encerramento completo das liberdades políticas e o encarceramento total da oposição. Para Mussolini, seria o ano Napoleônico do fascismo, mas tratou-se de um período imerso em complexidades e problemas para o próprio líder fascista. Iniciado com o falecimento da reacionária Rainha Margarida de Saboia (1851-1926), 1926 já demonstrava, para os católicos, que viria com mau-agouro.

As mudanças atingiam a Sicília com as ameaças constantes dos fascistas sobre os mafiosos e contra o campesinato, enquanto a oposição tentava, em vão, se recuperar da repressão fortificada devido à tentativa de assassinato contra Mussolini, que se vangloriava com seus bustos de bronze e com as declarações elogiosas que recebia de Winston Churchill e de Adolph Hitler. Publicava em *Gerarchia* que o fascismo

venceu porque sempre cortou pela raiz as tendências, as correntes, e, também, as simples diferenciações: seu bloco é monolítico (...) fé na revolução fascista que terá, em 1926, seu ano napoleônico (Mussolini *apud* Scurati, 2019, p.97).

Nos últimos respiros da democracia e da liberdade, marcados pelo início de uma nova fase da ditadura fascista e de consolidação da revolução passiva, realizava-se na francesa Lyon, entre 23 e 26 de janeiro de 1926, o III Congresso do PCI. As *Teses de Lyon*¹⁶⁸ representam a completa transformação do PCI e do novo grupo dirigente que atuava a partir da bolchevização e da transformação em partido de massas. O documento de resistência e de análise histórica e política afirma o novo grupo dirigente e o fim do sectarismo de Amadeo Bordiga. De fato, tratava-se do fim de uma fase do PCI e começo de outra.

¹⁶⁸ No Brasil, até o momento, não há a tradução completa das famosas *Teses de Lyon*. Neste texto será utilizado, portanto, as *Teses* publicadas pela primeira vez na íntegra no livro *La Tesi di Lione. Riflessioni su Gramsci e la Storia d'Italia* (1990). O livro é um Caderno que consta a publicação integral das *Teses de Lyon* e as pesquisas e discursos apresentados durante o *Seminario e Convegni della Fondazione Giangiacomo Feltrinelli di Milano*, entre os dias 13 e 14 de novembro de 1987.

Segundo Martinelli (1990), na cultura histórica do PCI, as *Teses de Lyon* são consideradas a origem de uma tradição e do desenvolvimento necessário entre história e política, assim como um momento de exposição do leninismo de Gramsci. Na importante elaboração política entre Gramsci e Togliatti sobre as transformações profundas da Itália, o PCI é analisado como o resultado da crise da sociedade italiana como instrumento de luta contra o fascismo.

De fato, creio que se possa dizer que as *Teses de Lyon* são também uma mistura de documento *mítico*, em dois sentidos: em primeiro lugar, pela fama e o fascínio ligados a um texto em que se destaca a mais estreita colaboração, intelectual e política, entre Gramsci e Togliatti, mas também porque estes elementos sugestivos - para além da memória e da valorização política do documento - nunca foram explorados em profundidade por um trabalho sério de análise, pela investigação necessária para identificar plenamente as fontes, as particularidades, os motivos, para fazer, ou seja, a anatomia do documento. Assim, a “fortuna” das Teses de Lyon é caracterizada por uma espécie de resistência à análise precisa que passou o terreno político para o terreno historiográfico (Martinelli, 1990, pp.10-11).

No Congresso, Gramsci¹⁶⁹ informou que foram realizadas entre duas e três mil reuniões de base - todas ilegais - na primeira fase do debate pré-congressual, da qual foi protagonista durante todo o ano de 1925. Sobre a transformação do Partido com base nas células, embora não tenha ocorrido completamente, foram desenvolvidas nas regiões industrializadas de Milano e de Torino. Os Congressos provinciais ou interprovinciais reuniram os delegados das células que se agrupavam em zonas ou setores com o maior número possível de operários. O Congresso, completamente ilegal, precisou recorrer a uma série de estratagemas para a participação de Gramsci, que era seguido por policiais (Spriano, 1967).

Flecchia (Viola) apresentou ao Congresso números importantes durante a exposição do *Rapporto di organizzazione al III Congresso del PCI*. Até o final de 1925, o PCI possuía 22 mil filiados. Com exceção da Toscana e de outras áreas em que a repressão foi mais severa, havia 460 células de fábricas, com 4 mil membros; eram 50 células de ruas, com mil membros; 950 células no campo, com 10 mil membros. Os números indicam a maior proporção de operários urbanos, com 90% de operários fabris alocados em Torino, assim como o árduo trabalho realizado pelo Partido no campo (Spriano, 1967).

Um dos elementos mais importantes do Congresso e das *Teses de Lyon* é a reflexão

¹⁶⁹ A primeira carta escrita por Gramsci no ano de 1926 é direcionada para o deputado Emilio Lussu, no dia 12 de julho. Nos meses anteriores não houve nenhuma correspondência enviada por Gramsci.

acerca da questão agrária e do sistema de compromissos políticos e econômicos entre os grandes proprietários de terras do Sul e os industriais do Norte em detrimento dos interesses da população. O Sul e países coloniais assemelhavam-se no tipo de exploração, economia desenvolvida e no potencial subversivo constante. Spriano (1967) ressalta que sobre a questão agrária, pode haver uma comparação importante entre Gramsci e Lenin; a Itália e a Rússia: as condições mais favoráveis para a revolução proletária nem sempre ocorrem em países que o capitalismo e a industrialização atingiram seus mais altos níveis de desenvolvimento e podem ocorrer em países que os ataques à classe operária e ao campesinato são mais fortes.

Nesse mesmo sentido, o fascismo possui terreno fértil para desenvolvimento, pois encontra suas raízes no pós-guerra e nos fracassados anos de débil capitalismo, sendo resultado e subproduto político da pequena burguesia e da decadência ideológica da intelectualidade burguesa.

Em termos de reflexões, o documento nos leva a problemáticas trabalhadas durante esta análise dos anos de 1919 e 1926: a qual consciência se chegou com a situação política? Como se desenvolveu a tradição do movimento operário em relação a ideologia e o problema de formação de um Partido com determinada visão interna e consciência histórica e econômica?

Na íntegra, as teses são compostas por:

Tabela 1: *I. Tesi sulla situazione internazionale*

<i>Situazione econômica</i>	<i>Crisi di decadenza del capitalismo</i> <i>La situazione attuale e la stabilizzazione economica</i> <i>La crisi agraria</i> <i>Il Piano Dawes</i> <i>I cartelli internazionali</i> <i>Prospettive</i>
<i>Situazione politica</i>	<i>La fine della fase democratica e l'avvento della reazione</i> <i>Fattori della situazione politica</i> <i>L'Oriente e il movimento nazionale politico</i>

	<i>L'Urss e il mondo capitalista</i> <i>Movimento operaio</i> <i>Prospettive</i>
--	--

Fonte: elaborada pela autora

Na *I. Tese sobre a situação internacional, situação econômica* - há um aprofundamento histórico e econômico sobre o desenvolvimento e a crise do capitalismo no pós-guerra e o acirramento durante 1920 e 1921. A reflexão é leninista sobre o caráter diverso da acumulação capitalista nos países europeus e as contradições entre o equilíbrio e a capacidade de produção e a capacidade de consumo, bem como a questão agrária e a produção agrícola.

A análise é de que a crise agrária “é uma manifestação da crise da economia do capital” e não é derivada das condições de produção, mas “da quebra do equilíbrio econômico mundial que produz o fenômeno da tesoura, ou seja, um desequilíbrio entre os preços dos produtos industriais e os dos produtos agrícolas” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.114).

A parte final, das *Perspectivas*, é interessante porque demonstra a análise de conjuntura no tempo presente em que Gramsci e Togliatti escreviam o material, assim como possibilita compreender o papel do Partido. Em 1924 houve um período de curta estabilização econômica que pôde ser averiguado, mas com pouca durabilidade devido à crise Matteotti. Em 1926, a verificação era de uma “relativa estabilização da economia capitalista”, com a possibilidade de uma “depressão econômica que se forma nos Estados Unidos e a Itália” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.119), assim como na Alemanha, Áustria, Checoslováquia, Polônia (fato que ocorreu com a crise de 1929).

O ponto 14 da *I. Tese* afirma que o capitalismo precisa aumentar o consumo. Para isso, havia duas soluções: a redução de custos de produção ou a abertura de novos mercados para melhorar o aparelho técnico produtivo. Os comunistas compreendiam que a primeira solução seria impossível em um regime capitalista e que a segunda, diminuição dos custos de produção, atingiria diretamente o proletariado que com uma “ofensiva antiproletária pela redução dos salários e pelo aumento da jornada de trabalho é inevitável” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.119).

Na *I. Tese sobre a situação internacional, situação política* a análise mais importante é sobre o fim da fase democrática e a reação em toda a Europa, com foco na

Itália. Na concepção de Gramsci e Togliatti, a situação política internacional refletia as condições econômicas do capitalismo e a estabilização se tornava cada vez mais precária. Sobre a questão internacional, com foco na Inglaterra, França, Marrocos, Itália, Balcãs, Polónia, Checoslováquia e Estados Unidos, a conclusão era de que as democracias liberais estavam sendo sufocadas e as forças de oposição demonstravam grande instabilidade (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.122).

De forma geral, os dirigentes do PCI compreendiam que devido à complexa situação internacional e às particularidades internas, a pequena burguesia teve, por pouco tempo e de forma transitória, o poder do Estado em mãos.

No entanto

as forças plutocráticas e imperialistas necessitaram de ter a direção e controle direto e imediato do Estado e a sua plena e livre disponibilidade sem resistências e obstáculos (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.122).

A pequena burguesia foi expulsa do poder, os governos democráticos caíram e a onda reacionária ocorreu no mesmo período em que a classe operária tentava se recuperar.

no terreno político, significa a impotência da pequena burguesia como força política independente; no terreno econômico, a impossibilidade de o capitalismo fazer concessões ou reformas a favor das classes trabalhadoras; isso caracteriza a estabilização atual (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.123).

Os comunistas reparam em um ponto fundamental sobre a questão da guerra total: o Marrocos demonstrou que no mundo capitalista existem diversos focos de guerra e que um conflito mundial pode surgir de qualquer um deles. A China, diferente dos outros países, possuía um forte movimento operário e de libertação nacional, com uma frente única revolucionária que uniu operários e camponeses (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.127).

A União Soviética seguia o ritmo acelerado de fase ascendente, “em contraste com a instabilidade fundamental do mundo capitalista” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.129). Economicamente a produção agrícola crescia, se desenvolvia e as condições das classes trabalhadoras melhoravam em termos de salário, além do fortalecimento da aliança operário-camponesa. O processo de transição ocorria na União Soviética e ficava claro os antagonismos de classe do capitalismo.

No sentido de prosseguir com o debate internacional, o item *Movimento Operário* é um aprofundamento prático e analítico sobre os fatores que caracterizam o movimento

operário internacional: o fortalecimento dos elementos revolucionários com a crescente radicalização das massas operárias e maior vitalidade e estabilização da Internacional, enquanto organização da vanguarda revolucionária do proletariado internacional. A bolchevização a partir do V Congresso da IC, consolidou e fortaleceu a classe operária ideologicamente e organizacionalmente (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.131).

Os resultados esperados para a situação política eram de agravamento das contradições, no setor político e econômico, com tendência ao agravamento dos antagonismos e das contradições. Com as dificuldades econômicas, o acentuamento dos antagonismos é inevitável, assim como a complexidade das relações das forças imperialistas e a relação com as colônias.

Tabela 2: *II. Tesi per il lavoro nazionale e coloniale*

<i>Principi generali</i>	<i>La questione nazionale in Italia</i> <i>Albania</i> <i>La situazione coloniale</i>
--------------------------	---

Fonte: elaborada pela autora

Na *II. Tese para o trabalho nacional e colonial* o debate internacional ganha um caráter muito importante e um tanto atual sobre a abolição das classes e a luta contra o capitalismo. Nos *Princípios gerais*, a questão nacional é fundamental para a classe operária e camponesa, pois “no período que antecede a vitória revolucionária do proletariado, deve agitar-se pelo direito de cada nacionalidade” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.146), bem como a separação dos estados imperialistas. Na Itália, a questão nacional também possuía e possui ainda hoje suas particularidades com as diversas sociais existentes. A grande burguesia comercial e industrial italiana, na região de Veneza, tornou-se pró-fascista, mas outras forças proletárias de resistência nacional e eslava constituíram uma base nacional.

Tabela 3: *III. Tesi agrarie*

<i>Premesse</i>	<i>Stratificazioni economico-sociali della popolazione rurale in Italia</i> <i>Situazione dei salariati agricoli e dei contadini</i>
-----------------	---

	<i>La guerra</i> <i>Il partito comunista e le organizzazioni contadini esistenti</i> <i>Il programma agrário</i> <i>Lavoro tra la gioventù contadina</i> <i>Il lavoro fra le contadine</i> <i>Il Mezzogiorno e le Isole</i> <i>Il Partito Comunista e i contadini allojeni</i> <i>Cooperazione</i>
--	---

Fonte: elaborada pela autora

Na *III. Teses agrárias*, as *Premissas* retratam a relação entre Lenin e as teses agrárias aprovadas durante o II Congresso da Internacional Comunista, em 1920. As teses de Bukhárin sobre a questão camponesa, adotadas durante o Plenum Alargado da IC, entre março e abril de 1925, são derivadas de Lenin e aprofundam o desenvolvimento político-econômico do campesinato, além de conter “as linhas táticas que os comunistas devem seguir na sua propaganda e trabalho organizacional entre os comunistas” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.150).

A questão agrária ganha sentido mais aprofundado do que nos textos anteriores de Gramsci. A análise parte do leninismo, mas é traduzida para as particularidades italianas e regionais do Sul e das ilhas, com as diferenças sobre os camponeses médios, os pequenos proprietários rurais, os grandes proprietários agrícolas, semiproletários agrícolas e os pequenos proprietários. No território italiano, os estratos camponeses eram distribuídos de forma variada. Na região da Puglia, a população agrária atingia cerca de 78%, no Lazio, na Sicília, na Sardegnia, Lombardia, na Emília, os semiproletários, particularmente no Mezzogiorno, na região da Venezia Giulia e Istria. Na região do Piemonte, da Lombardia, do Veneto, Toscana, Umbria, Emilia, Marche, Campania e Liguria, vivia uma maioria de pequenos proprietários de terras, pequenos arrendatários, meeiros e colonos (Teses do III Congresso do PCI, 1987, pp.152-153).

Os camponeses pobres se concentravam no Sul, caracterizando a região como pobre e atrasada. Uma das bases históricas dos problemas sociais a serem resolvidos estava na questão agrária, já que o campesinato do *Mezzogiorno* representava um dos elementos da revolução proletária da Itália, pois “o governo camponês operário na Itália significa a união

entre os operários do Norte e os camponeses pobres do Sul para a vitória sobre o capitalismo e para a defesa do Estado proletário” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.153).

Il programma agrário explicita um dos fundamentos mais importantes do programa do PCI:

somente o proletariado industrial da Itália, dirigido pelo do Partido Comunista, pode liberar as nossas classes camponesas da opressão capitalista, da pressão fiscal, do perigo da guerra. Do outro lado, sem o apoio das massas camponesas, o proletariado industrial não pode vencer a burguesia e consolidar o seu poder (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.160).

Sendo um dos objetivos do proletariado a derrubada do poder burguês, o proletariado é quem deve liderar a luta camponesa pela emancipação da terra, “luta que se coloca assim no mesmo nível histórico da revolução proletária” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.161).

A fome de terra dos proletários agrícolas e dos agricultores pobres italianos só pode ser satisfeita pelo proletariado italiano. A palavra “terra para os agricultores” não é apenas uma palavra de agitação. Isso significa:

- a) desmembrar os grandes latifúndios não industrializados e dividi-los, com as suas ferramentas e o seu gado, entre os proletários agrícolas, sem pagamento de qualquer compensação;
- b) concessão de parcelas de terra a agricultores pobres até a saturação da capacidade de trabalho de suas famílias;
- c) abolição do pagamento de rendas aos pequenos arrendatários;
- d) extinção do pagamento da cota proprietária para colonos e assentados;
- e) extinção da dívida hipotecária;
- f) abolição da renda enfiteuticária;
- g) resgate da dívida agrícola para todas as categorias de agricultores pobres e médios;
- h) regulamentação do regime de usos cívicos confiado às comissões constituídas por agricultores trabalhadores;
- i) regulação do regime fiscal confiado aos Conselhos de trabalhadores, trabalhadores agrícolas, camponeses e militares com base no potencial económico dos camponeses e com o critério de “mobilidade” (tendo em conta - isto é - presente os anos bons e os anos ruins) (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.161).

É interessante que na análise do *Sul e as ilhas*, a política do fascismo, tida como antirural, não obteve tanta oposição entre os grandes latifundiários do Norte, mas encontrou o oposto no Sul com os grupos imobiliários e proprietários de terras. A função do PCI deveria ser a de quebrar o antifascismo liberal da União Nacional e dos proprietários do *Mezzogiorno*, pois “esses antifascistas representam o fascismo do tipo sulista, os precursores

do fascismo mais moderno, aqueles que aterrorizam os rurais do Sul” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.168).

A popularização do PCI no *Mezzogiorno* estava relacionada com a aliança com o proletariado agrícola para lutar e vencer o fascismo, estratégia já encontrada nos textos de Gramsci desde 1916. Mas, com as teses do Partido, não restava mais dúvidas sobre o compromisso com a aliança operário-camponesa e a questão meridional ser um dos objetivos principais do comunismo italiano. Claro que para essa tarefa, seria necessário maior envolvimento com os católicos de esquerda.

6.2 Congresso de Lyon: as teses IV e V

A IV Tese, conhecida popularmente como *A situação da Itália e as tarefas do Partido Comunista Italiano (PCI): Teses de Lyon*, é um esforço geral da ordenação pragmática, doutrinária e histórica que chegou à elaboração teórico-política da direção gramsciana do PCI, assim como as *Teses de Roma* são o momento de chegada da direção política de Bordiga. Em comparação, as *Teses de Lyon* demonstram o caráter historicista da análise gramsciana, assim como propõe soluções de continuidade para o PCI, enquanto possui como elemento central a hipótese de que o capitalismo é o elemento predominante da sociedade italiana e de tal fato se compreende que não há outra possibilidade de revolução que não seja a revolução socialista (Spriano, 1967).

Como veremos abaixo, a tese IV. *Progetto di tesi politiche* é a parte atualmente mais conhecida e traduzida no Brasil.

Tabela 4: IV. *Progetto di tesi politiche*

<i>Situazione italiana e “bolscevizzazione” del PCI</i>	<i>Introduzione</i> <i>Analisi della struttura sociale italiana</i> <i>La politica della borghesia italiana</i> <i>Il fascismo e la sua politica</i> <i>Forze motrici e prospettiva della rivoluzione</i> <i>Compiti fondamentali del Partito comunista</i>
--	---

	<i>La costruzione del Partito comunista come partito “bolscevico”</i> <i>La ideologia del Partito</i> <i>La base della organizzazione del Partito</i> <i>Competenza della organizzazione del Partito. Frazionismo</i> <i>Il funzionamento della organizzazione del Partito</i> <i>Strategia e tattica del Partito</i>
--	--

Fonte: elaborada pela autora

O que nos interessa da IV Tese é a questão do Partido enquanto organização revolucionária da classe operária, da bolchevização no PCI e do fascismo. A primeira parte do documento é uma profunda análise histórica do movimento operário internacional, do surgimento do marxismo na Itália e do processo de desenvolvimento e expansão da Internacional Comunista. A análise de Gramsci e Togliatti é brilhante no que diz respeito a relação política-economia-cultura presente em todo o texto, sem deixar de lado a questão histórica e as raízes e debilidades da indústria italiana, do campesinato e do *Risorgimento* para explicar o fascismo.

A questão agrária e a relação oposta entre o *Mezzogiorno* e o Norte é bastante trabalhada para explicar a estrutura social italiana: capitalismo predominante e industrialização incipiente com possibilidades limitadas devido à situação geográfica. O caminho aberto e único possível – já orientado em textos anteriores de Gramsci – é de que “não existe na Itália a possibilidade de uma revolução que não seja a revolução socialista” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, pp.174-175), tese que deixa claro que o fascismo não é revolucionário, mas parte da debilidade intrínseca do capitalismo italiano e da classe industrial que se utilizou de diversos recursos para controlar a economia do país.

Nesse sentido, o item *A política da burguesia italiana* é de grande importância por tratar o fascismo a partir de uma perspectiva histórica ampliada. O Estado italiano é analisado desde seu surgimento (1870-1890) como o período de maior debilidade, em que intelectuais e capitalistas estiveram unidos no propósito de manter a unidade, mas separados no que diz respeito ao Estado unitário. A tática do transformismo – retomada por Gramsci nos *Cadernos do Cárcere* – aparece nesta tese como “a consciência da necessidade de

ampliar a base das classes que dirigem o Estado”, somado ao fato de o Vaticano reunir em torno de si “um bloco reacionário e antiestatal, constituído pelos latifundiários e pela grande massa de camponeses atrasados, controlados e dirigidos por ricos proprietários e sacerdotes” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.178).

Transformismo, uma das formas históricas típicas da revolução passiva, ocorreu a partir do *Risorgimento* e se tornou parte estrutural da vida política italiana. A tática do transformismo nasceu no interior do Parlamento e ao se tornar fundamento da vida estatal do país, foi elemento mantenedor da hegemonia da classe dominante, pois se tornou uma estratégia possível de realizar conciliação de classes e dos diferentes estratos da burguesia, de maneira que possibilitou também a assimilação da esquerda para o programa político da direita.

No segundo período (1890-1900), a burguesia assumiu a responsabilidade em organizar sua própria ditadura com medidas políticas e econômicas, alianças internacionais – a Tríplice Aliança -, além de resolver a questão entre intelectuais e industriais. No campo econômico, o protecionismo industrial-agrário é o reflexo do controle capitalista sobre a riqueza nacional, enquanto politicamente há uma ditadura burguesa que restringe o direito ao voto para mais de um milhão de eleitores. A aliança instaurada entre latifundiários e industrialistas retira parte da força e do controle da Igreja na figura do Vaticano, enquanto a instituição

reafirma a necessidade de dar maior importância à parte de seu programa reacionário que se refere à resistência ao movimento operário e assume posição contra o socialismo com a encíclica *Rerum Novarum* (Teses do III Congresso do PCI, 1987, pp.178-179).

No cenário internacional e nacional, o proletariado e o campesinato se organizaram e alcançaram os primeiros progressos e vitórias reais, chegando ao problema da revolução, já determinado pela questão histórica e pelo caráter antagônico entre proletariado e burguesia. A derrota para o movimento operário é muito clara nesse período, principalmente na Itália, pois com o auxílio do Vaticano que se articulou com a classe dirigente “para proporcionar ao Estado uma base mais segura” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.179). Até 1914, que marcou o fim do terceiro período e o começo da Guerra Imperialista, os movimentos do proletariado eram forças antiestatais que se articulavam em insurreições contra o Estado reacionário.

Para Gramsci e Togliatti, é durante esse período que a necessidade de organização do proletariado em um partido revolucionário foi estabelecida. No Estado, a “crise do poder”, crise de direção, se tornou aberta devido à ausência de um núcleo homogêneo de classe que conseguiu impor sua ditadura. O proletariado, por sua vez, foi derrotado devido às deficiências organizativas, táticas, estratégicas-políticas e “não consegue se pôr à frente da insurreição da grande maioria da população para fazê-la desembocar na criação de um Estado operário”. É dessa maneira que

há que se considerar a vitória do fascismo, em 1922, não como uma vitória sobre a revolução, e sim como consequência da derrota das forças revolucionárias, em razão de suas carências intrínsecas (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.181).

O ponto *O fascismo e sua política* trata de uma parte de teorização e historicização do fascismo e suas transformações desde o surgimento em 1919. Após anos da liderança de Bordiga e a desimportância dada ao fascismo, esse item é essencial porque analisa de forma aprofundada o fascismo enquanto reação armada de desagregação e desorganização da classe operária. Conforme se insere no campo da política tradicional das classes dirigentes, baseado socialmente na pequena burguesia urbana e na nova burguesia agrária, imobiliza a classe operária.

Enquanto luta e resistência, a classe operária poderia se beneficiar das fissuras e das oposições dentro do núcleo do próprio fascismo, mas deveria compreender os limites e os antagonismos. Ou seja, por mais que o fascismo tenha lutado contra os grupos liberais favoráveis da democracia, dos giolittianos a favor do Estado e da maçonaria, não são dessas forças que nasce a resistência e a revolução. O fascismo encaminhou políticas econômicas distintas e se articulou com as forças sociais após tê-las desorganizado e imobilizado. Executor da política econômica de Nitti e da minoria industrial-agrária, o discurso antiplutocrático dos *fasci* não era mais usual e

a coroação de toda a propaganda ideológica, da ação econômica e política do fascismo, é sua tendência ao “imperialismo”. Esta tendência é a expressão da necessidade sentida pelas classes dirigentes industrial-agrárias italianas de procurar, fora do espaço nacional, os elementos para a resolução da crise da sociedade italiana (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.184).

No entanto, a política econômica do fascismo “determina profundas reações das massas”, com greves no campo e nas fábricas. As populações das ilhas e do Sul, assim como camponeses pobres de outras regiões da Itália, não estavam mais sob controle total do

Vaticano, do Partido Popular e dos padres da Ação Católica. Muitos camponeses foram despertados para a luta revolucionária e se aliaram com o PCI e organizações da terra. O proletariado, entretanto, sentia na pele os limites impostos pelo fascismo com a violência, assim como pela tentativa dos sindicatos fascistas em dividir o proletariado enquanto se tornam “instrumento direto da opressão reacionária a serviço do Estado” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.185).

Na virada de 1925 para 1926, a violência fascista institucionalizada realizava as modificações na estrutura legislativa italiana. Com a nova Lei Eleitoral, as mudanças no regime administrativo, o controle sobre todas as organizações de massas, o controle nos sindicatos que impedia a CGL de realizar acordos e minimamente apoiar o proletariado, assim como a supressão da imprensa e ilegalidade dos partidos políticos, abriam o espaço para a derrota completa da democracia burguesa e início da ditadura. Violência física e perseguição policial, no campo ou nas cidades, não foram uma novidade de 1926, pois desde 1921 as milícias assassinas de Mussolini disseminavam o terror de modo sistemático.

Em *Forças motrizes e perspectiva da Revolução* há uma compreensão importante sobre o processo revolucionário, de que em termos de tempo é imprevisível, mas, é certo o papel essencial da classe operária, de figura própria, com consciência de classe, espírito de cisão e independência em relação a outras classes. Fundamentado na teoria marxiana e leniniana, para o grupo dirigente do PCI, a revolução na Itália, independentemente da época, seria dirigida pela classe operária, pelos camponeses pobres do *Mezzogiorno*, das ilhas e das outras regiões do país.

Se pode afirmar em linhas gerais, e tendo por base, principalmente a experiência italiana, que, após o período da preparação revolucionária, entrar-se-á em um período revolucionário “imediato”, quando o proletariado industrial e agrícola Setentrional será recuperado, pelo desenvolvimento de uma situação objetiva, e através de uma série de lutas particulares e imediatas, um alto grau de organização e de combatividade. Quanto aos camponeses do Mezzogiorno e das Ilhas, deverão ser postos em primeira linha, entre as forças com as quais se devem contar para a insurreição contra a ditadura industrial-agrícola, ainda que não se queira atribuir-lhes uma importância decisiva que não seja em aliança com o proletariado (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.186).

É importante ressaltar que se trata de um programa político e que o PCI deveria trabalhar nos anos seguintes para sua consolidação. A parte sobre as *Tarefas fundamentais do Partido Comunista* é constituído por seis seções:

- *A construção do Partido Comunista como Partido bolchevique;*

- *A ideologia do Partido;*
- *A base da organização do Partido;*
- *Coesão da organização do partido. Fracionismo;*
- *O funcionamento da organização do Partido;*
- *Estratégia e tática do Partido;*

Em síntese, as tarefas principais do Partido, na ordem do dia e a longo prazo, eram a organização e unificação do proletariado industrial e do campesinato para a revolução; a mobilização e organização das forças necessárias em torno da classe operária, para a fundação do novo Estado; desenvolver no proletariado a consciência de classe por meio da ideologia e da insurreição contra o Estado burguês e “guiá-los, política e materialmente, à sua solução através de uma série de lutas parciais” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.188).

O III Congresso é o momento de consolidação do novo grupo dirigente e, conseqüentemente, da bolchevização do partido, em curso desde 1924 e desenvolvida, de fato, desde o Pleno Alargado, em 1925. A linguagem da época, própria do contexto de guerra e revolução, afetou a teoria política gramsciana e os itens seguintes do documento demonstram que em termos linguísticos e projetuais, o PCI se organizaria e se expandiria em torno da IC e da bolchevização.

A questão da vanguarda, abordada conceitualmente e estrategicamente por Lenin no *Que fazer?* está presente no ponto 24 do item *A construção do Partido Comunista como Partido Bolchevique*. O Partido deveria ser concebido e agir como partido da classe operária e da revolução, enquanto a vanguarda seria parte essencial da atividade organizativa. Uma das concepções mais importantes é que o PCI não poderia ser apenas um partido de operários, de forma que não ignorasse a necessidade de reagrupar ao seu redor os elementos intelectuais e camponeses e aqueles que se vissem instigados para lutar contra o capitalismo.

Dessa forma,

A construção de um Partido Comunista que seja, de fato, o partido da classe operária e o partido da revolução – que seja, pois, um partido “bolchevique” – encontra-se em relação e a com os seguintes pontos fundamentais: 1) a ideologia do partido; 2) a forma de organização e seu grau de coesão; 3) a capacidade de funcionar em contato com as massas; 4) a capacidade estratégica e tática (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.189).

Na parte ideológica, a base seria o marxismo e o leninismo e a consciência deveria ser internacionalista. A tarefa fundamental do Partido revolucionário é auxiliar o proletariado no processo de adquirir independência política, com uma fisionomia, personalidade e consciência revolucionária. O espírito de cisão é necessário para que o Partido consiga “impedir toda infiltração e influência desagregadora de classes e elementos que, ainda que tenham interesses contrários ao capitalismo, não estão dispostos a travar uma luta contra este” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.194).

Em termos de organização, que são questões políticas, o III Congresso reforçou as células nas fábricas e o local de produção que permite estabelecer o contato entre todos os estratos da classe operária. Esse princípio foi necessário para a bolchevização e está relacionado com as condições de o partido dirigir a classe operária, sem deixar de lado a capacidade de funcionamento em contato direto e orgânico com as massas e a capacidade estratégica e tática.

A organização por células implica a formação, no Partido, de um estrato bastante amplo de elementos dirigentes (secretário de célula, membros dos comitês de célula etc), que são parte da massa e permanecem nela ainda que exercendo funções diretivas, diferentemente dos secretários das seções territoriais que, necessariamente, estão separados da massa trabalhadora. O Partido deve dedicar um especial cuidado à educação desses companheiros que formam o tecido constitutivo da organização e são o instrumento de vinculação com as massas. De qualquer ponto de vista que se considere, a transformação da estrutura sobre a base da produção é o objetivo fundamental do Partido, no momento atual, e a única maneira de resolver seus problemas mais importantes. Deve-se insistir nisso e intensificar todo o trabalho ideológico e prático no que se relaciona à sua consecução (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.195).

O Partido, no processo de se tornar bolchevique, deve possuir organização centralizada, com disciplina em suas fileiras. A disciplina não deve ser imposta e autocrática, pois o Comitê Central e os órgãos de direção devem ser constituídos em eleições e a partir da escolha de “elementos capazes, realizada através da comprovação de trabalho e da experiência do movimento” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.195). A luta contra o fracionismo é outro ponto fundamental e a centralização e a coesão interna devem garantir que não existam grupos que assumam o caráter de fração.

A fórmula política da frente única antifascista e anticapitalista deve ter uma tendência unificadora e organizada para reestruturar e reagrupar a classe operária e os organismos autônomos das massas. Para tanto, o partido deve ter capacidade estratégica e tática para organizar e unificar ao redor da vanguarda as forças necessárias para dirigir a

classe operária nas lutas cotidianas e nos movimentos históricos. Tal capacidade está no fato de o partido ser capaz efetivamente de se vincular com os setores da classe operária e “incitar a massa a um movimento na direção desejada e favorecida pelas condições objetivas” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.200).

Tabela 5: V. *Progetto di tesi sindacali*

<i>I. Partito e sindacati nel movimento operaio italiano</i>
<i>II. La classe operaia e i sindacati in regime fascista</i>
<i>III. La nostra propaganda sindacale</i>

Fonte: elaborada pela autora

A tese V, *Projetos de teses sindicais*, é a última parte das *Teses do III Congresso*. Não menos importante, mas ainda pouco referenciada nos estudos gramscianos brasileiros, possui três seções que dão prosseguimento a questão da frente única antifascista e anticapitalista. O debate sobre a questão sindical é comum para Gramsci desde o período do *Biennio Rosso*, em que foi comum escrever artigos sobre a relação partido-sindicato-conselhos de fábrica.

Nessa tese, a questão dos sindicatos fascistas vem à tona devido à introdução da legislação fascista sobre os sindicatos que suprime toda e qualquer instituição criada pelo proletariado. A organização do PCI para essa nova realidade foi uma das preocupações no III Congresso, pois a derrota abateu a classe operária e escancarou os diversos equívocos cometidos pelos líderes sindicais. “O erro fundamental foi de natureza política e constituiu em ignorar o papel que a classe operária tem na luta contra a sociedade burguesa” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.207).

Com os sindicatos fascistas, a estrutura da organização deveria ser adaptada e o PCI deveria garantir a organização “das massas sob a pressão dos interesses imediatos” e traduzir a mobilização efetiva e progressiva da classe operária, lutando contra as tentativas de recuperação reacionárias do capital e dirigindo a conquista do poder e construção do novo Estado.

Historicamente, o trabalho dos líderes reformistas nas organizações sindicais foi o de tornar a CGL “um grande partido reformista que impediu e sabotou qualquer preparação revolucionária do Partido e qualquer mobilização e direção das massas por parte dele”. Semelhante com a concepção de Gramsci sobre a relação sindicato-partido-conselhos de

fábrica, em 1919-1920, os comunistas entendem que a relação de subordinação do Partido aos sindicatos é um sinal da submissão dos operários da grande indústria e de todo o proletariado “à influência das classes contrarrevolucionárias” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.208).

Essa questão é explicada com base no Congresso do PSI, de 1907, realizado em Firenze, em que os socialistas firmaram um compromisso com a necessidade de manter a unidade do PSI para a possibilidade de criação de um “partido do trabalho”. Segundo Gramsci e Togliatti, “todo o caos do movimento revolucionário italiano pode ser explicado por esta configuração das relações entre os sindicatos e o Partido” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.209).

No documento, (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.211), são vários os exemplos dos acontecimentos em que o PSI e a CGL se colocaram contrários à classe operária e ao campesinato, de forma que auxiliaram nos diversos fracassos das lutas de classes:

- Em greves antes e durante 1914;
- Nas greves e rebeliões de 1917;
- Na burocracia sindical; durante o desenvolvimento das CI e na luta dos Conselhos de Fábrica;
- Durante os ataques no *biennio nero*;
- Na greve de agosto de 1922 em que os sindicatos demonstraram a conciliação e a colaboração de classes que corroborou na vitória do fascismo;
- A preservação dos reformistas durante a Marcha Sobre Roma e durante a crise aberta pelo assassinato de Matteotti.

Na relação partido-sindicato, a tarefa principal do PCI seria o de atuar como líder da classe operária capaz de dirigir as massas “nos seus movimentos reais, que partem da defesa dos interesses econômicos imediatos e da exigência da liberdade das lutas de classes e ocorrem principalmente em bases sindicais” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.211).

Os comunistas deveriam ser filiados aos sindicatos e atuar dentro desses. No entanto, como bem demonstrado no item *A classe operária e os sindicatos no regime fascista*, o programa sindical do fascismo foi emaranhado da fraseologia pseudo-sindicalista para esconder a verdadeira natureza de conciliação de classe e de programa das classes dominantes, com o claro objetivo de “evitar que o proletariado se organize como classe e se

reúna em torno de si e lidere as amplas massas de operários na luta contra o capital” (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.211).

Dessa forma, com a dissolução das organizações operárias e camponesas, os sindicatos fascistas poderiam atuar livremente como base estável e segura para a ditadura fascista. Por razão econômica e política, o fascismo luta contra todo e qualquer movimento dos trabalhadores.

No domínio sindical, as tarefas do PCI seriam:

- A defesa dos sindicatos de classe com o objetivo de unificar e mobilizar as massas;
- Defesa da CGL como núcleo de unidade orgânica do movimento operário;
- Criação de organizações a partir das fábricas e dos locais de trabalho para que a classe operária consiga encontrar unidade e coesão;
- Por meio de lutas parciais, provocar mobilizações na defesa dos interesses econômicos e da liberdade.

O III Congresso em Lyon, prestes a ser finalizado com a V tese, teve como palavra de ordem a defesa dos sindicatos de classe e da unidade sindical, pois “o valor desse slogan reside no fato de estar diretamente ligado a toda a luta que o Partido Comunista tem travado no campo sindical desde a sua criação contra os adversários”, fossem os fascistas, os reformistas ou os *massimalistas* (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.216).

Em 17 de outubro de 1925, o Comitê Sindical do PCI enviou aos *massimalistas* uma carta com cinco pontos sobre as ações comunistas para rearticular os sindicatos. Na V tese esses pontos são reafirmados (Teses do III Congresso do PCI, 1987, p.220):

- Oposição a todas as formas colaboracionistas com a burguesia;
- Oposição ao plano reacionário de destruição dos sindicatos da classe operária;
- Ação que alcance a unidade sindical nacional e internacional;
- Adesão ao programa e táticas do Comitê Anglo-Russo;
- Ação para manter as organizações confederais vivas;
- Ação para obter a democracia e o respeito sindical;
- Revogação das expulsões dos comunistas;
- Reforma do estatuto Confederal para permitir manifestações;
- Unificar os operários em torno dos organismos representativos das massas.

Para cumprir as tarefas acima, a frente única sindical precisaria ser considerada como um fim positivo, não apenas como meio ou manobra. O programa de reivindicações concretas deve ser aceito por todos os operários de todas as tendências e categorias políticas e são indicados:

- A luta por liberdades sindicais, de organização, de greve etc.;
- Luta pela jornada efetiva de oito horas;
- Luta por um salário mínimo e pelo aumento salarial;
- Luta contra os direitos aduaneiros;
- Luta contra o elevado custo de vida e contra a especulação sobre os bens de consumo.

Com a clandestinidade da Lei fascista de supressão dos sindicatos, a luta sindical não era possível, assim como nenhuma mobilização. A criação de comitês de agitação e diferentes comissões internas deveria ocorrer com brevidade, mesmo na ilegalidade, para se tornarem órgãos de representação da massa operária fabril. A capacidade de mobilizar a classe nas fábricas precisaria estar relacionada com os objetivos imediatos de preparação de lutas amplas.

Para os comunistas, ações deveriam ser criadas para o enfrentamento, reorganização e mobilização progressiva do proletariado. A greve geral seguia como uma das ações concretas mais importantes das massas, mas necessita de

organização, unificação e eficiência das massas, e adquire um valor prático se amadurecer de uma fase em que a multiplicação da agitação local e as manifestações confiantes e espontâneas da periferia trazem-no como uma indicação clara e como ápice de um processo de desenvolvimento preparado na base do movimento operário (Teses do III Congresso do PCI, 1987, pp.222-223).

A ação da greve geral é considerada como ponto de chegada de diversos movimentos parciais das massas que a vanguarda comunista foi capaz de suscitar, ampliar, dirigir e unificar. A desintegração do movimento operário deveria, e foi, o ponto de partida do trabalho do novo grupo dirigente do PCI e demonstrou a capacidade de articulação, estímulo, coordenação e direção na luta da classe operária e do campesinato.

6.3 A esquerda: a intervenção e as teses de Bordiga

No dia 20 de janeiro, na ocasião do III Congresso, Bordiga fez uma intervenção¹⁷⁰ política muito importante que demonstra questões essenciais sobre a transição da direção do PCI, a oposição às teses de Gramsci, assim como a concepção diferente em relação a formação do Estado italiano, da política internacional, sobre o fascismo e a organização do Partido.

Bordiga se denomina como oposição, com divergências fundamentais entre seu grupo, o núcleo dirigente do PCI e a IC. Começa seu discurso sobre a ideologia do Partido, o qual, em sua compreensão, segue as diretrizes do marxismo revolucionário, diferente do grupo de Gramsci que “afastaram delas, aproximando-se de concepções filosófico-idealistas que a própria Internacional condena” (Bordiga, 1981, p.209).

O Partido, compreendido como órgão da classe operária, não deveria ser entendido como parte desta, pois, para Bordiga, essa concepção é de oportunismo. Sobre a organização do PCI por meio de células, o grupo de esquerda compreendia que isso não daria ao partido um espírito proletário, mas um espírito corporativista. Quanto a questão internacional, de muita importância para o fundador do PCI, e sempre colocada em primeiro plano, afirma que “existe uma crise na Internacional Comunista”, originada “no fato de que nem sempre se seguiu um caminho correto na construção dos partidos comunistas” (Bordiga, 1981, p.210).

Num primeiro período, a única preocupação foi aglutinar forças, sem se dar relevância se se tratava de forças autenticamente comunistas, e, em seguida, foi necessário iniciar uma série de depurações e todos os partidos tiveram que atravessar crises profundas. Este estado de coisas tem suas repercussões até na atual situação da Internacional (Bordiga, 1981, p.210).

Para Bordiga, a IC buscou resolver a crise com a bolchevização, a qual “repudiamos esta palavra de ordem na medida em que ela significa uma transposição artificial e mecânica aos partidos ocidentais dos métodos que eram próprios do partido russo” (Bordiga, 1981, p.211). Contrário à organização do Partido por células, compreendia que para os partidos não russos, a organização deveria ser territorial e que as células fossem oriundas do partido

¹⁷⁰ Muitos dos discursos e intervenções no III Congresso do PCI foram perdidos. No livro organizado por TRAGTENBERG, Maurício. **Marxismo Heterodoxo**. Editora Brasiliense: Rio de Janeiro, 1981 é possível verificar a *A intervenção na comissão política no Congresso de Lion*, de Amadeo Bordiga. Neste texto são citados com a data de publicação, pois o estudo foi realizado a partir do próprio livro, mas é possível encontrar o texto em: << <https://www.marxists.org/portugues/bordiga/1926/01/20.htm>>>.

e não forjadas nas fábricas. Para o líder da esquerda, a organização por células foi a tentativa de resolver as questões políticas com fórmulas organizativas, assim como o fracionismo. Esse também não seria resolvido no terreno da disciplina e da organização por ser uma questão histórica e política que somente seria solucionada a partir desse olhar.

Em 1926, as críticas de Bordiga não foram diferentes do que foi exposto na fundação do PCI, nas Teses de Roma e nos anos seguintes. Fato é que os apontamentos são essenciais para refletir sobre um partido político em termos organizativos, funções, táticas e estratégias.

Sobre o fascismo, afirmou:

O erro de vocês é exatamente o de supervalorizar o perigo da vitória de um grupo burguês de direita. A vitória do fascismo só foi possível pela política de concessões no movimento operário realizada pela burguesia de esquerda durante o período democrático. Estas concessões serviram para evitar que se formasse uma unidade operária. A liberdade de mobilização do proletariado no período democrático era, portanto, uma condição contrarrevolucionária e nós devemos impedir que se volte a esta mesma situação, combatendo, desde já, a ilusão de que existe uma burguesia de esquerda. Vocês não contribuíram para destruir esta ilusão e deixaram que o proletariado caísse sob a influência de outras classes (Bordiga, 1981, p.212).

No entanto, a experiência prática de liderança do napolitano nos primeiros três anos do PCI, durante a sangrenta ofensiva fascista, não funcionou e o movimento operário e as ligas camponesas foram, em grande medida, massacradas e assassinadas. Finalizada a intervenção com a conclusão de que a Internacional Comunista precisaria ser revista com discussões exaustivas sobre seus problemas, Bordiga apresenta três teses que ficaram conhecidas como *Teses da minoria*¹⁷¹.

Tabela 6: Tesi della minoranza

I. Questioni generali	1. Principi del comunismo 2. Natura del partito 3. Azione e tattica del partito
-----------------------	---

Fonte: elaborada pela autora

¹⁷¹ O documento *Teses da minoria* foi lido e citado a partir do livro ***Le tesi di Lione: riflessione su Gramsci e la storia d'Italia. Quaderni/39***. Franco Angeli: Milano, 1990. O texto pode ser encontrado na íntegra em: Disponível em: <<<https://www.marxists.org/portugues/bordiga/1926/mes/40.htm>>>.

Em *Princípios do comunismo*, há uma exposição sobre a concepção da esquerda comunista em relação aos fundamentos doutrinários do PCI: o materialismo dialético, as doutrinas econômicas presentes em *O Capital*, as formulações presentes no *Manifesto Comunista* e a experiência soviética sob a liderança de Lenin. Fundamentado no purismo, condena as doutrinas liberais, maçônicas, idealistas, reformistas, social-democratas e qualquer uma que “concebe uma transição pacífica e sem luta armada do poder capitalista ao poder operário, apelando à colaboração de classe” (Teses da minoria, 1990, p.229).

Sobre o sindicalismo, as *Teses da minoria* compreendiam que desvalorizava a ação política da classe operária, assim como a necessidade do partido enquanto organização revolucionária suprema.

Em *A natureza do Partido*, não há nada de diferente das *Teses de Roma*. Há uma análise sobre o processo de emancipação do proletariado e sua relação com o partido político, compreendido como a organização capaz de conduzir as lutas de classes para a criação de um novo Estado, sendo o “o único instrumento possível, primeiro de insurreição revolucionária e depois de governo”. A tese parte de Marx e encontra praticidade e desenvolvimento em Lenin que define o partido

como uma organização de todas as pessoas conscientes do sistema de opiniões em que se resume a tarefa histórica da classe revolucionária, e determinadas a agir por sua vitória (Teses da minoria, 1990, p.230).

Para Bordiga, é apenas no partido político que a classe operária adquire conhecimento sobre sua função, seu caminho e desenvolve vontade para tal. O partido é o representante da classe e a liderança não deveria ter a concepção trabalhista, pois acaba por substituir a visão revolucionária pela visão democrática.

Ação e tática do partido é outro item referente a primeira tese que responde os problemas atuais da organização interna do partido e da Internacional Comunista. Para a minoria, tática, fundamentada nos princípios e na natureza do partido, é a forma que o partido atua nas situações, nos grupos e nos órgãos e instituições da sociedade. As diretrizes/estratégias são as ações concretas que precisam ser definidas em relação aos problemas práticos e particulares apresentados pelo desenvolvimento histórico (Teses da minoria, 1990).

O grupo de Bordiga compreendia que o partido deveria ter suas ações fundamentadas em três pontos essenciais, para além do purismo dos princípios teóricos, dos altos números de filiados, de sucessos imediatos e da estrutura imediatista:

- Defesa e esclarecimento dos postulados fundamentais do marxismo que deve ser a consciência teórica da classe operária;
- Garantia da estrutura organizativa do partido e defesa contra influências estranhas e opostas aos interesses do partido;
- Participação ativa nas lutas da classe operária para encorajar seu desenvolvimento, mas fundamento na realização de conexões com os objetivos revolucionários.

Nesse sentido, para o grupo de Bordiga, o partido deveria organizar as condições subjetivas, preparar o proletariado para aproveitar tais possibilidades e estar preparado para assumir seus aspectos estratégicos durante a luta pelo poder, assumindo também o caráter militar, pois não deveria estar reduzido às funções ideológicas, de propaganda e de organização (Teses da minoria, 1990).

Tabela 7: Tesi della minoranza

<i>II. Questioni internazionali</i>	<i>1. La costituzione della Terza Internazionale</i> <i>2. Situazione economica e politica mondiale</i> <i>3. Metodo di lavoro dell'Internazionale</i> <i>4. Questioni organizzative</i> <i>5. Disciplina e frazioni</i> <i>6. Questioni di tattica fino al V Congresso</i> <i>7. Questioni della "nuova tattica"</i> <i>8. Questione sindacale</i> <i>9. Questione agraria</i> <i>10. Questione nazionale</i> <i>11. Questione russe (1926)</i>
-------------------------------------	--

Fonte: elaborada pela autora

A *Tese II Questões internacionais* é dividida em 11 seções importantes que nos possibilita compreender o alto nível de disputa teórica e direcional do PCI nos anos de 1926. No começo do documento, há uma análise sobre o surgimento da III Internacional no

momento de vitória do proletariado russo e oriunda da crise que assolou a II Internacional com o reformismo e oportunismo. No entanto, a criação do Comintern não resolveu os problemas e a crise do movimento operário e a situação econômica e política de 1926, aos olhos do grupo de Bordiga, parecia menos favorável ao proletariado do que no período do pós-guerra.

Semelhante com a análise do grupo de Gramsci, compreendiam que a crise do capitalismo em 1926 permanecia aberta e demonstrava sinais de agravamento; em termos políticos – também semelhantes com o grupo do centro -, entendiam que o movimento operário estava cada vez mais enfraquecido e que tal afirmação somente poderia ser contrabalanceada se o olhar alcançasse a União Soviética que consolidava sua revolução (Teses da minoria, 1990).

O ponto de divergência entre Gramsci e Bordiga, a maioria e a minoria, já bastante referenciado neste texto, é sobre a organização em células. A II Tese reafirma e aprofunda essa questão na seção *Questões organizativas*. Contrário aos elementos não operários ou ex-operários, as células não aumentariam a influência dos operários no partido. Nesse sentido, a palavra de ordem da bolchevização

corresponde a uma aplicação rebaixada e inadequada da experiência russa, tendendo já em muitos países a um sistema imobilizante, embora não intencional, das iniciativas espontâneas e da energia proletária e classista, por meio de um aparelho cuja seleção e função são realizadas com critérios em grande parte artificiais (Teses da minoria, 1990, p.247).

Para Bordiga e seus camaradas, o partido deveria ser organizado por meio de uma base territorial, mas sem renunciar aos órgãos ligados ao partido e as fábricas que deveriam ser “vinculados ao partido e por ele dirigidos, incluídos em sua estrutura sindical”. Seria uma saída para os tempos de ilegalidade por manter o contato com as massas e manter “menos exposta a organização fundamental do partido” (Teses da minoria, 1990, p.247).

Em relação a *Disciplina e frações*, outra palavra de ordem da bolchevização para garantir a eficiência do partido, centralização da disciplina e proibição rigorosa do fracionismo, Bordiga e seu grupo também se manifestavam na oposição. O Partido Comunista Russo, órgão central da Internacional Comunista e detentor da hegemonia política, deveria ser o exemplo. Para a minoria, tratava-se, no entanto, de

recrudescimento inútil do autoritarismo hierárquico (vazio de investidura inicial, seja pela incompletude da grandiosa experiência histórica na Rússia, seja porque,

mesmo na velha guarda das tradições bolcheviques, de fato surgiram divergências cujas soluções não devem ser consideradas a princípio como as melhores), assim como não está em uma aplicação sistemática dos princípios da democracia formal, que para o marxismo têm apenas a função de uma prática organizativa que pode ser conveniente (Bordiga, 1990, p.248).

A defesa do centralismo orgânico pela Internacional e pelo grupo de Gramsci, segundo as *Teses da minoria*, serviriam para os partidos comunistas, consultar a base sobre qualquer agrupamento possível e eliminá-los. Para Bordiga e seus camaradas, a “repressão ao fracionismo” deveria ser prevenida e não possuir um caráter fundamental, com formas mecânicas e “prescrições hierárquicas” (Teses da minoria, 1990, p.248).

A seção VI. *Questões táticas até o V Congresso* são interessantes e importantes principalmente no que diz respeito a crítica sobre a tática da frente única, a qual, segundo o grupo de Bordiga, não deveria ser entendida como coalizão política com outros partidos, “mas como o uso das reivindicações imediatas de certa situação para aumentar a influência do partido comunista sobre as massas, sem comprometer sua autonomia” (Teses da minoria, 1926, p.250).

Contrário à fórmula política da frente única, compreendia que se tratava de uma tática incorreta e de uma contradição dos princípios do comunismo.

Se o partido lança uma palavra de ordem que clama pela tomada do poder por parte do proletariado através de organismos do próprio aparato estatal burguês, ou se vacila em condenar explicitamente tal possibilidade, então ele abandonou e recusou o programa comunista, não só pelas consequências danosas à ideologia proletária trazidas por tal posição, mas pela própria formulação ideológica que o partido anuncia e à qual adere (Teses da minoria, 1926, np).

Sobre a atuação do PCI nos sindicatos, Bordiga e seu grupo não divergiam tanto do grupo de Gramsci, apenas no que dizia respeito a relação sindicato-conselhos de fábrica. Na seção 8. *Questão sindical* há um balanço histórico da relação entre a Internacional e os sindicatos, bem como da constituição do Sindicato Internacional Vermelho, e a defesa de os sindicatos serem o melhor ponto de contato com as massas operárias, sendo que cada partido comunista deveria lutar a favor da unidade sindical. Para o grupo, a defesa da disputa pela unidade proletária nos sindicatos era parte da concepção leninista e rejeitavam os desvios que consideravam retirar a importância revolucionária dos sindicatos, pois esse seria um erro de quem superestimava o papel dos Conselhos de Fábrica.

Tabela 8: Tesi della minoranza

<i>III. Questioni italiane</i>	<i>1. La situazione italiana (1926)</i> <i>2. Indirizzo politica della sinistra comunista</i> <i>3. Opera della Centrale di sinistra</i> <i>4. Rapporti tra la Sinistra italiana e l'Internazionale comunista</i> <i>5. Ordinovismo come tradizione della Centrale attuale</i> <i>6. L'opera politica dell'attuale Centrale del partito</i> <i>7. Attività sindacale del partito</i> <i>8. Attività del partito nelle questioni agrarie e nazionale</i> <i>9. Lavoro organizzativo della Centrale</i> <i>10. Operato della Centrale nella questione del frazionismo</i> <i>11. Schema di programma di lavoro del partito</i> <i>12. Prospettive della situazione interna del partito</i>
--------------------------------	---

Fonte: elaborada pela autora

A *III Tese. Questões italianas* possui doze seções de avaliação sobre a Itália e o desenvolvimento do capitalismo industrial. A tese retoma o *Risorgimento*, o atraso e a diferença social entre a grande e a pequena burguesia; entre os proprietários de terras e os capitalistas; direita e esquerda; clericalismo e maçonaria; democracia e fascismo como antíteses aliadas historicamente. Nesse sentido, interpretam o fascismo como “uma tentativa de unificação política dos interesses contrastantes dos vários grupos burgueses com fins contrarrevolucionários” (Teses da minoria, 1990, pp.259-260). Para a minoria, o fascismo é alimentado pelas classes elevadas, formada pelos industriais comerciais, fundiários e banqueiros, com apoio da família real, da Igreja e da maçonaria.

Com o apoio do aparelho estatal, as classes médias se aliaram aos elementos burgueses contra o proletariado. Para a minoria, o fascismo não se trata de um novo estrato social no poder, nem mesmo de um grupo com programa e ideologia originais e não pode ser explicado como a derrota de uma parte da burguesia. Dessa maneira, o fascismo efetuou uma substituição dos velhos funcionários e realizou uma tarefa antiproletária (Teses da minoria, 1990).

Com a finalidade de explicar os posicionamentos da esquerda comunista nas três teses apresentadas, na seção 2. *Orientação política da esquerda comunista* há uma

apresentação da atuação do grupo de Bordiga desde a militância no PSI, nos famosos Congresso de Reggio Emilia, em 1914, e no Congresso de Ancona, em 1914, nas reuniões de Bolonha, em 1915, em Roma (fevereiro de 1917), em Firenze (novembro de 1917) e no Congresso de Roma, em 1918. Durante esses eventos históricos, é fato que a esquerda comunista, primeiramente abstencionista, liderada por Bordiga sempre se colocou favorável às teses de Lenin.

Nas eleições de 1919, posicionaram-se contrários e expuseram a oposição no *Il Soviet*, assim como durante o *Biennio Rosso*. A articulação do grupo de Bordiga trabalhou desde o Congresso de Bolonha, em outubro de 1919, para a formação do PCI, pautados na ruptura dos dualismos e ilusões presentes no Parlamento, “com base em sucessivas posições críticas, políticas e táticas originais e autônomas, solidamente conexas entre si no suceder-se das situações” (Teses da minoria, 1990, p.261).

Na seção 5. *A tradição ordinovista da atual liderança* e a seção 6. *O trabalho político da atual direção do Partido* há um retorno histórico e crítico sobre a atuação do grupo de *L'Ordine Nuovo* durante os Conselhos de Fábrica e na direção do PCI a partir de 1923. Para o grupo da minoria, os Ordinovistas se alinharam tardiamente ao comunismo e demonstrava erros residuais sobre sua origem, pautada principalmente na figura de Benedetto Croce, no não-marxismo e no não-leninismo¹⁷². Citam, inclusive, o artigo de Gramsci *A revolução contra o Capital*, o qual acusam de idealismo e de atraso em relação a análise sobre a revolução na Rússia.

O grupo da minoria realizou críticas profundas sobre a atuação do PCI em cada seção da *III Tese*: nos aspectos organizativos, na liderança, na questão agrária, na questão sindical, na questão nacional, na organização da direção e na atuação sobre o fracionismo. Apenas na seção 11. *Esboço do programa do Partido* e 12. *Perspectivas da situação interna do Partido* é que há propostas que não difere do que é exposto ao longo do documento e do que foi realizado durante a trajetória do líder Bordiga.

Como foi definido pela Internacional que a esquerda do Partido deveria seguir a direção de Gramsci, a proposta de Bordiga e dos seus camaradas foi apresentar a IC um esquema de ação diversa. No entanto, as *Teses da minoria* foram propostas e votadas no

¹⁷² “No fim, recebemos o anúncio dos líderes Ordinovistas com uma certa dose de ironia, quando anunciaram que eles estavam bolchevizando justamente as pessoas que tinham os colocado no caminho para posições bolcheviques por meios sérios e marxistas, em vez de tagarelar sobre processos mecânicos e burocráticos” (Tese da minoria, 1990, p.266).

Congresso em Lyon, ou seja, há no documento o caráter de disputa da direção do PCI, independentemente do que foi decidido pela Internacional.

6.4 A consolidação da ditadura fascista e a prisão de Gramsci

No dia 15 de fevereiro de 1926, Piero Gobetti, jovem antifascista e grande amigo de Gramsci, sozinho e exilado, morreu em Paris devido aos golpes desferidos pelos fascistas de Torino antes do exílio. O republicano Giovanni Amendola, um dos líderes da oposição ao fascismo, agonizava em um leito no sudeste francês, na região do Mônaco, após espancamento dos fascistas. O fantasma de Matteotti rondava a Itália, mas sem força suficiente para abrir nova crise. Era óbvio que o fascismo deixava vítimas por onde passava e os comunistas tinham clareza disso.

Spriano (1969) aborda impecavelmente a questão internacional e o ano de 1926 como o início do período stalinista e ao começo de um novo período histórico para o socialismo. O debate sobre a política da Internacional e do Partido Bolchevique teve palco durante o VI Plenum, com debate aberto no dia 17 de fevereiro e com confronto entre Stalin e Bordiga¹⁷³. O fundador do PCI foi o único opositor declarado que manifestou a sua total dissidência com a Internacional Comunista, destacando todo o percurso histórico do movimento comunista e do Partido Bolchevique, demonstrando maior confluência política com as posições de Trotsky.

Na Itália, enquanto alguns se exilavam, Gramsci agia como o capitão do navio e não abandonava o país, escrevia um relato¹⁷⁴ jornalístico do trabalho que foi realizado em Lyon. Os resultados numéricos mostravam que os ausentes e não consultados eram 18,9%; dos presentes no Congresso – votos no Comitê Central: 90,8% e 9,2% para o grupo de Bordiga. Desde a fundação, o Partido se desenvolveu em situações complexas, no momento de crise geral da burguesia e crise do movimento operário. Em termos organizacionais, devido à clandestinidade, todas as energias criativas do Partido foram absorvidas (Não assinado, 1978, p.84).

¹⁷³ Não é objetivo deste trabalho uma análise integral do discurso de Bordiga e do seu diálogo com Stalin. Mas, a leitura dos documentos é imprescindível para apreciadores do tema: << <https://www.marxists.org/portugues/bordiga/1926/mes/discurso.htm>>> e << <https://www.marxists.org/portugues/bordiga/1926/mes/encontro.htm>>>.

¹⁷⁴ Cinque anni di vita del Partito, pp. 89-109, Não assinado (1978), publicado em L'Unità, 24 de fevereiro de 1926, III, n. 4. Este relatório foi ditado por Gramsci ao editor de *La Unità*, Riccardo Ravagnan, na casa de Gramsci na via Morgagni, número 25.

A necessidade do Partido era manter as fileiras firmes, mesmo que cotidianamente atacadas pela ofensiva fascista e pela decomposição socialista. As condições desenvolveram sentimentos e estados de espírito de natureza sectária e corporativa. O problema político geral do Partido, de conquistar as massas e organizar as forças sociais necessárias para derrotar a burguesia e conquistar o poder, foi visto como o problema da existência do PCI (Não assinado, 1978, p.85).

No relato a Riccardo Ravagnan, Gramsci narra a decisão da cisão com o PSI, em Livorno e faz aproximações com as fórmulas lapidares de Lenin. No caso da Itália, a cisão não foi apenas do reformismo, mas do *massimalismo* que representava o oportunismo dentro do movimento operário. Faz parte também das narrativas de Gramsci uma análise do Partido durante os anos de 1921-1922 e os dois pontos mais importantes são sobre o desconhecimento dos militantes em relação as divergências profundas que a direção do PCI seguiu e a IC. Outro ponto importante sobre o período, que demonstra nesse relato de Gramsci uma análise mais apurada e aprofundada dos acontecimentos, é sobre a luta física que o PCI se envolveu durante o *biennio nero* e que isso levou o Partido a subestimar as questões ideológicas em relação as questões organizacionais (Gramsci, 1978, p.93).

O novo rumo do PCI aconteceu durante o IV Congresso da IC, no qual foi formado um Comitê de fusão após inúmeras incertezas e resistências, mas a partir de então foi iniciado um processo de diferenciação do Partido em relação a Livorno. Uma das surpresas durante o III Congresso, segundo Gramsci, foi a constatação de que a grande maioria base do PCI e a maioria do antigo grupo dirigente, se distanciaram completamente das políticas de Amadeo Bordiga e se moveram para a Internacional e o leninismo (Gramsci, 1978, p.93).

No item *L'importanza del III Congresso*, Gramsci aborda uma questão essencial que não está presente nas *Teses de Lyon*: que o Congresso foi capaz de resolver todas as tarefas e a situação de crise de desenvolvimento e de homogeneidade, compacidade e estabilização. O PCI adquiriu após 1923, influência sobre os grandes setores da classe operária e do campesinato, além de desenvolver uma capacidade analítica das situações nos elementos individuais, assim como de política e força de liderança (Não assinado, 1978, p.94).

Todo o andamento do trabalho realizado na base para organizar ideológica e praticamente o congresso nas regiões e províncias onde a repressão policial monitora com maior intensidade cada movimento dos nossos camaradas, e o fato de ter sido possível durante sete dias reunir mais de sessenta camaradas para o Congresso do Partido, e quase o mesmo número para o Congresso da Juventude,

são por si só uma prova do desenvolvimento acima mencionado (Não assinado, 1978, p.95).

O PCI sobreviveu em meio a um desequilíbrio permanente e que se tornou catastrófico para a atividade das massas operárias e camponesas. Mas, devido aos bons quadros organizacionais do Partido “e o impulso espontâneo vindo de baixo”, o Partido conseguiu superar as fraquezas da organização clandestina e preparar forças centralizadas e coordenadas (Não assinado, 1978, p.95).

Na análise sobre o fascismo também há um aprofundamento importante a ser observado e que auxilia na compreensão de como Gramsci enxergava ao fascismo ao mesmo tempo em que luta contra a ditadura. De forma prática e imediata, o fascismo foi capaz de privar a classe operária da sua independência e autonomia, forçando-as a passividade e subordinação ao aparelho do Estado. Segundo Gramsci, o PCI “continua a ser o único mecanismo que a classe operária tem a sua disposição para selecionar novos líderes de classe, ou seja, para recuperar a sua independência e autonomia política” (Não assinado, 1978, p.96).

O III Congresso tinha dois objetivos principais:

- Unificar o Partido no campo dos princípios e práticas organizativas e políticas, após as discussões e novos alinhamentos das forças;
- Estabelecer uma linha política para um futuro próximo e desenvolver um programa de trabalho prático para todos os campos de atividades das massas;

Sobre a questão meridional, o PCI deveria criar em todas as regiões uniões de Associação de Defesa dos Camponeses nos agrupamentos diferentes e até mesmo para os camponeses católicos, com a finalidade de consolidar e favorecer as formações de esquerda existentes no campo.

Para o problema das relações entre o Comitê Central do PCI e as massas, foi proposta a solução de incluir discussões gerais sobre a natureza do Partido, sobre o partido de classe e deixar claro que o PCI é constituído por proletários e que esses representam e resumem as necessidades e a ideologia do proletariado; assim como a completa subordinação do Partido à direção do Comitê Central (Não assinado, 1978, p.97).

Essa subordinação, chamada de lealdade, deveria ser mais do que um fato puramente organizacional e disciplinar, mas “um verdadeiro princípio da ética

revolucionária”. A necessidade de incutir nas massas a convicção de que qualquer iniciativa de fracionismo deveria ser sufocada no local de nascimento.

A autoridade do Comitê Central, entre um congresso e outro, nunca deve ser questionada e o Partido deve tornar-se um bloco homogêneo. Somente sob esta condição o Partido será capaz de derrotar os seus inimigos de classe (Não assinado, 1978, p.97).

Tais questões só poderiam ser conquistas, segundo Gramsci, com homogeneidade social e compacidade monolítica da organização. Essa linha diretiva se expressava na fórmula: “o núcleo da organização partidária consiste num Comitê Central forte, intimamente ligado a base proletária do próprio Partido, no terreno da ideologia e táticas do marxismo-leninismo” (Não assinado, 1978, p.98).

Durante o Congresso, a maioria do Partido se mostrou favorável as teses do Comitê Central e rejeitou as concepções da oposição, “que poderiam manter o Partido num estado de delinquência e de amorfismo político e social” (Não assinado, 1978, p.98).

Sobre as relações do partido com a classe operária, o Congresso decidiu:

- A questão sindical tratava-se de uma questão de organização das massas mais amplas, com base em interesses imediatos e base para movimentos políticos revolucionários;
- A questão da frente única enquanto uma liderança política entre a parte mais avançada do proletariado e as frações menos avançadas;

Um apontamento importante feito por Gramsci é que o Congresso não tratou do problema da organização no campo feminino, nem da organização da imprensa – temas que entendia como essenciais e que mereceria tratamento especial, “mesmo a questão da elaboração do programa partidário que estava em pauta não foi tratada pelo Congresso”, sendo necessário realizar conferências para tais finalidades. Ainda assim, o Congresso elaborou várias resoluções e um programa de trabalho concreto que permite à classe operária desenvolver suas energias e capacidade de liderança. Algumas questões importantes: o Partido permanecer unido, sem nenhuma desintegração e pessimismo.

Em março, as discussões no Partido tomaram conotações distintas dos anos anteriores. Turatti e Nenni eram os núcleos do debate, enquanto representantes do reformismo. No âmbito interno, o fascismo estava cada vez mais forte e Mussolini imperava como o *Duce*, com intrigas políticas com Farinacci. A Lei de 03 de abril transformava os governadores das províncias nas altas autoridades do Estado. Em fevereiro, os prefeitos já

havia sido substituídos por prefeitos nomeados pelos chefes de Estado. No entanto, o ano napoleônico do fascismo começava com mais um atentado contra Mussolini, no dia 07 de abril. A irlandesa Violet Gibson (1876-1956) atingiu o nariz de Mussolini com um tiro e foi trancafiada em uma clínica psiquiátrica, sendo homenageada apenas em 2021 por seu país.

Fato é que Mussolini eliminava qualquer princípio de democracia e o fascismo se consolidava em ditadura, submisso ao Estado e ao Partido fascista. Em maio, a triste notícia do falecimento de Serratti, no dia 10 de maio, acometido por um ataque cardíaco quando se preparava para uma reunião clandestina, nas montanhas do Comasco, atingiu o PCI com surpresa e tristeza. Muitas foram as homenagens ao líder do socialismo italiano.

Em 02 e 03 de agosto, Gramsci redigiu, em forma de relatório, o documento *Um esame della situazione italiana*¹⁷⁵. O texto é essencial para compreensão da conjuntura do país e das ações do PCI após meses do Congresso de Lyon. São três os elementos centrais da situação política na Itália:

- O elemento revolucionário alcançado pela tática da frente única e a atuação dos comunistas na organização dos comitês de unidade proletária;
- O elemento político representado pela desintegração do bloco fascista agrário burguês, pois o PNF atravessava mais uma crise;
- O elemento político que encontrava representação na tendência a constituição de um bloco democrático de esquerda.

Com uma leitura positiva da situação, Gramsci verifica que as ações do PCI após o III Congresso foram capazes de conquistar um posicionamento claro frente às massas trabalhadoras, por mais que os outros partidos tenham polemizado com os comunistas. Não faltava clareza para o líder do PCI que as ações do partido eram insuficientes, mas importantes devido às condições de opressão e controle da política fascista. (Gramsci, 1974, p.114).

Em relação a crise que o PNF atravessava, Gramsci chama atenção para um elemento essencial: a desintegração do bloco agrário e liberal, pois no fenômeno molecular de desintegração das velhas ideologias e programas políticos, “vemos o início de uma nova formação política no terreno da frente única”. A ação do PCI influenciaria as personalidades avançadas do mundo rural, intelectuais de pequenas cidades e aldeias, o movimento católico

¹⁷⁵ Apostila com notas para preparar os trabalhos do Comitê Diretivo. Gramsci chama atenção que não se tratava de documento definitivo e que representava apenas um esboço da situação atual. A primeira parte do documento foi publicada no *Stato operaio*, em março de 1928, II, n.3, pp.82-88. Apenas em 14 de abril de 1967, foi publicado integralmente em *Rinascita*, n.15, pp.21-22.

de esquerda, os quais representavam “um indicador seguro de movimentos subjacentes que são muitas vezes ainda mais radicais do que o que surge destes movimentos pessoais” (Gramsci, 1978, p.115).

A juventude comunista também exerceu um papel importante nos primeiros meses de 1926. Por mais que o PCI não conseguisse fusões com outros grupos políticos ou aceitasse novos membros na base da frente única, para os jovens, a questão surgia da vontade de lutar e do querer ser comunista. Redigiu Gramsci: “sobre este ponto podemos afirmar que a linha política do III Congresso se verificou como correta e o balanço da nossa ação para a frente única está amplamente ativa” (Gramsci, 1978, p.116).

Sobre o fascismo, a análise de Gramsci estava ainda mais aprofundada e clara. Compreendia a desintegração do bloco burguês agrário fascista e da própria organização fascista e, certamente, os comunistas poderiam se beneficiar da situação. O fascismo atuava com duas tendências:

1. Do lado nacionalista, estavam Federzoni, Rocco e Volpi, com a liquidação do PNF como organismo político e sua incorporação no Estado que seria uma alternativa, pois garantiria o funcionamento junto com a Coroa e o Estado-Maior. O trio também pensava na incorporação da Ação Católica, na figura do Vaticano, para centralizar as forças do Estado, da casa Savoia e dos elementos mais moderados do *Aventino*.
2. A outra tendência, em crise com Mussolini há meses, era representada por Farinacci e pelas duas maiores contradições do fascismo: as contradições entre agrários e capitalistas e entre a pequena burguesia e capitalistas.

A pequena burguesia enxergou o fascismo como suas armas, instrumento de sua defesa, do seu Parlamento e da sua própria democracia, pois “através do partido quer pressionar o governo para evitar ser esmagado pelo capitalismo” (Gramsci, 1978, p.117). No entanto, a tendência de Farinacci carecia de unidade, de organização e de princípios para desintegrar os núcleos fascistas – até mesmo Mussolini já havia exigido sua renúncia durante a 68ª Reunião do Grande Conselho do Fascismo, entre os dias 30 e 31 de março de 1926 -.

O que importava aos comunistas era que frente as duas tendências, somada à crise econômica e política, representava o distanciamento da pequena burguesia das coligações burguesas agrárias fascistas, se tornava um elemento de fraqueza do fascismo (Gramsci, 1978, p.118).

Frente as questões levantadas acima, Gramsci estabelecia a necessidade de restringir ao mínimo a influência e a organização dos partidos que poderiam constituir uma coligação de esquerda; levar os elementos mais enérgicos e ativos das massas para o terreno do comunismo e tornar provável a queda revolucionária do fascismo. Realizada a queda do fascismo, o intervalo democrático deveria ser o mais curto possível para a transição a ditadura do proletariado (Gramsci, 1978, p.120).

É destes elementos que devemos tirar a indicação para a nossa atividade prática imediata. Intensificar a atividade geral da frente única e a organização de sempre novos comitês de agitação para os centralizar, pelo menos à escala regional e provincial. Nas comissões, as nossas frações devem, antes de mais nada, tentar obter a máxima representação das diversas correntes políticas de esquerda, evitando sistematicamente qualquer sectarismo partidário. As questões devem ser objetivamente definidas pelas nossas frações como expressão dos interesses da classe operária e dos camponeses (Gramsci, 1978, p.120).

Em relação aos *massimalistas*, as táticas demonstravam a necessidade de os comunistas abordarem a questão meridional com mais energia e seriedade e a criação de grupos de trabalho regionais em todo o país (Gramsci, 1978, p.120).

E será em fins de setembro e começo de novembro que Gramsci dispenderá energia e tempo para escrever o conhecido manuscrito *Alcuni temi della quistione meridionale* – que teria o título de *Note sul problema meridionale e sull'atteggiamento nei suoi confronti dei comunisti, dei socialisti e dei democratici* -. O texto ficou extraviado durante algum tempo e foi reencontrado pela comunista Camilla Ravera entre os papéis que estavam na casa de Gramsci, com o título riscado, e publicado pela primeira vez em 1930, na revista do partido, *Lo Stato Operaio*, publicado em Paris, com a seguinte nota:

Em 1926, nos meses imediatamente anteriores à sua prisão, o camarada Gramsci preparava a publicação de uma revista ideológica do nosso partido. A questão meridional teria sido por ele examinada nos primeiros números da revista numa série de artigos que agora tinha prontos e que leu a alguns camaradas da sede do partido. Publicamos hoje um desses artigos, tal como chegou às nossas mãos, depois de mil acontecimentos. A escrita não está completa e provavelmente ainda teria sido retocada pelo autor aqui e ali... Os demais artigos citados não foram encontrados (Nota do editor, 1978, p.137).

A questão meridional não era algo novo e existia desde a Antiguidade, mas foi com o *Risorgimento*, que resultou com a formação do reino da Itália, após a anexação do reino de Napoli pelo Piemonte, que a península se unificou e deu nova atualidade ao problema. Durante o século XIX, o Norte se industrializava enquanto o *Mezzogiorno* se mantinha

estagnado na economia agrária com aspectos feudais, resultando em péssimas condições de vida para o campesinato (Del Roio, 2023, p.08).

Cesare Lombroso (1835-1909) e Giuseppe Sergi (1841-1936) são dois dos intelectuais influentes que conceberam o Sul italiano a partir de um olhar racista para a questão meridional. Do ângulo socialista e democrático, Gaetano Salvemini (1873-1957) e Ettore Ciccotti (1863-1939) compreendiam que os camponeses do *Mezzogiorno* eram capazes de por meio de suas forças sociais exploradas se alinharem ao proletariado industrial do Norte.

Em Gramsci, o sardismo e o meridionalismo fazem parte do seu ser, para além de uma concepção de dirigente de partido, mas enquanto ser humano integral. Mesmo adulto, as saudades e os interesses pelo Sul continuaram presentes. Quando estudou em Cagliari se aproximou do sardismo – a ideologia que propunha a independência da Sardenha -. Com o passar dos anos e até mesmo atualmente, não é difícil constatar as diferenças marcantes entre o Norte e o Sul da Itália, assim como diversidades culturais, linguísticas e econômicas em cada região do país. A industrialização do Norte avançou conforme o *Mezzogiorno* era explorado de forma colonial e permanecia miserável em termos de desenvolvimento capitalista.

Durante a Guerra Imperialista e o período dos Conselhos de Fábrica, a questão meridional se tornou ordem do dia e elaborou condições efetivas para a aliança operário-camponesa. O proletariado e o campesinato pobre eram a base social e revolucionária na Itália, elementos essenciais para a revolução. No entanto, fracassada a revolução socialista, com vitória integral dos fascistas na guerra de movimento, na guerra de posição e na revolução passiva, a política econômica agravava a situação de exploração do Sul.

A escritura de *Alguns temas da questão meridional* foi uma das tarefas de Gramsci após o Congresso de Lyon para esclarecer o problema agrário. A partir de um artigo, publicado na revista *Quarto Stato*, sobre o livro *La rivoluzione meridionale*, de Guido Dorso, a crítica de Gramsci é iniciada pela falta de compreensão que tinham sobre a posição dos *Ordinovistas* em relação a questão agrária e ao socialismo.

Desde o *L'Ordine Nuovo* a defesa da aliança operário-camponesa era palavra de ordem e não uma fórmula mágica de divisão do latifúndio (Gramsci, 2023, p.136). A tática proposta pelos jovens *Ordinovistas* e pelo PCI, após o III Congresso, era de a aliança operário-camponesa fosse inserida na ação revolucionária de ambas as forças sociais, com a direção do proletariado industrial.

Os comunistas turineses haviam formulado de modo concreto a questão da “hegemonia do proletariado”, ou seja, da base social da ditadura do proletariado e do Estado operário. O proletariado pode se tornar classe dirigente e dominante na medida em que consegue criar um sistema de alianças de classe que lhe permita mobilizar contra o capitalismo e o Estado burguês a maioria da população trabalhadora. Na Itália, nas reais relações de classe existentes, isso significa: na medida em que consegue obter o consenso das amplas massas camponesas (Gramsci, 2023, pp.137-138).

Ao longo do ensaio, Gramsci retoma acontecimentos importantes que marcaram o movimento operário e camponês até 1921, as greves e rebeliões que possibilitavam a possibilidade da aliança operário-camponesa. Em termos de definição, o comunista sardo compreende o *Mezzogiorno* enquanto uma grande desagregação social, de maioria populacional camponesa, e sem coesão entre si, com exceções da Puglia, Sardenha e Sicília por terem características especiais na estrutura meridional – a qual

é um grande bloco agrário constituído por três estratos sociais: a ampla massa camponesa amorfa e desagregada; os intelectuais da pequena e média burguesia rural; e os grandes proprietários agrários e os grandes intelectuais. Os camponeses meridionais estão em perpétua fermentação; enquanto massa, porém, são incapazes de dar uma expressão centralizada a suas aspirações e suas necessidades; O estrato médio dos intelectuais recebe da base camponesa os impulsos para sua atividade política e ideológica. Os grandes proprietários, no campo político, e os grandes intelectuais, no campo ideológico, centralizam e dominam, em última instância, todo esse conjunto de manifestações (Gramsci, 2023, pp.156-157).

As reflexões de Gramsci levam a importante compreensão da posição de Croce para com as condições modernas da civilização, em termos de reforma religiosa possível na Itália, já que a os chamados neo-protestantes e calvinistas não encontraram lugar para uma reforma no país, no século XVI. A filosofia de Croce “cumpru uma altíssima função “nacional”: separou os intelectuais radicais do Sul das massas camponesas, levou-os a participar da cultura nacional e europeia e, por essa cultura, fez com que fossem absorvidos” pelo bloco agrário e pela burguesia nacional” (Gramsci, 2023, p.166).

Nesse contexto, os jovens *Ordinovistas*¹⁷⁶ e os comunistas de Torino, mesmo ligados às formações intelectuais meridionalistas, com forte influência de Croce e Giustino

¹⁷⁶ É necessário ressaltar que em *Alguns temas da questão meridional*, Gramsci tece uma emocionante homenagem ao grande amigo Piero Gobetti, o qual “não era comunista e, provavelmente, jamais o seria, mas compreendeu a posição social e histórica do proletariado e não conseguia pensar abstraindo-se desse elemento.”. O amigo sardo completa: “Gobetti praticamente escapou desse destino. Revelou-se um organizador cultural de extraordinário valor e desempenhou, nesse último período, uma função que não deve ser esquecida nem subestimada pelos operários. Cavou uma trincheira para além da qual não recuarão aqueles grupos de

Fortunato, foram capazes de romper com a tradição anterior e colocar o proletariado urbano como protagonista moderno da história italiana e solucionador da questão meridional. Em termos práticos, Gramsci chama atenção que para a aliança operário-camponesa é necessária uma tendência orientada ao proletariado revolucionário, pois o proletariado somente “destruirá o bloco agrário meridional na medida em que conseguir, com seu partido, organizar em formações autônomas e independentes massas cada vez mais notáveis de camponeses pobres” (Gramsci, 2023, p.170).

Finaliza Gramsci em emocionante homenagem ao amigo Piero Gobetti:

Na solução dessa tarefa, o proletariado foi ajudado por Piero Gobetti. E acreditamos que os amigos do falecido, mesmo sem sua direção, darão prosseguimento à obra empreendida, uma obra gigantesca e difícil, mas precisamente por isso digna de todos os sacrifícios (até mesmo de vida, como foi o caso de Gobetti) por parte daqueles intelectuais (bem mais numerosos do que se imagina), nortistas e sulistas, que compreenderam que só são amplamente nacionais e portadoras do futuro duas forças sociais: o proletariado e os camponeses (Gramsci, 2023, p.170).

A tarefa aos comunistas estava colocada: criar as condições para a aliança operário-camponesa como forma de derrubada do fascismo pela revolução socialista. Mas, o fato é que 1926 foi o último ano em que os comunistas italianos travaram batalhas em momentos que as transformações foram muito profundas¹⁷⁷ e que as lutas foram decisivas também no movimento internacional (Spriano, 1969, p.02).

Mesmo com a clandestinidade e os constantes ataques e perseguições dos fascistas, Gramsci não desiste da tarefa de dirigente do PCI. Em 31 de outubro se preparava para uma reunião do PCI que se realizaria próximo de Genova, em Valpolcevera, entre os dias 1º e 3 de novembro. Pretendia chegar na cidade passando por Milano, mas não conseguiu descer do trem devido à perseguição dos fascistas e retornou para Roma (Gramsci, 1992, p.481).

intelectuais mais honestos e sinceros, que, nos anos 1919-1921, sentiram que o proletariado seria superior à burguesia como classe dirigente” (Gramsci, 2023, pp.167-168).

Após a queda do fascismo, Amadeo Bordiga concede uma entrevista e conta que em certo momento pediu emprestado a Gramsci uma coleção de *La Rivoluzione Liberale*, a qual lhe foi negada. Bordiga conta que Gramsci pediu que não tratasse do tema Gobetti e o camarada Amadeo assim o fez (Nota da edição brasileira de Carlos Nelson Coutinho, reproduzida em Gramsci, 2023, p.168).

¹⁷⁷ Em 14 de outubro de 1926, Gramsci envia uma carta ao camarada Togliatti junto com um documento direcionado ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e se aprofunda nas questões internacionais sobre a preparação para a XV Conferência do Partido Soviético, prestes a ocorrer em 27 de outubro.

Nesse mesmo dia, Mussolini escapou com vida de mais um atentado, que foi a brecha para mudar a fisionomia do Estado, com mais leis sobre as atribuições do primeiro-ministro, burocracia, imprensa, associações secretas, sobre a faculdade legislativa do Executivo, o Duce preparou sua própria ditadura pessoal.

O clima na Itália ficou novamente muito violento: o jornal de Mussolini em Milano novamente evocava execuções sumárias para a oposição, as esquadras fascistas espancavam e assassinavam em várias cidades italianas e em Roma, enquanto os juristas de Mussolini preparam as novas Leis para o golpe final do estado que “chegou a decapitar o Partido” Comunista d’Italia (Spriano, 1969, p.02).

O *New York Tribune* publicava em 1º de novembro:

Os atentados são para Mussolini o inevitável preço da sua glória... Cada assassinato desbaratado só parece reformar o seu domínio sobre o povo italiano (*New York Tribune apud Scurati, 2022, p.203*).

O Conselho de Ministros se reuniu no dia 5 de novembro e apresentou várias medidas repressivas de confisco aos passaportes dos dissidentes, a supressão de todos os jornais de oposição e a dissolução dos partidos e organizações contrárias ao fascismo. Arturo Bocchini, novo comandante da polícia, aplicou a medida primeiramente aos comunistas.

A prisão de Gramsci¹⁷⁸ aconteceu durante a noite do dia 08 de novembro de 1926. Os fascistas o trancafiaram no *Carcere di Regina Coeli*, mesmo adoentado. Os membros das esquadras se ocuparam de outros comunistas e impediram que deputados entrassem no Plenário, expulsando inclusive os democratas. A moção apresentada em 9 de novembro, no Parlamento do Reino – Câmara dos Deputados, em sessão extraordinária, previa a destituição forçada de 124 parlamentares eleitos. A Era Fascista estava iniciada, com o plenário do Montecitório fervilhando de camisas-negras. A oposição estava morta, a liberdade suprimida e a vida política livre acabada.

¹⁷⁸ Em 04 de novembro é a data da última correspondência de Gramsci para Giulia durante o ano de 1926. Na carta, escreve sobre a ausência da companheira em sua vida, assim como a solidão em que vive.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese é, em primeira mão, uma descoberta da arquitetura reflexiva presente em toda investigação; logo, a ciência como atividade transforma-se na faina artística que inventa para revelar as dimensões invisíveis, incógnitas, submersas, recônditas, múltiplas, sensíveis, complexas. Ciência e arte dialogando concretamente no dia a dia de cada página que se volta nos fichamentos bibliográficos, em todo conhecimento compilado na tradução de uma hipótese, na ousadia de uma montagem metodológica, na humildade de quem desconfia do que descobriu, na segurança de poder ir além: descoberta como invenção, resposta contida na pergunta e, sobretudo, o prazer do jogo. A Tese tem algo a ver com a intenção. Uma receita às avessas: a descoberta (Ferrara, p. XII, 1996).

Esta investigação científica termina após onze anos de estudos em meio a descobertas, aprofundamentos, hipóteses formuladas, objetivos não cumpridos e justificativas teóricas, políticas, sociais e pessoais. Acontecimentos do século XX e nomes, categorias e conceitos muitas vezes tidos como ultrapassados, aparecem nestas páginas repetidas vezes com a finalidade de compreender teoricamente alguns aspectos das formulações teóricas de Antonio Gramsci.

Enquanto resultado, esta Tese de Doutorado apresenta cada linha escrita, bibliografia e fontes citadas. O texto em si é a parte essencial desse processo complexo de fazer pesquisa científica. Durante minhas aulas de *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais II*, no ano de 2021, na UNESP/FFC, trabalhei o famoso texto *Como se faz uma tese?*, de Umberto Eco e durante a *Apresentação*, Ferrara demonstra o processo entre pesquisa e a formalidade; os diferentes núcleos de investigação e o título, ou seja “o descompasso que existe entre descobrir uma tese e fazer uma tese” (Ferrara, p.X, 1996).

Sem me diferenciar do que Ferrara e Umberto Eco escrevem ao longo do famoso livro, fato é que fazer uma tese é “uma operação que se desenvolve arriscadamente pois assolada, constantemente, pela ronda de alguns fantasmas” (Ferrara, p.X, 1996): páginas a mais; páginas a menos; repetição e releituras; falta de originalidade; parâmetros determinados; texto demasiadamente teórico; ausência de teoria, além dos desafios de escolher um tema teórico e muitas vezes subestimado por agências de fomento, bem como pelas tendências científicas que operacionalizam a ciência apenas com números e tabelas, sem explicar os fenômenos reais e suas raízes.

Este trabalho buscou em grande parte de sua totalidade a leitura de fontes bibliográficas aprofundadas e não a rapidez de informações obtidas por orelhas, resumos, resenhas, traduções comerciais, artigos e inteligência artificial. Nesse sentido, este texto foge

do que é imposto pela estrutura acadêmica de compilação de autores sobre determinado tema. Gramsci é demasiadamente lido, assim como o fascismo é estudado.

O exercício de se fazer pesquisa e elaborar uma tese, nada mais foi de uma nova maneira de olhar questões já vistas. Tratou-se de um processo em constante movimento e mudança, pois conforme o olhar pairava sobre uma questão já muito estudada, a pesquisa tomava outro rumo, assim como buscou compreender temáticas que, com o passar da própria pesquisa, se tornaram essenciais para prosseguir até o final.

Em termos de projeto de pesquisa, de hipótese inicial, questão problematizadora, objetivos, justificativa e metodologia, muito foi transformado, assim como o título e a quantidade de seções. De fato, a pesquisa tomou vida própria e as linhas foram escritas conforme necessidade de responder questões cada vez mais caras para a pesquisadora: as entranhas do movimento operário italiano em suas diferenças no contexto de ataques fascistas e a relação de Gramsci com a conjuntura internacional e nacional.

Conforme a última versão do projeto de pesquisa *Fábrica e resistência: antifascismo e revolução em Gramsci*, apresentado em dezembro de 2023 ao PPGCS, PROPEG e CAPES para inscrição no PROGRAMA INSTITUCIONAL DE DOUTORADO SANDUÍCHE NO EXTERIOR (PDSE) - 2023/2024 EDITAL No 30/2023, a tese que alimentou esta pesquisa é que Gramsci foi o analista mais capaz de perceber a essência do fascismo, mas mesmo assim cometeu erros de avaliação que vieram a ser fatais, principalmente a avaliação de que se vivia na Itália uma situação revolucionária permanente e a subestimação da capacidade de adaptação do fascismo às circunstâncias.

Muito ampla e sem a originalidade devida que deve conter uma Tese de Doutorado, o texto que se apresentou ao leitor, com o título *Gramsci em movimento: Política, trabalho e revolução (1917-1926)*, desenvolveu uma análise para além do que havia sido recortado. Para tanto, este trabalho conta com sete seções que buscaram responder a questão principal:

Qual consciência se chegou durante o processo de desenvolvimento da tradição do movimento operário em relação a um Partido político com determinada visão histórica e econômica?

A resposta, demonstrada do título até a última linha deste texto, é que a maior densidade teórica de Gramsci está nas vivências pessoais e políticas durante os anos de 1917-1926, em cartas, artigos e documentos, no movimento cotidiano e dialético de transformações nacionais, internacionais e individuais, que culminou na ditadura fascista e forjou um intelectual orgânico das classes subalternas que compreendeu a fábrica como o

locus mais importante de articulação política e cultural do movimento operário. Sem perder de vista o elemento essencial para analisar o antifascismo e a revolução socialista gramsciana, de formação de uma nova hegemonia produzida a partir da fábrica, assim como o desenvolvimento da consciência crítica, na seção 2. *Guerra de movimento e horizonte vermelho*, foram trabalhados quatro núcleos: a Guerra Imperialista e a Revolução Bolchevique; a fábrica enquanto vanguarda espiritual e material da classe operária; o surgimento do fascismo como contorno da crise orgânica e de restauração burguesa; o período dos Conselhos de Fábrica durante o *biennio rosso* e a importância de Torino.

É certo que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) estreitou a relação entre o Estado e a produção capitalista conforme aumentava a concentração e a centralização do capital e do poder político. A revolução socialista internacional, iniciada na Rússia (1917), serviu como força motriz para uma onda revolucionária em diversos países do Leste Europeu, a qual acabou por ser derrotada em 1921. Com o objetivo de isolar a União Soviética e buscar formas de sair da crise orgânica causada pelas políticas liberais e pela guerra, inúmeros países, durante os anos de 1920, estabeleceram ditaduras apoiadas pela Igreja Católica, burguesias e oligarquias agrárias, assim como pelo capital internacional. O palco de crise orgânica, que indicava a superação por regimes ditatoriais ou por Estados operários, não deixou a Itália ilesa, pois foi em torno do fascismo que a burguesia se uniu para fazer frente à crise e à revolução operária *in nuce* de Turim.

A crise orgânica, na Itália do século XX, esboçou contradições e viveu o fenômeno de duas possíveis superações: a de uma revolução socialista jacobina, realizada pela organização das classes subalternas e operárias, e a de uma revolução passiva, direcionada pelos fascistas com apoio da burguesia e da pequena burguesia. Os partidos tradicionais liberais, e mesmo o PSI, não mais representavam as classes subalternas demonstrando que “a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político para o qual pediu ou impôs pela força o consenso das grandes massas (como a guerra)”. A participação de intelectuais e de camponeses que “passaram da passividade política para certa atividade” incrustavam no país as condições da crise de hegemonia liberal (Gramsci, Q. 13, §23, p.1.603, 1977). O cenário de crise orgânica colocou os grupos políticos (principalmente comunistas e fascistas) na esfera da guerra de movimento, a qual se trata de conquistar posições que não são decisivas para a hegemonia, mas que são importantes para a organização e criação de consenso das massas (Ciccarelli, 2017, p.358).

Em 1919, a organização dos *fasci di combattimento* e o surgimento dos Conselhos de Fábrica eram as primeiras respostas para a crise que se amplificava como guerra de movimento. As narrativas do movimento de Benito Mussolini não estavam tão claras, mas se proliferavam em toda a Itália. O movimento se colocava como antipartidário e possuía como bandeira um tipo de recusa da velha ordem, sem linha teórica definida, pois, segundo Mussolini (1934, pp.70-5), “o fascismo não era sustentado pela necessidade de uma doutrina desenvolvida anteriormente”. O movimento dos *fasci* servia ao interesse das classes que o sustentava e “talvez não seja sem sentido que nos primeiros anos de seu desenvolvimento, o fascismo reivindicou restabelecer a tradição da velha direita histórica” (Gramsci, Q. 10, §09, p.1.228, 1977).

Segundo De Felice (1965, p.425), ainda que o quadro político do PSI contasse com Gramsci, Turati, Buozzi e Serrati, não foi dado o devido valor ao movimento que surgia, pois o Partido seguia “o exemplo russo, no exemplo de uma realidade completamente diferente da italiana” que tinha o objetivo da “instituição de uma República Socialista e da ditadura do proletariado.”. A problemática apontada por Renzo De Felice são as relações conflituosas entre as tendências do PSI que, após 1921, continuaram em conflito também no Partido Comunista, de maneira a prejudicar a luta contra o fascismo.

A teoria-política de Gramsci apresenta desde logo a questão da tradutibilidade conforme o objetivo do sardo era o de encontrar na Itália e no movimento operário elementos organizativos semelhantes aos da Rússia. Os Conselhos de Fábrica (1919- 1920) seguiam o exemplo dos *Soviets* de Petrogrado e, para o autor, exerciam a função de serem o órgão e embrião “de educação mútua e desenvolvimento do novo espírito social que o proletariado conseguiu expressar a partir da experiência viva e frutífera da comunidade de trabalho.”. (Gramsci, 1954, p.36).

Além do movimento operário de Turim, a luta dos camponeses do *Mezzogiorno*, as greves e rebeliões de trabalhadores transformavam os rumos da Itália. O centro da revolução era composto pela Rússia, Áustria-Hungria, Alemanha e Itália, além de tantos países que, direcionados pela Terceira Internacional, organizavam Partidos Comunistas em todo o mundo. No entanto, o refluxo da revolução com a derrota do movimento operário abria portas para a burguesia se recompor em seu bloco histórico.

Na Itália, a crise de hegemonia liberal decorreu da incapacidade dos partidos tradicionais “garantir às massas populares suas condições de existência e desenvolvimento”.

No campo político, da guerra de movimento, a disputa era “pela liderança de classe sobre a grande massa da população” (Gramsci, 1974, p.68).

Em 1921, a passividade das massas levava à revolução passiva que esteve relacionada com a desorganização, falta de coordenação e direcionamento dos institutos da classe operária e do campesinato. Para Frosini, esse processo ocorre no terreno da guerra de movimento que envolvia e imobilizava as massas, mas caminhava para a guerra de posição a partir de “uma estratégia de neutralização contínua de suas tentativas de assumir uma posição autônoma sobre o terreno político” (Frosini, 2017, p.7).

Tomamos como ponto de partida que o processo de revolução restauração/revolução passiva era iniciado no ano de 1921, mas, politicamente, ainda durante a guerra de movimento, no ano de 1919, o movimento dos *fasci* nascia “de uma necessidade de ação e era ação; ele não era partido, mas nos dois primeiros anos, antipartidário e movimento” (Mussolini, 1934, p.75). A ação proposta dos *fasci* era justamente a de dar uma resposta ao cenário revolucionário, bem como avançar para o poder do Estado como saída da crise orgânica. Ao ter como base a burguesia urbana e rural, a classe que “alimenta o fascismo” e que “fornece o fascismo com suas tropas”, acostumadas com a violência, demonstrava sua eficácia por meio da “tentativa de resolver os problemas de produção e troca com metralhadoras e tiros de pistola” (Gramsci, 1974, p.101).

A seção 3. *A Revolução fracassada e a revolução passiva*, prossegue na análise da violência fascista a partir dos pontos centrais: a revolução em permanência e a cisão do movimento operário, com vistas a analisar a fundação do PCI; o *biennio nero* que assolou a Itália com a ofensiva reacionária e violenta das milícias de Mussolini; a formação do PNF e os momentos de luta e de crise no movimento operário italiano.

Em meio ao caos e violência, em janeiro de 1921, aconteceu o Congresso de Livorno, responsável pela fundação do Partido Comunista da Itália que surgiu da cisão orgânica do movimento operário no cenário da derrota revolucionária, ao mesmo tempo em que o bloco histórico burguês buscava no encontro do fascismo, com a ideologia liberal, a solução da crise orgânica na revolução passiva. Gramsci (1974, pp.56- 57) delineou alguns pontos de sua teoria de partido e classe revolucionária: “o Partido Comunista é o partido político historicamente determinado da classe operária revolucionária.”. Enxergara também a atuação dos fascistas com tropas escolhidas e bem treinadas nos desfiles demonstrativos para mostrar a organização militar do grupo reacionário.

É certo que o desenvolvimento da psicologia de guerra foi um fator essencial para aumentar o alarmismo e os rumores. Os fascistas utilizavam da violência e das palavras de ordem com o objetivo de aterrorizar o proletariado e qualquer reação antifascista: “o primeiro a ser morto será um estudante socialista, queimaremos *L’Ordine Nuovo*, queimaremos a *Camera del Lavoro*, queimaremos a livraria da Aliança Cooperativa Torinese.”. Para Gramsci, este expediente possuía o objetivo de “desintegrar forças proletárias por meio do pânico e da incerteza incômoda da espera, além de determinar nos fascistas o hábito da meta a ser alcançada” (Gramsci, 1974, p.55). Contara, assim como Bordiga, com a classe operária para combater o período reacionário que surgia.

O semanário *L’Ordine Nuovo* – um dos objetos materiais de investigação teórica – durante 1921 e 1926 foi instrumento de luta contra o primeiro fascismo, assim como de propaganda política para o PCI. Ao longo desta pesquisa foram analisados inúmeros artigos publicados no ON, assim como no *L’Unità* e nos jornais comunistas. Importante ressaltar que em 1921, mesmo disciplinado ao PCI, Gramsci publica um artigo sobre o momento em que o fascismo assume a liderança política e violenta da guerra de posição e reconhece que o fato de não ter havido uma revolução socialista nos anos anteriores, como superação da crise orgânica, resultara na “situação em que vivemos hoje” semelhante “à de uma comunidade que vive à mercê de forças naturais desencadeadas. Aí daqueles que não entendem esta situação (Gramsci, 1974, p.118)”.

O fascismo de 1921 e 1923 se estabelecia no campo da violência política: “as Câmaras do Trabalho eram saqueadas e incendiadas, bandos fascistas tomavam de assalto as redações dos jornais democráticos, os dirigentes de esquerda eram perseguidos”, além de “presos, espancados, mortos”. A revolução socialista jacobina não mais parecia possível devido aos ataques constantes da burguesia que tinha nas esquadras de ação fascista o desmantelamento das instituições e organizações operárias. A dificuldade do momento, às vésperas de 05 de novembro de 1922, do IV Congresso da Internacional, trouxe a principal questão: como os partidos operários e partidos democráticos deveriam reagir à onda de violências? (Fiori, 1979, pp.196-197).⁹

Com olhar voltado para a construção de um novo Estado, e ao contar com a participação do movimento operário na luta antifascista, Gramsci deixara de notar que a forma de ofensiva do Capital havia se alterado. Uma das linhas fundamentais do fascismo, que desenvolveu no cárcere (Q.22, §14, pp.2.177, 1977), esteve direcionada para o mundo do trabalho e para a relação capital *versus* trabalho. Nessa esfera, o fascismo agia

como um esmagador da subjetividade político-social com a criação de sindicatos corporativistas enquanto arregimentava as classes subalternas transformando diretamente a relação entre classe dominante e classe dominada. “Mas o simples controle não é suficiente”, pois “não se trata apenas de conservar o aparelho produtivo tal como se existe num determinado momento” e sim de “reorganizá-lo a fim de desenvolvê-lo paralelamente ao aumento da população e das necessidades coletivas” (Gramsci, Q.22, §14, pp.2.176, 1977).

Ao compreender, anos mais tarde, que a crise orgânica e a crise da hegemonia liberal dos partidos foram responsáveis por abrir espaço “às soluções de força, à atividade de potências ocultas representadas pelos homens providenciais ou carismáticos”, Gramsci entendeu a necessidade da ação dialética entre classe e partido revolucionário, o qual exerce a função de conduzir os demais partidos à unificação anticapitalista e antifascista “a fim de realizar um bloco histórico econômico-político novo, homogêneo, sem contradições internas” (Gramsci, Q.13, §23, pp.1.603-1.613, 1977).

Após a Marcha sobre Roma (1922) ¹³ muitos pensavam que o fascismo passaria da ilegalidade “do esquadrismo para a fase da legalidade” apesar “de algumas diretrizes hipócritas de Mussolini” (Secchia, 1971, p.157). A violência dos *fasci* continuava mais forte e com muitos ataques, inclusive com o assassinato do deputado Matteotti que iniciara em 1924 o *Aventino*. Para Mussolini (1956 d, p.50), se não tivéssemos tomado Roma, o fascismo teria fracassado em sua tarefa, teria perdido seu objetivo”, começaram “a obra de rastreamento e de polícia que ainda não está terminado e deve continuar”, assegurava que “esse trabalho será continuado de maneira inflexível, tenaz e sistemática” “até que todas as oposições mais ou menos mesquinhas e miseráveis sejam quebradas para sempre.”.

Na análise de Gramsci, o fascismo era explicado pela formação tradicional do Estado italiano, resultado da “linha de uma classe dominante que tem interesses opostos àqueles das massas e quer exercer domínio sobre ela com violência e fraude.”. A questão da violência fascista seria “característica de todos os regimes aparentemente “democráticos” formados no pós-guerra” (Gramsci, 1974, p.454).

Na seção 4. *A fábrica e o antifascismo revolucionário em Gramsci*, o objetivo foi demonstrar como os ataques fascistas não acabaram com o *biennio nero*, assim como as questões internas do PCI, problemas com a fusão e posicionamentos sectários de Amadeo Bordiga, as batalhas no Partido, a formação de *L'Unità*, do novo grupo dirigente e de Gramsci como líder comunista na Itália.

As posições intransigentes e sectárias de Bordiga continuaram em 1923. Para o fundador do PCI, o fascismo era a “consequência inevitável de um longo período de influência progressiva no aparato governamental” que contou com “os partidos e conglomerados” que “sem poder não acionaram o aparelho que estava em suas mãos para desafiar os fascistas, mas concordaram abertamente com eles” (Bordiga, 1923). Tais posicionamentos, e em grande medida do PCI, “receberam críticas incisivas” no IV Congresso da Internacional Comunista, colocando o líder do Partido na esfera do isolamento.

Em Moscou, Gramsci adquiriu uma perspectiva internacional sobre os acontecimentos de seu país, assim como da experiência do movimento operário. No país, se aproximou do proletariado e do movimento operário. Em Viena, os dias de Gramsci não foram fáceis, mas o contato com comunistas austríacos e outros povos auxiliou o aprofundamento da sua experiência profissional e seu olhar para a revolução socialista. A formação do novo grupo dirigente do PCI começou quando Gramsci se impôs, mas os conflitos com Tasca e Bordiga pareciam não terminar. Foi somente aos poucos, com muitas cartas, textos e contatos com a Internacional que Gramsci se tornava dirigente do Partido.

Na seção 5. *Estratégias e táticas revolucionárias*, foi realizada uma análise sobre os últimos meses de 1924 e 1925, com a finalidade de compreender o processo de movimento e articulação de Gramsci com o Partido prestes a entrar na ilegalidade. Nesta seção, a questão de organização do PCI é trabalhada de forma aprofundada, assim como a troca de cartas para Giulia e camaradas, a bolchevização do Partido, a relação das fábricas e as questões relacionadas ao fracionismo e as preparações para o III Congresso, a ser realizado em 1926, na francesa Lyon.

A análise de Gramsci, mais rigorosa e nítida em 1924, demonstrava a possibilidade da ditadura que estava por vir. Mussolini ganhava “o modelo, por excelência, da pequena burguesia italiana: uma mistura furiosa e feroz de todos os detritos deixados no solo nacional pelos séculos de dominação por estrangeiros e padres.”. Entrincheirado no Estado, se mantinha “por meio da repressão mais violenta e arbitrária”, mesmo não tendo tido que “organizar uma classe, mas apenas o pessoal de uma administração”, e demonstrava “alguns dos mecanismos do Estado mais para ver como isso é feito e aprender o ofício do que com qualquer necessidade primária” (Gramsci, 1978, pp.12-18).

A questão da bolchevização e a organização do PCI em células tomaram conta dos debates no Partido e das preocupações de Gramsci, assim como se tornou tema essencial

para a preparação do III Congresso. O ano de 1925 terminou com grande expectativa para o encontro clandestino em Lyon e com acirramento da violência fascista que resultou nas Leis Fascistíssimas, fechamento dos jornais, caçada a qualquer força da oposição e dissolução do PSU.

A ditadura fascista estava prestes a ser oficializada e o objetivo principal da seção 6. *Entre projetos e o mundo grande e terrível*, foi realizar uma análise documental de fontes primárias, sem a mesma quantidade de bibliografia complementar que ganhou espaço nesta pesquisa, para demonstrar os projetos políticos de Gramsci e de Bordiga. Vale lembrar que Gramsci e Bordiga tiveram posicionamentos contrários no PSI, durante o *Biennio Rosso*, mas se uniram na fundação do PCI. Durante a trajetória de Bordiga como dirigente do Partido (1921-1923), já analisado na terceira seção, Gramsci, por mais contrário que fosse a linha diretiva, se manteve disciplinado ao Partido e a Internacional. Atento aos acontecimentos nacionais e internacionais, passou por outros movimentos e processos que o auxiliaram a se tornar o principal dirigente político do PCI entre 1924-1926.

Para compreender o Congresso de Lyon e o ano de 1926, foram analisadas todas as teses apresentadas, do grupo de Gramsci e do grupo de Bordiga, assim como a consolidação da ditadura fascista e a prisão de Gramsci. O grupo de Gramsci saiu vitorioso do Congresso e com as tarefas do Partido delimitadas e a serem resolvidas na ordem do dia. Lyon representa um momento crucial na história do PCI, de consolidação do novo grupo dirigente e de bolchevização do Partido. No entanto, a violência fascista e as ações de Mussolini no PNF e no Estado resultaram na oficialização da ditadura fascista, prisão de Gramsci, encerramento completo das liberdades políticas e encarceramento total da oposição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA. VV. **Fascismo e Antifascismo (1918-1936): Lezioni e testimonianze**. Milano: Feltrinelli, 1962.
- ACCAME, G. **Il fascismo imenso e rosso**. Rosso: Settimo Sigilo, 1990.
- AGOSTI, Aldo. **Bandiere rosse: un profilo storico dei comunismi europei**. Roma: Riuniti, 1999.
- AGOSTI, Aldo. **Gli anni del fascismo, l'antifascismo e la Resistenza**. Bari: De Donato, 1980.
- AGOSTI, Aldo. **La terza internazionale. Stoia documentaria. 1919-1923**. Roma: Riuniti, 1974.
- ALBANESE, Giulia. **La marcia su Roma**. Roma/Bari: Laterza, 2006.
- AMÊNDOLA, G. **Storia del partito comunista Italiano (1921-1943)**. Roma: Editori Riuniti, 1978.
- ANGELI, Franco. **Le tesi di Lione: riflessioni su Gramsci e la storia d'Italia**. Milano: Feltrinelli, 1990.
- BAIROCH, P. **Economia e storia mondiale: miti e paradossi**. Milano: Garzanti, 1998.
- BARAN, P.A; SWEEZY, P.M. **Il capitale monopolistico**. Torino: Einaud, 1968.
- BARAN, P.A; SWEEZY, P.M. **Teoria dello sviluppo capitalistico**. Torino: Einaud, 1951.
- BARATTA, G., CATONE, A (a cura di). **Tempi moderni: Gramsci e la critica del americanismo**. Roma: Edizioni Associate, 1989.
- BARATTA, Giorgio. **As rosas e os Cadernos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BASSO, Pietro. **Amadeo Bordiga: una presentazione**. Milano: Punto Rossi, 2021.
- BERTELLI, Antonio. **Capitalismo de Estado e Socialismo: o tempo de Lenin 1917-1927**. SP: IPSO, 1999.
- BIANCHI, Alvaro. *Revolução passiva: o futuro do pretérito*. **Crítica Marxista**, São Paulo, v. 23, n.23, p. 34-57, 2006.
- BIANCHI, Alvaro. MUSSI, Daniela., ARECO, Sabrina (orgs). **Antonio Gramsci: filologia e política**. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- BIANCHI, Alvaro. **Gramsci entre dois mundos: política e tradução**. São Paulo: Autonomia literária, 2020.
- BIANCHI, Alvaro. *Fascismos: ideologia e história*. **Revista Novos estudos. CEBRAP. São Paulo**. V. 43 n.01, JAN. ABR. 2024.

Disponível: <<<https://www.scielo.br/j/nec/a/kdKSW7Fq8VvS93BqwRsBzRP/?format=pdf&lang=pt>>>.

BOFFA, Giuseppe. **Storia dell'Unione Sovietica**. Milano: Mondadori, 1976.

BORDIGA, Amadeo. Costituzione del Comitato d'Intesa, publicado em **L'Unità**, 07 de junho de 1925. Disponível em: <<https://www.quinterna.org/archivio/1924_1926/costituzione_comitatointesa.htm>>.

Acesso em 08 de setembro de 2024.

BOSCOLO, Alberto. **I viaggiatori dell'Ottocento in Sardegna**. Cagliari: Editrice Sarda Fossataro, 1973.

BUKHARIN, N. **Le vie della rivoluzione** (a cura di Francesco Benvenuti), Roma: Riuniti, 1980.

BURGIO, Alberto. **Gramsci storico. Una lettura dei Quaderni del Carcere**. Bari: Laternza, 2003.

BURGIO, Alberto. SANTUCCI, Antonio. A cura di. **Gramsci e la rivoluzione in occidente**. Roma: Riuniti, 1999.

CANFORA, L. **Gramsci in cárcere e il fascismo**. Roma: Salerno, 2012.

CAPRIOGLIO, S (a cura di). **Gramsci e il delitto Matteoti con cinque articoli adeposti**. Belgagor: Rassegna di Varia Umanità, n.3, 1997.

CARR, E., El V Congreso da La Internacional Comunista. Córdoba: **Cuadernos de Pasado y Presente** 55, 1975.

CATALANO, Franco. **Fascismo e piccola borghesia: crisi economica, cultura e dittatura in Itália (1923-1925)**. Milano: Feltrinelli, 1979.

CATALANO, Franco. **La crisi del dopoguerra (1919-1921)**. Milano: Lerici editori, 1964.

CATALANO, Franco.; CHIEFFI, Francesco. **La nascita del fascismo (1918-1922)**. Milano: Moizzi Editore, 1976.

CHESSA, P. VILLARI, F (a cura di). **Interpretazioni su Renzo De Felice**. Milano: Baldini & Castoldi, 2002.

CICCARELLI, Roberto. Guerra de Movimento In **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 355-358.

COLLOTTI, Enzo. **Fascismo e política di potenza: política estera (1922-1939)**. Milano: La Nuova Itália, 2000.

COLOMBI, A. **Vita di militante, dalla prima guerra mondiale alla caduta del fascismo**. Roma: Editori Riuniti, 1975.

- COMMETTI, John. M. **Antonio Gramsci e le origini del comunismo Italiano**. Milano: Mursia, 1974.
- CONTINI, Sara. **La donna nel periodo fascista: la formazione delle organizzazioni femminile: dalla SOLD ai GUF alle FIDIS**. Ebook.
- CORTESI, Luigi (org.). **Amadeo Bordiga nella storia del comunismo**. Napoles: Edizioni Scientifiche Italiane, 1999.
- COSPITO, G. **Il ritmo del pensiero: per una lettura diacronica dei Quaderni del Carcere**. Roma: Bibliopolis, 2011.
- COSPITO, G. FRANCIONI, G. FROSINI, F. a cura di. **Crisi e rivoluzione passiva: Gramsci interprete del Novecento**. Pavia: Ibis, 2021.
- CUOCO, Vincenzo. **Saggio Storico sulla Rivoluzione di Napoli**. Milano: Libri, 2004.
- D'ORSI, Angelo. **Gramsci: uma nova biografia**. Expressão Popular: São Paulo, 2022.
- D'ORSI, Angelo. **Gramsci: una nuova biografia**. Milano: Feltrinelli, 2018.
- D'ORSI, Angelo. **Il Nostro Gramsci: Antonio Gramsci a colloquio con i protagonisti della storia d'Italia**. Roma: Viella, 2011.
- DE CLEMENTI, Andreina. **Amadeo Bordiga**. Torino: Einaudi, 1971.
- DE FELICE, FRANCO. **Sapere e politica. L'Organizzazione internazionale del lavoro tra le due guerre, 1919-39**. Milano, Franco Agnelli, 1988.
- DE FELICE, Renzo. **Mussolini e Hitler: i rapporti segreti 1922-1933**. Roma-Bari: Laterza, 2013.
- DE FELICE, Renzo. **Mussolini il fascista: l'organizzazione dello Stato fascista (1925-1929)**. Torino: Einaud, 1968.
- DE FELICE, Renzo. **Mussolini il fascista: la conquista del potere (1921-1925)**. Torino: Einaud, 1966.
- DE FELICE, Renzo. **Mussolini il rivoluzionario (1883-1920)**. Torino: Einaud, 1965.
- DE GAZIA, Victoria. LUZZATTO, Sergio (a cura di). **Dizionario del fascismo, vol.I (A-K)**. Torino: Einaud, 2019.
- DE GAZIA, Victoria. LUZZATTO, Sergio (a cura di). **Dizionario del fascismo, vol.II (L-Z)**. Torino: Einaud, 2019.
- DE LUTHI, Ludovico. Filologia e Filologia Vivente. In **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017, pp. 292-293.

- DE MICHELI, M. **La matrice ideologica del fascismo**. Milano: Feltrinelli, 1975.
- DEL NOCE, Augusto. **Il suicidio della rivoluzione**. Milano: Rusconi, 1978.
- DEL ROIO, José Luiz. **O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo** in Cadernos de Educação Política: 1987.
- DEL ROIO, M. **Adeus Lenin? Práxis e revolução**. Marília: Lutas Anticapital, 2021.
- DEL ROIO, M. GALASTRI, L. (orgs) **Gramsci e a verdade efetiva das coisas**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.
- DEL ROIO, Marcos. A Mundialização capitalista e o conceito gramsciano de revolução passiva. In: Mendonça, S.G.L.; SILVA, V.P.da; Miller, S. (Org.). **Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações**. 2ªed.Araraquara - SP: Junqueira & Marin, 2012, v., p. 57-106.
- DEL ROIO, Marcos. Classe e Partido em Gramsci (1913-1926). In: **Revista Encontros com a Filosofia**. Niterói: UFF, NUFIFE, nº 11, 2020, p. 96-126.
- DEL ROIO, Marcos. **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- DEL ROIO, Marcos. **Gramsci e a reforma intelectual e moral**. In: BIANCHI, Alvaro, MUSSI, Daniela, ARECO, Sabrina (orgs.). **Antonio Gramsci: filologia e política**. Porto Alegre, Editora Zouk, 2019, p. 233-249. ISBN: 978-85-80490-78-7.
- DEL ROIO, Marcos. **Gramsci e Togliatti frente ao fascismo**. In: Crítica Marxista. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, n. 50, 2020, p. 95-101.
- DEL ROIO, Marcos. Gramsci y el fascismo: una lectura desde el presente en America Latina. In: **Catarsis**, Buenos Aires, Instituto de Estudios de America Latina y el Caribe, UBA, 2020, p. 16-19.
- DEL ROIO, Marcos. **O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo**. São Paulo: Ícone, 1998.
- DEL ROIO, Marcos. **O jacobinismo como mediação entre o príncipe de Maquiavel e o príncipe de Gramsci**. In: Reflexões sobre Maquiavel (org.). SALATINI, R. DEL ROIO, M. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- DEL ROIO, Marcos. **Os prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DEL ROIO, Marcos. **Revoluciones Pasivas y hegemonia débil en America Latina**. In: LACHI, Marcello & BURGOS, Raul (org.). Gramsci: la teoria de la hegemonia y las transformaciones políticas recientes en America Latina. Asuncion: **Germinal**, 2019, p. 188-202.

- DIAS, Edmundo Fernandes. **Gramsci em Torino: a construção do conceito de hegemonia**. São Paulo: Xamã, 2000.
- DUBLA, Ferdinando. **Gramsci e la fabbrica: produzione, tecnica e organizzazione del lavoro nel pensiero gramsciano (1913-1934)**. Manduria: Lacaita, 1986.
- ECO, Humberto. **Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1996.
- FERRARA. Apresentação in **Como se faz uma tese**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1996.
- FERNANDES, R. **Gramsci e Michels: intelectuais, partidos e oligarquização**. Curitiba: Appris, 2023.
- FIORI, G. **Gramsci Togliatti e Stalin**. Roma – Bari, Laterza, 1991.
- FIORI, Giuseppe. **A vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FRANZINELLI, Mimmo. **Fascismo anno zero (1919): la nascita dei Fasci Italiani di Combattimento**. Milano: Mondadori, 2019.
- FRESU, G. **Antonio Gramsci, o homem filósofo**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FRESU, G. Civilização ocidental, ideologia colonial e fascismo. In: **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 36-46, abr. 2019. ISSN: 2175-5604.
- FRESU, G. Lenin: dogmático e doutrinário ou protagonista de uma hegemonia realizada? In: **Lenin: teoria e prática revolucionária**. Anderson Deo, Antonio Carlos Mazzeo, Marcos Del Roio (organizadores). – Marília: Oficina Universitária; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2015.
- FRESU, G.; ACCARDO, A. **Oltre la parentesi: fascismo e storia d'Italia**. Roma: Carocci, 2009.
- FRESU, Gianni. **Antonio Gramsci, o homem filósofo**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FRESU, Gianni. **Il diavolo nell'ampolla – Antonio Gramsci, gli intellettuali e il partito**. Napoli: La città del sole, 2005.
- FRESU, Gianni. **Nas trincheiras do ocidente: lições sobre fascismo e antifascismo**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.
- FROSINI, Fabio. **Gramsci e la filosofia: Saggio sui “Quaderni del carcere”**. Roma: Carocci, 2013.
- FROSINI, Fabio. **Le parole di Gramsci: per un lessico dei Quaderni del Carcere**. Roma: Carocci, 2004.

FROSINI, Fabio. Entre superação do parlamentarismo e lutas sociais: a função do direito e as dinâmicas do poder de análise gramsciana do fascismo e do comunismo soviético. *Revista Novos Rumos*, vol.55, n.02, 2018.

FROSINI, Fabio. Rivoluzione passiva e laboratorio politico: appunti sull'analisi del fascismo nei <<Quaderni del carcere>> di Antonio Gramsci. In: **Studi Storici Rivista**, 2017.

GAGLIARDI, A. O corporativismo da Itália fascista entre palavras e realidade. **Estudos Ibero-Americanos**, 42(2), 409–429. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2016.2.22336> , 2016.

GAGLIARDI, A. **Il corporativismo fascista**. Roma: Laterza, 2010.

GAGLIARDI, A. Fascismo e “política totalitária”. In: FROSINI, F., GIASI, F. **Egemonia e modernità: Gramsci in Itália e nella cultura internazionale**. Roma: Viella, 2019.

GALASTRI, L. Il biennio nero: fascismo, antifascismo e violência política. **Tempo Social**, n.31, volume 2, pp.123-148, 2019. Disponível em: <<<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.157702>>>.

GALASTRI, Leandro. **Gramsci, marxismo e revisionismo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

GALASTRI, Leandro. **Leituras gramscianas: História, política e classes sociais**. Marília: Lutas Anticapital, 2020.

GENTILE, Emilio. **Due colpi di pistola, dieci milioni di morti, la fine di un mondo**. Roma: Laterza, 2014.

GENTILI, Sergio. PIRONE, Aldo. **Togliatti e la democrazia: scritti scelti**. Bordeaux eBook, 2014.

GORGOLINI, Luca. **Gioventù rivoluzionaria: Bordiga, Gramsci, Mussolini e i giovani socialisti nell'Italia liberale**. Roma: Salerno editrice, 2019.

GRAMSCI, A. A intransigência de classe e a história Italiana. In: **Escritos Políticos (1910-1920)**, vol. I. organização e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, A. **Vozes da Terra (escritos de 1916-1926)**. São Paulo: Boitempo, 2023.

GRAMSCI, A. A Rússia e o mundo In **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.

GRAMSCI, A. C'è un morto nella stiva? In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

- GRAMSCI, A. Capo In **La costruzione del Partido Comunista d'Itália (1923-1926)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1978.
- GRAMSCI, A. Caporetto e Vittorio Veneto In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo 1921-1922**. Torino: Einaudi, 1974.
- GRAMSCI, A. Che Fare? In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. COMITÊ CENTRAL DO PCI In **La costruzione del Partido Comunista d'Itália (1923-1926)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1978.
- GRAMSCI, A. Controllo Operaio In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. Dopo la Conferenza di Como In **La costruzione del Partido Comunista d'Itália (1923-1926)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1978.
- GRAMSCI, A. Forza e Prestigio In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. Gli avvenimenti del 2-3 dicembre [1919] In **L'Ordine Nuovo (1919-1920)**. Torino: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. **Homens ou máquinas? escritos de 1916 a 1920**. Org. FRESU, G. Boitempo: São Paulo, 2022.
- GRAMSCI, A. Il Congresso di Livorno In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. Il mezzogiorno e il fascismo In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. Il Partito Comunista e i sindacati (Risoluzione proposta dal Comitato centrale per il II Congresso del Partito Comunista d'Itália) In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. Il popolo delle scimmie In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Einaudi, 1974.
- GRAMSCI, A. Il Programma de L'Ordine Nuovo In **La costruzione del Partido Comunista d'Itália (1923-1926)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1978.
- GRAMSCI, A. INTERVENTI AL II CONGRESSO DEL PARTITO COMUNISTA In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

- GRAMSCI, A. Itália e Spagna In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. L'Alleanza del lavoro In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. La conferenza di Como In **La costruzione del Partido Comunista d'Itália (1923-1926)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1978.
- GRAMSCI, A. **La costruzione del Partito Socialista Italiano (1923-1926)**. Torino: Eitunaudi, 1978.
- GRAMSCI, A. La crisi Italiana In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. La Disfatta In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. Le Masse e I Capi In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. **Lettere (1908-1926)**. Org. Antonio Santucci. Torino: Einaud, 1992.
- GRAMSCI, A. **Lettere dal carcere (1926-1930)**. Org. Antonio Santucci. Palermo: Sellerio, 1992.
- GRAMSCI, A. Linee di Sviluppo In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. Lotta di classe In **La costruzione del Partido Comunista d'Itália**. Torino: Einaudi Editore, 1978.
- GRAMSCI, A. Notas Sobre a Revolução Russa, abril de 1917 In: Org. MUSSI, D. BIANCHI, A. **Odeio os indiferentes!** São Paulo: Boitempo, 2020.
- GRAMSCI, A. O dever de sermos fortes. In: **Escritos Políticos (1910-1920), vol. I**. organização e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GRAMSCI, A. O dever de sermos fortes. In: **Escritos Políticos (1910-1920), vol. I**. organização e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GRAMSCI, A. Operai e Contadini In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo 1921-1922**. Torino: Einaudi, 1974.

GRAMSCI, A. **Opere di Antonio Gramsci: L'Ordine Nuovo (1919-1920)**. Torino: Einaud, 1954.

GRAMSCI, A. **Opere di Antonio Gramsci: L'Ordine Nuovo (1919-1920)**. Torino: Einaud, 1954.

GRAMSCI, A. **Opere di Antonio Gramsci: La costruzione del Partito Comunista**. Torino: Einaud, 1978.

GRAMSCI, A. **Opere di Antonio Gramsci: Socialismo e Fascismo (1921-1922)**. Torino: Einaud, 1974.

GRAMSCI, A. **Os líderes e as massas. Escritos de 1921 a 1926**. Org. FRESU, G. Boitempo: São Paulo, 2023.

GRAMSCI, A. Parlamentarismo e fascismo in Itália In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

GRAMSCI, A. Parola D'Ordine In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

GRAMSCI, A. Problemi di oggi e di domani In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

GRAMSCI, A. Prosseguir na Luta In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

GRAMSCI, A. **Quaderni del Carcere**. Edizione Critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Roma: IGS, 2014.

GRAMSCI, A. Reazione? In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

GRAMSCI, A. Responsabilità di Governo In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

GRAMSCI, A. Risultati In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

GRAMSCI, A. Russia e Internazionale In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

GRAMSCI, A. Socialismo e cultura. In: **Escritos Políticos (1910-1920)**, vol. I. organização e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, A. Socialista o Comunista? In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.

- GRAMSCI, A. **Disgregazione sociale e rivoluzione: scritti sul Mezzogiorno**. A cura di BISCIONE, Francesco. Napoli: Liguori, 1995.
- GRAMSCI, A. **Sul fascismo**. Trento: Edizioni clandestine, 2022.
- GRAMSCI, A. Terrore e Orrore In **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. Utopia. In: **Escritos Políticos (1910-1920), vol. I**. organização e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GRAMSCI, A. Il Consiglio di Fabbrica In **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. Superstizione e realtà In **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. Al commissari di reparto delle officine FIAT centro e Brevetti In **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. Democrazia Operaia In **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. Il problema del potere In **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. Sindacati e Consigli In **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. Alguns temas da questão meridional. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.
- GRAMSCI, A. Capo. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.
- GRAMSCI, A. Cinque anni di vita del Partito. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.
- GRAMSCI, A. Contro lo scetticismo. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.
- GRAMSCI, A. Cronache de L'Ordine Nuovo. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.
- GRAMSCI, A. Cronache de L'Ordine Nuovo. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.
- GRAMSCI, A. Dopo il discorso 3 gennaio. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Dopo la Conferenza di Como. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Elementi della situazione. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Il Mezzogiorno e il fascismo. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Il nostro indirizzo sindacale. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Il nullismo dell'Aventino. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Il Partito si rafforza combattendo le deviazioni antileniniste. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Il Programma de L'Ordine Nuovo. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Il. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. In Italia. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. L'Antiparlamento. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. La caduta del fascismo. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. La conferenza di Como. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. La crisi italiana. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. La funzione del riformismo in Italia. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. La scuola del Partito. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. La situazione interna del nostro Partito ed i compiti del prossimo Congresso. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. La volontà delle masse. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Lotta di classe. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Né fascismo, né liberalismo: Sovietismo!. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Nullismo e attivismo. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Origini e scopi della legge sulle associazioni segrete. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Origini e scopi della legge sulle associazioni segrete. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Parlamentarismo e fascismo in Italia. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Problemi di oggi e di domani. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Punti della Sinistra. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Relazione al Comitato Centrale. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, A. Sindacati e Consigli In **L'Ordine Nuovo 1919-1920**. Torino: Einaudi, 1954.

GRAMSCI, A. Zero via Zero. In **La Costruzione del Partito Comunista d'Italia**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAND, Alexander. **Itália fascista e Alemanha nazista**. São Paulo: Madras, 2005.

GRIFFIN, Roger (org.) In: **Fascism. Fascism's Myth: The Nation**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

GRILLI, Liliana. **Amadeo Bordiga: capitalismo Sovietico e comunismo: con una bibliografia degli scritti di Bordiga dal 1945 al 1970**. Milano: La Pietra, 1982.

GUERCI, Luciano. **Il Partito Socialista Italiano dal 1919-1946**. CAPPELLI, 1969.

GUILLAMÓN, Augustin. **Militancia y pensamiento político de Amadeo Bordiga de 1910- 1930. Origen, formación y disidencia del bordiguismo em el seno de la Tercera**

Internacional y del Partido Comunista de Itália., vol.i (versão em formato digital, 2020.).

GUILLAMÓN, Augustin. **Militancia y pensamiento político de Amadeo Bordiga de 1910-1930. Origen, formación y disidencia del bordiguismo em el seno de la Tercera Internacional y del Partido Comunista de Itália., vol.II** (versão em formato digital, 2020.).

GUILLAMÓN, Augustin. **Militancia y pensamiento político de Amadeo Bordiga de 1910-1930. Origen, formación y disidencia del bordiguismo em el seno de la Tercera Internacional y del Partido** (versão em formato digital, 2020.). Disponível em: << <https://elsalariado.files.wordpress.com/2020/05/militancia-y-pensamiento-polc3adtico-de-amadeo-bordiga-1910-1030-vol-i-agustc3adn-guillamc3b3n.pdf>>>.

GUILLAMÓN, Augustin. **Militancia y pensamiento político de Amadeo Bordiga de 1910-1930.Origen, formación y disidencia del bordiguismo em el seno de la Tercera Internacional y del Partido Comunista de Itália., vol.I** (versão em formato digital, 2020.). Disponível em: << <https://elsalariado.files.wordpress.com/2020/05/militancia-y-pensamiento-polc3adtico-de-amadeo-bordiga-1910-1030-vol-i-agustc3adn-guillamc3b3n.pdf>>>.

HARVEY, David. **A transformação político-econômica do capitalismo no final do século XX.** In: A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1994.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

JR, Wood Thomas. Fordismo, Toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, 32 (4): 618, set./out, 1992.

LA PORTA, Lelio. Crise orgânica In **Dicionário Gramsciano.** São Paulo: Boitempo, 2017, p.162-164.

LAJOLO, Laurana. **Antonio Gramsci: uma vida.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

LENIN, V. **La enfermedad infantil del “izquierdismo” en el comunismo.** In Obras Escogidas em Doce Tomos. Tomo XI. Moscu: Editorial Progreso, 1977.

- LENIN, V. **Las tareas del proletariado en nuestra revolucion.** Lenin, V. I. – Obras escogidas en doce tomos. Tomo VI, p. 280-316, Moscú: Editorial Progreso, 1976.
- LENIN, V. **O imperialismo, estágio superior do capitalismo.** São Paulo: Boitempo, 2021.
- LENIN, V. **Obras escogidas en doce tomos.** Moscú: Progreso, 1985.
- LEVITSKY, Steven. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LIGUORI, Guido. **Roteiros para Gramsci.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- LODI-CORRÊA, S (2019). Nadezhda Krupskaya: por uma Educação Revolucionária. **Germinal: Marxismo e educação em Debate**, 10(3), 236–244. <https://doi.org/10.9771/gmed.v10i3.27387>
- LOSURDO, Domenico. Os primórdios de Gramsci: entre o Risorgimento e a I Guerra Mundial. **Cad. Cedes**, Campinas, vol.26, n.70, p.291-310, set./dez. 2006.
- LUXEMBURG, Rosa. **Intervenções de Rosa Luxemburg no Congresso de fundação do Partido Comunista Alemão (30 de dezembro de 1918 a 1º de janeiro de 1919), Berlim.** Marília: Editora Unesp, 1991.
- MACHADO, M. G. B. Gramsci contra o primeiríssimo fascismo (1919-1921). In: Anais da II Conferência Gramsci, Marx e Marxismo (II CGRAM). **II Conferência Gramsci, Marx e Marxismo (II CGRAM), 2020, São Luís (Maranhão).**
- MACHADO, Marília Gabriella. **Conselhos de Fábrica e Democracia Operária em Gramsci (1919-1926).** 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais). – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2020. Disponível em: <<<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193615>>>.
- MACHADO, Marília. Gramsci e os Conselhos de Fábrica (1919-1920). **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, v.04, n.04, p.67-81, 2019.
- MARX, Karl. **A Guerra Civil na França.** In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha** São Paulo: Boitempo, 2012.
- MEAZZI, Barbara. « Gettiamo la semente comunista fra le donne proletarie>>: Compagna et la révolution. In: **Laboratoire Italien: Politique et société**, 2021. Disponível em: <<<https://journals.openedition.org/laboratoireitalien/6925>>>.
- MEDICI, Rita. Jacobinismo In **Dicionário Gramsciano.** São Paulo: Boitempo, 2017, p.443- 446.

- MELOGRANI, Piero. **Gli industriali e Mussolini: rapporti tra confindustria e fascismo dal 1919 al 1929**. Milano: Longanesi, 1980.
- MELOGRANI, Piero. **Gli industriali e Mussolini: rapporti tra confindustria e fascismo dal 1919 al 1929**. Milano: Longanesi, 1980.
- MODONESI, Massimo. A cura di. **Rivoluzione passiva: antologia di studi gramsciani**. Milano: Unicopli, 2020.
- MUSSI, Daniela. Antonio Gramsci e a questão feminina (2019). **Tempo Social**, 31 (2) • May-Aug 2019.
- MUSSI, Daniela. **Socialismo e liberalismo antes do fascismo: Antonio Gramsci e Piero Gobetti**. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- MUSSO, Stefano. **Storia del lavoro in Itália: dall'Unità a oggi**. Venezia: Marsilio, 2012.
- MUSSOLINI, B. **L'Ordinamento dello stato fascista: Partito Nazionale Fascista – Testi Per I Corsi di Preparazione Política**. Libreria dello Stato, Anno XIV, E.F (sem ano de publicação no documento PDF, contém 190 páginas – disponível em Biblioteca da Univesp.).
- MUSSOLINI, B. **Opera omnia di Benito Mussolini XIX: Dalla marcia su Roma al viaggio negli abruzzesi**. A cura di Edoardo e Duilio Susmel. Editore Le Fenice: Firenze, 1956b.
- MUSSOLINI, B. **Opera omnia di Benito Mussolini XVII: dal primo discorso alla camera alla conferenza di Cannes (22 giugno 1921-13 gennaio 1922)**. a cura di Edoardo e Duilio Susmel. Firenze: La Fenice, 1955.
- MUSSOLINI, B. **Opera omnia di Benito Mussolini XVIII: Dalla conferenza di Cannes alla Marcia Su Roma**. A cura di Edoardo e Duilio Susmel. Editore Le Fenice: Firenze, 1956a.
- MUSSOLINI, B. **Opera omnia di Benito Mussolini XXI: Dal delitto Matteotti all'attentato Zabioni**. Editore Le Fenice: Firenze, 1956d.
- MUSSOLINI, B. **Scritti e discorsi di Benito Mussolini dal 1925 – III AL 1926 – IV- V E.F. (Edizione definitiva V)**. Ulrico Hoepli Editore Milano: Milano, 1934.
- MUSSOLINI, B. **Scritti e discorsi di Benito Mussolini dal 1925 – III AL 1926 – IV- V E.F.**
- MUSSOLINI, Benito. **Scritti e discorsi di Benito Mussolini dal 1932 al 1933 (Edizione definitiva VIII)**. Ulrico Hoepli Editore Milano: Milano, 1934 - XII.
- NERES, Geraldo Magella. **Gramsci e o 'Moderno Príncipe: a teoria do partido nos Cadernos do Cárcere**. 2012. viii, 179 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,

Faculdade de Filosofia e Ciências, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/101004>.

PACHUKANIS, E. **Fascismo**. Boitempo: São Paulo, 2020.

PAGGI, Leonardo. **Antonio Gramsci e il moderno príncipe**. Roma: Editore Riuniti: 1970.

PARODI, Giovanni, **A ocupação das fábricas. Fascismo e antifascismo (1918-1936)**, Milano, La Pietra, 1962.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINI, Giorgio.; SUSMEL, Duilio. **Mussolini: l'uomo e l'opera: dal fascismo alla dittatura (1919-1925), vol.II**. Firenze: La Fenice, 1954.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e ditadura: la Terza Internazionale davanti il fascismo**. Milano, Jaca Book, 1971.

Quaderni. **La Tesi di Lione. Riflessioni su Gramsci e la Storia d'Italia a cura di Convegni della Fondazione Giangiacomo Feltrinelli di Milano**. Milano: Feltrinelli, 1990.

RANCON, Catherine. **Angelo Tasca (1892-1960): Biographie intellectuelle**. Thèse en cotutelle franco-italienne en histoire. Université de Paris 1 – Panthéon Sorbonne. Ecole doctorale d'histoire, 2011.

RAPONE, Leonardo. **O jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos (1914-1919)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

RAVERA, Camila. **Diario di trent'anni (1913-1943)**. Roma: Riuniti, 1973.

ROSSI, Davide. **Partito Comunista d'Italia 1921-1926: gli albori di un lungo cammino com documenti politici di Antonio Gramsci e Amadeo Bordiga**. Milano: PGreco, 2021.

RUSSO. **Amadeo Bordiga e la sinistra comunista in Itália negli anni '20**. 2002. 101 f. Tesi di Laurea in Filosofia della Politica. Anno Accademico 2001/2002. Istituto Universitario Orientale Napoli. Facoltà di Scienze Politiche. Corsi di Laurea in Scienze Politiche.

SARTI, Roland. **Fascismo e grande indústria 1919-1940**. Milano: Moizzi Editore, 1977.

SCHLESENER, Anita. H., & Masson, G (2020). Política e educação: observações acerca de Inessa Armand - feminista, revolucionária e educadora. **Germinal: Marxismo E educação Em Debate**, 12(1), 88–98. <https://doi.org/10.9771/gmed.v12i1.36883>

SCHLESENER, Anita. **Revolução e cultura em Gramsci**. Curitiba: UFPR, 2002.

SCHLESENER, Anita. SCHLESENER, Ana Paula (orgs). **Antonio Gramsci: escritos escolhidos (19115-1920)**. Marília: Lutas Anticapital, 2022.

- SCHLESENER, Anita. Política e cultura em Gramsci. In DEL ROIO, M (Org.). **Gramsci: periferia e subalternidade**. São Paulo: Edusp, 2017.
- SCHLESENER, Anita. **A escola de Leonardo: política e educação nos escritos de Gramsci**. Brasília: Líber Livro, 2009.
- SCHLESENER, Anita. **Hegemonia e cultura: Gramsci**. Curitiba: UFPR, 1992.
- SCHLESENER, Anita. **Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016.
- SCURATI, A. **M, o filho do século**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2019.
- SCURATI, A. **M, o homem da providência**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2022.
- SECCHIA, Pietro. **Le armi del fascismo (1921-1971)**. Milano: Feltrinelli Editore, 1971.
- SECCO, L. **As guerras mundiais**. Marília: Lutas Anticapital, 2020.
- SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.
- SOMAI, Giovanni. **Gramsci a Viena: Ricerche e documenti 1922/1924**. Urbino: Argalia Editore, 1979.
- SPRIANO, Paolo. **L'Ordine Nuovo e i Consigli di Fabbrica: 1919-1920**. Torino: Piccolo Biblioteca Einaud, 1971.
- SPRIANO, Paolo. **Storia del Partito Comunista Italiano: Da Bordiga a Gramsci**. Torino: Einaud, 1967, v.I.
- SPRIANO, Paolo. **Storia del Partito Comunista Italiano: gli anni della clandestinità**. Torino: Einaud, 1976, v.II.
- SPRIANO, Paolo. **Storia del Partito Comunista Italiano: I fronti popolari, Stalin, la guerra**. Torino: Einaud, 1970, v.III.
- SPRIANO, Paolo. **Storia del Partito Comunista Italiano: La fine del fascismo, dalla riscossa operaia alla lotta armata**. Torino: Einaud, 1976, v.IV.
- SPRIANO, Paolo. **Storia del Partito Comunista Italiano: La resistenza. Togliatti e il partito nuovo**. Torino: Einaud, 1975, v.V.
- SPRIANO, Paolo. **Storia della Torino operaia e socialista: da De Amicis a Gramsci**. Torino: Einaud, 1978.
- SPRIANO, Paolo. **Gramsci in carcere e il Partito**. Roma: Editori Riuniti, 1977.
- STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

TASCA, Angelo. **Il Fascismo in tempo reale: studi e ricerche di Angelo Tasca sulla genesi e l'evoluzione del regime fascista 1926-1938**, a cura di G. Vacca e D. Bidussa, Milano, Feltrinelli, 2014.

TASCA, Angelo. **Nascita e avvento del fascismo**. Vol I. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1950.

TERRACINI, Umberto. Discorso al XVII Congresso Internazionale del PSI. In: **Da Gramsci a Berlinguer: la via italiana al socialismo attraverso i congressi del Partito Comunista Italiano (1921-1943)** a cura di Renzo Pecchioli. Venezia: Marsilio Editori, 1985.

THALLEIMER, A. **A lenda do outubro alemão e outros escritos**. Salvador: CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER, 2013.

THÈSES, MANIFESTES ET RÉOLUTIONS ADOPTÉS PAR LES IER, IIE, IIIE ET IVE CONGRÈS DE L'INTERNATIONALE COMMUNISTE (1919-1923), 2017.

THOMAS, P. "A virada de Moscou": o diálogo entre Gramsci e os bolcheviques (1922-1923). **Revista Outubro**, n. 30, maio de 2018.
<https://bura.brunel.ac.uk/bitstream/2438/17367/1/Fulltext.pdf>

THOMAS, Peter. A Primeira Guerra Mundial e as teorias marxistas da revolução. **Revista Outubro**, n.24, 2º semestre de 2015.

THOMAS, Peter. **The gramscian moment: philosophy, hegemony and marxism**. Chicago: Haymarket, 2011.

THOMPSON, D. **Storia dell'Europa moderna**. Milano: Feltrinelli, 1961.

TOGLIATTI, Palmiro. **La política nel pensiero e nell'azione: scritti e discorsi (1917-1964)**. A cura di Michele Ciliberto e Giuseppe Vacca. LDB, Ebook, 2014.

TOGLIATTI, Palmiro. **Lições sobre o fascismo**. São Paulo: Editora Livraria Ciências Humanas, 1978.

TOGLIATTI, Palmiro. **La formazione del gruppo dirigente del Partito Comunista Italiano nel 1923-1924**. Roma: Riuniti, 1971.

TOGLIATTI, Palmiro. **Il Partito Comunista Italiano**. Nuova Academia: Milano, 1961.

TRAGTENBERG, Maurício. **Marxismo Heterodoxo**. Editora Brasiliense: Rio de Janeiro, 1981.

URSO, Graziela Schneider. **A revolução das mulheres na emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017.

VANDER, Fabio. **Il congresso e la scissione: Gramsci e la nascita del comunismo Italiano**. Milano: PGreco Edizione, 2022.

VANDER, Fabio. **Livorno 1921: Come e perché nasce un Partito**. Manduria: Piero Lacaita Editore, 2008.

VOZA, Paquale. Revolução Passiva In **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017, p.700-703.

OUTRAS FONTES

Archivio Storico della Sinistra Comunista Italiana (Digital)

Ver: <<https://www.quinterna.org/archivio/archivio_storico.htm>>.

Artigo Formiamo i “Soviet”? publicado no jornal *Il Soviet* no dia 21 de setembro de 1919.

Disponível em:

<<https://www.quinterna.org/archivio/1911_1920/formiamo_Soviet.htm>>. Acesso em 26 de novembro de 2020.

Artigo Per la costituzione dei Consigli Operai in Itália, publicado em fevereiro de 1920 no

jornal *Il Soviet*. Disponível em: <<

https://www.quinterna.org/archivio/1911_1920/consigli_operai.htm>>. Acesso em 27 de novembro de 2020.

Biblioteca Digital Pensamento Italiano (Digital). Ver: <<

<https://drive.google.com/drive/folders/1X8hYQZSIaCqKcFC3kCrSMrgrZyHzgOBi>>>.

BORDIGA, Amadeo. Contro la rivoluzione. *L'Ordine Nuovo*, Torino, 1921. Disponível em

<< <https://www.marxists.org/Italiano/bordiga/1921/3/26-reazione.htm>>>.

BORDIGA, Amadeo. Mosca e Roma. *Il Lavaratore*, 1923. Disponível

em <<<http://www.sinistra.net/lib/bas/progra/vano/vanobbocid.html>>>.

Carta de Bordiga para o CE da IC, Gramsci e Zinoviev, sobre as condições Italianas.

Disponível em:

<<https://www.quinterna.org/archivio/carteggi/19230106_bordiga_comintern.htm>>.

Acesso em 18/03/2023.

Carta de Bordiga para o CE da IC, Gramsci e Zinoviev, sobre as condições Italianas.

Disponível em:

<<https://www.quinterna.org/archivio/carteggi/19230106_bordiga_comintern.htm>>.

Acesso em 18/03/2023.

Come siamo venuti allo sciopero e cosa esso insegna. Publicado em 05 de agosto de 1922, no *L'Ordine Nuovo*. Disponível em <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/come_siamo_venuti.htm>>. Acesso em 16 de março de 2023.

GENTILE, G. *Il Manifesto degli intellettuali antifascisti* (1925). Disponível em: <<<https://web.archive.org/web/20200329104424/https://www.ultimavoce.it/il-popolo-manifesto-antifascista/>>>. Acesso em 9 de setembro 2024.

Discurso di Bordiga per la frazione astensionista, XVI Congresso del PSI, seduta del 5 ottobre 1919. Disponível em <<https://www.quinterni.org/archivio/1911_1920/discorso_bordiga.htm>>. Acesso em 29 de novembro de 2021.

Il manifesto di Bordiga, escrito no cárcere durante o verão de 1923. Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/manifesto_bordiga.htm>>. Acesso em 31/03/2023.

"Il discorso di Scoccimarro all'Esecutivo Allargato". *L'Unità*, anno II, n° 148 del 28/6/1925. *Se halla reproducido íntegramente en Corvisieri, Silverio. Trotskij e il comunismo italiano. Samonà e Savelli, Roma, 1969, pp. 205-214.*

L'Ordine Nuovo: rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.11, 26 luglio de 1919.

L'Ordine Nuovo: rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.16, 30 agosto del 1919.

L'Ordine Nuovo: rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.20, 04 ottobre del 1919.

L'Ordine Nuovo: rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.02, 15 de maggio, 1919.

La tattica sindacale comunista. 1921a. Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/tattica_sindacale.htm>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

O Partido Comunista, publicado em 4 de setembro e no dia 9 de outubro de 1920, no jornal *L'Ordine Nuovo*, ano II, n.15.

Partito e azione di classe publicado em *Rassegna Comunista*, anno I, n. 4 del 31 maggio 1921, firmato Amadeo Bordiga. Disponível em:

<<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/partazclasse.htm>>. Acesso em 18 de dezembro de 2022.

Rapporto di Bordiga all IC sulla questione Italiana. Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/rapporto_di_bordiga_all_ic_sulla_questione_Italiana.htm>>. Acesso em 03 de março de 2023.

Riunione del Comitato centrale Sindacale Comunista. 1921b. Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/riunione_comitato.htm>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

Tese sulla tattica. Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/tesidiroma.htm>>. Acesso em 15 de março de 2023.

Texto Partido e classe, publicado na Rassegna Comunista, anno I, n.2 del 15 aprile 1921a, firmato Amadeo Bordiga. Disponível em: <<https://www.quinterni.org/archivio/1921_1923/partitoclasse.htm>>. Acesso em 18 de dezembro de 2022.

ZETKIN, C. A luta contra o fascismo Comitê Executivo da Internacional Comunista. Disponível em: <<<https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1923/06/20.htm>>>. Acesso em 12/12/2022.

ZETKIN, C. Fascismo. Disponível em: <<<https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1923/08/fascismo.htm>>>. Acesso em 14/12/2022.

ZETKIN, C. Lenin e o Movimento Feminino. Disponível em: <<<https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1920/mes/lenin.htm>>>. Acesso em 18/11/2022.

ZETKIN, C. Organizando Mulheres Trabalhadoras. Disponível em: <<<https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1922/11/90.htm>>>. Acesso em 12/12/2022.

ZETKIN, C. Rosa Luxemburg. Disponível em: <<<https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1919/09/05.htm>>>. Acesso em 18/11/2022.

